

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

**Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP**

ANA CAROLINA MIGUEL COSTA

**O TEXTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA:
ESTUDO E PRÁTICA DE MÉTODOS DE LEITURA DO
TEXTO LITERÁRIO**

ARARAQUARA – S.P.

2019

ANA CAROLINA MIGUEL COSTA

**O TEXTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA:
ESTUDO E PRÁTICA DE MÉTODOS DE LEITURA DO
TEXTO LITERÁRIO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Conselho do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: História literária e crítica

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabiane Renata Borsato

Bolsa: CAPES/PROEX

ARARAQUARA – S.P.

2019

Costa, Ana Carolina Miguel
O texto literário na sala de aula: estudo e
prática de métodos de leitura do texto literário /
Ana Carolina Miguel Costa – 2019
298 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) –
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus
Araraquara)

Orientador: Fabiane Renata Borsato

1. Texto literário. 2. Leitura. 3. Ensino. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ANA CAROLINA MIGUEL COSTA

**O TEXTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA:
ESTUDO E PRÁTICA DE MÉTODOS DE LEITURA DO
TEXTO LITERÁRIO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Conselho do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: História literária e crítica

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabiane Renata Borsato

Bolsa: CAPES/PROEX

Data da defesa: 30/04/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof^a. Dr^a. Fabiane Renata Borsato
Universidade Estadual Paulista

Membro Titular: Prof^a. Dr^a. Silvia Beatriz Adoue
Universidade Estadual Paulista

Membro Titular: Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade
Universidade de São Paulo - FFCLRP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Aos (meus) professores que tanto se empenham e acreditam, fazendo deste um mundo melhor através da educação.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À Prof^a. Dr^a Fabiane Renata Borsato, minha estimada orientadora, que, com seu conhecimento, experiência, zelo e ensinamentos dedicou-se profundamente para o desenrolar desta pesquisa, me incentivando a acreditar no poder da leitura, literatura e educação.

Aos meus pais, que sempre incentivaram meus estudos, dando apoio, liberdade e caminhando ao meu lado na construção do meu ser.

Às minhas irmãs, que, com muito amor e paciência, me ajudaram nesta empreitada, sempre me incentivando e colaborando para o meu amadurecimento.

Aos meus amigos e namorado, pelo companheirismo, motivação, paciência, disposição e carinho que tiveram comigo durante essa jornada.

À Direção, Coordenação e Professores da escola em que a pesquisa foi realizada, por cederem o espaço, tempo, ajudarem em todas as proposições e, principalmente, por confiarem no projeto e na importância da educação na vida das pessoas.

Aos participantes e colaboradores que fizeram com que uma ideia saísse do papel e se tornasse realidade.

À banca, composta pelo Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade e pela Prof^a. Dr^a Silvia Beatriz Adoue, por participarem do exame de qualificação e banca de defesa, ajudando a aprimorar e enriquecer o trabalho realizado.

“A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”.

Paulo Freire (2011, p. 30)

RESUMO

Ao observarmos o cenário hodierno da escola brasileira, notamos que a educação está fortemente baseada no ensino especializado. Na maioria das vezes, ela se encontra pautada por professores preocupados com a reprodução de conteúdos para os exames vestibulares, não-capacitados e marginalizados; escolas com estrutura deficitária; material didático sem qualidade, bibliotecas sucateadas, falta de interesse da sociedade e dos discentes, entre várias outras situações problemáticas. São esses alguns problemas gerais da educação brasileira, mas quando adentramos, mais especificamente, na questão da leitura e do ensino de literatura, os obstáculos são preocupantes. O texto literário recebe espaço escasso, sendo usado como pretexto para o ensino de conteúdos de outra natureza, tais como técnicas de redação ou gramática. Além disso, o discente, que deveria ser protagonista no ambiente escolar, é considerado, em muitas ocasiões, um receptáculo, incapaz de refletir ou analisar um texto sem as interpretações de seu professor. Neste cenário, pretendemos repensar a visão cristalizada e perpetuada de que a literatura deve ser utilizada para outros fins e, com isso, evidenciar o protagonismo dos alunos quando estão em contato com o texto literário. Para isso, apresentaremos possibilidades de trabalho com o texto literário na sala de aula, bem como de leitura, análise, seus benefícios e entraves, e, por fim, a importância do professor como mediador desse processo e do aluno como protagonista. Apresentaremos, assim, um breve panorama da educação e da leitura no Brasil, baseada na metodologia de reflexão sobre o texto e seus recursos expressivos, pautada nas questões epilinguísticas e metalinguísticas, conforme recomendam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa (1997). Ainda compõem este trabalho os dados obtidos com a pesquisa de campo e a interpretação desses dados, na qual empregamos a análise temática, para um estudo quantitativo e qualitativo, conforme proposto por Laurence Bardin (1977).

Palavras-chave: Literatura. Texto literário. Educação. Ensino.

ABSTRACT

As we observe the current scenario of Brazilian schools, we notice that education is strongly founded on specialized teaching. Most of the times, we find it in charge of teachers who are non-qualified and marginalized, concerned with content reproduction for university entrance exams; schools with poor infrastructure; low-quality didactic material; dismantled libraries; lack of interest from both society and students; among several other problematic situations. These are some general problems of Brazilian educational system; however, once we enter specifically in the scope of literature and its teaching methods, the obstacles are alarming. There is little space for the literary text, as it is used as a pretext to teach contents of other nature, such as writing techniques or grammar. Moreover, the student, who should be the protagonist in the school environment, is considered, in many occasions, a receptacle, unable to meditate on or analyze a text without their teacher's interpretations. In this scenario, we intend to reconsider the crystalized and perpetuated perspective that literature should be used for other means and, with that, highlight the empowerment of students when these are in contact with the literary text. For this purpose, we will present possibilities of working with a literary text in the classroom, as well of reading and analyzing, their intricacies and benefits, and, finally, the importance of the teacher as a mediator of this process and of the student as protagonist. We will thus present a brief panorama of education and reading in Brazil, based on a methodology of reflecting about the text and its significant resources, founded on epilinguistic and metalinguistic issues, as recommended by the National Curricular Parameters (in Portuguese acronym, PCN) of Portuguese Language (1997). Additionally, this work is also compounded from the data resulted from field research and the analysis of such data, in which we will apply thematic analysis, for a study both quantitative and qualitative, as proposed by Laurence Bardin (1977).

Keywords: Literature. Literary Text. Education. Teaching.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. A QUESTÃO DA LEITURA E DA LITERATURA	15
2.1 Dados e estatísticas sobre a leitura no Brasil.....	15
2.2. Considerações acerca da literatura	22
2.3 O texto literário na sala de aula	25
3. O PÚBLICO	30
4. O PAPEL DO PROFESSOR	33
5. METODOLOGIA.....	35
5.1 Participantes e local	36
5.2 Procedimentos	39
5.3 Análise de dados	41
5.4 Aspectos éticos	42
6. ESQUEMA DA PESQUISA DE CAMPO	43
7. RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA	44
7.1 Análise quantitativa dos questionários iniciais e finais.....	44
8. RECORTE E ANÁLISE DO CORPUS	50
8.1 “Fita verde no cabelo (Nova velha estória)” – João Guimarães Rosa.....	50
8.2 “O menino doente” – Manuel Bandeira	57
8.3 “Felicidade clandestina” – Clarice Lispector	61
8.4 “Um apólogo” – Machado de Assis	70
8.5 “Saudação ao Juazeiro do Norte” – Patativa do Assaré	80
8.6 “A última crônica” – Fernando Sabino	90
8.7 “A valsa” – Casimiro de Abreu	102
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	140
REFERÊNCIAS	141
ANEXOS	144

1. INTRODUÇÃO

Observamos, a cada dia que passa, que o aprendizado dos alunos está fortemente baseado no ensino especializado. Junto disso, muitos alunos, apoiados por seus professores, estão preocupados em decorar conteúdos que serão cobrados em exames vestibulares. Esqueceu-se a essência do saber, o prazer do conhecimento, principalmente quando se trata do estudo do texto literário.

Quando o assunto é leitura, notamos que, cada vez mais, não somente jovens, mas o público em geral a tem relegado a segundo plano. Isso não está relacionado apenas à literatura, mas aos diversos tipos de texto. Antônio Sérgio Ferreira, em sua tese de doutorado *Roda de leitura e produção de aprendizagem inventiva: um estudo em escola municipal de Ribeirão Preto com alunos de 8ª série* (2015), reúne dados da pesquisa realizada pelo Instituto Pró-livro, em 2011, que propõe um panorama da leitura no Brasil. Segundo o autor, “a média de livros lidos nos últimos três meses foi de 1,84 livros no total da amostra [...]”. Além disso, apenas “21% [dos entrevistados considerou a leitura] como uma atividade interessante e apenas 18% como uma atividade prazerosa” (FERREIRA, 2015, p. 13). Os dados apresentados por Ferreira são alarmantes, principalmente quanto ao fato de os entrevistados não lerem por prazer, mas como atividade que trará benefícios secundários, como conhecimentos direcionados para a escola, faculdade e o trabalho.

A iniciação à leitura deveria ocorrer desde os anos iniciais das crianças, sendo os pais responsáveis por apresentá-la a seus filhos, mas, infelizmente, não é o que ocorre. Na maioria das vezes, a criança só tem acesso à leitura quando inicia seus estudos escolares.

Na sala de aula, o professor é encarregado de mostrar o prazer da leitura, seus benefícios, mas nem sempre isso acontece com a literatura. Muitos docentes utilizam os textos literários como meio para o ensino de algum conteúdo específico, como gramática ou técnicas de redação. Para Hélder Pinheiro, “privar os alunos de uma experiência tão simples e tão salutar denuncia o descaso com a educação mais integral de nossos alunos” (PINHEIRO, 2007, p. 31).

Nossas escolas não estão formando leitores, pessoas em busca de conhecimento e saber, que desenvolvam capacidade crítica, reflexiva, analítica, não somente do texto literário em si, mas do universo rico de sentidos, apresentado pelos textos. Estamos formando *ledores*, termo utilizado por Edmir Perrotti (1996) para designar aqueles “sujeitos que se relacionam

apenas mecanicamente com a linguagem, não se preocupando em atuar efetivamente sobre as significações e recriá-las” (p. 27).

O papel do professor e da escola é fundamental para a formação literária do aluno, mas eles desmotivam os estudantes ao anularem o texto literário e, em alguns casos, ao resgatarem o texto apenas nos anos finais, cobrando leituras dos clássicos, que os alunos, muitas vezes, estão despreparados para lerem. Assim, em vez de o professor repensar sua prática em sala de aula e preparar seus alunos desde os anos iniciais, muitas vezes ele opta pelo que seria o caminho mais simples, isto é, ignorar o texto literário. Quando se refere aos exames vestibulares, aconselha o uso de obras adaptadas, resumos, filmes, submetendo o aluno, mais uma vez, a discursos paralelos, constantemente distantes da linguagem da obra literária trabalhada, sendo que recursos didáticos diversos são importantes para o ensino da literatura, mas não podem preterir a leitura da obra na íntegra.

A respeito disso, Ginzburg afirma que:

A estrutura em vigor hoje, pautada pela leitura instrumental, pelas pastas de xerox, pelo conhecimento reprodutivo, por clichês, falta de entusiasmo, trabalhos acadêmicos comprados e copiados, é uma constituição fantasmagórica. Ensino de literatura é, ou deveria ser, um espaço de debate vivo de ideias. Se o aluno não está ali para debater, quem está ali é um personagem fantasmático. Se o professor não está ali para debater, também é um personagem fantasmático na cena. Se o livro não está, não foi lido, não está inteiro, nem chegou perto, a cena da sala de aula é o seu funeral (GINZBURG, 2012, p. 219).

O professor deve acreditar no potencial e capacidade de seus alunos, sendo o mediador de um processo de descoberta dos prazeres e benefícios da leitura. Acreditamos que o docente deveria trabalhar as várias faces do texto, suas múltiplas interpretações, as possíveis análises e leituras, promover discussões sobre o universo implícito no texto. Em outras palavras, acreditamos em trabalhar o texto com um fim nele mesmo, não o utilizar apenas como um exercício introdutório para aprendizado de gramática, questões moralizantes ou voltadas para a aprovação em exame vestibular. Podemos explicar melhor este pensamento invocando as palavras de Todorov:

É verdade que o sentido da obra não se resume ao juízo puramente subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho de conhecimento. Portanto, para trilhar esse caminho, pode ser útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural. Entretanto, em nenhum caso o estudo desses *meios* de acesso pode substituir o sentido da obra, que é o seu *fim* (TODOROV, 2009, p. 31, grifos do autor).

E, ainda, como aponta Marisa Lajolo:

O texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deveria ser. Um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que escreve e o que lê; escritor e leitor, reunidos pelo ato radicalmente solitário da leitura, contrapartida do igualmente solitário ato de escritura.

No entanto, sua presença na escola cumpre vários e nem sempre confessáveis, frequentemente discutíveis, só às vezes interessante (LAJOLO, 1993, p.52).

O professor, como mediador, deve levar o texto literário para a sala de aula, deixar que os alunos façam contato com ele, sintam-no, leiam-no, pressintam e empreendam percurso rumo aos sentidos do texto. Se o professor abrir caminho e der espaço, os alunos conseguirão, com o tempo, fazer análises críticas, mostrar suas opiniões e sentimentos, alcançar um contato aprofundado com a linguagem. Eles conseguirão e sentirão necessidade de empreender um estudo da linguagem literária, de sua estrutura e construção; analisar a sonoridade, o nível semântico, o plano visual, atingindo leituras mais complexas e humanizadoras do texto literário.

Assim exposto, propusemos a continuidade da pesquisa já iniciada anteriormente como um trabalho monográfico, orientado pela Professora Doutora Fabiane Renata Borsato, cujo título era *O texto literário na sala de aula: estudo aplicado de métodos de leitura do texto literário* (2015). Pretendíamos refletir sobre o fato de que o texto não é uma estrutura fechada e romper com o pensamento consolidado de que a literatura é apenas um instrumento para outros fins e planejar métodos para aproximar alunos e literatura.

Para isso, a pesquisa teve por base análises quantitativas e qualitativas. Realizamos estudos teóricos e críticos sobre pesquisas relacionados ao tema deste projeto, cuja autoria de alguns desses são de Antonio Candido (2004), Alberto Manguel (2009), Tzvetan Todorov (2009), Jaime Ginzburg (2012), Marisa Lajolo (1993), Hélder Pinheiro (2007), entre outros. Fizemos também pesquisa de campo para aplicarmos os métodos selecionados e observarmos os resultados.

Após a coleta de dados, houve análise das gravações realizadas na sala de aula, procurando, através delas, observar a participação efetiva dos alunos, verificar os encontros que obtiveram um melhor resultado, notar a evolução dos alunos a cada etapa da pesquisa de campo. No final da pesquisa, comparamos as entrevistas e testes diagnósticos, para sabermos se os alunos conseguiram, por meio da participação no projeto, elevar suas capacidades e habilidades de leitura, interpretação, reflexão, crítica textual.

2. A QUESTÃO DA LEITURA E DA LITERATURA

2.1 Dados e estatísticas sobre a leitura no Brasil

O contato discente com a leitura é extremamente escasso e ineficaz. Segundo dados do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), lançados pela OCDE (Organização para a Coordenação e Desenvolvimento Econômico), em sua última avaliação, ocorrida em 2015, “no Brasil, 51% dos estudantes estão abaixo do nível 2 em leitura – patamar que a OCDE estabelece como necessário para que o estudante possa exercer plenamente sua cidadania” (BRASIL, 2016, p. 22).

Em relação a essa avaliação do PISA, 35 países são participantes, incluindo o Brasil. Desse modo, considerando os estudantes brasileiros, foram avaliados os que possuíam idade entre 15 anos e 3 meses (completos) e 16 anos e 2 meses (completos), que estavam cursando no mínimo a 7ª série/ano. Participaram 23.141 discentes, de 841 escolas das 27 unidades da Federação do país, sendo que o perfil desses alunos foi majoritariamente do sexo feminino (51,5%), estudantes da rede estadual de ensino (73,8%) e residentes na área urbana (95,4%) e no interior (76,7%).

Para obter as análises e os resultados, o PISA estabelece sete níveis da escala de proficiência em leitura que estão demonstrados abaixo.

Tabela 1 - Descrição resumida dos sete níveis da escala de proficiência em leitura e percentual de estudantes brasileiros e dos países da OCDE em cada nível – Pisa 2015

Níveis	Score mínimo	Percentual de estudantes no nível	de no	Características

6	698	OCDE: 1,11% Brasil: 0,14%	As tarefas neste nível normalmente requerem que o leitor faça múltiplas inferências, comparações e contrastes com precisão e detalhamento. Requerem a demonstração de compreensão completa e detalhada de um ou mais textos e podem envolver a integração de informações de mais de um texto. As tarefas podem exigir que o leitor lide com ideias desconhecidas, na presença de informações concorrentes relevantes, e produza categorias abstratas para interpretação. Tarefas de refletir e analisar podem exigir que o leitor levante hipóteses ou avalie criticamente um texto complexo sobre um assunto desconhecido, levando em consideração critérios ou perspectivas múltiplas e aplicando interpretações sofisticadas externas ao texto. Uma condição marcante para tarefas de localizar e recuperar neste nível é a precisão da análise e a atenção refinada a detalhes pouco perceptíveis nos textos.
5	626	OCDE: 7,22% Brasil: 1,31%	Neste nível, tarefas que envolvem recuperação de informação requerem que o leitor localize e organize informações profundamente integradas, inferindo sobre quais informações no texto são relevantes. Tarefas destinadas à reflexão requerem avaliação crítica ou levantamento de hipóteses, com base em conhecimento especializado. Tanto tarefas interpretativas quanto reflexivas exigem uma compreensão total e detalhada de texto com conteúdo ou forma não familiar. Para todos os aspectos da leitura, as tarefas neste nível normalmente envolvem lidar com conceitos contrários às expectativas.
4	553	OCDE: 20,45% Brasil: 6,36%	Neste nível, tarefas que envolvem recuperação de informação requerem que o leitor localize e organize diversos fragmentos de informação integrada. Algumas tarefas exigem interpretação do significado de nuances da linguagem em uma parte do texto, levando-se em consideração o texto como um todo. Outras tarefas interpretativas exigem que os leitores usem conhecimento público ou formal para levantar hipóteses ou analisar criticamente um texto. Os leitores devem demonstrar compreensão precisa de textos longos ou complexos cujo conteúdo ou forma podem não ser conhecidos.

3	480	OCDE: 27,91% Brasil: 16,19%	<p>Tarefas neste nível requerem que o leitor localize e, em alguns casos, reconheça a relação entre vários fragmentos de informação que devem satisfazer múltiplas condições. Tarefas interpretativas exigem que o leitor integre várias partes do texto, a fim de identificar a ideia principal, entender a relação ou construir o significado de uma palavra ou oração. O leitor deve considerar muitas características textuais ao fazer comparações, diferenciações e categorizações. Em geral, a informação exigida não é relevante, existe muita informação concorrente, ou o texto apresenta outros obstáculos, como ideias contrárias à expectativa ou formuladas de forma negativa. Tarefas reflexivas podem solicitar correlações, comparações e explicações, ou podem exigir que o leitor avalie uma característica do texto. Algumas tarefas reflexivas exigem que os leitores demonstrem uma compreensão refinada do texto em relação a conhecimentos do cotidiano. Outras tarefas não requerem uma compreensão detalhada do texto, mas requerem que o leitor elabore sobre um conhecimento menos comum.</p>
2	407	OCDE: 23,24% Brasil: 25,00%	<p>Neste nível, algumas tarefas requerem que o leitor localize um ou mais fragmentos de informação, que podem ter que ser inferidos ou podem satisfazer diversas condições. Outras requerem o reconhecimento da ideia principal em um texto, o entendimento de relações ou a construção de significado dentro de uma parte específica do texto, quando a informação não é proeminente e o leitor deve fazer inferências de nível baixo. Tarefas neste nível podem envolver comparação ou contraste com base em uma característica única do texto. Tarefas típicas de reflexão neste nível exigem que os leitores façam uma comparação ou diversas correlações entre o texto e o conhecimento externo, elaborando sobre sua experiência e atitudes pessoais.</p>

1 A	335	OCDE: 13,59% Brasil: 26,52%	Neste nível, as tarefas requerem que o leitor localize um ou mais fragmentos independentes de informação explícita, reconheça o assunto principal ou a finalidade do autor em um texto sobre assuntos conhecidos, ou faça uma correlação simples entre a informação no texto e um conhecimento do cotidiano. Normalmente, a informação exigida no texto é evidente e há pouca, ou nenhuma, informação concorrente. O leitor é explicitamente direcionado a considerar os fatores relevantes na tarefa e no texto.
1B	262	OCDE: 5,23% Brasil: 17,41%	Neste nível, as tarefas requerem que o leitor localize um único fragmento de informação explícita em uma posição evidente em um texto curto e sintaticamente simples, com contexto e tipo de texto conhecidos, como uma narrativa ou uma lista simples. O texto normalmente fornece ajuda para o leitor, tal como a repetição da informação, apresentação de figuras ou símbolos conhecidos. Há o mínimo de informação concorrente. Em tarefas que exigem interpretação, o leitor pode precisar fazer correlações simples entre fragmentos de informações adjacentes.
Abaixo de 1B		OCDE: 1,25% Brasil: 7,06%	A OCDE não especifica as habilidades desenvolvidas.

Fonte: http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2016/pisa_brasil_2015_sumario_executivo.pdf

Observando os dados acima, em relação aos países da OCDE, a maior porcentagem de estudantes encontra-se no nível 3, categoria que especifica a leitura de um texto de modo mais complexo, na qual o participante consegue tecer comparações e explicações. Por outro lado, em relação ao Brasil, o maior percentual aparece no nível 1A, com 26,52% dos discentes. Nesse nível, não é pretendida uma interpretação aprofundada do texto, visto que as informações são mais explícitas e o leitor consegue identificá-las mais rapidamente.

Assim posto, percebemos que os estudantes brasileiros estão aquém dos demais entre os países participantes da OCDE no que concerne à leitura. Eles conseguem estabelecer aproximações entre o texto e o cotidiano, reconhecem as informações explícitas, mas isso é

um nível muito abaixo do que seria considerado razoável; mostrando, então, que falta muito para termos uma educação de qualidade no Brasil.

Além disso, o Instituto Pró-Livro (IPL) realizou em 2015 a quarta edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, coletando diversos dados a respeito da leitura no Brasil. O IPL considerou como leitor aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses, e não-leitor aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos três meses, mesmo que tenha lido nos últimos doze meses.

Quando os entrevistados foram questionados se gostavam de ler, 23% responderam que não, 43% um pouco e 30% que gostavam muito. Ademais, apenas 13% dos entrevistados consideraram a leitura como uma atividade prazerosa, 7% informou que foram os professores que influenciaram o gosto pela leitura e 18% emprestaram livros em bibliotecas escolares. Os dados apresentados são extremamente preocupantes, pois as pessoas até possuem um certo contato com os livros, mas escola e professores são mediadores de leitura quase nulos.

Ao analisarem o perfil do público leitor e o que está sendo lido, encontraram um número superior de leitores entre 5 e 17 anos, porém

Temos o mesmo número de leitores que tínhamos em 2011, ou seja, as crianças e os jovens estão lendo o que liam em 2011, e dizem que estão lendo menos livros indicados pela escola. O dado positivo é que estão lendo mais por vontade própria, mas – e sempre trombamos com um *mas* – é importante considerar que os livros lidos por iniciativa própria incluem a leitura de religiosos e lidos em “parte” (apenas trechos ou capítulos) (RETRATOS..., 2016, p.252, grifos do autor).

Um outro dado positivo é relacionado à quantidade de livros lidos pela população, com um crescimento de 0,26%; sendo que em 2011 o índice era de 4,7 livros lidos por habitante/ano e, em 2015, o número subiu para 4,96, estando aqui consideradas tanto a leitura de livros inteiros como de algumas partes. Em contrapartida, se separarmos os livros lidos inteiros dos lidos em partes, temos, respectivamente, os números 2,43 e 2,53, mostrando, então, que, com essa classificação, os dados são modificados, pois a população lê 2,53 livros, por ano, de modo fragmentado.

Na obra *Formação do professor como agente letrador* (2015), as autoras Stella Maris Bortoni-Ricardo, Veruska Ribeiro Machado e Salete Flôres Castanheira discorrem sobre outro problema relacionado à leitura, a questão dos analfabetos funcionais. Para elas, até a década de 1990, era quase desconhecido o fato de muitos estudantes não entenderem o que liam; Somente com o início dos sistemas nacionais de avaliação educacional é que se começou a enxergar o problema. Apontam que, em 2003, foi aplicada a avaliação de compreensão leitora

(SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica) e, “nas três séries, diploma, [quarta série do ensino fundamental – hoje 5º ano, oitava série do ensino fundamental – hoje 9º ano, e terceiro ano do ensino médio], naquele ano, menos de 10% dos alunos apresentavam um nível adequado de compreensão leitora” (BORTONI-RICARDO; MACHADO; CASTANHEIRA, 2015, p. 11).

Sobre analfabetismo funcional, o Instituto Paulo Montenegro¹, juntamente com a Ação Educativa², elaboraram o Inaf (Indicador de alfabetismo funcional), organizando as condições do alfabetismo em cinco níveis, destacados e explicados por eles na tabela 2. Trazemos também um comparativo das porcentagens dos grupos de alfabetismo, proposto por eles, conforme a tabela 2.

Tabela 2 – Níveis propostos pelo Inaf

Analfabetismo	Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços, etc.).
Alfabetismo rudimentar	Localiza uma ou mais informações explícitas, expressas de forma literal, em textos muito simples (calendários, tabelas simples, cartazes informativos) compostos de sentenças ou palavras que exploram situações familiares do cotidiano doméstico. Compara, lê e escreve números familiares (horários, preços, cédulas/moedas, telefone) identificando o maior/menor valor. Resolve problemas simples do cotidiano envolvendo operações matemáticas elementares (com ou sem uso da calculadora) ou estabelecendo relações entre grandezas e unidades de medida. Reconhece sinais de pontuação (vírgula, exclamação, interrogação, etc.) pelo nome ou função.
Alfabetismo elementar	Seleciona uma ou mais unidades de informação, observando certas condições, em textos diversos de extensão média realizando pequenas inferências. Resolve problemas envolvendo operações básicas com números da ordem do milhar, que exigem certo grau de planejamento e controle (total de uma compra, troco, valor de prestações sem juros). Compara ou relaciona informações numéricas ou textuais expressas em gráficos ou tabelas simples, envolvendo situações de contexto cotidiano doméstico ou social. Reconhece significado de representação gráfica de direção e/ou sentido de uma grandeza (valores negativos, valores anteriores ou abaixo daquele tomado como referência).

¹www.ipm.org.br

²www.acaoeducativa.org.br

Alfabetismo intermediário	<p>Localiza informação expressa de forma literal em textos diversos (jornalístico e/ou científico) realizando pequenas inferências.</p> <p>Resolve problemas envolvendo operações matemáticas mais complexas (cálculo de porcentagens e proporções) da ordem dos milhões, que exigem critérios de seleção de informações, elaboração e controle em situações diversas (valor total de compras, cálculos de juros simples, medidas de área e escalas);</p> <p>Interpreta e elabora síntese de textos diversos (narrativos, jornalísticos, científicos), relacionando regras com casos particulares a partir do reconhecimento de evidências e argumentos e confrontando a moral da história com sua própria opinião ou senso comum.</p> <p>Reconhece o efeito de sentido ou estético de escolhas lexicais ou sintáticas, de figuras de linguagem ou sinais de pontuação.</p>
Alfabetismo proficiente	<p>Elabora textos de maior complexidade (mensagem, descrição, exposição ou argumentação) com base em elementos de um contexto dado e opina sobre o posicionamento ou estilo do autor do texto.</p> <p>Interpreta tabelas e gráficos envolvendo mais de duas variáveis, compreendendo elementos que caracterizam certos modos de representação de informação quantitativa (escolha do intervalo, escala, sistema de medidas ou padrões de comparação) reconhecendo efeitos de sentido (ênfases, distorções, tendências, projeções).</p> <p>Resolve situações-problema relativos a tarefas de contextos diversos, que envolvem diversas etapas de planejamento, controle e elaboração, que exigem retomada de resultados parciais e o uso de inferências.</p>

Fonte: www.ipm.org.br

Tabela 3 – Distribuição da população pesquisada por grupo de alfabetismo

Grupo	%	Nº de respondentes
Analfabeto	4%	88
Rudimentar	23%	457
Elementar	42%	843
Intermediário	23%	453
Proficiente	8%	161
Total	100%	2002
Analfabeto + rudimentar: analfabetos funcionais	27%	545
Elementar, intermediário e proficiente: alfabetizados	73%	1.457

funcionalmente		
----------------	--	--

Fonte: www.ipm.org.br

Para chegar a estes resultados, a amostra foi realizada com pessoas de idades entre 15 e 64 anos, residentes tanto em zonas urbanas quanto rurais, sendo 52% mulheres e 48% homens da população pesquisada.

Observando a tabela 2, percebemos o quanto são alarmantes os dados obtidos, pois a maior porcentagem aparece no alfabetismo elementar, isto é, as pessoas que estão nesse grupo têm um domínio básico das informações textuais, correlacionando-as com o contexto do cotidiano. Apenas 8% dos entrevistados consegue, de forma eficaz, elaborar e interpretar um texto.

2.2. Considerações acerca da literatura

Os dados acima expostos tornam-se ainda mais problemáticos quando associados ao ensino de literatura. O distanciamento do leitor e a ineficiência do ensino da literatura somam resultados preocupantes. A problematização do ensino e da leitura de textos literários deve passar pela abordagem da natureza e da função da literatura para, em seguida, refletir sobre as formas de acesso ao texto literário.

Quando pensamos em literatura, percebemos que o termo é complexo e apresenta muitas facetas, sendo elas os limites do literário, o conceito, sua natureza, função, os primeiros estudos, a questão do cânone, entre outros. Ao pensarmos em sua complexidade, uma passagem do capítulo “O direito à literatura”, de Antonio Candido, vem logo à mente,

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em que todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. [...]

[...] A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação (CANDIDO, 1995, p. 242).

No presente trabalho, não pretendemos dirimir as questões supracitadas, mas especificar o que denominamos literatura e literário, mostrar sua importância, como ela está

intrinsecamente ligada a nossas vidas e propor uma metodologia de trabalho com o texto literário. Orientada pelo pensamento de Antonio Candido, esta pesquisa considerará o termo literatura como discurso ficcional, pautado na fabulação e em preocupações estéticas.

Outra questão considerada, com base na leitura da obra *Literatura e sociedade* (2006), também de autoria de Antonio Candido, é o estudo da literatura e de suas relações com os fatores sociais. Para Candido, o social envolve elementos contextuais que se relacionam e dialogam com os elementos textuais, sendo eles a estrutura da obra, sua linguagem expressiva.

Destarte, o elemento social e contextual também deve ser estudado pela crítica, pois ele não aparece apenas como material mediador para elaboração da obra, mas como fator determinante do valor estético. No capítulo “A literatura e a vida social”, ao abordar a comunicação artística, Candido tece uma tríade de conceitos imbricados - autor, obra, público -, sendo eles fundamentais para a formação do sistema literário e de suas peculiaridades. Segundo Candido, “o público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. [...] Deste modo, o público é o fator de ligação entre o autor e a sua própria obra” (CANDIDO, 2006, p. 48). Trataremos este aspecto, de modo mais aprofundado, no capítulo sobre recepção.

Os ensaios de Antonio Candido evidenciam que a formação do leitor compreende diversidade de textos, discursos, obras e formas literárias. Além disso, demonstram consciência de que o tripé mencionado (autor, obra e leitor) fundamenta a criação, a formação e a resistência das obras literárias no ato de leitura.

O panorama do ensino de literatura parece não considerar tais aspectos. A literatura na sala de aula tem sido selecionada em catálogos de livros infantis e infanto-juvenis, e enviados por editoras ávidas por firmar contratos de venda de seus produtos. Foi construído um mercado de obras para público específico, especialmente crianças e jovens. Edmir Perrotti, nas obras *O texto sedutor na literatura infantil* (1986) e *Confinamento cultural, infância e leitura* (1990), expõe essa problemática, mostrando que a dificuldade acerca da seleção de obras infanto-juvenis é antiga. Com o aparecimento das escolas, a rigidez das regras, a liberdade das crianças cerceada por princípios morais, éticos e pelos bons costumes, criou-se uma literatura de caráter utilitário, que visa ao ensino. Para o autor,

A mutilação dos textos deixa claro, pois, que estão em questão muito mais problemas referentes à organização social que problemas propriamente estético-literários. A literatura é vista, nesse momento, não apenas como agente formador, mas como manifestação capaz de doutrinar o leitor, como manifestação retórica. Rompe-se, assim, a tradicional distinção feita entre o

discurso estético e o discurso utilitário, operando-se uma fusão que a sociedade burguesa procuraria conservar também nas manifestações literárias que circulam fora do circuito escolar: o que se convencionou chamar de “literatura infantil” (PERROTTI, 1986, p.49).

No século XVIII começam a aparecer alguns nomes que tentam retomar a literatura como um discurso estético, mas é no século XIX que “uma literatura menos utilitária, feita especialmente para crianças, começa a aparecer, timidamente na Europa” (PERROTTI, 1986, p.52). No Brasil, Monteiro Lobato, na década de 20, produz uma literatura menos utilitarista, ocupando espaço até então marcado pelos livros didáticos. A partir da década de 70, a literatura utilitária sofre uma crise, sendo a literatura infanto-juvenil repensada.

Nesse momento, surge na literatura brasileira para crianças e jovens um número grande de escritores, com uma consciência nova de seu papel social: reclamam a condição de artistas e desejam que suas obras sejam compreendidas enquanto objeto estético, abandonando, assim, o papel de moralistas ou “pedagogos”, que até então fora reservado a quem escrevesse para a faixa infanto-juvenil (PERROTTI, 1986, p. 11).

Mesmo após essa reformulação, a literatura para crianças e jovens preserva lacunas, pois, após a tentativa de revisão do teor moralizante e didático do texto, a escola não soube e não sabe como trabalhar a literatura como objeto estético. O texto literário é inserido no contexto escolar para o ensino de *n* coisas, sendo poucas vezes pensado com um fim nele próprio, fato que justifica a atual pesquisa e a necessidade de inovação do ensino de literatura.

Como apontado no capítulo anterior, sabemos que houve um crescimento no índice de leitura, mas cabe aqui verificarmos o quão produtiva ela é. Não conseguiremos explicar sobre todos os tipos e formas de leitura, por isso focaremos na leitura literária - que foi abordada acima - e na leitura não-literária, caso dos *best-sellers*, muito presentes na vida dos jovens.

No artigo *A moda como metáfora do contemporâneo*, Silvano Santiago (2017) expõe a problemática relacionada aos *best-sellers*. Para ele, os autores desse gênero estão fortemente dependentes do mercado editorial e vivem em um círculo: produção, comercialização e consumo. Desse modo, essas obras iludem os leitores com uma falsa visão da realidade, pois o autor do *best-seller* não quer mostrar a obscuridade da contemporaneidade, “oferece-lhe [ao leitor] o livro que lhe permite ser mais docilmente seduzido pelas luzes da atualidade” (SANTIAGO, 2017, p.109). De forma categórica, Santiago afirma que:

[...] Embora se divulgue que o *best-seller* se deixa enquadrar pelo esforço em democratizar a leitura, ele na verdade nem de longe toca o nó nórdico da boa educação em massa, isto é, uma educação pública indiscriminada em termos de classe. A lista dos livros mais vendidos não afeta nem de longe o sistema educacional em vigor (SANTIAGO, 2017, p.110, grifo do autor).

Muitos defendem o best-seller como sendo o grande mediador para empreender leituras mais complexas, para ajudar a melhorar os índices de leitura. Porém, ele tem funcionado como reforço para a formação de poucos leitores, cada vez menos críticos, preferindo “estar-na-moda”, “estar-em-moda”, ao invés de “ser moda”, sendo consumidores e não reais leitores. Isso se torna evidente quando pensamos na figura que escreve (autor) e na figura que lê (leitor) o *best-seller*, pois “ambos repetem as mesmas palavras/ideais que, com o correr dos dias, se transformarão em chavões e em clichês de fácil circulação nas redes sociais” (SANTIAGO, 2017, p. 110).

No capítulo “O público”, Antonio Candido também mostra pensamento análogo ao de Santiago, explicando que o público obedece aos condicionamentos do momento e do meio. Para isso, faz a exemplificação de dois casos. O primeiro é sobre o escritor Conan Doyle, o qual, ao perceber que seus leitores preferiam determinada obra em detrimento de outra, ressuscita Sherlock Holmes (obra que considerava secundária), revelando que, em prol da fama e dos bens materiais, precisava se adequar às normas comerciais. O segundo caso a seguir reforça o conceito “estar-na-moda”, mencionado por Santiago, mostrando que o público pode ser ludibriado facilmente quando assume o papel de consumidor:

Em 1837, Liszt deu em Paris um concerto, onde se anunciava uma peça de Beethoven e outra de Pixis, obscuro compositor já então considerado de qualidade ínfima. Por inadvertência, o programa trocou os nomes, atribuindo a um a obra de outro, de tal modo que a assistência, composta de gente musicalmente culta e refinada, cobriu de aplausos calorosos a de Pixis, que aparecia como de Beethoven, e manifestou fastio desprezivo em relação a esta, chegando muitos a se retirarem (CANDIDO, 2006, p. 46).

Ler uma obra exige mais que aceitação de modismos ou adesão a autores consagrados. É preciso conhecer o seu modo de funcionamento, seu universo polissêmico, sua estrutura fundamental, as relações intertextuais e sua função social. Ler uma obra literária é reconhecer que sua linguagem é irreduzível a modismos e obsolescências.

2.3 O texto literário na sala de aula

Hoje, com a advento da internet, é muito mais rápido e fácil buscar e encontrar informações. No entanto, há uma quantidade de material enorme e é preciso saber fazer uma boa avaliação de tudo o que está disponível. Isso é posto, pois até mesmo docentes podem

utilizar essa plataforma para fazerem pesquisas, estudarem e procurarem materiais e planos de aula, mas é necessário verificar a qualidade de tudo isso.

Em função de abordarmos, neste capítulo, os recursos utilizados na sala de aula para aproximar o aluno do texto literário, principalmente em relação ao uso do livro didático, não poderíamos deixar passar um espaço muito manuseado que é destinado aos professores: as plataformas *online* com sugestões de aulas. Em um simples exemplo, evidenciaremos como essa aproximação não está acontecendo.

Se digitarmos em um site de busca sobre como trabalhar Machado de Assis, o primeiro link de acesso é uma página do Ministério da Educação, o Portal do Professor³, aparecendo, então, um plano de aula com o título de “Literando: Machado de Assis”. Pelo título, podemos assumir que se trata da proposição de algumas aulas para lermos e trabalharmos alguma obra do escritor Machado de Assis. No entanto, nos objetivos é destacado que serão abordados três fatores principais: ter contato com a vida e obra do escritor; identificar as personagens e obras principais; e compreender sua importância para a literatura nacional.

Ao verificarmos todo o plano de aula, em nenhum momento é pedido para o professor apresentar alguma obra do escritor ou para os estudantes procurarem e lerem uma. Temos, no lugar, a proposição de um trabalho em que o docente deve reservar na biblioteca da escola livros que apresentem comentários sobre as obras e recortes de jornais e revistas, sem levar em consideração que muitas escolas não têm bibliotecas e uma variedade de materiais disponíveis. Em seguida, os alunos têm que se organizar para montar uma apresentação e, em uma próxima aula, criar um grupo chamado QG - Quartel Geral, que contenha mais materiais de pesquisa sobre Machado de Assis, como peças de vestuário que se assemelhem aos usados pelas personagens. Fica o questionamento: como os alunos poderão se caracterizar se nem ao menos leram as obras para saberem como eram as personagens?

Em seguida, a professora deveria montar um *quiz* para que os alunos fossem desafiados a responder questões sobre Machado de Assis, sendo considerado vencedor o grupo que mais acertasse. As perguntas compreendiam itens como: qual era o período literário de Machado de Assis; qual a profissão dele antes de ser escritor; qual sua cidade de origem; qual seu personagem mais polêmico; interpretação de uma cena de Memórias Póstumas de Brás Cubas; declamação de um trecho de poema de Machado de Assis; dentre outros. E, por

³Fonte: portaldoprofessor.mec.gov.br. Acesso em 24 mar 2019.

último, os discentes deveriam elaborar um texto expondo o que aprenderam com o tema, quais as dificuldades encontradas e como as superaram.

Em outras palavras, nesse plano de aluna o texto literário se encontra completamente anulado, sequer aparece como elemento fundamental da literatura. Os alunos não interpretam, não refletem, não questionam; apenas vão até os materiais de pesquisa selecionados para copiar e decorar informações para ganhar um jogo. Isso se complica quando observamos que essa aula só possui elogios no campo destinado aos comentários e, por estar disponível na internet, muitas pessoas têm acesso e provavelmente a utilizarão sem nenhum filtro crítico. Vale ressaltar que, do mesmo modo que existem materiais ruins como esse, também existem os mais apropriados. Porém, em diversos momentos, eles são desprezados, pois são mais difíceis de serem aplicados e exigem um maior preparo e conhecimento do docente.

Além do uso da *internet* como aparato para as aulas, o livro didático é um elemento obrigatório e disponível na maior parte das escolas e que também será nosso objeto de estudo. Como aponta Antônio Batista (2003), no capítulo “A avaliação dos livros didáticos: para entender o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)”, presente na obra *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*, foi somente a partir de 1996 que o Ministério da Educação passou a avaliar os livros didáticos utilizados nas salas de aula de todo o país, exceto os estados de Minas Gerais e São Paulo, que faziam uma avaliação de modo descentralizado. Essa avaliação, inicialmente, contemplava apenas os livros de ciclo I (1º a 4º séries, como vigorava na época), e foi estendida para o ensino fundamental (5ª série a 8ª série) somente em 2000.

Para fazer essa avaliação, em 1996, foram criadas quatro categorias de análise: os excluídos, os não recomendados, os recomendados com ressalvas e os recomendados. Para um livro ser categorizado como excluído, ele deveria possuir conteúdo preconceituoso - de origem, raça, sexo, cor, idade, entre outros - e/ou induziam ao erro, ou, ainda, continham graves erros. Categorias como essa ajudavam o professor a selecionar o livro que seria utilizado, sendo que somente os classificados como excluídos estavam fora de cogitação. Mesmo os livros não recomendados não serem bem aliviados, dependendo do critério pessoal do docente, este possuía liberdade para escolhê-los.

Em 1997, surge uma quinta categoria: os recomendados com distinção, livros que foram considerados por suas propostas criativas e elogiáveis. Em seguida, o MEC publicou um guia completo e único, contendo resenhas sobre os livros, os quais passaram por uma mudança de categorização: recomendados com distinção, recomendados e recomendados com ressalvas. Até o presente momento, os livros didáticos são selecionados através do Guia do

Programa Nacional do Livro Didático, sendo que os professores o recebem na escola e as editoras vão até a unidade escolar para deixar exemplares para serem escolhidos. Os docentes também podem fazer isso pela *internet*, pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação ⁴ (FNDE).

Em relação aos textos selecionados para os livros didáticos de Língua Portuguesa, no capítulo “O perfil do livro Didático de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries)”, Roxane Rojo (2003) expõe que apenas 62% das coleções têm avaliação positiva, ou seja, aproximam-se do que é considerado adequado. Rojo afirma, ainda, que muitos editores e autores selecionam bons textos, porém não conseguem propor e produzir boas atividades de leitura.

Além disso, Heliana Brandão e Aracy Martins, no capítulo “A leitura literária no PNLD diante dos PCNs: pretextos *versus* contextos ou “A escolinha do professor mundo” (2003), explicitam que os livros didáticos de Língua Portuguesa até possuem textos literários e, muitas vezes, na íntegra, contudo, uma outra problemática é quais e como esses textos são trabalhados. Para as autoras, não é esperado que os alunos leiam o texto, discutam e interpretem, mas que, por intermédio dos exercícios propostos, voltem ao texto, achem a resposta e copiem trechos. Também é previsto que os discentes produzam uma única leitura/interpretação, que já vem pré-estabelecida pelos “autores do conteúdo didático” (BRANDÃO & MARTINS, 2003, p. 263).

Nas palavras das pesquisadoras, “a literatura não tem sido tratada literariamente na escola. Pelo contrário, o que a utilização didática da literatura mais tem feito é destruir o seu efeito literário” (BRANDÃO & MARTINS, 2003, p. 259). Além disso, alguns professores são coniventes com esse cenário, pois, no lugar de escolherem livros melhores ou modificarem as atividades, selecionam o que é mais simplificado e trará menos trabalho.

De modo mais aprofundado, os autores Delaie Cafiero e Hércules Corrêa, no capítulo “Os textos literários em quatro coleções de livros didáticos: entre o estético e o escolar”, apresentam o resultado obtido com a análise de quatro coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa. Inicialmente, eles apontam que a relação entre os jovens e a leitura sofre intervenção de fatores socioeconômicos, visto que os livros literários são caros e, na maioria das vezes, os alunos só terão acesso aos textos por intermédio do livro didático.

Cafiero e Corrêa afirmam que o Programa Nacional do Livro Didático toma o cuidado para que a literatura esteja presente nos livros didáticos, mas só a presença não é garantia de

⁴ fnde.gov.br

sucesso, e isso fica evidente com os resultados obtidos. Segundo os autores, as coleções têm uma enorme quantidade de textos, mas muitos só o utilizam como “meros exemplos de questões gramaticais” (CAFIERO & CORRÊA, 2003, p. 293). Em média, 58% dos textos presentes são literários, mas há uma maior predominância de fragmentos em vez de textos na íntegra.

Ademais, notam, com muita preocupação, que não há um projeto para o incentivo à leitura de textos literários e que há a criação de uma espécie de gênero escolar, tendo como características:

Tamanho (são em geral textos curtos, no máximo de duas páginas); compromisso com uma forma de literatura “mais fácil”, com um grau de dificuldade de leitura e interpretação menor, devido à elaboração linguística - geralmente, esses textos não possibilitam a emancipação do leitor e a ampliação do seu horizonte de expectativas. (CAFIERO & CORRÊA. 2003, pp. 295-296).

No Estado de São Paulo, especificamente, além dos livros didáticos, desde 2008 os estudantes recebem uma apostila. Esta apresenta os mesmos problemas dos livros didáticos, afunilando mais ainda o trabalho docente, pois este é obrigado a cumprir e seguir o que foi pré-estabelecido, restando-lhe pouco tempo para que consiga consertar os problemas vigentes. Infelizmente, em 2019, as escolas estaduais enfrentaram um outro grave problema: a falta de material. O período de vigência das apostilas elaboradas pelo governo, em sua última proposta, havia sido de 2014 a 2017. Com a implementação e adequação da Base Nacional Comum Curricular, um novo material não foi elaborado e entregue a tempo. Com isso, os professores foram pegos de surpresa e muitos, despreparados, deverão utilizar apenas o livro didático como apoio.

3. O PÚBLICO

Como já mencionado anteriormente, autor, obra e leitor possuem grande importância ao pensarmos a literatura, todos desempenhando um papel social e humanizador. Neste capítulo, trataremos de modo mais aprofundado o papel do leitor, visto que ele é um dos pilares do tripé para chegarmos à leitura e à análise da obra literária. Para Antonio Candido,

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito [...] (CANDIDO, 2006, p. 84).

Para o crítico, todo escritor e toda obra relacionam-se com o público. A história das literaturas oferece retratos das muitas faces do público leitor. Como observa Candido, a configuração de um leitor dependia de alguns fatores, tais como:

(...) um público se configura pela existência e natureza dos meios de comunicação, pela formação de uma opinião literária e a diferenciação de setores mais restritos que tendem à liderança do gosto - as elites. O primeiro fator envolve o grau de ilustração, os hábitos intelectuais, os instrumentos de divulgação (livro, jornal, auditórios etc); o segundo e o terceiro se definem automaticamente, e aliás acabam de ser sugeridos (CANDIDO, 2006, p. 87).

A partir do século XX, com o desenvolvimento da indústria editorial e o aumento das possibilidades de remuneração do autor, iniciou-se uma ampliação relativa dos públicos. Na obra *O demônio da teoria: literatura e senso comum* (2006), no capítulo intitulado “O leitor”, Antoine Compagnon destaca que a figura do leitor foi divergente na crítica literária, mostrando dois polos distintos em que ele ficou inserido. De um lado, temos o leitor completamente ignorado, banido; de outro, valorizado (com algumas abordagens mais incisivas o colocando como elemento principal da literatura).

Listando algumas das correntes crítico-teóricas que baniram o leitor ou amenizaram sua importância, temos o historicismo, que focalizou o contexto de produção da obra; o formalismo, motivado pelos aspectos textuais; o *New Criticism* com a proposta de *close reading* e anúncio da falácia da paráfrase e da emoção; e a narratologia, em que o leitor empírico dá lugar ao leitor textual. Conforme Compagnon:

O leitor é, então, uma função do texto, como o que Riffaterre denominava o arquiteitor, leitor onisciente ao qual nenhum leitor real poderia identificar-se, em virtude de suas faculdades interpretativas limitadas. [...] Assim, a desconfiança em relação ao leitor é - ou foi durante muito tempo - uma atitude amplamente compartilhada nos estudos literários, caracterizando

tanto o positivismo quanto o formalismo, tanto o New Criticism quanto o estruturalismo. O leitor empírico, a má compreensão, as falhas da leitura, como ruídos e brumas, perturbam todas essas abordagens, quer digam respeito ao autor ou ao texto (COMPAGNON, 2006, p. 142-143).

De modo contrário, em 1907, Proust, nas “Jornadas de Leitura” - prefácio que escreveu para a tradução de *Sésame et les Lys*, de Ruskin - destaca a importância da figura do leitor, fazendo o “elogio a ele”, mostrando que a identificação da obra lida e do leitor tem relação com a leitura. Ao ler, o leitor busca compreender mais de si mesmo. Além da acepção proustiana, Jean-Paul Sartre, na fenomenologia hermenêutica, com a obra *Que é literatura?* (1947), confronta-nos com o fato de que, se o autor existisse sozinho, ele poderia escrever como quisesse, mas a obra jamais seria conhecida. Assim, a via de mão dupla é necessária.

Além dos autores supracitados, ajudaram na revalorização do leitor, enquanto crítica e teoria, a Estética da Recepção; e escritores como Wolfgang Iser, Hans Robert Jauss, Roland Barthes, Stanley Fish e Umberto Eco. No Brasil, vale mencionar a obra *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção* (1979). Coordenada e traduzida por Luiz Costa Lima, o texto inicia com uma introdução intitulada “O leitor demanda (d)a literatura”, fazendo um levantamento dos pensamentos de alguns autores sobre a Estética da Recepção, sendo que discorreremos brevemente sobre os postulados de Iser e Jauss por intermédio da leitura de Costa Lima. Este também ressalta a importância do leitor para preencher a obra:

[...] os textos [...] tampouco são figuras plenas, mas, ao contrário, enunciados com vazios, que exigem do leitor o seu preenchimento. Este se realiza mediante a projeção do leitor. [...] a comunicação de êxito dependerá do outro forçar o leitor à mudança de suas ‘representações projetivas’ habituais (LIMA, 1979, p. 23).

No capítulo “A Estética da Recepção: colocações gerais”, Hans Robert Jauss elabora a distinção entre o ato de recepção e o de interpretação. Segundo Luiz Costa Lima, a experiência estética de uma obra, para Jauss, inicia-se e “realiza-se na sintonia com [...] seu efeito estético, i.e., na compreensão fruidora e na fruição compreensiva” (LIMA, 1979, p. 46), e não pela interpretação e compreensão do significado de uma obra e/ou intenção de seu autor. Ademais, mostra a diferença entre o *efeito* e a *recepção*, sendo que o primeiro diz respeito ao “momento condicionado pelo texto”, e o segundo “o momento condicionado pelo destinatário” (LIMA, 1979, p. 50).

Jauss vale-se da relação entre o leitor e o texto, explicitando que o estudo da literatura não deve estar restrito ao conhecimento sobre a vida e a obra de alguns autores, como é recorrente nas escolas, mas sim por meio da recepção que o leitor teria desta. Enquanto

Robert Jauss discorre sobre a recepção, Wolfgang Iser fala sobre o efeito, visto que a leitura “une o processamento do texto ao efeito sobre o leitor” (LIMA, 1979, p.83).

Outrossim, Iser explicita a interação entre o texto e o leitor, versando, também, sobre o vazio do texto. Este deve ser preenchido pela leitura feita pelo leitor, sendo que este vazio promove a participação do mesmo na realização da obra. Através da mudança do vazio, criam-se sequências de imagens, e estas, permanecendo unidas, trazem o significado do texto “na consciência imaginante do leitor” (LIMA, 1979, p. 132).

Portanto, o papel do leitor é de suma importância para a pesquisa. Através dessa instância, podemos analisar quais os resultados da leitura no leitor, observar a recepção de obras literárias e os efeitos da leitura no receptor, considerando sua consciência imaginativa e a sua ruptura com as representações projetivas habituais. Como já mencionado, a obra precisa de um leitor, pois é através dele que as lacunas são preenchidas, que as múltiplas interpretações são descobertas e praticadas, e que verificamos como as obras impactam os espaços, épocas e pessoas.

4. O PAPEL DO PROFESSOR

Se nas escolas e instituições de ensino é fundamental a presença do aluno, sem a presença do professor a educação não se concretiza, pois ele é o elo entre o estudante e o aprendizado. Conforme apontam Lígia Chiappini e Regina Marques, no capítulo “Ao pé do texto na sala de aula”, presente na obra *Leitura em crise na escola* (1993), os docentes possuem, nas maioria das vezes, duas opções: a primeira seria a da neutralidade, fazendo o que o Estado quer que seja feito, conformando os alunos; a segunda, a do apontamento de um novo caminho.

Como visto no capítulo destinado à análise dos livros didáticos de Língua Portuguesa, verificamos que o professor costuma precisar se desdobrar para conseguir um ensino de qualidade. Afinal, mesmo quando possui materiais, é necessário adequá-los, principalmente no que tange ao ensino de leitura, interpretação e literatura. Desse modo, além de estudar, preparar provas, corrigir exercícios e preparar aulas (para mencionar somente algumas de suas atribuições), ele também precisa se atentar ao material que será usado, como será usado, se está obtendo o efeito pretendido, e como aproximar os objetos de estudo dos alunos. Logo, é um trabalho árduo, mas que faz a diferença na vida de muitas pessoas.

Como descrevem as autoras,

Nosso trabalho é muito simples e, ao mesmo tempo, porque estamos professoralmente viciados, bem difícil. Requer algo bastante sutil: uma presença meio ausente, e, no entanto, atuante; um apagar-se da figura do mestre que, muito embora, conduz o jogo; uma condução do jogo que deixa conduzir (LEITE; MARQUES, 1993, p. 43).

O professor, hoje, não é apenas educador, muitas vezes, ele acaba sendo responsável por preencher uma infinidade de papéis, fichas, cadernetas, de educar as crianças, ensinar as regras de convívio social, dentre tantas outras coisas. O real trabalho de lecionar, por sua vez, vai ficando de lado, viciado, repetido e sem inovações. Por mais inadequado que o ambiente seja e os problemas existam, há pessoas que dependem do docente e ele precisa resistir, pois educar é um ato de resistência.

Em relação à leitura, o docente é o sujeito mediador entre o texto literário e o leitor; é ele quem ajuda a formar leitores, que devem ser competentes e críticos. Para Marisa Lajolo (1993, p.53), o professor que não lê e/ou não é bom leitor é também um mau professor, pois

ele é o exemplo para o aluno. Ambos têm o direito de não gostar do texto, mas para não gostar, ele tem que ser lido.

Desse modo, nossa pesquisa foi pensada também para os professores, para que todos possam ter acesso a alternativas viáveis de se ensinar e mediar a leitura para os estudantes e de ter contato e exemplos de algumas obras literárias, refletindo o que deu certo e o que não deu, como uma troca de experiências. Conforme já apontado, como há nos livros didáticos muitos textos, os docentes podem aproveitá-los e repensar as atividades a serem trabalhadas que aqui sugerimos.

O livro/texto literário deveria ser visto pelos professores com o olhar similar da personagem no conto “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector, quando diz que “Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante” (LISPECTOR, 1998, p. 12).

5. METODOLOGIA

Para o estudo do texto literário como um texto aberto e plurissignificativo, estabelecemos quatro etapas. A primeira consistiu em um levantamento bibliográfico das publicações sobre o tema. Em seguida, realizamos a leitura da bibliografia selecionada para um estudo aprofundado, destacando os aspectos relevantes para a pesquisa. A terceira etapa consistiu na pesquisa de campo desenvolvida com alunos durante o 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental II e, por fim, a última etapa compreendeu análises de conteúdo e reflexão sobre o método de ensino do texto literário proposto.

É necessário clarificar que a pesquisa de campo foi iniciada, como já apontado anteriormente, durante pesquisa introdutória para a monografia/projeto de pesquisa para o Mestrado (2015), sendo que os estudantes estavam cursando o 6º ano. Em 2016, mesmo não havendo uma pesquisa documentada, o projeto continuou, pois era necessário continuar a colher o *corpus* para uma possível pesquisa no mestrado. À vista disso, nos anos de 2017 e 2018, a maior parte do material foi colhido, estando os discentes no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II, respectivamente.

A pesquisa caracteriza-se como quantitativa e qualitativa, pelo fato de termos aplicado aos participantes, antes da intervenção, um questionário (Anexo D) para avaliação prévia de interpretação, reflexão e crítica textual. Este questionário foi composto por um texto a ser lido pelos estudantes e suas questões interpretativas correspondentes, sendo corrigido por um aluno da Pós-Graduação em Estudos Literários, sem qualquer vínculo com os alunos ou com o projeto em si e avaliado em notas de zero a dez. Além disso, foi efetuada uma entrevista (Anexo B) sobre as predileções literárias dos alunos, para que esta norteasse a escolha dos textos literários a serem trabalhados na sala de aula.

Em relação ao método didático utilizado na pesquisa de campo, e com a intenção de conseguir bons resultados com a prática da leitura na sala de aula, construímos previamente um conjunto de questões epilinguísticas, conforme proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa. Esta prática visa à reflexão sobre os fenômenos da linguagem,

No que se refere às atividades de leitura, o trabalho de reflexão sobre a língua é importante por possibilitar a discussão sobre diferentes sentidos atribuídos aos textos e sobre os elementos discursivos que validam ou não essas atribuições de sentido. [...] A compreensão crítica é algo que depende do exercício de recepção ativa: a capacidade de, mais do que ouvir/ler com atenção, trabalhar mentalmente com o que se ouve ou se lê. Trata-se de uma atividade de produção de sentido que pressupõe analisar e relacionar

enunciados, fazer deduções e produzir sínteses: uma atividade privilegiada de reflexão sobre a língua. É possível estabelecer, por meio da recepção ativa, a relação de elementos não-linguísticos com a fala, identificar aspectos possivelmente relevantes aos propósitos e intenções de quem produz o texto ou inferir a intencionalidade implícita. (BRASIL, 1997, p. 54).

Após a prática de atividade epilinguística, pretendíamos chegar a reflexões metalinguísticas sobre o texto literário. Como sugerido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, a prática de atividade metalinguística deve ser precedida pela prática de atividade epilinguística, pois, assim, o aluno estará preparado para refletir sobre a linguagem, visto que passou por reflexões anteriores, construídas no processo de leitura do texto, o que terá um significado singular para ele, ao sentir-se partícipe do processo de análise e interpretação do texto.

5.1 Participantes e local

A amostra foi composta por um grupo de 21 alunos de 12 a 14 anos de idade, durante os anos de 2015 a 2018, em uma escola particular no interior de São Paulo. As gravações foram iniciadas quando estes estavam no sexto ano e finalizadas quando estavam no nono ano do Ensino Fundamental II. Conforme o quadro abaixo:

Tabela 4 – Dados dos alunos participantes do projeto

Número	Nome fictício	Gênero
1	Bianca	Feminino
2	Caio	Masculino
3	Cláudio	Masculino
4	Danilo	Masculino
5	Dennis	Masculino
6	Eduardo	Masculino
7	Giovani	Masculino
8	Giovanna	Feminino
9	Gonçalo	Masculino
10	Gregório	Masculino
11	Hércules	Masculino

12	José	Masculino
13	Karla	Feminino
14	Lara	Feminino
15	Leandro	Masculino
16	Luana	Feminino
17	Marina	Feminino
18	Marlon	Masculino
19	Nicolau	Masculino
20	Otacílio	Masculino
21	Sara	Feminino

O grupo de discentes foi composto por 7 meninas e 14 meninos, que receberam nomes fictícios devido ao sigilo imposto pelo Comitê de Ética, garantindo que eles pudessem participar sem se preocupar com que seus dados fossem publicados e reconhecidos por terceiros. A maioria dos alunos era pertencente à classe média e média-baixa, sendo que muitos tinham bolsa de estudo e vários pais acabavam tendo mais de um emprego para poder manter o(a) filho(a) em uma escola particular.

A intervenção foi realizada durante as aulas de Redação e tinha duração de 50 minutos, pois a pesquisa não podia prejudicar o andamento do conteúdo programático da disciplina. Inicialmente, foram pensados encontros quinzenais; no entanto, em razão do pouco tempo disponível - tanto na escola quanto para preparar os materiais - os encontros não tiveram uma regularidade e, por uma inexperiência da mediadora, as datas precisas não foram anotadas para posterior análise. Têm-se somente o ano e a ordem de trabalho de cada texto.

Em relação ao local escolhido, a princípio o estudo havia sido pensado para ocorrer em uma escola pública. Contudo, alguns professores não concordaram com a ideia, visto que teriam que disponibilizar uma aula para o projeto e, segundo os mesmos, isso atrapalharia o conteúdo programático. Desse modo, uma escola particular aceitou a proposta e os professores e equipe diretiva se mostraram muito solícitos a participar e conceder o espaço. Além disso, a professora-pesquisadora era a docente da turma que participaria do projeto, facilitando o contanto entre todos.

A escola foi criada no ano de 1998, e encontra-se afastada do centro da cidade. Em 2018, ela funcionava em dois períodos: no turno da manhã, com aulas regulares do 1º ano do Ensino Fundamental I ao 3º ano do Ensino Médio; e no período da tarde, com alunos de 1º ano do Ensino Fundamental I ao 9º ano do Ensino Fundamental II. De segunda-feira a quarta-feira, os alunos tinham acesso a plantões de dúvidas e aprofundamento de Matemática e Língua Portuguesa. Já o Ensino Médio tinha aulas regulares de segunda-feira e terça-feira, aprofundamento de estudos na quinta-feira e aulas extras de Redação aos sábados pela manhã.

A instituição atendia aproximadamente 167 alunos e funcionava das 7h30 às 17h. Possuía um corpo docente com mais de trinta professores e todos pareciam ser comprometidos, estando na escola há muito tempo. Ao lado da equipe docente, existia também uma equipe gestora ativa e eficiente, demonstrando dar suporte aos professores para o melhor desempenho de suas funções. Além disso, a equipe prestou imenso auxílio durante a realização do projeto, cedendo o espaço, imprimindo o material, conversando com os pais, entre outras coisas.

Tabela 5 – Quadro Funcional da Escola em 2018

	Manhã	Tarde
Alunos do Ensino Fundamental I	57	Aproximadamente 10
Alunos do Ensino Fundamental II	76	Aproximadamente 20
Ensino Médio	34	34
Professores do Ensino Fundamental I	8	1
Professores do Ensino Fundamental II	14	2
Professores do Ensino Médio	15	3
Funcionários	11	11
Equipe Diretiva	4	4

Percebeu-se também que a escola era organizada e procurava atender muito bem seus alunos, com destaque a seu papel de inclusão. Havia estudantes com deficiência intelectual, paralisia cerebral e autismo, e a instituição ajudava na formação e capacitação dos docentes, adequação da estrutura predial e tinha um trabalho muito sério de inclusão social. Ao

conversar e conviver com todos os alunos, era notório que todos se respeitavam, entendiam as diferenças e procuravam ajudar uns aos outros.

Ademais, antes de iniciada a pesquisa, discentes e seus pais receberam um documento impresso (Anexo A) com informações sobre o projeto, seus objetivos, duração das sessões, seus riscos e benefícios e se aceitavam participar. Além disso, foi proposto um dia para que eles fossem até a escola sanar quaisquer dúvidas que pudessem ocorrer. Todavia, os mesmos não apareceram nem nos procuraram em um outro dia para esclarecer quaisquer dúvidas.

5.2 Procedimentos

Uma vez definido o grupo, o primeiro passo foi a aplicação da entrevista inicial (Anexo B), composta de perguntas relativas à predileção literária dos estudantes e seus hábitos e dificuldades com a leitura. Em seguida, foi realizado o questionário (Anexo D) sobre as habilidades interpretativa e leitora dos participantes. Ao final da pesquisa, uma nova entrevista (Anexo C) e um novo questionário (Anexo E) foram aplicados, a fim de compararmos os resultados e verificarmos se houve melhora ou não do ato de leitura, e se os gostos e contatos com livros e leituras se modificaram. Essa análise pode ser verificada no Capítulo 7 desta Dissertação, a partir dos resultados obtidos com os questionários e entrevistas.

Ainda sobre o questionário, optamos por utilizar uma avaliação da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP), a qual analisa o desempenho dos estudantes em Língua Portuguesa e Matemática. O SARESP (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo) é aplicado no 3º e 5º anos do Ensino Fundamental I, 7º e 9º anos do Ensino Fundamental II e 3º ano do Ensino Médio, com perguntas de múltipla escolha, considerando as diversas competências e habilidades que os estudantes deveriam ter adquirido durante os anos escolares.

Há, nesse mesmo modelo, outras avaliações, como a Prova Brasil, mas suas questões não são disponibilizadas e, por este motivo, não tivemos acesso a elas e não pudemos usá-las. Optou-se pelo SARESP, pois, além de ser uma prova com algumas das questões disponíveis e com relatório para análise, poderíamos aplicá-la e comparar os dados obtidos com os já existentes e divulgados. Como a pesquisa foi realizada em uma escola particular, os estudantes não haviam feito a prova anteriormente.

Em seguida, após as referidas aplicações, houve a seleção dos textos literários, seguindo três critérios: (i) escolha de textos considerados literários pela crítica, ou seja, aqueles que apresentem fortuna/recepção crítica; (ii) entrevista inicial aos alunos para conhecimento de seus hábitos de leitura e predileções literárias; e (iii) reflexão e estudo das categorias e traços fundamentais de cada gênero literário para a seleção dos textos.

Durante o processo de seleção dos textos literários, a intenção prévia era de que todos fossem analisados pela orientadora e professora-pesquisadora desta Dissertação antes da aplicação em sala de aula. Porém, devido ao curto tempo, da dificuldade de manter um contato constante e de outras adversidades, muitos dos textos foram analisados somente pela orientanda. Quando esta se deparava com questões mais complexas, dúvidas sobre a análise de alguns textos, o envio de *e-mails* era o método mais rápido e eficiente para tentar sanar o que surgisse.

Por conta disso, talvez os resultados obtidos fossem um pouco diferentes, com outros encaminhamentos, visto que cada pessoa tem um olhar/interpretação diferente de um mesmo texto, observando e destacando aspectos que para o outro poderia passar despercebido. Colocamos um “talvez”, pois não é possível comprovar essa diversidade de resultados; por outro lado, durante as reuniões presenciais, as análises feitas eram similares.

Selecionamos textos de gêneros diversificados. No caso do gênero poesia, analisamos o modo de presença do eu poético, as questões rítmicas e sonoras, os planos fonológico e sintático, etc., utilizando, como fundamentação teórica, *O estudo analítico do poema*, de Antonio Candido. Na narrativa, estudamos as categorias que a fundamentam, como narrador, personagem, tempo e espaço, a partir do *Discurso da narrativa*, de Gérard Genette. Já no drama, nos valemos da *Poética* de Aristóteles, do capítulo “A personagem do teatro” de Décio de Almeida Prado, da obra *A personagem de ficção*, e da *Teoria do drama moderno*, de Peter Szondi, para o estudo da construção das personagens, da questão da didascália, do espaço cênico, da relação entre texto e espetáculo, da mimese e da verossimilhança, entre outros.

Embora o estudo sobre o drama tenha sido feito, o gênero dramático não foi aplicado em sala de aula devido à falta de tempo hábil para isso. A obra “Amor por anexins”, de Artur Azevedo havia sido selecionada, mas, por se tratar um texto mais longo, só seria apresentada aos alunos no último encontro. Em decorrência de um ajuste das atividades escolares, as aulas de redação que eram disponibilizadas para o projeto foram usadas somente para o conteúdo curricular obrigatório e, dessa maneira, os estudantes não puderam ter acesso ao gênero exposto.

Em continuidade, fizemos a gravação dos encontros, compostos de leitura e interpretação dos textos literários, realizadas pelos discentes, com mediação da professora-pesquisadora. Cada encontro gravado, após realização, foi transcrito para análise, como será em breve explicitado.

5.3 Análise de dados

Os dados coletados nas sessões que compuseram a pesquisa de campo foram registrados por meio de áudio-gravação e, posteriormente, transcritos para serem submetidos à observação e análise.

A quarta etapa do projeto compreendeu as análises dos resultados da pesquisa de campo. Para isso, foi empregado o método de Laurence Bardin, exposto na obra *Análise de conteúdo* (1977). Desse modo, dentre as mais diversas possibilidades de estudo propostas pelo autor, escolhemos a que mais se ajusta a nossa pesquisa, a análise temática.

Fazer uma análise temática, consiste em descobrir os <<núcleos de sentido>> que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objecto analítico escolhido. O tema, enquanto unidade de registro, corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida uma vez por todas, visto que o recorte depende do nível de análise e não de manifestações formais reguladas. Não é possível existir uma definição de análise temática, da mesma maneira que existe uma definição de unidades linguísticas. O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas [...] podem ser, e são frequentemente, analisados tendo o tema por base (BARDIN, 1977, p.106).

Dessa maneira, após seleção do texto literário que seria analisado no encontro com os alunos, houve pré-seleção de alguns temas presentes no texto e realce de aspectos textuais sobre os quais era esperado que os discentes realizassem discussões e novas especulações, favorecidas pela mediação do professor. Outros temas foram elaborados após as discussões em sala de aula, considerando as interpretações dos estudantes.

Para a análise do conteúdo dos encontros com os estudantes era preciso cumprir três etapas: 1ª Pré-análise, 2ª Exploração do material e 3ª Tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Na primeira etapa, Bardin (1977) propõe a “leitura flutuante” (p. 96), que consiste nas impressões acerca do material a ser analisado. O autor orienta a escolha dos documentos e, no caso da pesquisa aqui apresentada, o *corpus* consiste da transcrição da fala dos participantes do projeto.

Na segunda etapa da análise de conteúdo, foram recortadas partes do *corpus* para classificação das categorias temáticas presentes. Na última etapa, houve a interpretação e sistematização dos dados obtidos, como explica Bardin: “o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (BARDIN, 1977, p. 101).

Assim, podemos dizer que a pesquisa foi qualitativa, pois as aulas foram gravadas, o conteúdo foi transcrito e os dados obtidos analisados e, quantitativa, pois foram aplicados testes iniciais e finais para comparação de dados e comprovação ou não da eficácia da participação dos alunos no projeto.

5.4 Aspectos éticos

O presente trabalho atendeu a todas as exigências éticas preestabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa, através de apresentação de documentos no sistema Plataforma Brasil, e recebeu o parecer consubstanciado de aprovação para a realização da pesquisa (Anexo F). Para isso, foram exigidas as seguintes etapas:

1-) A pesquisa de campo só foi realizada após a assinatura, por parte dos pais e responsáveis, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), que contém a garantia de que a qualquer momento serão esclarecidas quaisquer dúvidas concernentes aos procedimentos, riscos e benefícios; que os participantes e/ou responsáveis poderão retirar seu consentimento, sem prejuízo algum; e sempre mantendo o caráter confidencial e sigiloso de seus participantes.

2-) No início da pesquisa foram esclarecidos e assegurados os benefícios e mínimos riscos do projeto aos participantes, pais e/ou responsáveis, professores e direção escolar.

6. ESQUEMA DA PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo seguiu as seguintes etapas:

- Elaboração de uma coletânea de textos literários: consideramos a entrevista inicial com os alunos sobre seus gostos literários, escolhendo obras literárias conforme a temática apontada por eles. Era possível propor a leitura de mais de um texto, pois o corpus de textos literários não foi fixado, sendo assim, podíamos modificá-lo quando necessário.
- Aplicação do teste diagnóstico e entrevista inicial.
- Leitura e análise dos textos. Fizemos vários tipos de leitura: feita pela professora em voz alta, silenciosa, em voz alta por um aluno, sendo que tais práticas dependiam do texto e da predileção dos estudantes. No momento da análise em sala de aula, a professora, na condição de mediador, evitava oferecer respostas ou insinuar interpretações aos alunos. Era objetivo instigá-los a pensar, a formular suas perguntas e chegar às respostas, consciente de que, em alguns momentos, poderia se deparar com a ausência delas. Gravação das aulas para transcrição de aspectos relevantes à análise dos dados. Cabe ressaltar que a pesquisa, em hipótese alguma, revelou ou revelará o nome dos participantes.
- Aplicação do teste diagnóstico e entrevista final.
- Análise dos dados obtidos.

7. RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA

7.1 Análise quantitativa dos questionários iniciais e finais

Como já exposto, os alunos participantes do projeto fizeram dois questionários sobre leitura e interpretação de textos, um realizado no ano de 2017 e outro no ano de 2018. Em relação aos anos de 2015 e 2016, não foram realizados esses testes, visto que a pesquisa ainda era algo experimental; já havia sido pensado sobre esse tipo de análise, foi até descrito na parte teórica, porém não chegou a ser colocado na prática.

As questões para o questionário foram retiradas do SARESP (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo). Essa avaliação externa é aplicada desde 1996 na rede pública de ensino paulista e avalia alunos do 2º, 3º, 5º, 7º e 9º anos do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio, contemplando as áreas de Língua Portuguesa – Leitura e Redação, Matemática e Ciências Humanas – Geografia e História.

Após a avaliação, o sistema produz um relatório pedagógico com análises, dados e comentários, com a finalidade de oferecer um diagnóstico do desenvolvimento dos participantes, sendo os destinatários os professores. Esse relatório é apresentado por disciplina e ano/série, facilitando a identificação e compreensão das informações. Para saber o nível de proficiência de cada aluno, o SARESP utiliza o método denominado Teoria da Resposta ao Item (TRI) e, depois, agrupa os pontos da escala em quatro níveis de proficiência: Abaixo do básico, Básico, Adequado e Avançado, como foi demonstrado na tabela a seguir:

Tabela 6- Classificação e Descrição dos Níveis de Proficiência do SARESP

Classificação	Níveis de Proficiência	Descrição
Insuficiente	Abaixo do Básico	Os alunos, neste nível, demonstram domínio insuficiente dos conteúdos, competências e habilidades desejáveis para o ano/série escolar em que se encontram.
	Básico	Os alunos, neste nível, demonstram domínio mínimo dos conteúdos, competências e habilidades, mas possuem as estruturas necessárias para interagir com o currículo no ano/série subsequente.
Suficiente	Adequado	Os alunos, neste nível, demonstram domínio pleno dos conteúdos, competências e habilidades desejáveis para o ano/série escolar em que se encontram.
	Avançado	Os alunos, neste nível, demonstram conhecimento e domínio dos conteúdos, competências e habilidades acima do requerido no ano/série escolar em que se encontram.

Fonte: <http://file.fde.sp.gov.br/saresp/saresp2013>

Ao utilizarmos as questões do SARESP como meio para avaliarmos os participantes do projeto, selecionamos questões que abrangessem as quatro competências listadas acima.

Para o questionário de 2017, foram selecionadas dez questões do 9º ano referentes ao SARESP dos anos de 2013 e 2014. Já para o questionário de 2018, foram selecionadas dez questões do 9º ano dos anos de 2010 e 2011. Nos relatórios pedagógicos há poucas questões de cada nível, por isso tivemos que utilizar de mais de um ano.

Para analisarmos os resultados obtidos, consideramos o quadro descritivo das proficiências e também as habilidades que eram esperadas de cada aluno ao responderem cada uma das questões. Essas habilidades são apresentadas em cada relatório pedagógico juntamente com cada questão. Dessa maneira, além de saber em qual nível os alunos estão, também sabemos quais habilidades eles dominam e quais não.

No questionário inicial (2017), a avaliação foi composta de 7 questões do SARESP de 2013 e 3 do de 2014. A tabela esquemática apresentada a seguir ilustra o ano das questões, a quantidade, o nível de proficiência de cada uma e os acertos e erros dos participantes. Participaram desse questionário 20 alunos, pois um havia faltado por motivo de doença.

Tabela 8 - Dados do questionário inicial

2013				2014			
Questão	Nível	Acertos	Erros	Questão	Nível	Acertos	Erros
1	Abaixo do básico	20	0	8	Abaixo do básico	19	1
2	Básico	17	3	9	Básico	14	6
3	Básico	20	0	10	Adequado	8	12
4	Adequado	18	2				
5	Adequado	6	14				
6	Avançado	11	9				
7	Avançado	6	14				

Ao analisarmos os dados acima, o primeiro ponto a ser destacado é que as questões apresentam o nível de proficiência, porém os participantes não foram nivelados, pois para isso era necessário uma avaliação mais abrangente, com mais questões e a utilização do método Teoria da Resposta ao Item (TRI), método de que não tínhamos total conhecimento. O nível de cada questão foi suficiente para termos um panorama de como os alunos estavam.

Percebemos, então, que, com o teste inicial, os estudantes acertaram a maior parte das questões do nível abaixo do básico e básico, e, dependendo da habilidade que a questão dispunha, eles foram melhores ou piores. Por exemplo, na questão 5 (nível adequado) era esperado que eles conseguissem estabelecer relações entre imagens, gráficos, tabelas, infográficos e o corpo do texto, comparando informações pressupostas ou subentendidas, mas eles ainda não se mostraram preparados para fazer essas relações, visto que a maior parte da sala errou o exercício.

Por outro lado, na questão 6 (nível avançado) mais da metade da sala conseguiu entender e acertar o que foi solicitado, sendo que a habilidade proposta era para os estudantes distinguirem um fato da opinião pressuposta ou subentendida em relação a esse mesmo fato, em segmentos descontínuos de um texto. A questão 5 analisada anteriormente também tratou de pressuposição e subentendidos, mas a diferença foi fazer uma relação com outros dados (no caso uma notícia e um quadro).

Desse modo, percebe-se que os discentes conseguiram responder os exercícios com informações explícitas, sobre a organização dos gêneros escritos, elementos da narrativa, inferir o tema ou o assunto principal, entre outros. E, ainda possuíram dúvidas e dificuldades, principalmente, quando as informações estavam implícitas, subentendidas e/ou pressupostas.

No questionário final (2018), a avaliação foi composta de 7 questões que foram retiradas do relatório pedagógico do SARESP de 2011 e 3 do de 2010, e realizada pelos 21 alunos participantes do projeto. Para esmiuçar e clarificar os resultados, os dados foram postos na tabela abaixo.

Tabela 9 - Dados do questionário final

2011				2010			
Questão	Nível	Acertos	Erros	Questão	Nível	Acertos	Erros
1	Básico	20	1	8	Básico	15	6
2	Básico	18	3	9	Adequado	14	7
3	Básico	14	7	10	Adequado	9	12
4	Adequado	11	10				
5	Adequado	19	2				
6	Adequado	10	11				
7	Avançado	10	11				

Considerando os dados acima, notamos que questões do nível abaixo do básico e do avançado não estavam presentes ou estavam em pouca quantidade no relatório pedagógico do SARESP e, por esse motivo, não foram contempladas no questionário final. Em relação às questões consideradas de nível básico, cujas habilidades eram localizar e relacionar itens de informação explícita; os elementos da narrativa; identificar a finalidade de um texto, seu gênero e assunto principal; distinguir um fato da opinião pressuposta ou subentendida em relação ao mesmo fato; dentre outras; os participantes demonstraram possuir um bom domínio.

Por conseguinte, os alunos acertaram a maior parte das questões de nível adequado, mostrando que conseguiram melhorar algumas habilidades, como justificar o uso de recurso a formas de apropriação textual como paráfrases, citações, entre outros; organizar os episódios principais de uma narrativa literária em sequência lógica; diferenciar ideias centrais e secundárias. Essas habilidades foram aplicadas no decorrer da pesquisa de campo, de modo implícito durante as discussões, sem uma sistematização e é notório como esse trabalho auxiliou no resultado do questionário.

No primeiro questionário ficou evidente a dificuldade que os participantes tiveram com questões relacionadas aos pressupostos e subentendidos em um texto e esperávamos com a pesquisa de campo ajudar a suprir essa deficiência, já que o trabalho com o texto literário permitia que os alunos tentassem adentrar para as camadas mais profundas do texto e pudessem tentar enxergar e interpretar o que está implícito. Infelizmente, o segundo questionário não abordou questões desse tipo e, nessa parte do processo, não pudemos avaliar se houve melhora ou não.

Cabe salientar que em todo processo de aprendizagem o aluno não passa e não pode passar por apenas um tipo de avaliação, isto posto, mesmo o questionário final não tendo contemplado um exercício sobre os pressupostos e subentendidos, podemos ratificar que durante a pesquisa de campo, através da análise dos resultados, eles conseguiram acessar as camadas textuais e entender as lacunas deixadas para instigar os leitores.

7.2 Análise qualitativa das entrevistas iniciais e finais

Inspirado no roteiro de entrevista inicial e final elaborado por Antônio Sérgio Ferreira, em sua tese de doutorado *Roda de leitura e produção de aprendizagem inventiva: um estudo em escola municipal de Ribeirão Preto com alunos de 8ª série* (2015), elaboramos um roteiro

inicial (aplicado no início de 2017) que contava com 7 perguntas pessoais para os participantes sobre os seus hábitos de leitura.

Quando questionados sobre o que pensavam a respeito da importância da leitura, a maioria respondeu saber de sua relevância, principalmente, para ter conhecimento. Alguns relacionaram o ato de ler a aspectos da vida futura, como conseguir um emprego. Outros, mas poucos, ainda disseram que através dela conseguiríamos conhecer novos mundos e ter novos olhares.

Sobre o gosto pela leitura, muitos disseram não gostar e não discorreram sobre o motivo; outros explicaram que dependia muito do livro, que tinham preguiça de ler e ainda os que não tinham muito contato com esse universo. Poucos falaram que gostavam, e liam porque isso ajudava a se distrair. Ao abordar o que eles gostavam de ler, vários deixaram a resposta em branco, alguns outros apontaram comédias, aventura e mistério, gibis, contos de fadas e ficção científica.

A última pergunta era sobre uma experiência de leitura que foi gratificante para os participantes. Infelizmente, a maioria respondeu não ter vivenciado nenhum momento assim. Poucos deram respostas como a primeira leitura que fizeram e a leitura que a mãe fazia quando eles eram menores.

Em contrapartida a esses resultados pessimistas, que mostraram como os alunos ainda não têm um contato estreito com a leitura e o prazer em ler, o questionário final foi um pouco mais animador. Ele foi composto de 8 questões similares ao do questionário inicial e aplicado no fim de 2018.

Ao responderem sobre a importância da leitura, alguns participantes ainda apontaram como causa basilar o conhecimento adquirido; outros, por outro lado, falaram sobre os benefícios que ela traz, como a imaginação, um novo olhar sobre as coisas, a descoberta de novos mundos, o conhecimento de novos textos e autores, e a diversão que ela provoca.

Inquiridos sobre o gosto pela leitura, a maioria disse que dependia do livro, alguns falaram que gostavam muito e pouquíssimos que não gostavam de ler. Em relação as justificativas, a maioria não respondeu; outros disseram que ainda têm preguiça e os demais que era uma atividade prazerosa. Destacamos a fala de um dos alunos que disse que gostava mais ou menos e sua justificativa: “- Mais ou menos, depende do dia e do texto, porque eu posso brincar sem sair de debaixo do cobertor”. Essa sincera opinião mostra que o livro passou a ter uma relação mais próxima, pois já não é visto como um objeto, mas algo em que se posso adentrar e brincar.

Além disso, o repertório sobre o que eles gostavam de ler aumentou. Apareceram respostas com livros de aventura, ação, história em quadrinho, livros de terror e suspense, “poemas iguais aos que haviam sido trabalhados no projeto”, comédias, entre outros. Quando os estudantes tiveram que escrever sobre a compreensão do que leram, muitos responderam que ela melhorou, que conseguiam enxergar coisas nos textos que não viam antes; outros disseram que parecia que algumas obras estavam mais interessantes e têm aqueles que responderam que nada mudou.

No que concerne a última pergunta, sobre uma experiência gratificante de leitura, as respostas foram mais variados: alguns apontaram a primeira vez que leram um livro inteiro, outros disseram como foi bom ler e entender tudo e além do que estava escrito. Algumas respostas foram similares ao do questionário inicial, como quando a mãe fez uma leitura para eles. Um dos participantes destacou algo que queria fazer: “- Entrar num ônibus da leitura, pegar um microfone e ler para a cidade inteira”.

Mesmo alguns participantes mantendo um posicionamento fechado com a leitura, vale destacar que esse é um processo gradativo e que esperamos que continue na vida de cada um desses jovens. No entanto, é notório como a leitura e interação com o texto modificou o olhar de muitos estudantes e, provavelmente, eles irão levar esse novo conhecimento e contato para suas vidas.

8. RECORTE E ANÁLISE DO CORPUS

Para a análise dos textos, selecionamos, como propõe Bardin, alguns eixos temáticos, parâmetros para as respostas dadas pelos alunos. Após seleção, recortamos trechos das transcrições interpretadas como “respostas” dadas pelos participantes aos eixos temáticos. Como os estudantes não podem ser nomeados, receberam nomes fictícios e o professor recebeu a letra P.

Antes de cada fala recortada há o número da linha correspondente à transcrição completa (Anexo G), assim o leitor consegue compreender o contexto daquele trecho que foi retirado para se encaixar nos eixos temáticos. Ademais, cabe ressaltar mais dois aspectos: 1-) A mesma fala pode aparecer em mais de um tema, pois, algumas vezes, elas se encaixam em mais de um aspecto; 2-) O sinal “[...]” indica que alguns trechos foram cortados, visto que, naquele momento, o fragmento não contribuiria com o que queríamos destacar.

Para facilitar o entendimento das transcrições, foi elaborado um pequeno relato descritivo das ações realizadas tanto pela professora quanto pelos alunos no momento da leitura-discussão. Esses dados foram alocados no corpo da transcrição completa (Anexo G) e no início e término dos recortes temáticos. Infelizmente, por falta de experiência, as datas de trabalho com cada texto foi trabalhado não foram anotadas. Sabe-se apenas o ano e a ordem em que cada um foi discutido na pesquisa de campo.

8.1 “Fita verde no cabelo (Nova velha estória)” – João Guimarães Rosa

O primeiro texto analisado foi o conto “Fita verde no cabelo (Nova velha estória)”, de João Guimarães Rosa. Ele foi o primeiro a ser analisado com os alunos, no ano de 2015, quando os participantes estavam cursando o 6º ano do Ensino Fundamental II.

Durante a reunião prévia entre orientadora e professora-pesquisadora, o texto foi lido e estudado e alguns pontos foram destacados para chamar a atenção dos alunos, como em relação a algumas palavras do vocabulário empregado, a construção sintática, as reações e impressões sobre a personagem, as repetições, a adjetivação utilizada e alguns trechos: “velhos que velhavam”; “das horas, que a gente não vê que não são”; “plebeiiinhas flores, princesinhas e incomuns”; “puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre”, entre outros.

Classificamos as interpretações dos alunos nos seguintes temas:

- a. Vocabulário diferenciado e imprecisão vocabular;
- b. Imprecisão espacial e temporal;
- c. Real vs. Invenção/Ilusão;
- d. Impressões a respeito da personagem;
- e. Mudança na personagem;
- f. Desfecho;
- g. Questões epilinguísticas e metalinguísticas;
- h. Interpretações sem mediação.

A seguir, associamos os temas a alguns recortes das transcrições dos encontros com os alunos:

a. Vocabulário diferenciado e imprecisão vocabular

“14 P.: Mas o que significa então... Vamos começar lá do começo. O que significa então esses velhos que velhavam?

15 Caio: Que os velhos não eram felizes, eles ficavam chatos.”.

“55 Marina: Ele não se sente como velho, mas age como um velhinho.

56 Leandro: Ele é chato, amargurado, ranzinza.

57 P.: Mas será que o velho é só amargurado, chato, ele não é sinônimo de outras coisas?

58 Caio: As pessoas associam eles a estereótipos de que eles são chatos”.

“141 P.: Voltem para a parte do texto: “Divertia-se em ver as avelãs do chão não voarem, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeinhas flores, princesinhas e incomuns, quando a gente tanto por elas passa”. O que significa isso?

142 Caio: É que elas são normais, mas de uma forma diferente.

(Todos falam juntos)

143 P.: Mas o que significa plebeia ou plebeu?

(Leandro tenta responder, mas Caio toma a frente).

144 Caio: Eu sei. Significa uma classe pobre.

(Todos falam juntos).

145 Leandro: Que não é da nobreza.

(Todos falam juntos).

146 P.: Ela percebeu as flores ali?

147 Lara: Ela passou muito rápido e não viu.

148 José: Professora, pode ser aquele tipo de flor que nasce no quintal, sem sentimento, sem nada.

149 Otacílio: Ela fez o caminho mais longo, então pode ser que ela não passe muitas vezes por aquele caminho e nunca tenha reparado naquelas flores.

(Todos falam juntos)".

b. Imprecisão espacial e temporal

66 P.: Voltando ao texto, quando ele fala da aldeia para a gente: “Havia uma aldeia, em algum lugar, nem maior nem menor [...]”. O que isso significa?

67 Otacílio: Que não é um lugar bom nem um lugar ruim.

68 Nicolau: Que não seria muito grande nem muito pequeno.

69 P.: Mas que aldeia é essa? É uma aldeia específica?

70 Alguns alunos: Não.

71 Lara: É onde muitas pessoas moram.

72 P.: Então por que será que ele coloca isso? “[...] daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são”.

(Silêncio na sala por alguns segundos).

73 Leandro: Não vê o tempo passar ou as pessoas morrem e passa o tempo e crescem.

74 Marlon: Quando o tempo fica muito rápido e você não pode aproveitar com as pessoas.

[...]

80 Caio: Eu sei agora. É porque todos acham que são imortais, que nunca vão morrer e aqui ele está falando que eles acham que veem, mas eles não veem. Na verdade isso não acontece.

(Leandro chama a atenção da professora para conseguir falar).

81 Leandro: Eu entendi a questão do moinho, pois ele gira como o relógio.

82 P.: Mas esse girar como o relógio, ele diz que nós não vemos o tempo.

83 Leandro: É. Porque o tempo passa como o moinho”.

170 P.: Para terminar, tem uma parte que fala assim: “E Ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo”. Que caminho é esse?

171 Lara: Um caminho embaralhado.

172 Marlon: Um caminho de tristeza.

173 Leandro: Um caminho para perder a juventude.

174 P.: Pensem o que é um caminho louco.

175 Leandro: É a vida.

176 P.: A vida de todo mundo é louca?

177 Marlon: Professora, já sei. O caminho que ela escolheu é o caminho das lembranças. Ela foi lembrando da avó, essas coisas, e chegando lá a avó morreu. (Todos falam juntos)”.

c. Real vs. Invenção/Ilusão

86 P.: E no começo ela fala que ela tem o que no cabelo?

87 Alguns alunos: A fita verde.

88 P.: E o que vai acontecendo com essa fita?

89 Caio: Vai se acabando.

90 Marina: Quando ela chega na casa da avó, a fita sai voando.

(Todos falam ao mesmo tempo)”.

150 P.: “[...] além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada”. O que significa isso? No começo ela fala que tem uma fita inventada no cabelo e depois que perdeu a fita que estava atada no cabelo. Como ela perdeu essa fita que estava amarrada no cabelo só que essa fita era imaginária?

151 Marlon: Ela cresceu, aí ela perde esse negócio de imaginária.

152 José: Ela perdeu a infância dela.

153 Leandro: A fita representa a inocência dela.

154 Caio: A infância para ela era imaginária, ela achava que nunca ia sair daquilo. Mas quando ela estava atada, ela sabia que ela ia sair, só que ela não esperava.

155 Karla: Essa fita imaginária era o juízo dela e ela perdeu para ganhar o juízo.

156 Bianca: Ela perdeu a inocência dela para ganhar o juízo.

157 Bianca: Quando ela era criança, ela imaginava coisas, quando ela cresceu, ela parou de imaginar.”.

d. Impressões a respeito da personagem

“**26 Caio:** Ela é a única que não tinha juízo”.

“**38 Alguns alunos: Sara:** Que ela é uma menina. **Caio:** Meninazinha. Sem juízo.

39 P.: Como são as atitudes dela?

40 Alguns alunos: Henrique: Ela não era madura. Tinha a fita verde na cabeça. **Caio:** Chamava de vovozinha, disse que tinha medo do lobo”.

“**47 P.:** E por que ela tem medo da morte?

48 Caio, Leandro e Marina falam ao mesmo tempo: Por causa da avó dela. (Não dá para entender o restante).

49 Caio: Porque ela amava a avó e ela não queria perder ela.

50 Hércules: Ela não queria perder mais ninguém”.

e. Mudança na personagem

“**29 Caio e José** falam praticamente ao mesmo tempo: Não, porque ela amadureceu quando da morte da avó.

30 P.: Como você chegou a isso?

31 Caio: Porque ela fala que a avó fechou os olhos e aí ela gritou que tinha medo do lobo.

32 P.: Mas como você chegou a conclusão que ela amadureceu?

33 Leandro: Porque isso é uma coisa que os adultos vivenciam **Caio:** pois são gentes mais maduras, coisas que passam no dia a dia delas”.

“**34 P.:** Como a Chapeuzinho estava no começo da história?

35 Alguns alunos: Ela era diferente. Como se fosse uma criança.

36 Nicolau: Como se ela fosse uma criança e depois com atitude de adulta”.

“**93 Sara:** Ela deixou de ser criança.

94 P.: E ela deixou de ser criança para ser o quê?

95 Caio: Ela perdeu a inocência.

(Todos estão falando ao mesmo tempo e não dá para entender o que querem dizer. A professora intervém e explica que tem que ser um de cada vez).

96 Cláudio: Ela virou uma pessoa responsável.

97 P.: Por que você acha isso?

98 Sara: Porque ela conseguiu sentir que ela cresceu.

99 Nicolau: Ela perdeu a infância com a morte da avó dela.

(Ao fundo Danilo sussurra que o texto é muito trágico)”.

“**106 Sara:** Eu acho que quando ela perde a fita, ela já estava amadurecendo, ela já cresceu, ela se sente mais viva.

107 Caio: Então ela acha que esse caminho, esse que a mãe mandou, era um caminho que ela estava envelhecendo para chegar na maturidade.

108 P.: Mas uma criança envelhecendo?

(Os alunos falam bastante).

109 Marlon: É o tempo passando”.

“**112 Leandro:** Eu acho que ela amadureceu porque a avó dela morreu e não tinha mais ninguém do lado dela”.

f. Desfecho

“**5 Otacílio:** Porque a avó dela morreu”.

“**19 Otacílio:** É triste quando a avó dela fala para ela que não vai poder abraçar ela.”.

g. Questões epilinguísticas e metalinguísticas

“**160 P.:** E agora o narrador, o que vocês acham dele?

161 Leandro: Para mim é mais o lobo que conta a história.

162 Caio: Uma pessoa que viveu na aldeia.

163 Marlon: A mãe dela.

164 Marlon: Ela mesma.

165 Danilo: Mas ela não fala eu, quando eu estava...

166 Marlon: A morte.

167 P.: Então será que alguém ficou sabendo dessa história e contou?

168 Danilo: Não, eu acho que é um narrador qualquer.

169 Caio: Isso foi baseado numa experiência vivida por ela”.

h. Interpretações sem mediação

“**44 Caio:** Será que nesse caso o lobo não é a morte, professora?”

“**128 José:** Professora, pelo jeito que a menina chegou, nem parecia que ela conhecia a avó dela.

129 P.: Você acha que ela nem conhecia?

130 José: Eu estava vendo uma parte (fica em silêncio olhando o texto)

131 Danilo: Mas no começo do texto fala: “Minha netinha”.

132 José: Por isso mesmo. Igual o lobo fez na *Chapeuzinho Vermelho*.
(Todos falam ao mesmo tempo)”.

Percebemos que nesses recortes os participantes conseguiram atingir de forma expressiva os objetivos (ou temas) propostos através de mediação - mas sem interferências pontuais na fala dos alunos - (caso dos itens A ao G) e sem mediação (item H). Porém, a professora-pesquisadora faz referência à obra *Chapeuzinho Vermelho* em sua fala (item E), fazendo com que os alunos façam uma ligação proposital entre as histórias. Isso era esperado pela pesquisadora, mas a intenção era de que ocorresse não por uma resposta da mediadora.

Fica notório também a participação mais pontual de alguns alunos do que de outros, mostrando que nem todos ainda estavam confortáveis para participar. Isso fica evidente ao observarmos a transcrição completa e vemos que vários participantes pediram para sair da sala durante a discussão, outros conversavam bastante enquanto alguns tentavam falar suas observações sobre o texto. A participação masculina foi mais enfática do que a feminina, talvez isso tenha ocorrido, pois na sala há uma predominância de meninos, quinze, e apenas seis meninas.

Além disso, é interessante perceber que, embora os alunos conversassem bastante e falassem ao mesmo tempo, quando a professora fez a leitura do texto e/ou quando ela falava/fazia uma pergunta, todos paravam para escutá-la, mostrando que estavam atentos ao que estava acontecendo e queriam saber quais seriam as novas proposições para reflexão.

É de suma importância ressaltar que, por este ser o primeiro texto a eles apresentado, não eram esperadas interpretações sem mediação. Isso confirma o alcance dos objetivos. É notável também a dificuldade quanto à sistematização dos conteúdos (caso do item G), como previsto no projeto que visa, inicialmente, às questões epilinguísticas para, com o tempo e a

aquisição de maturidade dos alunos como leitores, focar nas questões metalinguísticas (sistematização teórica).

8.2 “O menino doente” – Manuel Bandeira

O segundo texto analisado foi o poema “O menino doente”, de Manuel Bandeira, apresentado aos alunos em 2015. Para ajudar na mediação durante a discussão em sala de aula, foi realizada uma pré-reunião entre orientadora e professora-pesquisadora.

Durante o encontro, alguns aspectos do poema foram ressaltados e analisados, sendo possíveis objetos de discussão para os participantes. Dentre eles, podemos destacar o vocabulário empregado, pois a simplicidade vocabular e o efeito de familiaridade são características da escrita de Bandeira; as marcas de oralidade; o eu lírico; a figura da mãe *versus* a figura da santa, entre outros elementos.

Esses encontros prévios foram essenciais para o bom andamento da pesquisa de campo, visto que, além das análises textuais, também eram pensados eventuais percalços, o texto anterior e seus resultados eram discutidos, novas estratégias eram pensadas. E, por mais que almejássemos sempre ter esses encontros, sabíamos que em determinado momento talvez não fosse possível que eles ocorressem. Então, os que foram concretizados serviram de norte para a professora-pesquisadora seguir sozinha, se necessário.

Por ter sido o segundo encontro com os alunos, esses se mostraram mais calmos e receptivos ao que ia ser proposto. Isso fica claro ao verificarmos que até mais ou menos a metade da discussão os alunos procuraram falar um por vez, para que fosse possível todos se escutarem. No fim da aula, alguns alunos já estavam cansados e respondiam coisas aleatórias, sem nem pensar, também tentavam mudar de assunto e/ou fugir do texto.

Após o recorte, classificamos as interpretações dos alunos nos seguintes temas:

- a. Vozes/figuras presentes no poema;
- b. Vocabulário;
- c. Questões epilinguísticas e metalinguísticas;
- d. Imaginação;
- e. Interpretações sem mediação.

A seguir, associamos os temas a alguns recortes das transcrições dos encontros com os alunos:

a. Vozes/figuras presentes no poema

“**17 Leandro:** Tipo, a santa é como se fosse o espírito da mãe dela.”.

“**19 Caio:** Eu acho que, a mãe está cantando para tentar fazer ele dormir porque ele não conseguia, estava com muita dor. Aí de tanto ela cantar ela começou, ela ficou com sono. Aí veio uma pessoa boa, uma pessoa boa não...veio um espírito, que era tipo o guarda dele, aquele que cuidava dele por toda a vida e ajudou ele”.

“**23 Danilo:** Acho que ela não pensou sobre uma santa, só pensou essa santa na cabeça dele”.

“**27 Otacílio:** Professora, eu acho assim, o menino estava doente e mãe dele tentando fazer ele dormir, mas ela dormiu primeiro do que ele e ele não tinha ninguém e conseguiu dormir também”. (Não percebeu a voz da santa).

“**36 Leandro:** Professora, eu penso que podia ser só a imaginação dele, a mãe dele dormiu e para ele não ficar com medo ele inventou uma figura santa, pra ele não ter medo”.

“**125 Caio:** Ela dormiu, e na primeira parte e ela estava acordada, aí na segunda parte ela sonhou que veio um vulto que debruçou nela e cantou.

126 Gonçalo: Eu acho que depois que ela dormiu, como o menino ainda estava cansado e doente apareceu uma santa para fazer ele dormir depois.

127 Marina: Aqui fala que o vulto apareceu e falou na mesma voz da mãe e na mesma cantiga”.

“**130 P:** Por que será que a mãe dorme e vem uma santa no lugar? Por que não podia ser outra coisa? Como...”

131 Danilo: Podia ser o pai.

132 Danilo: Podia ser o pai dele.

133 Caio: Porque a santa é pra representar a figura da mulher. Porque é uma mulher”.

“**147 Caio:** Professora, porque geralmente a figura considerada protetora é a mulher porque ela é mais calma, então por isso é uma santa e não um anjo”.

b. Vocabulário

“**61 P:** Sobre esse vocabulário, ele é um vocabulário mais elaborado, um vocabulário mais simples?”

62 Caio: Formal.

63 Danilo: Simples.

64 Caio: Eu acho que é elaborado.

65 Leandro: Elaborado e formal.

(Todos falam ao mesmo tempo).

66 P: Por que ele é elaborado e formal?

67 Caio: Porque ele fala tudo de uma linguagem mais, mais, assim, que você tem que ter uma certa interpretação para conseguir, para saber o que ele tá querendo falar”.

c. Questões epilinguísticas e metalinguísticas

“**43 Caio:** Só que só dois cantam, falam, o outro é o narrador. Aí de personagem tem três”.

“**115 P:** Quem fala no texto?”

116 Caio: O narrador”.

d. Imaginação

“**19 Caio:** Eu acho que, a mãe está cantando para tentar fazer ele dormir porque ele não conseguia, estava com muita dor. Aí de tanto ela cantar ela começou, ela ficou com sono. Aí veio uma pessoa boa, uma pessoa boa não...veio um espírito, que era tipo o guarda dele, aquele que cuidava dele por toda a vida e ajudou ele”.

“**36 Leandro:** Professora, eu penso que podia ser só a imaginação dele, a mãe dele dormiu e para ele não ficar com medo ele inventou uma figura santa, pra ele não ter medo.

37 Marina: Ele tem razão.

38 Danilo: Tipo um amigo imaginário.”.

“**107 Leandro:** Ela queria que o filho se sentisse bem para ele não ficar tipo com falta de respirar e essas coisas.

108 Otacílio: Professora, eu acho que é assim, no final fala dorme meu amor, dorme, dorme meu benzinho. Eu acho que foi o menino que falou para a mãe, dorme meu amor, dorme meu benzinho. Depois ele dormiu”.

“**138 José:** Como ele estava doente a mãe dele deve ter rezado e essa santa é pra quem rezou e curou o menino para ele dormi.

139 Leandro: Será?

140 Otacílio: Pode ser a avó do menino”.

e. Interpretações sem mediação

“**77 Hércules:** Eu achei que é interessante esse texto, porque ele fala dorme, dorme meu...está faltando um pedaço, dorme, dorme, meu...

78 Giovani: É porque ela dormiu”.

Através dos trechos destacados, notamos a construção coletiva da análise do poema. Cada aluno argumentava mostrando sua opinião, concordando e/ou discordando com o que o colega propunha. Percebemos que, por se tratar de um poema e este ser muito ligado à subjetividade, eles conseguiram usar a imaginação e a criatividade para preencher as lacunas abertas do texto.

Além disso, os estudantes gradualmente teceram e compreenderam as estruturas e formas presentes - caso do narrador e eu lírico no poema trabalhado -, passando, então, das questões epilinguísticas para as metalinguísticas. Mesmo passando de um nível a outro, ainda apresentam dificuldades para fazer a sistematização, quando confundem, por exemplo, as figuras de narrador e eu lírico, pois é o início do contato com essas estruturas.

Em um momento de precipitação, a professora-pesquisadora acaba por ajudá-los nesse processo, ao explicar que em um poema há um eu lírico e não um narrador. Outro ponto de intervenção direta é quando a docente conduz alguns pensamentos dos alunos, como no momento em que faz uma afirmação que não estava no contexto de resposta deles.

É interessante notar como a participação dos discentes aumentou se comparado ao do texto anterior. Eles já estavam se sentindo mais seguros e mesmo que alguns só tenham feito

pequenas participações, já era um começo. Eles demonstraram essa maior desenvoltura ao quererem ajudar a ler o texto e participar ativamente de toda discussão desenvolvida.

Destacam-se, também, as interpretações livres de mediação do professor, ou seja, quando o aluno faz suas próprias conclusões, mostrando que consegue pensar no poema com alguma autonomia.

8.3 “Felicidade clandestina” – Clarice Lispector

O terceiro texto foi o conto “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector, sendo analisado pelos participantes no ano de 2016 - único texto daquele ano gravado e transcrito. Quando os alunos estavam cursando o 7º ano, apenas um texto foi apresentado devido a transição que estava ocorrendo, término da monografia e início das ideias para a presente pesquisa. A apresentação e discussão dos textos literários continuou acontecendo, porém, somente um encontro foi gravado para posterior análise.

Notamos, desse modo, o amadurecimento dos alunos. Durante a leitura do texto e dos apontamentos feitos pela professora, os discentes ficavam em silêncio para escutá-la. Em alguns momentos, todos queriam falar ao mesmo tempo, mas logo percebiam que não se entendiam e voltavam a falar um por vez. Eles já demonstravam ter sistematizado alguns novos conceitos e tentavam colocar em prática durante a interpretação.

O conto também foi estudado previamente pela orientadora e professora-pesquisadora, surgindo apontamentos sobre a importância da narradora e o modo como ela ajuda a construir o enredo; a marcação temporal; o jogo de aparências; as metáforas presentes, entre outros elementos.

Após a transcrição, classificamos as interpretações dos alunos nos seguintes temas:

- a. Questões epilingüísticas e metalingüísticas;
- b. Caracterização das personagens;
- c. Indecisão nas respostas;
- d. Intervenção nas interpretações dos alunos feita pela professora;
- e. Possíveis interpretações da história;
- f. Relação com a vida pessoal dos alunos.

A seguir, associamos os temas a alguns recortes das transcrições dos encontros com os alunos:

a. Questões epilinguísticas e metalinguísticas

“**2 Caio:** A primeira observação é que o narrador é ela mesma, o narrador personagem. O principal, né?! Ela é na verdade a principal.

3 Caio: Um narrador protagonista.

[...]

6 Caio e Leandro (falam juntos): A que quer emprestado o livro”.

b. Caracterização das personagens

“**18 Bianca:** A que tinha o livro é bonita, (pausa) e já a outra que queria emprestar é feia, gorda.

19 Otacílio: Não.

20 Hércules: Na verdade é o contrário”.

“**21 Caio:** A menina ela, o pai dela tinha uma livraria, só que ela não (a inspetora interrompe a gravação). Aí ela sempre falava (pausa), ela falou para essa menina que gostava de ler que ela ia emprestar um livro, só que ela nunca emprestava, ela sempre tinha dado para alguém. Aí um dia a mãe dela chegou e perguntou e falou que esse livro ela nunca tinha lido, que mandou emprestar para a menina, que sempre estava lá.”.

“**22 José:** A mãe foi a salvadora.”.

“**30 P:** Mas por que será que ela queria fazer a menina sofrer?

31 Caio e Marina (falam juntos): Porque ela era má.

32 José: Porque ela era bonita.

33 Hércules: Porque ela era invejosa.

34 Otacílio: Porque ela era bonita e não queria emprestar o livro para a outra”.

“**116 Leandro:** (Não dá para compreender o início) ela queria mais uma coisa, conhecimento.

117 Otacílio: Não.

118 P: Conhecimento? Como assim ela queria conhecimento?

119 Leandro: Tipo aprender mais coisas, ler bastante livro.

120 P: Então você está falando que provavelmente a outra menina que era caracterizada como gordinha, ela já tinha esse conhecimento? E como a outra só tinha beleza ela não tinha conhecimento?”.

c. Indecisão nas respostas

“5 Professora: Então a narradora principal é quem?

6 Caio e Leandro (falam juntos): A que quer emprestado o livro.

7 P: A que está querendo emprestar o livro?

8 José: A gorda, baixa.

9 Marina: A de cabelo (os alunos falam juntos, não dá para entender).

10 P: Ata, a que quer emprestado o livro”.

“35 P: Calma. Mas quem era bonita? A que queria emprestar ou a que tinha o livro?

36 Alguns alunos: (falam ao mesmo tempo) A do livro.

37 Alguns alunos: A que tinha o livro.

38 Alguns alunos: A que queria emprestar.

39 Leandro: Não é.

40 Otacílio: A que não tinha o livro.

41P: A que não tinha o livro, mas que queria o livro?” .

“77 P: E agora, vocês sabendo que essa história foi contada não pela menina, foi contada pela menina que eles falavam que era bonita, que era, que queria o livro; vocês veem a história da mesma maneira?

78 Alguns alunos: (Muitos falam juntos) Não.

79 José: Sim.

80 Danilo: Não.

81 P: Por que sim?

82 José: Porque... Ah! Não sei explicar”.

d. Intervenção nas interpretações dos alunos feita pela professora

“**45 P:** Só que aí eu quero uma coisa para vocês pensarem, por exemplo, se eu venho aqui e Cláudio me conta um segredo, aí eu vou contar esse segredo do Cláudio para o José, eu conto da mesma maneira?”.

“**110 P:** Se ela já era a mais bonita da escola, a que os outros provavelmente desejavam e queriam, por que ela tinha que fazer isso com a outra? Por que ela tinha que querer o da outra?”.

“**186 P:** É algo que não vai ser dela. É algo só para o momento. Que é para ela passar só o momento? Ela vai ler e depois deixar de lado? Quero que vocês me expliquem melhor essa relação”.

“**223 Otacílio:** Ela tinha que esconder o livro do marido dela.

224 P: Do marido dela? Mas ela não tinha marido, ela era uma criança.

225 Otacílio: Criança professora? Mas então porque ela escondeu o livro? (A entonação é de surpresa)”.

e. Possíveis interpretações da história

“**67 P:** E quando a gente conta quando está vendo é tudo certinho? Ou será que ela colocou coisas a mais?”

68 Alguns alunos: (Falam juntos): Colocou coisas a mais.

69 P: Que coisas a mais ela pode ter colocado?”

70 Caio: A aparência da menina.

71 José: É, a aparência da menina.

72 Marina: Como ela vê a menina.

73 Marina: Como ela se sentia quando ela sabia que ia receber o livro.

74 Leandro: O tempo que ela ficava indo na casa da outra”.

“**77 P:** E agora, vocês sabendo que essa história foi contada não pela menina, foi contada pela menina que eles falavam que era bonita, que era, que queria o livro; vocês veem a história da mesma maneira?”

78 Alguns alunos: (Muitos falam juntos) Não.

79 José: Sim.

80 Danilo: Não.

81 P: Por que sim?

82 José: Porque... Ah! Não sei explicar.

83 Leandro: Não.

(Alguns alunos falam juntos e não é possível compreender).

84 Caio: Não, porque sempre que a gente vai contar uma história, a gente sempre tenta melhorar (não dá para entender o restante da fala dele)".

“**87 Leandro:** É, eu acho que era assim, ela fala: - “Nós éramos altas e de cabelo soltos”, eu acho que era um grupo de amigas, que aí elas rejeitam a menina que tinha o livro”.

“**89 P:** Elas rejeitavam a menina? E por que será que ela conta a história desse jeito?

90 José: Porque ela quer falar para gente que ela era certinha, que ela era a bonitinha de tudo, que a outra era má, sempre era a errada.

(Outros alunos tentam falar, mas José se sobressai)".

“**91 P:** E será que assim, por exemplo, será que a outra menina que era a gordinha, será que ela também não era malvada de não emprestar o livro? Ou não?

92 José: Sim.

93 José: Não, ela era malvada.

94 Marina: Ela se sentia humilhada e aí (não dá para compreender).

95 José: Eu que estou falando. A outra menina ela é egoísta, mas também tem que entender o lado dela.

96 Nicolau: Eles desprezam ela”.

“**100 P:** Aí você falou uma coisa interessante, o que é esse tudo que ela tem? Será que é só um livro?

101 Leandro: Não.

102 Leandro e Marina (falam juntos): Ela tem uma biblioteca.

103 P: Mas essa raiva, mostra que ela tem uma raiva grande? Será que é só um livro? Uma biblioteca? Ou será que são mais coisas?

104 Otacílio: Não, é mais coisas.

105 P: Que coisas?

106 Otacílio: O jeito da menina ser, que quer parece com a outra.

107 Caio: Eu acho que isso é uma forma de se proteger, talvez ela sofra bullying, (pausa) ela consegue ser melhor, dá um troco de certa forma. Já que a outra tem uma certa inveja, porque as meninas falam que eram mais bonitas, todo mundo gostava mais dela. É uma forma de se proteger dela, (pausa) manipulando a menina”.

“**126 José:** Professora, eu tenho uma dúvida.

(Cláudio fala sussurrando ao fundo que gostaria de ir embora).

127 Leandro: Eu acho que (pausa) a outra já tinha beleza, um monte de coisa, aí ela não queria dar mais uma coisa para ela.

128 P: Então ela queria ter uma coisa para ela, para falar que ela tinha algo de maior que as outras?

129 Leandro: É.

130 Nicolau: O poder.

131 P: Só o poder? E o que seria esse poder? O que é esse poder que você está falando?

132 Nicolau: É o livro.

133 Caio: É uma coisa melhor do que as outras.

134 José: Professora, (todos falam juntos, não dá para entender) quando você tem muita coisa, você não dá valor, quando você não tem, você quer aquela coisa. Se você tem aquela coisa muito fácil, você não dá valor”.

“**35 P:** Ele falou uma coisa muito interessante. Quando nós não temos, nós damos valor, até nós conseguirmos. Depois, quando a gente consegue, a gente não dá mais valor. Presta atenção no final do conto. O que aconteceu quando ela pegou, quando ela conseguiu o livro?

136 Sara: Ela não quis ler, deixou ele.

137 P: Mas ela não quis ler por quê? Será que ela não queria mais?

138 Leandro: É porque ela perdeu a sua inocência.

139 Otacílio: É. É verdade.

140 P: Perdeu sua inocência de criança, como?

141 Leandro: Porque a outra ficou maltratando ela, falando que tinha emprestado o livro e ela ia diariamente e o tempo passou.

142 Danilo: Eu não concordo com isso”.

158 P: Oh, você falou, chegou numa parte interessante. O que significa isso? Eles estão contanto a história de um livro, que ela adquiria esse livro, só que no final a última frase era: “Não era mais uma menina com um livro, era uma mulher com seu amante”.

159 Leandro: Porque ela adorava, ela queria muito aquele livro e gostou daquele livro. Ela deve ter lido.

160 Alguns alunos: Não!

(Falam ao mesmo tempo).

161 Eduardo: Ela cresceu.

162 Gonçalo: Uma parte do livro.

163 Danilo: Ela já não era mais criança e ...

164 Leandro: O tempo tinha passado”.

176 P: Pensem nessa relação. Primeiro, uma mulher com seu amante. O que é isso? O que é um amante?

177 José: É uma mulher com um.

178 Marina: É onde ambos os segundos.

179 Cláudio: Ela meio que casou com o livro”.

189 P: Mas qual a relação desse amante com o livro? Porque o livro é um amante?

190 Caio: Seria momentâneo. Não conseguiria ficar para sempre, sempre com ele.

191 Caio: Ela teria alguma hora que devolver para a menina.

192 Marina: E uma hora ela teria terminado de ler o livro”.

193 P: E quando ela terminou de ler o livro, o que ia acontecer?

194 Otacílio: Ela vai devolver.

195 Marina: Ela vai encontrar outro livro”.

202 José: O tempo que ela quiser ficar com o livro, ela vai ficar. Então, se ela quiser ficar a vida inteira com o livro ela vai ficar...e todo dia ler esse livro”.

207 P: E aí eu quero que vocês pensem mais uma coisa, já que vocês falaram tudo isso e para mim está de acordo. Esse título, que fala no meio do texto também e no final do texto, Felicidade Clandestina. Primeira coisa, o que é isso?

208 José: Felicidade que você compra.

209 P: Que compra? O que é clandestino?

210 Caio: Clandestino é de fora. Que vem de outro lugar. Proibido.

211 P: Que é proibido? Que não é legal?

212 Caio: Que não é legal”.

“**127 P:** Que relação tem essa felicidade clandestina com o que vocês me falaram?

(Falam ao mesmo tempo).

218 José: Porque ela não pode mostrar o livro.

(Falam ao mesmo tempo).

219 Bianca: Porque ela ia na casa da menina e a menina não falava para ninguém, era mentira dela. Ninguém sabia.

220 P: O que mais?

221 Leandro: Porque ela tinha que esconder o livro porque senão o que iam falar dela, porque ela ficou muito tempo com o livro.

222 Otacílio: Porque ela tinha que esconder o livro porque ela não tinha terminado de ler. Iam falar que ela tinha roubado”.

“**226 P:** O que mais da felicidade clandestina? Pense nisso, felicidade clandestina. O que é uma felicidade clandestina?

227 Danilo: Uma coisa que você não pode contar para ninguém, que é proibida.

228 Lara: Uma felicidade em segredo.

229 Caio: Uma felicidade que se você contar para alguém ela vai deixar de ser segredo, vai ser normal, e você não vai mais ser feliz com aquilo lá.

230 Leandro: Porque quando é proibido você tem mais vontade de fazer, é muito da hora. Zoeira never end”.

“**250 P:** Para ficar mais tempo com o livro? Saciar o livro? Estar junto com ele sempre que possível? Esse livro não parece o quê? Até uma pessoa?

251 Caio: Ou alguma coisa, até um sentimento.

252 Caio: Uma sensação que você consegue de alguma forma, como por exemplo: quando você quer alguma coisa e na hora que você consegue, fica extasiado de como conseguiu, que foi muito difícil”.

“**260 Gonçalo:** Ela queria que a menina desse o livro e não a mãe.

261 P: Ah! Ela queria então que a menina desse o livro para ela e não a mãe? O que isso significaria?

262 Leandro: É como se ela estivesse comandando”.

f. Relação com a vida pessoal dos alunos

“**85 José:** Verdade, (pausa) fomos na diretoria uma vez, a primeira vez, eu lembro até hoje. Estava eu, o Heitor, o Thiago que estudava aqui, e tinha um menino da minha sala. Ele foi e queria bater em mim, aí os dois que eram meus amigos foram lá e abaixaram a calça dele. Aí foi todo mundo para a diretoria”.

“**P150 P:** E vocês fazem esse tipo de coisa? Quando vocês conseguem algo que vocês tanto queriam, escondem para depois terem emoção de encontrarem de novo?

151 Leandro: Eu não, eu já saio brincando.

152 Caio: Algumas vezes professora.

153 P: Algumas vezes Caio? Por quê?

154 Danilo: Dependendo.

155 Caio: Quando eu quero muito mesmo, aí não, quando eu quero muito, mais ou menos, às vezes eu faço.

(Falam ao mesmo tempo)”.

“**286 P:** A primeira vez que nós lemos o texto, vocês conseguiram perceber tudo isso?

287 Alguns alunos: Não (juntos)”.

“**290 P:** Vocês acham que se tentarem fazer sozinhos, lerem o texto, vocês acham que vão começar a olhar para ele para verem se encontram tudo isso?

291 Alguns alunos: Não (juntos).

292 P: Não? Por quê?

293 José: Porque você é entendida, entende melhor.

294 Cláudio: Por preguiça.

295 P: Mas vocês perceberam que eu não vou falando para vocês a resposta. Que vocês conseguem chegar nas respostas sozinhos?!

296 Nicolau: Eu também vou ver melhor.

297 Caio: Eu também vou”.

Ao analisarmos as respostas dadas pelos participantes, notamos uma intensa identificação com o texto, quando, por exemplo, a figura da mãe é colocada ao mesmo tempo como a salvadora e a que pune, semelhante com o que acontece em suas vidas; ao dizerem que a personagem sofre *bullying*, visto que este é um assunto presente em suas vidas; ao comentarem sobre as punições na escola quando fazem algo de errado, pois como acham que as personagens também estão em uma inimidade, esperam uma penalidade.

Além disso, tentam fazer uma sistematização dos elementos da narrativa, como o narrador e os personagens, passando, então, do epilinguístico para o metalinguístico. Mesmo que os alunos façam a sistematização de forma incorreta, o objetivo não é fazer a correção, pois eles aos poucos compreenderão os conceitos.

Em relação às intervenções feitas pela professora, percebemos que ocorreram com mais frequência do que em outros textos; uma possibilidade de explicação é a de que quando os alunos tentam sair muito do texto, para tentar retornar a ele, a docente acaba dando muitas sugestões para que eles percebam e retomem o assunto. Por outro lado, isso ajudou a fomentar o debate, fazendo com que os alunos concordassem ou não e argumentassem sobre o que havia sido afirmado. Isso pode ser confirmado pela extensão da discussão.

8.4 “Um apólogo” – Machado de Assis

O quarto texto analisado foi “Um apólogo”, de Machado de Assis. Esse texto marcou a retomada da pesquisa de campo em 2017 e, talvez por esse motivo, os participantes estivessem mais engajados em participar, visto que como só discutiram um texto no ano anterior, ficavam cobrando a professora-pesquisadora sobre quando as gravações continuariam.

Antes da obra ser levada para a sala de aula, ela foi analisada pela orientadora e professora-pesquisadora, sendo que foram destacados do texto alguns elementos como a ironia, o vocabulário empregado, as metáforas, a moral, as relações de trabalho, a universalidade do tempo através do “era uma vez”, entre outros. Percebemos que nem todos os elementos discutidos durante a orientação apareceram na pesquisa de campo, mas isso já era esperado, pois os alunos percebem gradativamente os elementos no texto e evitamos apontá-los - embora isso acontecesse algumas vezes -. Por outro lado, mesmo que esses não tenham sido falados, durante a discussão outros puderam aparecer.

Classificamos as interpretações dos alunos nos seguintes temas:

- a. Vocabulário;
- b. Caracterização das personagens;
- c. Possíveis interpretação da história;
- d. Críticas presentes na história;
- e. Imaginação e relação com a vida pessoal;
- f. Intervenção da professora;
- g. Questões epilinguísticas e metalinguísticas.

A seguir, associamos os temas a alguns recortes das transcrições dos encontros com os alunos:

a. Vocabulário

“**16 P:** Mas o que é coser?”

17 Alguns alunos: Costurar. (Falam juntos)”.

“**207 P:** Pensem pelo contexto. O que é melancólico? O que é ter melancolia?”

208 Caio: Uma coisa triste.

209 P: Então o que seria um professor de melancolia?”

210 Caio: Um professor triste.

211 Caio: Um professor de drama, dramático”.

“**212 P:** Depois por último ele fala assim para gente: “Também tenho servido de agulha a muita linha ordinária.” Isso poderia ser uma moral talvez?”

213 Alguns alunos: Sim.

214 Cláudio: O que é ordinária?”

215 Karla: É tipo uma agulha com a pessoa que é menos importante, e a linha é aquela pessoa importante”.

“**227 Leandro:** Professora o que significa a palavra galdos?”

228 P: Ah, galgos? Está escrito aqui embaixo. Pode ler, por favor?”

229 Cláudio: Onde?”

230 Nicolau: Galgos, cão de porte elevado, pernas longas e musculosas, abdômen estreito e focinho afinado e que se caracteriza pela agilidade e rapidez.

231 P: Quando ele usa esse galdos de Diana ele está querendo dizer assim: “Os dedos da costureira, ágeis como os de Diana”. Pelo o que o amigo leu, o que seria então? Do que ele está falando?

232 Caio: Rapidamente.

233 Hércules: Rápido.

234 P: Isso, os dedos da costureira são rápidos. Costuram com agilidade então”.

b. Caracterização das personagens

7 P: Por que elas estavam brigando?

8 Otacílio: Porque uma queria ser melhor que a outra. Para ver quem era melhor”.

26 Caio: Todos querem ser importantes, talvez uma das duas não tinham importância nenhuma. Elas achavam que eram importantes”.

41 P: Aqui na história quem se mostrou mais importante?

42 Alguns alunos: A linha (falam juntos).

43 P: Por que foi a linha?

44 Leandro: Porque ela fez o vestido, e ela vai no baile famoso”.

54 P: E o que a agulha fez?

55 Caio: Ficou lá na caixinha.

56 P: Mas antes dela ir para a caixinha, o que aconteceu com ela?

57 Caio: O alfinete também, ele apareceu na mesma. Eles ficaram também desprotegido. Porque o alfinete disse que não abria lugar.

58 P: O alfinete disse que não abria caminho para ninguém? Por que o alfinete disse isso?

59 Caio: Porque ele fica parado.

60 Danilo: Ele só sustenta lá”.

109 Marina: A agulha é trabalhadora e a linha é aproveitadora”.

c. Possíveis interpretações da história

“**77 P:** E aí, se a gente pensar também, pensando na mesma proporção da agulha e da linha, a história, quem costurou tudo isso?

78 Alguns alunos: A linha.

79 Alguns alunos: A agulha.

80 Alguns alunos: A costureira.

81 P: Isso, a costureira. E a costureira costurou para quem?

82 Marina: Para a mulher, a baronesa.

83 P: Aí, quem fez o trabalho?

84 Alguns alunos: A linha, a agulha, a costureira”.

“**89 Nicolau:** Então quem seria melhor seria a costureira, porque ela que fez o trabalho todo.

90 P: Então seria a costureira como a agulha!

91 Marina: É. E a baronesa como a linha.

92 P: E a baronesa como a linha?

93 Alguns alunos: É”.

“**136 P:** Tem uma hora que ele fala no texto dos batedores que vão diante do Imperador. Quem são esses batedores que vão à frente do Imperador?

137 Leandro: São os soldados.

138 P: São aqueles soldados que vão abrindo. Pra quem?

139 Leandro: São os soldadinhos de chumbo.

(Risos)

140 Marina: Para o Imperador passar.

141 P: E por que eles vão um monte de batedores e um Imperador atrás?

142 Leandro: Porque precisa de mais para dar recado.

143 P: Será que é só por isso?

144 Caio: E também para proteger o Imperador.

145 Caio: Porque ele é mais importante”.

“**149 P:** Será que é uma forma de estar apresentando o Imperador.

150 Alguns alunos: Sim.

151 Leandro: Você vê de longe aquele monte de soldados e vai saber que é o Imperador”.

“**156 P:** E como a gente pode compara de novo os batedores e o Imperador com a parte da agulha, da linha e da baronesa?

157 Nicolau: Porque numa parte a linha falou que a agulha furava e ia à frente, então a linha seria o Imperador que estava atrás.

158 Leandro: Porque também o batedor faz todo o trabalho e o Imperador não faz nada”.

“**235 P:** Sem ser essa moral, que outra moral vocês pensariam em dar para essa obra?

236 Leandro: Pra que trabalhar se (pausa) você não vai ganhar?

237 P: Como?

238 Alguns alunos: OOOOOH! (todos falam juntos).

239 P: Pode ser. Gente, é o que cada um está pensando.

240 P: Podem dizer.

241 Nicolau: A agulha e a costureira é uma classe social baixa e a baronesa alta. Eu acho que teria igualdade social.

242 P: Uma parte de igualdade social, que não deve ter essas distinções de classe?

243 Nicolau: Eu acho que a baronesa deveria ter representado, deveria ter elogiado o vestido”.

“**253 P:** Vocês acham que a linha fez isso de propósito só para a agulha trabalhar e ela poder ir ao baile ou não? Ela brigou realmente porque achava que era mais importante, que uma era mais importante que a outra?

254 Otacílio: Oh professora, eu acho que ela fez só para a agulha ir lá trabalhar e ela ir ao baile.

255 Otacílio: Para ela ir ao baile só.

256 P: Então você acha que a agulha foi manipulada pela linha?

257 Alguns alunos: Sim.

258 Nicolau: Na verdade eu acho que quem foi a malvada nessa história foi a agulha, porque ela que começou com o conflito”.

“**261 Leandro:** Professora, eu acho que a agulha teria seu papel, a linha é tipo, a baronesa vai usar o vestido, depois aí sai de moda e ela usa outro.

262 P: Ela usa outro. E aí o que vai acontecer quando sair de moda?

263 Leandro: A agulha vai para o lixo.

264 Caio: Não, a linha vai para o lixo.

265 P: Ah, então quer dizer que depois que ela recebeu a glória ela vai para o lixo?

266 Caio: Ahan.

267 Marina: Ou vai para o guarda roupa pelo menos”.

“**302 Caio:** Às vezes, as pessoas vendo a linha bordada, falam que linha bonita, ninguém fala do trabalho da agulha. Do trabalho muito bem feito da agulha. Todo mundo fala da linha”.

“**314 Hércules:** Sem a linha não vai costurar, mas sem a agulha também não vai”.

“**347 P:** O alfinete tem uma coisa que a agulha e a linha não têm. Que coisa é essa?

348 Otacílio: Cabeça”.

d. Críticas presentes na história

“**94 P:** E o que será que isso significaria, se a gente fosse pensar nisso?

95 Caio: Que uma é mais importante, uma é considerada mais importante que a outra, só que ela não faz o trabalho”.

“**99 P:** Então o trabalho delas está sendo reconhecido?

100 Alguns alunos: Não!

101 P: Ou será que esta sendo, que o que elas querem mesmo é ir ao baile e mostrar o que elas fizeram?

102 P: Ou não, que elas querem também ir ao baile?

103 Leandro: O professora, eu acho que tipo, a linha representa outra classe social que não se importa muito com as pessoas mais carentes.

104 Caio: Que filósofo.

105 P: Eu gostei muito dessa parte, que você falou da classe social. Quero que vocês falem mais sobre isso. Que comparação pode fazer nessa parte da linha, da agulha, a costureira e a baronesa e as classes sociais?

106 Caio: A agulha é daquela parte trabalhadora que faz todos os trabalhos, a linha é daquela parte que só compra que não faz nada e se acham a dona da terra.

107 José: A linha precisa da ajuda da agulha para fazer todo o trabalho.

108 Karla: Porque a agulha que liga a linha em torno dos pontos da costura.

109 Marina: A agulha é trabalhadora e a linha é aproveitadora.

110 P: Ela que aproveita depois o trabalho? Isso acontece no nosso dia a dia?

111 Alguns alunos: Sim (falam juntos)”.

“**113 P:** Como?

(Todos falam ao mesmo tempo).

114 Marina: Uma patroa e uma empregada.

115 P: Entre o patrão e o empregado.

116 Nicolau: Uma pessoa rica e que zomba da que não é”.

“**124 P:** Quem faz todo o trabalho recebe toda a glória?

125 Alguns alunos: Não (falam juntos).

126 Leandro: A classe média”.

“**127 P:** Por exemplo, a costureira fez o vestido, mas ela que vai receber os elogios?

128 Alguns alunos: Não (falam juntos).

129 Marina: A baronesa recebe os elogios.

130 Hércules: A baronesa.

131 P: A baronesa?

132 Nicolau: Por causa que ela que vai estar usando o vestido.

133 Henrique: Ninguém pensa que foi a costureira que fez o vestido”.

“**156 P:** E como a gente pode comparar de novo os batedores e o Imperador com a parte da agulha, da linha e da baronesa?

157 Nicolau: Porque numa parte a linha falou que a agulha furava e ia à frente, então a linha seria o Imperador que estava atrás.

158 Leandro: Porque também o batedor faz todo o trabalho e o Imperador não faz nada”.

“**184 P:** Quem está trabalhando?

185 Alguns alunos: A costureira (falam juntos).

186 P: Por que será que ele está mostrando que quem está trabalhando é a mulher?

187 José: Porque a mulher tem mais delicadeza para trabalhar.

188 P: Mas será que ele está colocando só isso?

(Todos falam ao mesmo tempo).

189 Caio: O alfinete são os homens, o alfinete não fazia nada. Os outros faziam tudo”.

“**347 P:** O alfinete tem uma coisa que a agulha e a linha não têm. Que coisa é essa?

348 Otacílio: Cabeça.

349 P: Por que será então que ele coloca o alfinete como tendo cabeça. O que seria esse ter cabeça?

350 José: Porque ele tem uma bolinha em cima dele.

351 P: Mas então o que seria ter essa cabeça?

352 Nicolau: Que ele é inteligente.

353 P: Que ele é inteligente?

(Todos falam ao mesmo tempo).

354 Nicolau: Porque exploram a mulher.

355 P: Ah, então é uma parte de exploração que está dizendo? Ele por ser o homem só precisava pensar?

356 Alguns alunos: É

357 José: É o chefe.

358 P: E as duas não tinham cabeça, elas ficavam como?

359 Caio: Trabalhando.

360 P: As duas só trabalhavam, mas não pensavam então?

361 Alguns alunos: É (falam juntos).

362 Caio: Elas não tinham direito.

363 P: Elas não tinham direito de opinar?

364 Caio: Eram como escravas, não falavam nada.

365 Caio: Não podiam falar.

(Todos falam ao mesmo tempo)”.

e. Imaginação e relação com a vida pessoal

“**70 P:** Se a agulha não existisse a linha não passaria?

71 Alguns alunos: Não.

72 Leandro: Sei lá.

73 Danilo: Se você pegasse um palitinho e amarasse a linha nele... (risos)”.

“**118 P:** Então o rico fica zombando do que seria mais pobre?

119 Leandro: Aqui na nossa cidade é diferente”.

“**205 P:** Lá no final do texto, aparece assim: “Contei essa história para o professor de melancolia”, que professor seria esse?

206 Marlon: Professor de literatura”.

“**218 P:** Então o que seria essa moral que vocês estão me falando? Expliquem melhor.

219 Leandro: Tipo, os políticos, tem um monte de pessoas honestas que votam nele, aí eles só pegam o dinheiro.

220 Caio: É quando tem pessoas boas que ajudam os outros, mas os outros são ordinários, pessoas ruins que não ajudam quando pedem, eles só mandam, não pedem por favor, não são educados.

(Bastante barulho ao fundo)”.

“**292 P:** Por que ninguém reconhecia o trabalho dela?

293 Alguns alunos: Sim, isso.

294 Hércules: Porque sem a agulha não tinha...

295 Leandro: O cara da entrega fica, trinta, dez horas da noite aí já é de manhã e ainda está lá.

296 José: Nada a ver.

297 Leandro: Continuando...aí o cara para pra dormir e quem recebe o crédito é o CF”.

f. Intervenção da professora

“**161 P:** Agora eu vou falar uma coisa, vamos ver se vocês perceberam uma diferença. Aqui no texto ele falou só sobre a agulha, a linha, a baronesa, a costureira. O que tem isso?

162 José: Ele falou da máquina também.

163 José: Tem a máquina também.

164 P: O que tem isso?

165 Leandro: A máquina não...

166 P: Mas ele colocou essas quatro pessoas assim, três trabalhando e uma aparecendo. O que tem isso?

167 Hércules: Quem?

168 P: A linha, a costureira, a baronesa e a agulha. O que tem isso?

169 Otacílio: Que a agulha, a linha e a costureira estavam trabalhando e a baronesa não, só aproveitando.

170 P: Sim, sim, mas o que tem isso? Tem uma diferença.

171 Nicolau: Que a agulha, a linha...

172 P: Tem uma coisa aí, uma coisa que está implícita.”.

“**177 Otacílio:** É alguma coisa específica.

178 P: Específica como?

(Todos falam ao mesmo tempo)

179 Sara: Não é uma qualquer.

180 Nicolau: Não está representando a linha como baronesa, a costureira como a agulha.

181 P: Vamos tentar, vou ser um pouco mais clara.

182 P: Ele está falando de algum homem?”

g. Questões epilingísticas e metalinguísticas

“**325 P:** E agora voltando para aquela parte que a gente tinha comentado sobre o título “Um Apólogo”, o que significa um apólogo?

326 Leandro: Coisas inanimadas que criam vida.

327 P: Que criam vida?

328 Otacílio: É uma fábula.

(Todos falam ao mesmo tempo).

329 Caio: É quando um objeto inanimado cria vida e representa uma situação do dia na literatura.

330 P: E qual a diferença entre isso para a fábula? Por que isso não é uma fábula?

331 Nicolau: Porque uma fábula os animais que falam.

332 Marlon: Na fábula tem animais.

333 Gregório: Porque eles são...

334 P: E por que será que ele deu o título desse conto de “Um Apólogo”?

335 Otacílio: Porque a agulha é um objeto e ela se transforma...

(Todos falam ao mesmo tempo).

336 Danilo: Cada um é um apólogo.

337 Sara: Porque a agulha e a linha elas são mulheres e elas falam no texto.

338 Marina: Porque é um conto com seres humanos”.

Percebemos, ao analisarmos as colocações dos alunos, que no primeiro contato com o texto, eles jogam com as interpretações, depois vão tecendo relações, o que leram passa a fazer sentido e aprofundam suas reflexões. Além disso, levam para suas interpretações os conhecimentos já adquiridos anteriormente, completando os sentidos do texto.

Dessa forma, com a maturidade, conseguem perceber os implícitos do texto, notando, então, as críticas sociais presentes e estabelecendo contatos com a atualidade, num movimento para fora do texto, como quando observam a desigualdade social entre os trabalhadores e patrões - linha, agulha e baronesa. Isso é visível também no vocabulário empregado por eles para poder explicar essas relações, como quando o aluno Leandro fala sobre as classes sociais (palavras que não estão presentes na obra lida). E não é apenas usar o vocábulo, mas entendê-lo e empregá-lo corretamente, como o discente fez.

Ademais, destacam outra figura que é considerada minoritária pela sociedade, a mulher. Exploram como essa figura é vista e tentam mostrar sua importância, questionando, por exemplo, porque apenas o alfinete (considerado como a figura masculina) tem cabeça e a agulha e outros objetos não.

Em relação às questões epilinguísticas, percebem que o texto é um apólogo através da análise das personagens - que são seres inanimados, fazendo uma sistematização e passando para as questões metalinguísticas. A docente em alguns pontos da discussão conduz a resposta dos alunos, não dando respostas completas, todavia fazendo perguntas mais diretas para que eles pensem, digam suas impressões ou concordem e discordem. Essas perguntas, embora sejam muito diretas, auxiliaram para que os participantes refletissem sobre alguns pontos mais obscuros e retomassem o texto quando começavam a privilegiar outros assuntos.

8.5 “Saudação ao Juazeiro do Norte” – Patativa do Assaré

O quinto texto analisado foi o cordel “Saudação do Juazeiro do Norte”, de Patativa do Assaré, em 2017. Antes de o texto ser levado para a sala de aula, ele foi estudado e alguns aspectos foram previamente destacados, porém não houve um encontro entre orientadora e professora-pesquisadora, ficando a análise restrita a um só olhar. Essa talvez seja uma das possíveis causas de os participantes não terem interagido de forma significativa com o texto.

Além disso, ao observarmos a transcrição e os recortes temáticos, percebemos, como já mencionado, uma menor fruição na discussão pelos alunos. Três pontos podem ser considerados para tentar esclarecer o que pode ter influenciado no resultado; o primeiro, que já foi apontado acima, mostra a importância de múltiplos olhares para o texto literário, abrindo caminho para novas perspectivas e interpretações, indicando, então, como eram essenciais as reuniões prévias antes da pesquisa de campo.

A segunda diz respeito ao ambiente em que o encontro foi realizado. No dia da pesquisa de campo, na aula, após a gravação das discussões, os alunos teriam avaliação de matemática e estavam tensos e ansiosos para fazê-la. Isso contribuiu negativamente, pois os participantes queriam que a pesquisa naquele dia terminasse/ou não rapidamente para fazerem a prova e, desse modo, perdiam o foco, não paravam para refletir, apenas jogavam as respostas.

E, um último motivo plausível seria a falta de contato e proximidade com o gênero textual trabalhado. No início das reflexões, os participantes tiveram dificuldade em classificar o texto - não que isso fosse esperado -, alguns falaram se tratar de um poema, outros de uma música e até crônica e legenda apareceram. A nomenclatura não é o mais importante, mas, sim, as características desse gênero, o que faz desse texto um cordel e foi justamente nesse ponto que eles se atrapalharam.

Após a transcrição, classificamos as interpretações dos alunos nos seguintes temas:

- a. Ritmo/sonoridade/metrificação;
- b. Questões epilinguísticas e metalinguísticas;
- c. Vozes presentes no texto;
- d. Possíveis interpretações;
- e. Relação com a vida pessoal;
- f. Figura do Padre Cícero Romão e figura do nordestino.

A seguir, associamos os temas a alguns recortes das transcrições dos encontros com os alunos:

a. Ritmo/sonoridade/metrificação

“4 Caio: Que parece uma música. E ele vai falando (lê um trecho, mas não dá para identificar qual é).

5 Leandro: Parece uma música, mas é um poema.

6 Alguns alunos: (Falam juntos) Um poema.

7 P: Parece um poema e não uma música?

8 Caio: Ele está falando, tem sempre, ele sempre fica com um tom (tararara.. – imita um som).

9 Marina: Rimas.

10 P: Tom aonde?

11 Leandro: Não é rimas.

12 Caio: Ele tem uma, tipo uma música que vai cantando assim, um tom mais alto e depois mais baixo.

13 Danilo: Só que a música repete.

14 José: Uma rima, uma rima.

15 P: Uma rima. O que você falou?

16 Danilo: Mas a música repete isso, a parte”.

“**21 Caio:** Não tem refrão”.

“**22 Caio:** Não é uma música. Tem um sentido, porque tem um ritmo, um ritmo marcado ele tem.

23 Otacílio: É um ritmo.

24 Otacílio: É um texto que tem um ritmo musical, mas não é uma música.”.

“**259 P:** Vamos voltar naquela parte lá no começo para ver se a gente consegue mais alguma coisa. Aquela parte que você falaram para mim da musicalidade.

260 P: Aonde vocês notam essa música no texto?

261 Leandro: Nas rimas.

262 Caio: Em todas as rimas.

263 Alguns alunos: Todos os versos.

264 Danilo: Todas as estrofes.

265 P: E onde aparecem essas rimas? O que seria isso?

(Silêncio por alguns segundos).

266 Danilo: É para falar uma rima?

(Não dá para entender o que é falado)

[...]

269 Karla: É no meio e no fim. É uma, aí duas.

270 Caio: Ele tem um ritmo, ele fala mais alto, depois mais baixo, mais alto.

[...]

273 P: Esse mais baixo poderia ser o que então?

274 Caio: Uma coisa menos importante, uma coisa que tem tanta importância..

275 Leandro: O mais importante.

276 P: Será que não tem importância?

277 Leandro: Acho que tem mais importância.

278 Caio: Não que ela, que quer destacar algumas partes, que tem que prestar mais atenção.

279 P: Porque tá falando de entonação, não é? Então tem, talvez tenha esse grau de importância.

280 Caio: Talvez seja para você prestar, prestar mais atenção numa coisa que não está explícito no texto, mas é importante saber?

[...]

283 Hércules: Professora, o tom mais baixo é quando ele está terminando a rima, porque na hora que começa, o tom é mais alto.

(Todos falam ao mesmo tempo, não dá para entender)".

b. Questões epilinguísticas e metalinguísticas

5 Leandro: Parece uma música, mas é um poema.

6 Alguns alunos: (Falam juntos) Um poema.

7 P: Parece um poema e não uma música?

8 Caio: Ele está falando, tem sempre, ele sempre fica com um tom (tararara.. – imita um som)".

22 Caio: Não é uma música. Tem um sentido, porque tem um ritmo, um ritmo marcado ele tem.

23 Otacílio: É um ritmo.

24 Otacílio: É um texto que tem um ritmo musical, mas não é uma música.

25 P: E se não é uma música ou um poema, o que poderia ser esse texto?

26 Leandro: Um pró-texto?

27 Henrique : Uma legenda?

28 Caio: Não.

29 Caio: Uma crônica?

30 P: Esse tipo de texto vocês não aprenderam. A gente vai aprender só no 9º ano. Mas vocês já escutaram falar naqueles, principalmente no Nordeste..

31 Caio: Cordel (fala antes da professora terminar a sua fala).

32 P: Isso.

33 Caio: A gente aprendeu.

[...]

38 Otacílio: Eu não tenho nem ideia do que que é isso.”.

c. Vozes presentes no texto

“**4 Caio:** Que parece uma música. E ele vai falando (lê um trecho, mas não dá para identificar qual é)”.

“**58 P:** Sobre o que está falando, sobre o que vai falar essa estrofe?”

59 Caio: Tá falando pra alguém que não teve estudo”.

d. Possíveis interpretações

“**46 P:** O colega perguntou pra gente o que é Juazeiro?”

47 Caio: É uma cidade.

48 Leandro: É.

49 P: É uma cidade aonde?

50 Caio: No Nordeste.

51 Danilo: Eu pensei que era uma árvore”.

“**58 P:** Sobre o que está falando, sobre o que vai falar essa estrofe?”

59 Caio: Tá falando pra alguém que não teve estudo.

60 Nicolau: É.

61 Nicolau: E que não tem dinheiro.

62 Marina: Mas é uma cidade de grande sorte.

63 P: Então de alguém que não tem dinheiro..

64 Leandro: Alguém tipo, os nordestinos, vai laça boi, por aí.

65 Nicolau: Está admirando a cidade de Juazeiro”.

“**66 P:** Ah, está admirando a cidade de Juazeiro. Então, a primeira coisa, é um eu lírico que se identifica como uma pessoa simples. É isso que vocês falaram? Que não teve estudo, que não tem dinheiro e que está fazendo homenagem..

67 Nicolau: É, fazendo uma admiração.

68 P: Uma admiração a Juazeiro.

69 Caio: Ou ele fez alguma coisa.

70 Otacílio: Pode ser a cidade dele.

71 P: Pode ser a cidade dele então..

72 Otacílio: E ele quer fazer uma homenagem a ela.

73 P: Ou aconteceu alguma coisa na cidade para fazer a homenagem?

74 Caio: Pode estar contando a história de alguém que viveu naquela cidade.

75 Leandro: O padre.

76 P: Que padre?

77 Alguns alunos: O Cícero Romão (falam juntos)”.

“**99 P:** Vocês estão falando que o padre fez feitos pelo Nordeste?

100 Giovani: É, devotado pela cidade.

101 P: E aí ele fala que esse padre é parecido com o quê?

102 Leandro: Um apólogo.

103 Danilo: Um apóstolo

104 Danilo: Um apóstolo do Norte.

105 Karla: Uma sementeira da fé.

106 P: Isso, um apóstolo do Norte. Quem eram os apóstolos?

107 Caio: Aqueles que seguiam Jesus.

108 P: E porque ele faz uma comparação do padre com os apóstolos?

109 Caio: Porque ele era muito bom, ajudava todo mundo e seguia Jesus como um apóstolo.

110 P: Pode ser. Pode falar o que você ia falar.

111 Karla: Porque ele falava a palavra de Deus”.

“**133 Caio:** E também ele fala que era doutor dos camponeses. Então, os camponeses eram curados pela fé.

134 P: Ah, uma boa ideia. Se o padre era tão conhecido, é pelo que que era conhecido será?

135 Caio: Porque faz milagres.

136 Otacílio: Porque ele pode ter a fé deles, ele pode fazer, transformar as pessoas, umas pessoas que tá doente, ele pode transformar e tira a doença daquela pessoa. A professora acredita?”.

“**144 P:** Quando uma pessoa morre, ela é sempre lembrada?

145 Caio: Muitas vezes não.

146 Alguns alunos: Depende (falam juntos).

147 Karla: Depende da importância.

148 Otacílio: Depende de quem ela foi, se foi uma pessoa boa”.

“**151 P:** E por que será que ele foi lembrado?

152 Caio: Porque ele foi uma pessoa boa, que ajudou.

153 Marina: É.

154 Otacílio: Porque ele ajudou as pessoas.

155 Caio: Geralmente quem fez mal também é lembrado”.

“**167 P:** Vamos continuar no texto então agora. Vamos dar uma olhadinha... Dão uma olhadinha no 6º parágrafo. Ele faz uma comparação de novo, eu acho. Vamos ver se vocês encontram alguma coisa e concordam comigo.

168 Caio: Que Juazeiro deveria ser uma, um...

169 Leandro: Jerusalém do Nordeste.

170 P: Por que será uma Jerusalém do Nordeste? O que será que significa isso?

171 Caio: Por causa do padre que era muito santo, era santo ajudava todo mundo como Jesus”.

“**180 P:** Então porque ele compara Jerusalém com o Nordeste?

181 Hércules: Porque é um lugar religioso.”.

“**183 Hércules:** E também, o padre que viveu lá (todos falam juntos, não dá para entender), igual Jesus, e muitas pessoas vão a Jerusalém e vai lá por causa do padre”.

“**186 Caio:** Ele também, ele fala que devia ser como um padrão, que as outras igrejas, comunidades, deviam se espelhar nele, porque foi uma coisa muito boa, ele fez uma coisa muito boa”.

“**205 Leandro:** Fala que ele morreu, mas está vivo dentro de cada um de nós.

206 P: Ah, ele morreu, mas mesmo assim está dentro de cada um de nós. O que significa isso que você me disse?

207 Leandro: Porque todo mundo lembra dele como alguém do bem.

208 Giovani: Todo mundo tem fé nele”.

“**220 Hércules:** Porque o santo reverendo se encontra entre, vivendo no peito de cada um”.

“**249 P:** E mais uma coisa que eu pergunto para vocês. Na hora que ele coloca, que faz relação entre o padre Cícero e coloca que ele é comparado com um apóstolo do Nordeste, por que será que o nosso autor, ele compara o padre com o apóstolo e não compara ele com alguma outra coisa? Por que comparar com o apóstolo?

250 Otacílio: Ele pode ser, ele pode ser, o Padre Cícero Romão pode ser um santo.

251 P: Como? Fala de novo.

252 Otacílio: O Padre Cícero Romão pode ser um santo para os nordestinos?

253 P: Ele pode ser um santo para os nordestinos. Que mais?

254 Caio: Eu acho que ele seguia Jesus com muita intensidade. Muita fé.

255 Cláudio: Muita fé.

256 P: Muita fé? Fala.

257 Leandro: Como os apóstolos defendiam Jesus, ele defendia o Nordeste”.

e. Relação com a vida pessoal

“**82 Caio:** Outro dia eu fui para a Paraíba e lá tem um lugar que tem várias coisas sobre essa, várias coisas turísticas, que aconteceram no Nordeste”.

“**144 P:** Quando uma pessoa morre, ela é sempre lembrada?

145 Caio: Muitas vezes não.

146 Alguns alunos: Depende (falam juntos).

147 Karla: Depende da importância.

148 Otacílio: Depende de quem ela foi, se foi uma pessoa boa.

149 Cláudio: O Dr. Samuel, ele morreu, ele é lembrado”.

f. Figura do Padre Cícero Romão e figura do nordestino

“**99 P:** Vocês estão falando que o padre fez feitos pelo Nordeste?”

100 Giovani: É, devotado pela cidade.

101 P: E aí ele fala que esse padre é parecido com o quê?

102 Leandro: Um apólogo.

103 Danilo: Um apóstolo

104 Danilo: Um apóstolo do Norte.

105 Karla: Uma sementeira da fé”.

“**115 Otacílio:** Eu acho que ele é conhecido porque ele ajudou a cidade e ajudou o Nordeste”.

“**117 Caio:** Eu sei que ele é conhecido, pois falam que tem uma festa pra ele.

118 Leandro: Porque ele é o padroeiro da cidade”.

“**133 Caio:** E também ele fala que era doutor dos camponeses. Então, os camponeses eram curados pela fé.

134 P: Ah, uma boa ideia. Se o padre era tão conhecido, é pelo que que era conhecido será?

135 Caio: Porque faz milagres.

136 Otacílio: Porque ele pode ter a fé deles, ele pode fazer, transformar as pessoas, umas pessoas que tá doente, ele pode transformar e tira a doença daquela pessoa. A professora acredita?”

“**143 Caio:** Que ele morreu só que ninguém esqueceu ele”.

“**171 Caio:** Por causa do padre que era muito santo, era santo ajudava todo mundo como Jesus”.

“**186 Caio:** Ele também, ele fala que devia ser como um padrão, que as outras igrejas, comunidades, deviam se espelhar nele, porque foi uma coisa muito boa, ele fez uma coisa muito boa”.

“**205 Leandro:** Fala que ele morreu, mas está vivo dentro de cada um de nós.”.

“**216 Hércules:** Professora, e lá, em Juazeiro, a cidade é muito piedosa.

217 P: Muito piedosa?

218 Hércules: É.

219 P: Por quê?

220 Hércules: Porque o santo reverendo se encontra entre, vivendo no peito de cada um”.

“**224 Caio:** Ele também fala que, do Nordeste, da do sertão, o José era preferido do alto.

225 P: Você falou uma coisa legal para mim, sobre o sertão, quem que então, quem seriam essas pessoas que vocês tinham falado antes, mais simples?

226 Caio: Que não tem muito coisa pra dar, então elas elas acharam Deus e elas..

227 P: Então, mas quem seriam essas pessoas?

228 Leandro: Quem, os Nordestinos clássicos.

229 Caio: Os Nordestinos.

230 P: É, são eles, mas tem outro nome. Lembra quando a gente falou deles naquela matéria sobre os causos.

[...]

233 Nicolau: O caboclo.

[...]

235 Caio: O padre.

236 Otacílio: Hum, aquele cara que, aquele cara que fazia o..., o Pedro Malazartes.

237 P: E o Pedro Malazartes era quem?

[...]

240 Caio: Ele era meio, era esperto, ele não era uma pessoa rica.

241 P: Podia ser a figura de um sertanejo?

242 Caio: Sim.

243 P: Mora no sertão?

244 Hércules: Sim.

245 Giovani: Caipira.

246 P: Um caipira.

247 Leandro: Sou caipira...

248 Hércules: Que até o texto fala sobre o sertanejo.”.

É notório nos recortes e transcrição que a mediação da professora-pesquisadora foi bem maior nesse texto se comparado aos demais; os participantes respondiam apenas ao que era perguntado e não procuravam tecer reflexões sozinhos. Percebemos essa menor interação nos silêncios presentes na discussão e também na quantidade de alunos que realmente participaram, visto que foram menores, principalmente, os apontamentos das meninas.

Por outro lado, logo após a leitura, os alunos questionaram a presença de ritmo no texto. Inicialmente, falaram de uma musicalidade, passando a analisar as sílabas poéticas, dizendo que tem umas mais altas e outras mais baixas. E terminaram afirmando que a música é, na verdade, o ritmo. Ou seja, em um mesmo texto, eles conseguiram analisar, sistematizar e passar das questões epilinguísticas para metalinguísticas.

Em relação à interpretação do cordel, percebemos que, no começo das discussões, os participantes ficaram muito fechados às palavras do texto, isto é, eles não fizeram interpretações e, quando foram questionados, responderam lendo uma parte do texto. Ademais, eles conseguiram tecer algumas comparações, principalmente, com suas histórias de vida, como, por exemplo, quando mencionam o Padre Cícero Romão que ajudava as pessoas e recordam o médico Samuel, que era conhecido por atender e ajudar os mais desfavorecidos socialmente. Fazem, também, referências externas, como quando relembram a figura do nordestino em Pedro Malazartes.

8.6 “A última crônica” – Fernando Sabino

A sexta obra analisada foi a crônica “A última crônica”, de Fernando Sabino. Esse texto, como podemos observar nos recortes abaixo e transcrição, foi muito explorado por alguns alunos, visto que outros só escutaram as discussões. Para um melhor desenvolvimento da análise na pesquisa de campo, houve uma reunião prévia entre orientadora e professora-pesquisadora.

Durante esse encontro, o texto foi lido e alguns quesitos foram levantados para serem apontados e trabalhados com os estudantes, tais como o vocabulário empregado, o gênero textual crônica, a intertextualidade, a relação entre crônica e poesia, as críticas sociais, a crise financeira *versus* a crise criativa, entre outros. Além disso, foi discutido que seria interessante mostrar aos alunos o poema “O último poema”, de Manuel Bandeira, para ver se eles conseguiriam relacionar os dois textos.

Como será visto nessa e em algumas outras obras, o que mais chamou atenção dos discentes foram as críticas sociais presentes, pois muitos se identificam com a situação,

rememorando suas próprias histórias, a de conhecidos e outras que escutaram falar. Isso mostra que o texto, além do prazer pela leitura, do valor estético, abre caminho para que os estudantes enxerguem o outro, tenham empatia e discutam as problemáticas existentes no mundo que os cercam.

Após a transcrição, fizemos o recorte e classificamos as interpretações dos alunos nos seguintes temas:

- a. Possíveis interpretações;
- b. Questões epilinguísticas e metalinguísticas;
- c. Caracterização das personagens;
- d. Críticas sociais presentes no texto.

A seguir, associamos os temas a alguns recortes das transcrições dos encontros com os alunos:

a. Possíveis interpretações

7 P: [...] O que vocês acharam do texto? De modo geral, depois a gente vai por partes.

8 Leandro: É bonito!

9 P: Por que é bonito, Leandro?

10 Leandro: Porque nosso cotidiano é em uma família comum, simples e humilde.

11 P: Mas que cotidiano? O que eles estão fazendo?

12 Leandro: Comemorando o aniversário da filha”.

14 Leandro: O autor do texto, poderia ser o que aconteceu de verdade. Porque ele poderia estar sem ideias e ficou observando. Aí, contou uma história que ele estava presente”.

29 P: E no começo do texto, o que ele está falando?

30 Leandro: Falando que ele estava sem ideia para escrever. Aí, ele foi no boteco tomar café com o Bocão. Aí, ele abaixou a cabeça porque não tinha ideia e ele estava pensando no que ele ia escrever. Sua última crônica”.

35 P: Aí, vocês me falaram que ele queria escrever o quê?

36 José: Uma crônica.

37 P: Uma crônica. Então, o que ele estava procurando ali, naquela mesa?

38 Caio: O cotidiano de cada família, de uma pessoa.

39 P: Mas, no começo, ele fala já que é de uma família?

40 Caio: Não, ele fala que queria só uma história.

41 Caio: Só uma ideia”.

“**43 José:** Aí, ele percebe a família lá no fundo. Aí, ele vai prestando atenção no que vai acontecendo. Aí, acontece de eles pedirem um pedaço de bolo, colocarem as velas, a coca-cola, acenderem a vela do parabéns, meio que discreto e arruma a fita. Aí, eu não lembro”.

“**51 P:** Aí, o que ele fez? Quando a gente não tem ideia, fica fazendo o quê?

52 Leandro: Pensando.

[...]

57 Caio: Ou você observa, dependendo do que você precisa.

[...]

63 P: O José e o Otacílio disseram que eles ficam observando a família. E depois?

64 Leandro: Depois ele começa a olhar mais detalhadamente. Aí, ele percebe que poderia ser uma crônica, o que estava acontecendo ali.”.

“**69 P:** Aí, nessa primeira parte ele tem uma frase que ele fala como ele gostaria que fosse essa, o texto dele. Como que é? Bem no começo...

[...]

78 Caio: “Eu pretendia recolher da vida diária, de seu disperso conteúdo. Mas, o fruto da convivência que a faz digna de ser vivida.”

79 P: Isso! Na verdade, o que ele queria... Mas o que ele queria encontrar para poder falar na crônica dele?

[...]

85 Leandro: Ele queria uma coisa diferente”.

“**90 P:** Depois a gente volta para essa parte, vamos para o restante. Quem sabe depois vocês percebem com o restante... Na segunda parte, o que ele começa falando?

91 Marlon: Ele observa a família.

[...]

94 P: Uma família no fundo do botequim. Você falou uma coisa interessante, José! Como é essa família? Quem é essa família?

95 José: É uma família de negros.

[...]

97 Otacílio: Com três pessoas.

[...]

99 Caio: Que é meio pobre...

[...]

104 P: O José tinha falado uma coisa interessante. Onde eles sentam?

105 José: No fundo.

106 Alguns alunos: No fundo.

107 P: No fundo. Por que eles não sentam na frente?

(Os alunos falam todos juntos).

108 P: O Gonçalo falou que é por causa da filha. Porque é um lugar reservado...

109 Caio: Ou talvez porque eles tenham medo de sofrer preconceito.

110 P: Eles podem ter medo de sofrer preconceito, então eles sentam no fundo.

111 José: Eu acho que eles sentam lá também para serem um pouco mais discretos. Já que eles não gostam de aparecer...

112 P: Eles não gostam de aparecer, por quê?

113 José: É aquilo que eles falaram, por causa do medo de sofrer preconceito”.

“**120 Otacílio:** Ela fica olhando para o móvel, a mãe.

121 P: A mãe ficava olhando o móvel, por quê?

122 Caio: Olhando para os lados...

123 P: O que mais? Por que será que ela ficava olhando para os lados, então?

124 Leandro: Porque ela queria ver se não tinha ninguém olhando...

125 P: Para ver se não tinha ninguém olhando para eles?

126 Caio: Para procurar o garçom.

127 P: Também, para procurar o garçom... O que mais?

128 Leandro: Para ver se não tem alguém olhando, pensando no que eles estão fazendo, se não estão fazendo alguma coisa errada...

129 P: Ah tá, então você falou que ela está olhando para ver se as pessoas estão olhando para ela, para eles?

130 Leandro: É, tipo pensando coisa ruim deles”.

“**134 José:** É, estar em um lugar sozinhos, que você fica olhando, assim para o lado.

135 P: E João, por que você acha que eles tinham medo? Medo por que?

136 Caio: Do preconceito.

137 Otacílio: Porque eles podiam ter sofrido preconceito.

138 P: Porque eles podiam ter sofrido preconceito antes? Em qualquer lugar, não só no botequim?

139 Otacílio: É!

140 Caio: Ou porque talvez tinha uma pessoa que eles não gostassem ou que eles, sei lá, não gostam e aí foram lá para o fundo e ficaram olhando para os lados para ver se essa pessoa não estava vindo”.

“**141 P:** Continuando nesse mesmo parágrafo, olhem as palavras... Vê o que fala das famílias sobre ele, que palavras descrevem essa família? Como ela é?

142 Leandro: Calma e silenciosa.

143 P: Calma e silenciosa! Por que será que eles eram silenciosos?

144 Leandro: Porque não queriam chamar muita atenção”.

“**166 P:** Por que será que eles ficavam tão quietos no canto deles?

167 Marlon: Para não chamar atenção.

168 Sara: Por vergonha...

169 P: Por vergonha! Mas vergonha do quê?

170 Caio: Por ficarem olhando...

171 Gonçalo: Por serem negros...

172 P: Vergonha por serem negros? E por que eles tinham que ter vergonha?

173 Caio: Porque muita gente tem preconceito.

174 Hércules: Muita gente não aceita eles”.

“**196 Caio:** Eles não estavam com fome. Parecia que eles iam...

197 Leandro: Foram só para comemorar o aniversário da menina.

198 Caio: Eles se preparavam para algo mais do que comer, não só comer.

199 Otacílio: Queriam mais do que matar a fome”.

“**220 P:** E ele está observando o quê? O que vai acontecer ali?

221 Leandro: O pai tira o dinheiro do bolso, discretamente contando...

222 P: Se ele está contando o dinheiro como você falou, Leandro, o que é isso? “Contar o dinheiro”.

223 José: Ele tem o dinheiro certo para comprar o bolo...

224 Gonçalo: Para ver o que ele pode comprar...

225 P: Para ver se ele tem o dinheiro certo, suficiente. Para ver o que ele pode comprar... três pedaços?

226 Alguns alunos: Não!

227 Hércules: Tinha três velinhas...

228 P: Tinha três velinhas. E quantos pedaços de bolo?

229 Alguns alunos: Um!

230 P: E em quantas pessoas eles eram?

231 Alguns alunos: Três!

232 P: E por que será que eles compraram só um pedaço?

233 Alguns alunos: Porque eles não tinham dinheiro suficiente”.

“**236 José:** Era um bolo simples.

237 P: Um bolo simples...

238 Leandro: Amarelo.

239 P: Amarelo... E como esse garçom colocou esse bolo?

240 Leandro: Pegou com a mão e colocou em um pratinho.

241 P: Com a mão? Mas ele colocou? Olha como está escrito!

242 Caio: Ele larga no pratinho.

243 P: Ele larga no pratinho! O que é isso, “largar no pratinho”?

244 Hércules: Ele deixa.

245 Otacílio: Ele joga.

246 P: Parece que ele joga assim. É como se fosse um carinho?

247 Alguns alunos: Não!

248 P: Por que ele faz isso com eles?

249 Danilo: Porque ele tem preconceito.

250 Hércules: Por que eles são negros.

[...]

253 Gonçalo: Mostra que ele é racista.

254 P: Ele pode ser racista?

255 Caio: Ou talvez, é porque ele é chato”.

“**260 P:** Vocês falaram para mim que o bolo era que cor?

261 Alguns alunos: Amarelo!

262 Gonçalo: Amarelo escuro!

263 P: Amarelo escuro. Quando a gente vê um bolo amarelo escuro...

264 Leandro: Ovo.

265 P: Lembra ovo podre?

266 Danilo: Não, sei lá. Um bolo bem simples”.

“**274 P:** Então por que será que ele gastou todo o dinheiro que ele tinha ali naquele bolo.

[...]

277 Caio: Para comemorar.

[...]

281 Hércules: Para fazer ela feliz”.

“**290 P:** Na outra parte, o que ele fala? Tem aquela parte que vocês já falaram, que ele vai largar o bolo no pratinho. Como que essa mãe, de onde ela tira essas velinhas?

291 Leandro: Da bolsa.

292 P: Como que é essa bolsa?

293 Leandro e Otacílio: Preta e brilhante.

[...]

297 Nicolau: Essa bolsa é preta, como se fosse a cor dela.”.

“**307 P:** E como eles falam dessa menina?

308 Caio: Que ela fica na expectativa olhando na garrafinha de coca e no pratinho.

[...]

310 Giovani: Como um animalzinho.

[...]

312 Danilo: Fica olhando o que você está comendo, querendo uma parte.

[...]

315 P: Só que Caio, você falou sobre o animal, isso tem o sentido positivo ou negativo?

316 Alguns alunos: Negativo!

[...]

319 Leandro: Porque ela fica observando.

[...]

321 Caio: Ela ficou observando a comida, como se ela não pudesse pegar.

[...]

327 Caio: Tipo, esperando o momento”.

“**334 P:** E agora no final? A última parte. O que vai acontecer?

335 Danilo: Ela tira as velinhas brancas.

336 P: Ó, uma coisa interessante... são velinhas brancas. Por que velinhas brancas?

337 Leandro: Para representar a paz.

338 P: Para representar a paz. O que mais?

339 Hércules: Pequenas.

340 Marina: Baratas”.

“**348 P:** Por que pequenas?

349 José: Porque são mais baratas.

350 P: Mais barato...

351 Caio: Ou, simplesmente, porque ela usa todo ano aquelas velas.

352 Caio: Porque, no final, ela diz que guarda na bolsa as velas”.

“**355 P:** Para poder usar no próximo ano?

356 Alguns alunos: Sim!

357 P: E Isso mostra o quê?

358 Nicolau: Ou por causa do bolo ser pequeno.

359 P: Porque o bolo é pequeno também...

360 José: A pobreza.

361 P: Por causa da pobreza? Como que a menina pega esse bolo?

362 Leandro: Apanha com as duas mãos e vai comendo.

363 P: E esse “apanha”? O que significa isso?

364 Alguns alunos: Pegar!

365 José: Pega com as duas mãos.

366 P: Pega com as duas mãos. Mas quando ela está com essa voracidade, é por que ela sempre come bolo ou...?

367 Alguns alunos: Não.

368 Leandro: Ela nunca come bolo.

369 José: Ela tem vontade de comer aquilo”.

“**A386 Leandro:** O pai da família olha e vê que o narrador está observando ele.

387 P: E o pai fica como?

388 Leandro: O pai dá um sorriso

[...]

390 José: Ele fica um pouco apreensivo antes de sorrir.

391 P: Por que ele fica apreensivo?

392 Leandro: Porque tem alguém observando.

[...]

397 P: Ele continua apreensivo depois?

398 Alguns alunos: Não!

399 P: O que ele faz?

400 Leandro: Ele sorri.

401 P: Por que será que ele sorri?

402 Leandro: Porque ele está feliz.

403 Nicolau: Porque ele é um homem bom.

404 P: Ele é um homem bom, a filha está feliz. Ele tem motivo para ficar triste?

405 Alguns alunos: Não.

406 P: E faz uma comparação para mim... entre o narrador e esse pai. O narrador, como ele estava?

407 Leandro: Estava triste, porque ele não tinha o que escrever.

408 P: E o pai?

409 Leandro: O pai estava meio abatido, mas ele fica feliz no final, porque a filha está feliz.

410 Danilo: Ele vê que tem alguém olhando, mas não com um olhar de preconceito, e sim com alguém que se importa”.

“**416 P:** [...] Como ele termina esse texto? Falando o quê?

417 Leandro: O narrador queria uma vida tão pura como o sorriso do pai.

418 P: Por que ele fala isso?

419 José: Por causa do sorriso da família.

420 Leandro: Ele percebe que é um sorriso real, não aquele sorriso falso.

421 José: É um sorriso de humildade, de conquistar.

422 P: Vocês tinham falado para mim, o que era a crônica mesmo?

423 Otacílio: História do cotidiano.

424 Caio: Contar uma história do cotidiano.

425 P: E esse narrador conseguiu isso?

426 Alguns alunos: Sim. (Respondem todos juntos.)”.

“**468 P:** Tem mais alguma coisa que vocês queiram falar sobre esse texto?

[...]

471 Nicolau: Do pedido.

472 P: O que vocês acham que a menina poderia ter pedido?

473 Bianca: Podia ter pedido menos preconceito.

474 Leandro: Que a cidade seja justa.

475 P: Por que será que ela faz esses pedidos que vocês estão me falando?

476 Caio: Porque ela pode sofrendo aquilo que ela está pedindo.

477 Lara: Porque ela pode ter necessidades.

478 P: Por que ela faz um pedido para a família e não para ela?

479 Nicolau: Porque a família é em primeiro lugar.

480 Lara: Porque os pais tiram deles para dar para ela.

481 Gonçalo: Porque a família deu o bolo para ela e não comeu nenhum pedaço.”.

“**490 P:** Só uma coisa que eu lembrei, mas é só para... Vocês já falaram, na verdade. No começo vocês falaram que o narrador estava o quê? Com uma crise...?

491 Caio: De ideia.

492 Caio: De imaginação.

493 Caio: De criatividade.

494 P: E a família, ela tem o quê? Uma crise...?

495 Leandro: Financeira.

496 P: Só que no final, quem prevalece? É a crise financeira, ou essa crise criativa?

497 Caio: Nenhuma.

498 P: Por quê?

499 Caio: Porque ele é uma forma de colocar pureza dentro do texto e a família fica feliz”.

b. Questões epilinguísticas e metalinguísticas

14 Leandro: O autor do texto, poderia ser o que aconteceu de verdade. Porque ele poderia estar sem ideias e ficou observando. Aí, contou uma história que ele estava presente.

15 P: O autor do texto, Leandro?

16 Leandro: Sim.

17 P: Certeza?

18 Leandro: Porque ele estava presente, olhando”.

23 P: É o personagem na história que vai contar? É isso?

24 Alguns alunos: Não.

25 P: Não?

26 Caio: É quem fala da história, quem conta a história para a pessoa”.

31 P: E o que era uma crônica, mesmo?

32 José: Uma crônica é uma história que fala sobre o dia a dia.

33 P: Sobre o cotidiano?

34 José: É.

35 P: Aí, vocês me falaram que ele queria escrever o quê?

36 José: Uma crônica.

37 P: Uma crônica. Então, o que ele estava procurando ali, naquela mesa?

38 Caio: O cotidiano de cada família, de uma pessoa”.

c. Caracterização das personagens

184 Caio: A menina, ela não se mexia, ela não balançava nem a perna.

185 Leandro: Ela fica sentada, quieta!

[...]

188 Hércules: Ela abaixou a cabeça na mesa para soprar as velas”.

[Em relação a mãe]: **297 Nicolau:** Essa bolsa é preta, como se fosse a cor dela”.

[Em relação ao pai]: **303 Marina:** A pureza por que ele é um trabalhador e as vezes ganha pouco...

304 Hércules: É honesto”.

“**307 P:** E como eles falam dessa menina?

308 Caio: Que ela fica na expectativa olhando na garrafinha de coca e no pratinho.

309 P: Mas aí, isso Giovani, o que você falou?

310 Giovani: Como um animalzinho”.

“**406 P:** E faz uma comparação para mim... entre o narrador e esse pai. O narrador, como ele estava?

407 Leandro: Estava triste, porque ele não tinha o que escrever.

408 P: E o pai?

409 Leandro: O pai estava meio abatido, mas ele fica feliz no final, porque a filha está feliz”.

d. Críticas sociais presentes no texto

“**108 P:** O Gonçalo falou que é por causa da filha. Porque é um lugar reservado...

109 Caio: Ou talvez porque eles tenham medo de sofrer preconceito”.

“**129 P:** Ah tá, então você falou que ela está olhando para ver se as pessoas estão olhando para ela, para eles?

130 Leandro: É, tipo pensando coisa ruim deles.

131 P: Pensando coisas ruins deles?

132 José: Não parece que eles estavam olhando com medo?”

“**135 P:** E João, por que você acha que eles tinham medo? Medo por que?

136 Caio: Do preconceito.

137 Otacílio: Porque eles podiam ter sofrido preconceito”.

“**169 P:** Por vergonha! Mas vergonha do quê?

170 Caio: Por ficarem olhando...

171 Gonçalo: Por serem negros...

172 P: Vergonha por serem negros? E por que eles tinham que ter vergonha?

173 Caio: Porque muita gente tem preconceito.

174 Hércules: Muita gente não aceita eles”.

“**357 P:** E Isso mostra o quê?

358 Nicolau: Ou por causa do bolo ser pequeno.

359 P: Porque o bolo é pequeno também...

360 José: A pobreza”.

É notória, logo no início da discussão, a identificação dos alunos com o texto. A primeira coisa que dizem é que gostaram e tiveram esse sentimento, pois o texto fala do cotidiano e, conseqüentemente, sobre suas próprias vidas. Desse modo, chamam atenção para a caracterização das personagens, revelando as críticas sociais presentes, como o racismo, o preconceito, a pobreza.

Em contrapartida aos aspectos negativos mencionados, ressaltam a importância da família, mesmo com todos os problemas. Estar ali, juntos, faz toda a diferença e até merece um sorriso libertador. Um questionamento que os participantes levantam é em relação ao pedido que a menina devia ter feito ao assoprar as velas do bolo: menos preconceito; mostrando que eles têm empatia e querem que a jovem garotinha seja respeitada.

Além disso, observamos que nesse texto os alunos sistematizaram vários aspectos, como o gênero textual crônica, tentando explicar suas características e alguns elementos da narrativa, como o narrador e personagem. Para conseguirem essa sistematização, contaram com o apoio da professora, que mediava as discussões e, às vezes, fazia uma intervenção mais específica, por exemplo, quando pede para eles tentarem diferenciar o narrador do autor do texto.

Um aspecto negativo que deve ser destacado é a participação efetiva de poucos alunos; vemos os mesmos estudantes falando durante toda a discussão. Em momento e outro, surge uma voz que ainda não havia aparecido, principalmente em perguntas mais gerais e fáceis, mas é algo pontual. Por outro lado, os que se dispuseram a participar, cumprem essa tarefa muito bem, escutando, observando e falando do início ao fim.

8.7 “A valsa” – Casimiro de Abreu

O último texto analisado em 2017 foi o poema “A valsa”, de Casimiro de Abreu. Podemos observar através do recorte temático abaixo e da transcrição uma maior agitação dos participantes se compararmos a outras análises. Os alunos conversavam muito e falavam ao mesmo tempo, dificultando a transcrição do áudio e a compreensão do que estavam discutindo.

Isso pode ter acontecido devido ao fato de a pesquisa de campo ter ocorrido no final do ano, em uma sexta-feira, na última aula do período, mostrando que os alunos já estavam cansados, queriam aproveitar o fim de semana e, desse modo, não prestavam tanta atenção ao que era solicitado, davam respostas curtas, não faziam reflexões mais complexas, entre outros.

Antes de o texto ter sido lido e interpretado pelos discentes, houve uma análise prévia da professora-pesquisadora juntamente com a orientadora, para ressaltar alguns aspectos importantes do texto e que seriam interessantes se os estudantes questionassem. Dessa forma, podemos destacar o gênero poesia, o ritmo do poema e a relação com a valsa, o tempo - da lembrança e da enunciação, a adjetivação, entre outras coisas.

Após a transcrição, classificamos as interpretações dos alunos nos seguintes temas:

- a. Possíveis interpretações;
- b. Impressões dos alunos;
- c. Intervenção da professora;
- d. Ritmo/sonoridade.

A seguir, associamos os temas a alguns recortes das transcrições dos encontros com os alunos:

a. Possíveis interpretações

“**11 Caio:** Parece que ele estava observando uma moça dançar e ele achou ela muito bonita e gostava dela. Só que ela não prestava nem atenção nele”.

“**17 Caio:** Ele queria falar com ela, mas não conseguia falar.

18 P: Ele queria falar com ela, mas não conseguia?

19 Caio: Ele estava mudo.

[...]

22 Leandro: Ela nem deu bola para ele.

23 Leandro: Estava em uma festa, assim, aí um monte de gente estava observando ela, mas ele estava com medo de chegar e falar com ela”.

“**38 Gonçalo:** O modo que ele falou, parece que ele não está dançando com ela.

[...]

41 Lara: Ele está olhando ela com outra pessoa.

42 P: Ah, então ele está com ciúmes olhando ela com essa outra pessoa.

43 Caio: Professora, ele está contando para ela o que aconteceu ontem, “tu ontem”.

44 P: Presta atenção, o Caio falou uma coisa interessante, “Tu ontem”. O que significa quando ele fala “Tu ontem”?

[...]

47 Leandro: No dia da festa, ele podia não ter coragem, mas no outro dia ele teria coragem de falar com ela”.

“**60 Otacílio:** Ela podia ser namorada dele, só que ele viu ela com outro.

61 Caio: Ele estava se penalizando porque ele achava que era louco, ele sentir o amor por ela.

62 P: Vocês acham que ele é louco por sentir um amor por ela?

63 Caio: Ele achava isso. Ela também, parece que ele sentiu.

64 Marina: Ele era apaixonado por ela”.

“**74 Eduardo:** Ele ficou com ciúmes.

[...]

78 José: Ele estava falando que o colo dela era dele.

79 José: Que pertencia a ele”.

“**80 P:** Quando a gente percebe, ele fala que o movimento de cabelo, o que seria isso, esse movimento de cabelo?

81 Gonçalo: Ela dançando”.

“**91 Caio:** Ela estava no colo de outro cara e ele falava que ela tinha que estar no dele”.

“**100 P:** Continuando. O colo que ele fala aqui, não é colo de sentar no colo, é colo como se fosse de estar...

101 Sara: Abraçado”.

“**107 P:** Se eles estavam achando que eles estavam ali, eles estavam ali mesmo dançando? E depois fala assim: “E os olhos, / Escuros / Tão puros [...]”.

108 Eduardo: Ela estava dançando com ele olhando para outro”.

“**112 P:** Não sei ué, vocês estão falando igual lá no texto? E como será que ele estava se sentindo com ela dançando com ele, mas olhando para outro?”

113 José: Isolado.

114 José: Usado.

115 Leandro: Traído”.

“**117 Marlon:** Professora?

118 P: Oi.

119 Marlon: Eu acho que ela estava traindo ele.

120 P: Ah, você acha que ela estava traindo ele?

121 Marlon: É!

122 Nicolau: Ela quis usar para fazer ciúmes.

123 Caio: Eu acho que ela estava traindo ele pelo olhar.

124 Bianca: Ele terminou com ela, e aí ela olha para outro para fazer ciúmes nele”.

“**133 Leandro:** Professora, eu acho que ela estava com ele, mas olhando outro, para mostrar que não era só ele que cobiçava ela.

134 P: Não era só ele que cobiçava ela, mas os outros também? Isso?

135 Leandro: Sim.

136 Lara: Ela estava com ele, mas não era de ninguém.

137 P: Ela estava com ele, mas na verdade não era de ninguém?

138 Lara: Isso.

(Os alunos falam todos juntos).

139 P: Como aparece nesse trecho, como ele se sentia?

140 Otacílio: Triste.

141 Nicolau: Usado.

142 Caio: Com ciúmes.

143 Nicolau: Como se ela não ligasse para ele.

144 P: E ele ali, naquele instante, ele não via, ele só sentia?

145 Caio: Ele via tudo.

146 Otacílio: Ele via, mas ele tinha vergonha de contar para ela.

147 P: Ele via, mas tinha vergonha?

148 Hércules: É, ele não tinha coragem”.

“**152 Caio:** Eu acho que eles poderiam ser amigos, e essa moça, ela tinha um namorado que gostava dela, e eles estavam dançando e esse namorado chegava”.

“**154 Danilo:** Ela sabia que ele olhava.

155 Otacílio: Ela descobriu que ele estava percebendo”.

“**158 P:** Ela não sabia o que fazer?

159 Caio: Ela não sabia de quem ela gostava”.

“**168 Leandro:** Ele podia querer humilhar ela, pois ela estava traindo ele.

169 Caio: Ou talvez ela ficou triste, porque ela percebeu que gostava do outro e não daquele que ela estava abraçando”.

“**170 P:** Pode ser. E no fim ele fala assim: Batida caída [...]”. O que significa isso?

171 Lara: Que ela está morta.

172 P: Morta? Por quê?

173 Danilo: Porque ele matou ela.

174 Otacílio: Ela ficou muito triste.

175 Lara: Ele terminou com ela.

176 Otacílio: Talvez ela tenha desmaiado por ficar nervosa.

177 Otacílio: Porque ela estava traindo ele”.

“**182 Caio:** Ela ficou muito triste, porque aquele que ela realmente gostava foi embora, porque ele gostava dela e não queria ficar vendo aquela cena. Aí, ela ficou triste querendo ele de volta.

183 P: Queria ele de volta.

184 Lara: Porque ele estava olhando para outra mulher.

185 José: Eu acho que ela morreu, ou desmaiou.

186 P: Por que você acha que ela morreu?

187 José: Ah, não sei. Porque ela estava com muita pressão. Ela estava olhando para o cara que ela estava gostando de verdade, e o cara que ela gostava estava olhando para outra pessoa. Aí ela morreu”.

“**190 P:** Se recordando, só que tem uma hora que ele fala assim: “Valsavas: / - Teus belos / Cabelos [...]”. Parece que ele está ali olhando tudo aquilo?

191 Caio: Sim. Ele dá muita referência.

192 Leandro: Ele podia estar fantasiando.

193 P: Fantasiando?

194 Leandro: Sim, ele foi na festa e pensou em uma moça que não existiu.

195 Lara: Ou ele viu e falou.

196 Caio: Ou ele ficou vendo e prestando atenção nos movimentos”.

“**219 Otacílio:** Ele podia ter feito esse texto, por causa que foi na valsa que aconteceu isso e ele escreveu isso no dia depois.

220 P: Você quer dizer assim, que eles dançaram a valsa, e por terem dançado, ele escreveu no outro dia o texto como se fosse uma valsa o texto?

221 Sara: Pode ser um sonho”.

b. Impressões dos alunos

“**27 José:** Eu não gostei.

28 P: Por que você não gostou, José?

29 José: Sei lá, é estranho.

30 P: Você achou estranho?

(Os alunos falam todos juntos).

31 P: Será que não é estranho por que vocês não entenderam direito?

32 Hércules: Não, eu acho que esse texto não é legal, mesmo.

33 P: Vamos ver...

Professora faz a leitura da primeira estrofe”.

c. Intervenção da professora

“**41 Lara:** Ele está olhando ela com outra pessoa.

42 P: Ah, então ele está com ciúmes olhando ela com essa outra pessoa”.

“**55 Hércules:** Ela estava conversando com outro.

56 P: Ela estava conversando com outro e ele estava olhando?”

72 Nicolau: E ela estava sorrindo.

73 P: Ah, então ela estava sorrindo, Nicolau, e achava que era para ele, mas não era para ele?”

93 Otacílio: Que ela está no colo de outro.

94 P: No colo de outro?

95 Otacílio: É.

96 Caio: No colo, que é dele.

97 P: Se o colo é dele, o colo é de outro?

98 Otacílio: No colo da mãe dele, então.

99 Caio: Não”.

d. Ritmo/sonoridade

197 P: Vocês perceberam alguma parte da sonoridade do ritmo?

198 Caio: Sim.

199 P: O quê?

200 José: Você lê muito rápido.

201 P: Mas o que é esse ler rápido?

202 Leandro: É uma música.

203 Gonçalo: É o ritmo do texto.

204 José: É um poema.

205 Gonçalo: Ele fala rápido.

206 Caio: Ele vai rimando.

207 Bianca: É o ritmo da valsa”.

210 P: Como é a valsa?

(Alguns alunos tentam cantarolar a valsa).

211 José: É rápido.

212 P: Eu vou ler rapidamente de novo, vê se parece com o ritmo da valsa.

(A professora faz a leitura).

213 P: Parece que é uma valsa?

214 Otacílio: Sim.

215 Eduardo: Não, pois está lento.

(Os alunos falam todos juntos)”.

“**216 Gonçalo:** Ela estava valsando.

217 P: Além do ritmo, ela estava dançando?

218 Alguns alunos: Valsando”.

Percebemos com a análise das respostas dos participantes que eles tiveram mais dificuldade para compreender e interpretar esse texto e uma possível causa já foi apontada no início do capítulo. Para ajudar na interpretação, houve mais de uma leitura em voz alta pela professora, lendo o texto inteiro uma primeira vez e depois por partes, para ver se assim os alunos se atentavam aos elementos do texto e se conseguiam entender melhor o que ali estava escrito.

Através dessas leituras mais fragmentadas, eles conseguiram fazer uma análise, mas tentavam a todo momento sair do texto, criar respostas que não tinham relação com o que estava escrito e não conseguiram chegar a um consenso sobre as proposições analisadas. Além disso, conseqüentemente, ficou evidente uma maior intervenção da docente nesse trabalho, visto que ela tinha que lançar várias perguntas para eles responderem, caso contrário a discussão ficava travada.

Ademais, os alunos apontaram logo após a primeira leitura que não haviam gostado do texto, que o acharam estranho. Talvez esse estranhamento se deva ao fato de ser um texto mais subjetivo e que necessitava de uma maior atenção. Propositamente, o poema “A valsa” foi deixado como último texto do ano, pois era esperado que, com a maturidade dos participantes e o contato que tiveram com os outros textos, eles se sentissem mais seguros e preparados para uma análise.

Por ter ficado muito para o fim do ano, percebemos que a estratégia utilizada não foi bem sucedida e, dessa maneira, é um exemplo do que poderia ser repensado para os próximos encontros, para evitar novo equívoco.

8.8 “Morte do leiteiro” - Carlos Drummond de Andrade

No ano de 2018, foram analisados na pesquisa de campo dois encontros com textos poéticos, sendo o primeiro deles com o poema “Morte do leiteiro”, de Carlos Drummond de Andrade. Um trabalho prévio foi realizado através do ambiente virtual entre orientadora e professora-pesquisadora, sendo destacados aspectos como o vocabulário empregado; a figura

do leiteiro; os temas atuais relacionados ao poema - violência, morte, expressão “bandido bom é bandido morto”, figura do trabalhador implícito que carrega o país, as injustiças sociais -; a imaginação do leitor para preencher as lacunas da história; a narratividade; o paradoxo nascer do dia *versus* morte do leiteiro, dentre outros.

Em relação aos participantes, notamos que poucos alunos participaram ativamente, outros deram respostas pontuais e, a maioria, permaneceu em silêncio. Observamos que esse silêncio pode estar relacionado ao fato de o texto selecionado ter sido um poema, visto que muitos ainda não se sentem confortáveis ou ainda têm a visão cristalizada de que poesia é difícil. A escolha do texto foi proposital, justamente para esses paradigmas serem quebrados aos poucos, e o resultado já se mostrou satisfatório, pois a relação entre esse texto e os participantes foi muito melhor do que com um outro texto poético apresentado anteriormente, “A valsa”.

Em contrapartida, os que se envolveram no debate se empenharam muito, refletindo, interpretando, questionando e argumentando sobre o texto apresentado. Além disso, se identificaram com muitas passagens, principalmente, em relação aos problemas sociais, realidade de muitas famílias e que ainda perduram na sociedade. De modo diverso ao apresentado nas análises dos textos anteriores, para o poema “Morte do leiteiro” foi colocado o próprio Carlos Drummond de Andrade fazendo a declamação do texto e, para a análise, a professora lia estrofe por estrofe, tentando chamar a atenção dos alunos e fazendo um trabalho minucioso.

Após a transcrição, classificamos as interpretações dos alunos nos seguintes temas:

- a. Possíveis interpretações;
- b. Assuntos relacionados ao cotidiano dos alunos;
- c. Questões epilinguísticas e metalinguísticas;
- d. Percepção dos implícitos no texto;
- e. Intervenção da professora.

A seguir, associamos os temas a alguns recortes das transcrições dos encontros com os alunos:

a. Possíveis interpretações

3 P: Todo mundo entendeu o que acontece no poema? E sobre o que vocês querem falar sobre ele? O que vocês entenderam?

4 Otacílio: Ele morreu.

5 Caio: Uma crítica social”.

6 P: Ele morreu. Mas por que ele morreu? O que será que aconteceu?

7 Leandro: É.

8 Leandro: Ele foi confundido com o ladrão, tomou vários tiros no peito (faz o barulho de um tiro).

9 Nicolau: Ele era leiteiro, foi entregar o leite e morreu.

10 Caio: Uma crítica social”.

12 Nicolau: (Não dá para entender o início da resposta) Ele era leiteiro, foi fazer seu trabalho, porém foi confundido com o ladrão e mataram ele. Só que ele era inocente”.

13 P: O que você falou, Caio?

14 Caio: É uma crítica social.

15 P: Por quê?

16 Leandro: Porque a mesma arma que serve para matar bandido pode matar qualquer um.

17 Caio: É do mesmo jeito que inocentes são mortos por nada, pelo simples fato de estarem fazendo o que deviam fazer”.

18 P: Pode ser. É uma leitura possível. Vocês sabem que o poema, ele não tem apenas uma leitura, ele pode ter várias. Então, cada um de vocês pode ter uma interpretação diferente. Vamos lá na primeira estrofe. Tem alguma coisa que chamou a atenção de vocês?

19 Nicolau: A fome no país”.

24 Nicolau: Que estamos passando por uma crise.

25 P: Ele está falando que o país está passando uma crise? Então o que ele está dizendo?

26 A: Que nem todo mundo tem dinheiro para comprar leite.

27 P: Que nem todo mundo tem dinheiro para comprar leite? E nesse poema, quem compra leite? É qualquer pessoa, é quem?

28 Alguns alunos: Os ricos”.

42 Caio: Muita sede no país.

43 P: O que é muita sede no país?

44 Caio: Seria fome.

45 P: Fome.

46 Nicolau: Eu achei que é fome”.

48 Caio: O pouco leite no país seria uma questão da desigualdade que existe entre as pessoas. O pouco que tem são só para as pessoas ricas”.

52 P: O que você entendeu como sede, Leandro?

53 Leandro: Que o país tem sede de sangue.

54 P: Sede de sangue?

55 Leandro: Que sempre procura alguém para culpar por alguma coisa. Quer crucificar a pessoa.

56 Caio: Acho que talvez essa pouca quantidade de leite que geraria a grande desigualdade.

57 Leandro: Sei lá, é o que eu acho, mano. As brigas”.

61 Caio: Sede pelos ladrões talvez, pela vontade de acabar com a violência, num país com a legenda de que ladrão se mata com tiro.

62 P: O que significa isso? Há no país uma legenda que ladrão se mata com tiro?

63 Caio: Que a única forma de você acabar com um ladrão é você dando um tiro nele.

64 Hércules: Muitas pessoas acham que se ele for preso, quando ele sair, ele pode voltar e vai matar. E se matar, ele não volta mais para fazer isso”.

74 Giovanna: E no serviço dele, ele é morto, sem ter feito nada.

75 P: Então ele saiu para trabalhar honestamente e acabou sendo morto sem motivo.

76 Leandro: Nem todo mundo tem o que merece, pessoas ruins não vão pagar pelo o que elas fizeram”.

82 P: O que significa isso? Leite bom para pessoas ruins.

83 Leandro: É uma crítica social, falando que tem, a maioria das pessoas é ruim. É isso que eu pensei. Cresceu na vida usando os outros de escada.

84 P: E por que ele coloca “leite bom”?

85 Leandro: Por que ele está falando que o produto dele é bom. Fazendo propaganda”.

87 P: Pensem no leite. O que é o “leite”?

88 Danilo: Líquido branco.

89 Leandro: A forma de trabalho.

90 P: O que mais?

91 Caio: Que serve de alimento para as crianças.

92 Leandro: Não, não só para as crianças.

93 P: Por quê? Não só para as crianças, mas por que para as crianças, primeiro?

(Os alunos falam todos ao mesmo tempo, não dá para entender).

94 Giovanna: Por que elas nascem e o primeiro alimento que recebem o leite da mãe.

95 P: E se elas não receberem o leite?

96 Danilo: Elas morrem.

97 Alguns alunos: Elas morrem.

98 Giovanna: A vida é o leite.

99 P: Leite é vida, Gi?

100 Alguns alunos: Ohhh!”

112 Nicolau: “[...] para todos criarem força na luta brava da cidade”.

113 P: O que é isso?

114 Leandro: Falando que a vida na cidade não é fácil e, tipo, que eles precisam de uma motivação.

115 P: Então esse leite é como se fosse um combustível?

116 Alguns alunos: É.

117 Algum aluno que não dá para identificar: Misericórdia!

118 P: Para eles poderem fazer o quê?

119 Leandro: Trabalhar, viver...

120 Nicolau: Como se fosse um combustível para as pessoas.

121 P: E quem não tem o leite? Vai ter o combustível como?

122 Leandro: Não vai ter.

123 Giovanna: Vai passar fome.

124 P: E aí vai fazer o quê?

125 Giovanna: Até mesmo morrer”.

141 P: O que mais? Mais alguns coisa nessa estrofe? A terceira estrofe vem até aqui, no finalzinho, na próxima página, na outra coluna.

142 Caio: As palavras que ele usa para descrever esse leiteiro.

143 Leandro: Ah, já sei, já sei. Não importa o lugar, ele vai entregar o leite. Tipo, mesmo que seja numa vizinhança ruim, rua cheia de bandidos”.

“**148 P:** E como que ele entrega esse leite?

149 Caio: De forma silenciosa.

150 Giovana: Sem fazer barulho para não acordar as outras pessoas.

151 P: E por que será que ele não quer acordar ninguém?

152 Leandro: Para não arrumar confusão.

153 P: Para não arrumar confusão.

154 Danilo: Porque ele pode ser confundido com bandido”.

“**158 Leandro:** Porque ele sabe que não é fácil trabalhar e que a pessoa tem que descansar.

159 P: Ah, então todo mundo é trabalhador e se ele acordar...

160 Leandro: Não.

161 Giovanna: Nem todo mundo é trabalhador”.

“**172 Nicolau:** “[...] passo errado, / vaso de flor no caminho / cão latindo por princípio / ou um gato quizilento [...]”. Então ele fez barulho, acordou.

173 Caio: Ele fala de andar rastejando.

174 Danilo: Ele sempre faz alguma coisa. Pisa errado, faz barulho de alguma forma.

175 Caio: Ele desliza, ele diz.

176 P: E esse fazer errado é algo bom?

177 Leandro: Não.

178 P: O que a sociedade cobra da gente?

179 Leandro: A perfeição.

180 P: A perfeição. E aqui ele foi perfeito?

181 Alguns alunos: Não.

182 P: Mas será que esse não perfeito é algo ruim?

183 Alguns alunos: Não”.

“**191 Nicolau:** “[...] E há sempre um senhor que / acorda, / resmunga e torna a dormir”.

192 Caio: Isso pode ser uma alusão a todos que sabem que a desigualdade anda a solta e vê, mas depois esquece tudo isso que está vendo.

193 P: Ah, pode ser, Caio. Então você acha que esse trechinho é uma alusão a que as pessoas enxergam na rua, enxergam a desigualdade, elas veem, mas fingem que não estão vendo.

194 Caio: Esses passos errados que ele fala, desses esbarros, seriam as partes que elas se mostram. Talvez fariam as pessoas acordarem para elas e eles dormirem novamente e esquecerem”.

“**196 Caio:** Um senhor, alguém pega uma arma.

197 P: No próximo?

198 Alguns alunos: Sim.

199 Nicolau: Não, não falou que matou. Falou que pegou uma arma.

200 Danilo: Ele fez barulho, o dono da casa achou que era um ladrão e pegou uma arma.

201 P: E todo mundo pode ter arma?

202 Alguns alunos: Não.

203 P: Por quê?

204 Leandro: Porque tem gente que não tem psicológico e tem gente que (não termina a frase).

205 Eduardo: Tem o psicológico vazio.

206 Nicolau: Tem até a lei que não pode.

207 P: E depois? Que mais no próximo?

(Alguns segundos de silêncio).

208 Danilo: Ele morre.

209 Nicolau: Ele é confundido com um ladrão”.

“**213 Caio:** Essa pessoa que matou, a que pegou a arma. Ele vê que essa pessoa está mostrando a desigualdade e talvez ele queria acabar, esconder que existe lado ruim.

214 P: E quando ele fala assim: “Ladrão? se pega com tiro. / os tiros na madrugada / liquidaram meu leiteiro [...]”. O que ele quer falar com isso?

215 Leandro: Porque ele é confundido com o ladrão. É tipo o dono da casa falando: - Ladrão?”

“**218 Caio:** É a legenda do país, ladrão se mata com tiro.

219 P: E essa legenda deu certo?

220 Alguns alunos: Não.

221 P: Sim ou não?

222 Nicolau: Mataram um inocente”.

“**223 P:** Não porque ele matou um inocente. Sim por quê, Caio?

224 Caio: Sim, porque ele fez o que falava a lenda, ele achava que era ladrão e matou com um tiro.

225 P: Mas ele era ladrão?

226 Alguns alunos: Não.

227 Caio: Mas ele foi precipitado”.

“**233 P:** E ele coloca assim: “meu leiteiro”. Por quê?

234 Leandro: Porque ele entregava leite para ele.

235 P: Porque ele entregava leite para ele. Era alguém conhecido?

236 Danilo: Se fosse alguém conhecido, ele não teria confundido com o ladrão. Se ele soubesse que todo dia ele ia lá.

237 Caio: Mas pode ser o próprio poeta falando do leiteiro, não necessariamente outra pessoa.

238 P: Mas por que você acha que o poeta está falando do leiteiro?

239 Caio: Porque era uma pessoa importante para ele. Alguém que ele achava que estava fazendo algo bom.

240 Danilo: Ele era um vizinho, estava observando.

241 Leandro: Parece aqueles fofoqueiros. Tipo, às seis horas da manhã já está lá”.

“**245 Caio:** Ele viu que matou um inocente e ele muda a própria lenda que existe, que mata ladrão e também mata pessoas inocentes.

246 P: Isso, que mata inocente. Mas continuem lendo a estrofe. O que mais que ele fala? Vamos ver se vocês percebem alguma coisa aí.

(Silêncio por alguns segundos).

247 Nicolau: “[...] Bala que mata gatuno / também serve para furtar / a vida de nosso irmão”.

248 Caio: Acho que tem a ver com a polícia e sobre a eficácia dos serviços”.

“**249 Danilo:** “Polícia não bota a mão”.

250 P: Por que polícia não bota a mão? Ele fala assim: “Quem quiser que chame médico / polícia não bota a mão”.

251 Caio: Porque ela pode ser culpada depois por isso.

252 P: A polícia vai ser culpada?

253 Caio: Pode ser culpada”.

“**262 P:** Por que não pode chamar a polícia?

262 Giovanna: Porque ele passa a ser culpado.

264 Caio: Ele era uma pessoa importante para a sociedade e não aconteceria nada.

265 Danilo: Ou ele era policial.

266 Caio: Ele era uma pessoa importante, um político, uma pessoa influente da sociedade.

267 Otacílio: O prefeito.

268 Caio: E, por isso, se chamasse a polícia só ia ajudar a acobertar mais ainda o crime”.

“**276 Caio:** “Filho de meu pai” pode ser uma referência a Deus.

277 Leandro: É.

278 P: Então todos nós somos filhos de um Deus?

279 Danilo: Às vezes é por isso que está salva a propriedade. Por ele ser inocente e ter sido morto, às vezes ele está salvo em um mundo superior.

280 P: Mas ele não deveria estar salvo aqui?

281 Alguns alunos: Não”.

“**288 P:** E quando ele acha que vai roubar a casa, por que ele fala: “está salva a propriedade”?

289 Nicolau: Ahhhh. É a casa dele.

290 Caio: Se fosse um ladrão, e ele tivesse matado, não ia roubar a casa dele, a propriedade estaria a salvo.

291 Cláudio: Vai que ele imaginou que ele estava se fantasiando de leiteiro para roubar.

292 Nicolau: Nossa!

293 P: O que vale mais, então?

294 Giovanna: A casa dele do que a pessoa.

295 Danilo: A casa do que a vida”.

“**305 Marlon:** Se importa mais com objetos do que com a própria pessoa”.

“**306 P:** Depois ele fala assim: “A noite geral prossegue / a manhã custa a chegar, / mas o leiteiro / estatelado, ao relento, / perdeu a pressa que tinha”.

307 Leandro: Porque ele fazia um trabalho rápido e silencioso, mas agora não tem mais como, ele morreu.

308 P: Ele morreu. E os outros?

309 Alguns alunos: Ficaram na mão”.

“**314 Nicolau:** “Da garrafa estilhaçada / no ladrilho já sereno / escorre uma coisa espessa / que é leite, sangue... não sei”.

315 Danilo: É que o leite misturou com o sangue.

316 P: O leite se misturou com sangue?

317 Danilo: Isso.

318 Caio: Como na aurora se misturam as cores”.

“**320 Leandro:** O vermelho dá um destaque no branco.

321 P: O leite dá um destaque no branco. Mas o que você falou, Caio?

322 Caio: Assim como a aurora as cores se misturam no nascer do dia.

323 P: O que é a aurora?

324 Caio: Nascer, amanhecer do sol.

325 P: Então significa quê? Se ele fala que forma um terceiro tom, chamado de aurora. Quando vem a aurora, o que significa que vocês falaram?

326 Danilo: Que amanheceu.

327 P: É que o dia continuou?

328 Leandro: Já sei. Na mistura do sangue com o leite, formou uma cor de quando está amanhecendo, um tom mais avermelhado”.

“**333 P:** O que significa o amanhecer do dia?

334 Danilo: A luz.

335 P: A luz, o recomeço.

336 Leandro: Mas foi o fim.

337 P: Foi o fim para um?

338 Giovanna: E recomeço para outro.

339 Danilo: Só que sem o leite”.

“**345 Caio:** O sol, o nascer, a luz, porque “[...] entre objetos confusos, / mal redimidos da noite, / duas cores procuram, chamamos aurora”. Essa aurora viria para deixar tudo claro”.

“**346 P:** Pode ser. O que mais? Agora de forma geral, sobre o que falou esse poema? Quais foram os temas?”

347 Hércules: Crítica social.

348 P: Crítica social. O que mais?

349 Leandro: Que a sociedade pensa muito em dinheiro e (o colega o interrompe e termina a frase).

350 Marlon: E não se importa com as pessoas”.

“**351 P:** Se importam mais com os bens materiais, Marlon, do que com as pessoas?”

352 Caio: E a desigualdade. Coisas boas para as pessoas que não são muito boas.

353 Caio: E uns têm e outros não”.

“**396 P:** Que ele foi morto? Não sei, olhem. Ele fala ou não fala?”

397 Caio: Ele, ele fala. Explicitamente que o leiteiro morreu, ele não fala.

398 Nicolau: Ele fala que é tarde para saber.

399 Danilo: Ele fala que matou um inocente.

400 Caio: “Mas o leiteiro / estatelado, ao relento / perdeu a pressa que tinha” .

b. Assuntos relacionados ao cotidiano dos alunos ou contextos fora do poema

“**102 Nicolau:** As crianças estão morrendo.

103 P: As crianças estão morrendo?”

104 Nicolau: É, a escola pública nesse país (não dá para entender o restante)”.

“**186 P:** Ninguém é perfeito.

187 Gonçalo: Todo mundo erra.

188 Hércules: Errar é humano.

189 P: Errar é humano. O que mais?”

190 Leandro: Eu penso assim, cada um é perfeito do seu jeito. Uau!”

“**241 Leandro:** Parece aqueles fofoqueiros. Tipo, às seis horas da manhã já está lá”.

“**249 Danilo:** “Polícia não bota a mão”.

250 P: Por que polícia não bota a mão? Ele fala assim: “Quem quiser que chame médico / polícia não bota a mão”.

251 Caio: Porque ela pode ser culpada depois por isso.

252 P: A polícia vai ser culpada?

253 Caio: Pode ser culpada”.

“**262 P:** Por que não pode chamar a polícia?

262 Giovanna: Porque ele passa a ser culpado.

264 Caio: Ele era uma pessoa importante para a sociedade e não aconteceria nada.

265 Danilo: Ou ele era policial.

266 Caio: Ele era uma pessoa importante, um político, uma pessoa influente da sociedade.

267 Otacílio: O prefeito.

268 Caio: E, por isso, se chamasse a polícia só ia ajudar a acobertar mais ainda o crime”.

“**276 Caio:** “Filho de meu pai” pode ser uma referência a Deus.

277 Leandro: É.

278 P: Então todos nós somos filhos de um Deus?

279 Danilo: Às vezes é por isso que está salva a propriedade. Por ele ser inocente e ter sido morto, às vezes ele está salvo em um mundo superior.

280 P: Mas ele não deveria estar salvo aqui?

281 Alguns alunos: Não”.

“**354 P:** E sobre o leiteiro. Algum leiteiro já entregou na casa de vocês?

355 Alguns alunos: Não.

356 Dennis: Já. Quando era pequeno.

357 P: Quando era pequeno, Dennis, tinha leiteiro?

(Falam juntos, não dá para entender).

358 Hércules: Meu tio e meu primo eram leiteiros.

359 P: Hoje em dia, como é esse profissão leiteiro? O que é isso?

360 Danilo: Pegar o leite e entregar.

361 Dennis: Minha avó pedia e deixava lá em cima do murinho.

362 P: Deixava em cima do murinho, Dennis?

363 P: E hoje como funciona?

364 Giovanna: Vai lá no mercado e compra a caixinha”.

c. Questões epilinguísticas e metalinguísticas

“**376 P:** Agora, eu quero que vocês pensem um pouquinho sobre a parte da entonação, do ritmo que tem esse poema. O que vocês acham? O que vocês notaram? Esse texto é um poema?

377 Leandro: Sim.

378 P: Por quê?

379 Nicolau: Tem estrofes.

380 P: O que mais?

381 Caio: Versos.

382 Danilo: Rimas.

383 P: Rima? Não sei.

384 Dennis: Rimas têm pouco.

385 Nicolau: Ele tenta deixar um ritmo”.

“**411 P:** Ele deixa a aurora para esclarecer tudo? Muito poético. Só isso, mais nada? E quem é esse... como chama quem está contando para a gente o poema?

412 Gonçalo: Carlos Drummond de Andrade.

413 Nicolau: Quem é Cyro Novaes?

414 P: Foi dedicado a essa pessoa. O Drummond escreveu para essa pessoa.

415 P: Quem conta esse poema pra gente?

416 Hércules: O Carlos.

417 P: O Carlos Drummond?

418 Alguns alunos: Não.

419 P: O Drummond, ele fez o quê?

420 Alguns alunos: Escreveu.

421 P: Escreveu. Mas então quem conta esse poema pra gente?

422 Nicolau: O cara que recebia leite do leiteiro.

423 Caio: Narrador.

424 P: É um narrador?

425 Leandro: A família do leiteiro.

426 Danilo: O filho do leiteiro.

427 Danilo: O narrador.

428 P: O narrador do poema? No poema nós temos um narrador?

429 Caio: O eu lírico.

430 P: O eu lírico? E quem é esse eu lírico, narrador que vocês estão falando?

431 Caio: Uma pessoa de fora.

432 Danilo: Um narrador observador. Fica no céu, observando tudo.

433 Alguns alunos: Nossa!

434 Caio: Aí é onisciente”.

“**435 P:** Vocês têm que olhar. Prestem atenção no texto. Quem está contando? É alguém que está olhando essa história?

436 Leandro: Alguém que fazia parte da vida do leiteiro.

437 Danilo: Alguém que olha a história.

438 Caio: Não.

439 Leandro: É, porque fala “meu leiteiro”.

d. Percepção dos implícitos no texto

“**13 P:** O que você falou, Caio?

14 Caio: É uma crítica social.

15 P: Por quê?

16 Leandro: Porque a mesma arma que serve para matar bandido pode matar qualquer um.

17 Caio: É do mesmo jeito que inocentes são mortos por nada, pelo simples fato de estarem fazendo o que deviam fazer”.

“**22 P:** Da fome?

23 Leandro: Sim.

24 Nicolau: Que estamos passando por uma crise.

25 P: Ele está falando que o país está passando uma crise? Então o que ele está dizendo?

26 A: Que nem todo mundo tem dinheiro para comprar leite.

27 P: Que nem todo mundo tem dinheiro para comprar leite? E nesse poema, quem compra leite? É qualquer pessoa, é quem?

28 Alguns alunos: Os ricos”.

“**48 Caio:** O pouco leite no país seria uma questão da desigualdade que existe entre as pessoas. O pouco que tem são só para as pessoas ricas”.

“**208 Danilo:** Ele morre.

209 Nicolau: Ele é confundido com um ladrão”.

“**333 P:** O que significa o amanhecer do dia?

334 Danilo: A luz.

335 P: A luz, o recomeço.

336 Leandro: Mas foi o fim.

337 P: Foi o fim para um?

338 Giovanna: E recomeço para outro.

339 Danilo: Só que sem o leite”.

“**386 Caio:** Não deixa explícito.

387 P: Não deixa explícito? Como?

388 Caio: Quando ele fala sobre a lenda do país, fazendo uma crítica social.

389 P: O que mais?

390 Caio: As várias críticas.

391 Nicolau: Que está salva a propriedade. Que “bala que mata gatuno também serve pra furto”.

392 P: O que isso significa?

393 Nicolau: Que a arma também pode matar um inocente.

394 P: Mas ele fala explicitamente, por exemplo, que o leiteiro morreu?

395 Alguns alunos: Não”.

“**396 P:** Que ele foi morto? Não sei, olhem. Ele fala ou não fala?

397 Caio: Ele, ele fala. Explicitamente que o leiteiro morreu, ele não fala.

398 Nicolau: Ele fala que é tarde para saber.

399 Danilo: Ele fala que matou um inocente.

400 Caio: “Mas o leiteiro / estatelado, ao relento / perdeu a pressa que tinha”.

e. Intervenção da professora

“**77 P:** Ah, então, provavelmente, essa pessoa que ele ia entregar o leite era uma pessoa ruim...”.

“**133 P:** Não vou falar para vocês o significado. Vejam pelo contexto o que vocês acham que é. Não posso dar respostas”.

“**164 P:** Então, como as pessoas trabalham, ele vai cedinho e não pode acordar os outros, porque demoram para acordar, para trabalhar”.

“**354 P:** E sobre o leiteiro. Algum leiteiro já entregou na casa de vocês?”

“**376 P:** Agora, eu quero que vocês pensem um pouquinho sobre a parte da entonação, do ritmo que tem esse poema. O que vocês acham? O que vocês notaram? Esse texto é um poema?”

Como explicitado no texto introdutório deste capítulo, era esperado que os discentes tentassem preencher as lacunas do texto e isso foi concretizado, visto que em diversos momentos eles fazem suposições do que aconteceu e do que poderia ter acontecido, além de imaginar e tentar explicar o porquê de tudo acontecer na história. Ademais, em variados momentos da discussão, relacionavam a temática do poema ou do que estava sendo discutido com fatos atuais, presentes em suas vidas. Um exemplo bastante argumentado foi em relação ao porte de armas, tema atual e que fez os alunos pensarem e exemplificarem com a morte do leiteiro, refletindo sobre a morte de um inocente.

Cabe lembrar que cada estudante tem um ponto de vista e todos devem ser respeitados, pois esse também é um dos objetivos do projeto, que cada um aprenda a escutar o outro, argumentar, refletir, mudar de posicionamento ou ratificar o que acredita. A longo prazo, essas discussões poderão ajudá-los a lidar com os problemas sociais, a serem mais empáticos e entender a importância do respeito e de uma boa argumentação.

Verificamos também a passagem das questões epilinguísticas para as metalinguísticas; os participantes, quando perguntados sobre os elementos formais do poema, revelavam que já possuíam uma certa sistematização, porém ainda apresentavam dificuldades para aprofundar suas ponderações. Por exemplo, eles mostravam que ainda não estavam seguros em relação a autor e narrador, ou no caso, eu lírico; na questão das rimas, pois alguns

diziam que havia e outros que não, revelando, mais uma vez, a visão enraizada - que muitos professores ensinam aos alunos - de que poemas têm que ter rimas.

O essencial é perceber que eles tentaram examinar o texto e pensaram em possíveis respostas. A dificuldade na sistematização já era previsível, mas a intenção era retirar-lhes da zona de conforto quando do contato com a pluralidade de obras literárias, formas e conteúdos existentes.

8.9 “Contemporâneos (Mallarmé)”, “Mercado” - Augusto de Campos e “A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá” - Manoel de Barros

Para a última análise da pesquisa de campo, no ano de 2018, escolhemos um conjunto composto de três poemas, “Contemporâneos (Mallarmé)”, “Mercado” - Augusto de Campos e “A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá” - Manoel de Barros, sendo que as obras só passaram por uma análise prévia da professora-pesquisadora e foram escolhidas por sua similaridade temática. Desse modo, os alunos teriam um contato diversificado com variados textos poéticos.

Notamos com os recortes abaixo que os estudantes tentaram criar um contato com o texto antes mesmo da leitura, visto que dois eram poemas visuais e isso despertou-lhes o interesse. Cabe ressaltar que, dessa vez, a leitura dos textos foi feita por alguns alunos que se voluntariaram e, quando não conseguiram compreender a obra, a professora realizou a leitura para que ficasse mais claro. Segundo os discentes, com essa leitura da mediadora, eles conseguiram perceber outros elementos que não haviam notado.

Os estudantes, em alguns períodos, conversavam um pouco. Houve, principalmente, conversas paralelas, o que dificultava entender o que os demais falavam. Por outro lado, em alguns questionamentos, eles ficavam em silêncio e a professora-mediadora tinha que reformular a pergunta para que eles pensassem e falassem.

Após a transcrição, classificamos as interpretações dos alunos nos seguintes temas:

- a. Possíveis interpretações;
- b. Assuntos não relacionados diretamente ao poema;
- c. Impressões dos alunos;
- d. Questões epilinguísticas e metalinguísticas;
- e. Forma e conteúdo dos poemas;

f. Intervenção da professora.

A seguir, associamos os temas a alguns recortes das transcrições dos encontros com os alunos:

a. Possíveis interpretações

4 Leandro: Parece exame para testar a vista.

5 P: O que significa esse poema?

6 Leandro: Que as pessoas, tipo, leem tudo errado?

7 Caio: Que atualmente as pessoas estão um pouco pior, pois não estão lendo livros, não estão treinando (não dá para entender o restante)”.

45 Caio: É como se fosse o resultado da Terra.

46 Leandro: É tudo o que tem de ruim”.

55 P: O que mais? O que vocês entenderam desse poema?

56 José: Que tudo está a venda (lê uns trechos).

57 Leandro: A injustiça do ser humano.

58 José: A comunicação.

59 Caio: Parece que os que estão mais para cima são um pouco melhores, e os que estão para baixo, ao sul, seriam ruins, negativas.

60 Caio: Tendo em vista a terra, seria como se a parte melhor fosse no norte e a pior no sul.

61 P: Tem também a mortalidade infantil.

62 Leandro: Tem também a comunicação de massas”.

63 P: E o que seriam essas coisas que estão a venda? Por que estão vendendo isso? Essa venda significa o quê?

64 Leandro: Para dar embora.

65 Leandro: Porque ele não quer mais.

66 P: Porque ele não quer mais. O que mais?

67 Caio: Porque são coisas que as pessoas vendem, que causam tudo isso, mas nenhum poema é vendido”.

“68 P: Por que o poema é vendido?

(Leandro e José conversam ao fundo).

69 Caio: Eles criticam as coisa, ajudam as pessoas a entender melhor o mundo.

70 P: O que vocês acham? Por que nenhum poema é vendido?

(Silêncio, nenhum aluno responde)”.

“83 P: O que é um CD, TV, cinema que eles estão falando que está à venda?

84 Gonçalo: Porque as pessoas compram.

85 Leandro: Consumismo.

86 Eduardo: Verdade”.

“100 P: E esse poema, fala sobre o quê?

101 Dennis: Sabiá.

102 Leandro: A ciência pode explicar tudo sobre a natureza, mas não o encanto que ela causa nos outros.

(Alguns alunos batem palmas para o colega)”.

“114 P: O que mais?

115 Marlon: Acho que tudo se refere a uma coisa só, eles se interligam.

116 P: E que coisa é essa, Marlon, que estão se interligando? Eles estão falando sobre o quê?

(Silêncio por alguns segundos)”.

“120 Caio: O primeiro falam que algumas pessoas não sabem ler, o segundo fala que ninguém consegue às vezes entender ou se importa com o poema. O terceiro fala sobre a ciência que também seria uma forma de leitura, você pode ler um artigo científico e trazer conhecimento e por isso, às vezes, ele fala do lado ruim, das pessoas lerem demais, saberem demais e não poderem ver o encanto.

121 Leandro: Deixa o Caio com a parte teórica que eu fico com a parte (ele não termina de falar).

122 P: Mas você conseguiu uma parte subjetiva, Leandro”.

“126 P: Não estou falando sobre certo e errado, estou pedindo para vocês refletirem. O que vocês acham que é poesia? O que vocês sentem que é poesia?

127 Caio: Uma forma de se expressar?

128 Marlon: Uma forma de dedução.

129 Caio: Uma forma de se expressar, talvez de uma forma subjetiva.

130 Leandro: Mostrar o que você está sentindo.

131 Marlon: Expressar”.

“**132 P:** E qual é a importância da poesia para a gente?

133 Caio: Entender melhor o mundo, questionar as coisas que acontecem.

134 José: Aprender de uma forma mais simples.

135 P: Pode falar, José.

136 José: Uma forma mais simples de entender o mundo”.

“**139 P:** Então, por que será que as pessoas não gostam então de ler poesia?

140 Leandro: Porque mostra a verdade.

141 Danilo: Ou porque muitas vezes elas são subjetivas, tem que ter uma interpretação maior por parte do leitor”.

“**142 P:** Aí a próxima pergunta relacionada a isso. Por que ler?

143 Danilo: Para entender.

144 Marlon: Para o aprendizado.

145 Leandro: Para adquirir conhecimento e não ser um leigo idiota.

146 Marlon: Nossa senhora!”

“**152 P:** E tem diferença entre ler e compreender as coisas?

153 Alguns alunos: Sim.

154 Leandro: Você escutar uma música e entender uma música é diferente.

155 Caio: Porque ler uma coisa, você só vai estar lendo as palavras, compreender aquilo, é você entender o que a pessoa que escreveu que imaginou aquilo que está querendo dizer.

156 P: Leandro, e o que você falou da música também serve para o poema?

157 Leandro: Sim.

158 Nicolau: Sim”.

“**159 P:** E qual é a importância da leitura para a gente?

160 Marlon: Toda.

161 Leandro: Saber sobre o mundo.

162 Leandro: Saber sobre as pessoas.

163 Marlon: Aprendizagem.

164 Caio: Aprender a cultura.

165 Caio: Duvidar das coisas.

(Os alunos falam ao mesmo tempo, não dá para entender)”.
“

166 P: E por que então, qual a relação na verdade dos três textos, considerando tudo o que vocês falaram?

167 Marlon: Tem leituras...

168 Nicolau: Tem poema, poesia

169 Caio: Eles falam cada um fala um lado da leitura. Falam como está a leitura no mundo atual.

170 Marlon: Diferentes fatos.

171 Caio: No primeiro fala que as pessoas não estão lendo. No segundo fala que elas não querem entender as coisas, pois (não dá para entender o restante, os alunos falam ao fundo). Saber também que tem os encantos do mundo, não precisa só ler, tem que aproveitar o mundo, na forma duvidosa dele”.

“**186 P:** E por que ele fala que são os contemporâneos que não sabem ler? Por que não fala do passado, por exemplo?

187 Caio: Porque geralmente as pessoas tem a possibilidade de ter livros e coisas para elas aprenderem, mas elas acabam não utilizando”.

“**229 Caio:** As pessoas, elas estão pondo tudo à venda (não dá para entender), as pessoas querem vender tudo que tem no mundo, só para ganhar dinheiro. Não só o cd, tv, cinema.

(Os alunos falam juntos).

230 P: E qual é a relação de tudo isso com a poesia, com o poema?

231 Caio: Que eles não querem vender o poema e isso faria entender como as pessoas estão caminhando”.

“**271 P:** É, última vez. Vocês conseguem estabelecer uma relação entre os três, ou não? Vocês acham que cada um fala uma coisa separada? Ou eles têm um elo de ligação?

272 Leandro: Tem um elo.

273 Marlon: A mesma coisa.

274 P: A mesma coisa, Marlon”.

“**281 P:** Os três criticam o quê, Marina?

282 Marina: Não sei.

283 Marlon: As injustiças.

284 Caio: Todos têm uma crítica relacionado, que você pode achar com a leitura.

285 Marlon: As dificuldades.

286 Caio: Críticas de pessoas que às vezes não aprendem nada e querem tudo uma coisa certa.

287 Nicolau: Falta de imaginação”.

“**289 Giovani:** Fala sobre a falta de alguma coisa.

290 P: Oi, Giovani. Falam sobre a falta de alguma coisa?

291 Gonçalo: Todos são preto e branco.

292 P: Então, qual é a relação dessas coisas que estão falando?

293 Marlon: Falta de tinta.

(Os alunos dão risada)”.

b. Assuntos não relacionados diretamente ao poema

“**11 José:** Eles não sabem ler.

12 P: Por quê?

13 Otacílio: Porque a educação da escola caiu.

14 P: A educação da escola caiu. Por que Otacílio a educação da escola caiu?

15 Leandro: Porque tem muito vagabundo.

16 Otacílio: Muitos não querem nada com nada, não estão nem aí para nada.

17 Caio: Brincam.

18 Leandro: Vagabundos mesmo, professora.

19 Caio: Principalmente a cultura entre os alunos, os próprios alunos, o desinteresse e também a falta de investimento do governo.

20 Leandro: A falta de incentivo do governo.

21 Leandro: Vagabundo o governo.

22 P: Então a culpa não é só de uma pessoa?”

“**26 P:** Quem mais vocês falaram que tem culpa? A cultura, o governo, os professores também tem culpa?”

27 Leandro: Ah, depende do professor.

28 Caio: Tem uns professores que não sabem lecionar.

29 Leandro: Tem uns professores que chegam lá, senta, encosta na carteira e fica.

30 Hércules: Tem professor que sim e tem professor que não”.

“**71 P:** Vocês comprariam o poema?”

72 Alguns alunos: Sim.

73 José: Não.

74 Leandro: Depende.

(Os alunos falam ao mesmo tempo).

75 Nicolau: É só ler na internet.

76 Eduardo: Eu também acho, é só olhar na internet.

77 Danilo: Depende o preço.

78 Leandro: É verdade, depende o preço”.

“**90 José:** Nem tem mais CD, professora.

91 Leandro: Verdade, é tudo pen drive hoje em dia.

92 Sara: Tem o cinema.

93 Leandro: Na TV só passa desgraça.

94 Caio: Nesses meios de comunicação também mostram tudo isso.

95 Hércules: Professora, você vai ver tv e ou está passando de política ou de alguém que morreu.

96 Danilo: Copa do Mundo.

97 Leandro: Mas sempre foi assim, velho.

(Os alunos discutem sobre as notícias da televisão, não dá para entender”.

“**232 Leandro:** (Falando ao fundo) O meu irmão é o mais pão duro”.

c. Impressões dos alunos

“**32 P:** É a Marina que vai ler? Tentem.

33 Leandro: Ah! Eu já descobri”.

“37 Marina: Ai, não entendi nada!”

“47 José: Oh, professora, dá uma agonia ver isso, professora.

48 P: Por quê, José?

49 P: Não tem uma vírgula, não um nada.

50 Marina: É verdade, professora.

(Ele relê algumas partes)”.

“103 P: E qual a relação desse poema com os outros que eu trouxe? Ou não tem relação nenhuma?

104 Hércules: Não entendi nenhum. Em relação a esse”.

“199 P: Pode fazer suas considerações, Leandro.

200 Leandro: Eu não quero mais não.

201 Hércules: Na verdade o do leiteiro era mais fácil.

202 P: O do leiteiro era mais fácil?

203 Nicolau: Era.

204 P: Por que Hércules?

205 Leandro: Na redação eu fiz referência a ele.

206 Hércules: Eu achei mais fácil de entender.

207 Caio: Eu não achei esse daí difícil, ele não é tão.

208 P: O Hércules, por que você achou esse difícil? Por causa da estrutura, por causa da forma? Por quê?

209 Hércules: Também.

210 Nicolau: Por causa da subjetividade.

211 Sara: Esse foi o mais fácil.

212 P: Esse o mais fácil?

213 Leandro: Não, acho o último mais fácil.

214 Marina: Achei esse mais fácil.

215 P: Esse?

216 Marlon: Era mais político”.

“221 José: Muito ruim de ler.

222 P: Por que, José, é muito ruim de ler?

223 José: Porque a imagem está ruim.

224 P: A imagem está ruim?

225 P: É, está tudo (não completa a frase).

226 P: Mas por que será que ele fez isso?

227 Leandro: Para mostrar que é o mundo.

228 Danilo: O mundo não é perfeito”.

“**259 P:** Sobre o último poema, mais alguma consideração que vocês queiram fazer?

260 Nicolau: Também não.

261 Gonçalo: Ele é complexo.

262 P: Oi? É complexo esse último poema?

263 Sara: É. Ele é o mais difícil”.

d. Questões epilinguísticas e metalinguísticas

“**40 José:** Mas isso aí é um poema, professora?

41 Caio: Agora sim.

42 P: E o que você acha, José? Isso é um poema?”

“**55 P:** O que mais? O que vocês entenderam desse poema?

56 José: Que tudo está a venda (lê uns trechos).

57 Leandro: A injustiça do ser humano.

58 José: A comunicação.

59 Caio: Parece que os que estão mais para cima são um pouco melhores, e os que estão para baixo, ao sul, seriam ruins, negativas.

60 Caio: Tendo em vista a Terra, seria como se a parte melhor fosse no norte e a pior no sul.

61 P: Tem também a mortalidade infantil.

62 Leandro: Tem também a comunicação de massas”.

“**123 P:** Vou fazer umas perguntas para ver se ajuda vocês. Primeira coisa, o que é poesia?

124 Hércules: Um texto.

125 Sara: Um gênero.

(Silêncio)”.

e. Forma e conteúdo dos poemas

“**108 P:** Nada, nenhuma relação? Pensem.

109 Dennis: Rimam.

110 P: Rimam?

(Alguns alunos dão risada)”.

“**172 P:** Vamos voltar ao primeiro poema, como eu falei para vocês para darmos uma olhada na forma.

173 P: O Leandro havia falado que esse poema lembra aquele (os alunos completam a fala).

174 Alguns alunos: Exame de vista.

175 P: Isso, aquele exame de vista, que tem que ler as letrinhas.

176 Marlon: Parece que é um exame de ótica.

177 Leandro: É como se a pessoa não tivesse enxergando. Como eu vou explicar, não estivesse enxergando o contexto, sobre o que está falando, para ela entender”.

“**178 P:** E qual é a forma, estrutura? Deem uma olhada nisso.

179 Caio: Ele vai diminuindo.

180 P: Ele vai diminuindo, Caio. E qual a menor parte?

181 Alguns alunos: O ler.

182 Sara: Ler.

183 P: E por quê?

184 Caio: Porque poucas pessoas o fazem.

185 Danilo: Porque poucas pessoas conseguem enxergar de fato”.

“**189 Caio:** Ele sempre coloca três letras em cada.

190 P: O que será que significa essas três letras?

191 Nicolau: Porque para mim parece que dá certinho.

192 Caio: Passado, presente e futuro.

(Os alunos falam bastante, não dá para entender).

193 Caio: Ou também uma pirâmide invertida”.

“**233 P:** E em relação a cor?

234 Leandro: É marrom.

235 Marina: Preto e branco.

(Os alunos discutem sobre a cor).

236 P: Por que será que ele colocou essa cor?

(Os alunos falam ao mesmo tempo, não dá para entender).

237 Marlon: É uma cor fria.

238 Giovana: Contra o racismo.

239 Marlon: É uma cor de luto, fria.

240 P: Luto? Por que uma cor de luto, Marlon?

241 Marlon: Ah, sei lá.

242 Leandro: Cara, contra o racismo.

243 Caio: Uma cor de luto (não dá para entender) poesia.

244 Leandro: Ela não existe.

245 Marina: É uma forma padrão.

246 Leandro: Preto não existe, é negro”.

“**247 P:** Ele não poderia colocar aqui tudo colorido?

248 Marlon: Acho que não.

(Os alunos falam todos juntos).

249 Caio: Mostrar distinção entre as pessoas.

250 P: O sentido seria o mesmo se ele colocasse colorido?

251 Alguns alunos: Não.

252 P: Por quê?

253 Marlon: Não teria o mesmo sentido.

254 Danilo: Nossa, não muda nada para mim”.

“**256 Nicolau:** Por que preto e branco representa tristeza? E o colorido a felicidade?

257 Hércules: Racista.

258 Nicolau: Tudo a ver. O arco-íris é o quê? Triste?

(Os alunos falam juntos)”.

“**275 P:** E eles têm rimas, o que vocês acham?

276 Sara: Não tem rima não.

277 P: Não sei, não. Deem uma olhada.

278 Nicolau: Também acho que não.

279 Caio: Rimas não, tem uma relação.

280 Marlon: Acho que eles têm relação (não dá para entender)”.

f. Intervenção da professora

“**103 P:** E qual a relação desse poema com os outros que eu trouxe? Ou não tem relação nenhuma?”

104 Hércules: Não entendi nenhum. Em relação a esse.

105 P: Mas nós estávamos falando até agora, Hércules. Alguma coisa você entendeu.

106 Marlon: Refere ao tema.

107 Hércules: Que todos não fazem sentido.

108 P: Nada, nenhuma relação? Pensem”.

“**123 P:** Vou fazer umas perguntas para ver se ajuda vocês. Primeira coisa, o que é poesia?”

“**166 P:** E por que então, qual a relação na verdade dos três textos, considerando tudo o que vocês falaram?”

“**197 P:** Alguém quer falar mais alguma coisa sobre os três? Alguma consideração final sobre o que entendeu”.

“**217 P:** Vocês querem fazer mais alguns consideração sobre ele?”

218 Marlon: Não.

219 Marina: Não.

220 P: Não? Certeza?”

“**267 P:** O poema de maneira geral, pra gente ler, aí a gente só lê assim de supetão, ou não, tem que parar, refletir, deixar ele entrar na gente pra entendermos. Ou não?”

268 Gonçalo: A segunda opção”.

“**271 P:** É, última vez. Vocês conseguem estabelecer uma relação entre os três, ou não? Vocês acham que cada um fala uma coisa separada? Ou eles têm um elo de ligação?”

Ao observarmos esses recortes temáticos, percebemos que vários alunos se engajaram na participação, tentando realmente refletir e interpretar os poemas. Em alguns momentos, eles extrapolavam o texto e relacionavam o texto com suas vidas ou com coisas aleatórias, como brincadeiras com os colegas. Em outros, o silêncio reinava, pois, provavelmente, estavam com dificuldades em sistematizar e não queriam dar qualquer resposta e tentavam pensar em como falar, no que falar.

Além disso, notamos que eles tiveram um pouco de dificuldade em sistematizar os elementos do poema, ficando em dúvida em alguns momentos. Eles até tentaram estabelecer uma relação entre os três poemas analisados, mas não conseguiram concretizar seus pensamentos, por exemplo, quando alguns afirmaram que havia rimas no poema e, posteriormente, falaram que não havia.

No que diz respeito à intervenção da professora, é notório que as perguntas feitas foram mais subjetivas e não com afirmações-respostas, para, assim, os participantes pensarem e tentarem responder. Porém, percebemos uma certa insistência em um aspecto pontual, quando a mediadora perguntou diversas vezes, no decorrer da análise, sobre a relação entre os três textos e os alunos não chegavam a uma resposta. Isso mostra a tentativa de instigar os alunos a chegarem a um resultado que se quer alcançar, mas que não foi bem executado.

No que concerne às interpretações, podemos inferir que os discentes conseguem em vários momentos entender as entrelinhas dos poemas, destacando as críticas presentes e também sendo críticos, como, por exemplo, quando explicam o valor de um poema, a precariedade da escola no país, o descaso do governo, o consumismo, entre outros. Isso mostra como eles teceram uma reflexão mais aprofundada das obras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito anteriormente, não era objetivo deste trabalho fazer com que os alunos passassem das questões epilinguísticas para as metalinguísticas, mas, como apontado, é evidente que, durante o processo, houve aproximação da metalinguagem e indícios de sistematização teórica, como pode ser demonstrado se visualizarmos as análises, visto que no início, os participantes desconheciam os elementos teóricos do texto literário e, nos últimos textos, já teciam suposições e discussões sobre os aspectos formais do texto literário.

Além disso, vimos que quanto mais lírico é o texto, maior a dificuldade para penetrar nas camadas mais profundas e chegar a reflexões sobre ele. Enquanto isso, os gêneros textuais com que estão mais acostumados e as temáticas mais próximas de suas vivências são mais acessíveis, sendo que os participantes conseguem interagir mais e alcançar uma visão mais crítica e reflexiva. É interessante notar que eles associaram os textos a temas concernentes à sociedade atual, especialmente pobreza, racismo, preconceito, entre outros.

Para a leitura do texto literário, todos os participantes tinham os textos em mãos e participavam voluntariamente, tanto da leitura do texto quanto das discussões. Percebemos, desse modo, como já era denunciado, que nem todos os alunos participariam efetivamente. O envolvimento de cada um dependia do gênero textual a ser trabalhado, e da temática de cada texto. Em consonância, a colaboração masculina foi muito maior do que a feminina, dado que havia mais meninos na sala e suas falas imperavam.

Outrossim, as intervenções da professora eram cruciais para estimular a fala dos jovens, ajudando-os a ficarem no texto e a pensarem nos elementos presentes. Ainda, ajudava a manter a comunicação, pois em muitos momentos todos os alunos falavam e discutiam juntos, sendo difícil entender o que cada um queria; em outros períodos, quando o silêncio reinava, um questionamento diferente surgia ou era reformulado para que eles voltassem a participar. Infelizmente, em alguns momentos, as intervenções foram mais específicas, conduzindo os estudantes a um ponto que era pretendido. Porém, esse não era o objetivo, pelo contrário, a proposição sempre foi de que os estudantes chegassem ao pensamento e opiniões sozinhos, apenas tivessem o mediador como uma espécie de guia.

Com os anos, os participantes amadureceram e suas reflexões também, fazendo com que percebessem mais as críticas e implícitos dos textos, além da sistematização ser mais explorada. Notamos esse amadurecimento, por exemplo, quando um dos alunos utilizou seus conhecimentos em “Morte do leiteiro” para fazer a argumentação em uma dissertação proposta em aulas regulares, sendo o tema a legalização do porte de armas no Brasil. Ele foi

muito elogiado, já que não havia sido pedido que usasse fatos externos para corroborar seu ponto de vista.

Até mesmo a professora-pesquisadora mudou, percebemos uma postura mais calma e clara durante os anos, sem nervosismos e ansiedade para chegar a um resultado. Um ponto que cabe ressaltar, é a estratégia utilizada para conseguir compreender melhor o que os participantes falavam durante as gravações. Em diversas falas dos alunos, a mediadora repetia o que eles haviam dito para identificar quem e o que foi falado ao transcrever o áudio, evitando possíveis dúvidas e transtornos.

Outro fator importante - e que pode servir de auxílio para outros professores - é em relação ao tempo. Cada encontro teve a duração média de 20 a 35 minutos, e notamos que, dependendo do texto, quanto mais se tentava prolongar a discussão para chegar a algum dado que ainda não havia sido obtido, menos os discentes se concentravam, mais ficavam desestimulados, pois já estavam cansados e começavam a restringir a participação a monossílabos.

Para finalizar, destacamos que esse projeto nunca foi pensado para ficar apenas no papel, pelo contrário, sabíamos que ele teria que ser colocado em prática e, acreditamos que ele possa ser utilizado por todos que queiram fazer sua parte para termos uma educação melhor, na qual o texto literário receba a devida importância e que as pessoas tenham acesso a ele. Por isso, nessa pesquisa, tentamos descrever o passo a passo adotado, acrescentando até mesmo os textos literários utilizados, para que o conhecimento se propague e novas sugestões e discussões surjam.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABREU, M. O livro e suas dificuldades. *Associação de leitura do Brasil*. 2006. Disponível em: <http://www.alb.com.br/arquivo-morto/linha-mestra/ensaios/ens002.asp.html>. Acesso em 22/02/2017.

_____. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, M. (Org.). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: ALB; CEALE; Mercado de Letras, 2001. p. 139-157.

BARTHES, R. Literatura/ensino. Entrevista concedida a André Petitjean. In: _____. *O grão da voz*. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 259-268.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CAMPOS, A.; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. Cotia: Ateliê, 2006.

CEREJA, W. R., MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens*. São Paulo: Saraiva, 2012.

CHARTIER, R. (Org.). *Práticas de leitura*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

COLOMER, T. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2003.

FONTES, J. B. *As obrigatórias metáforas: apontamentos sobre literatura e ensino*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

MOISÉS, L. P. Considerações intempestivas sobre o ensino de literatura. In: _____. *Inútil poesia: e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 345-351.

_____. Literatura para todos. In: _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: USP/FFLCH/DTLLC, 2006. p. 17-29.

PETIT, M. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.

ROCCO, M. T. F. *Literatura e ensino: uma problemática*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. *Obras de Casimiro de Abreu*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

ANDRADE, C. D. de. Morte do leiteiro. In: _____. *A rosa do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 84-86.

ARISTÓTELES. Poética. In: _____. ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. Intr. Roberto de Oliveira Brandão. São Paulo: Cultrix, 2014. p. 19-52.

ASSARÉ, P. do. *Saudação ao Juazeiro do Norte*. Academia brasileira de Literatura de Cordel. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/saudacao-ao-juazeiro-do-norte/>. Acesso em 08/08/2017.

ASSIS, Machado de. *Várias histórias*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BANDEIRA, M. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 1977.

BARROS, M. de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. R.; CASTANHEIRA, S. F. *Formação do professor como agente letrador*. São Paulo: Contexto, 2015.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Pisa 2015: análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes na avaliação*. São Paulo: Fundação Santillana, 2016.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Brasil no Pisa 2015: Sumário executivo*. São Paulo: Fundação Santillana, 2016.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

_____. Ministério da Educação. Portal do professor. *Literando: Machado de Assis*. Curitiba, PR: Secretaria Estadual de Educação, 2010. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=18598>>. Acesso em: 24 de mar. 2019.

CAMPOS, A. *Outro*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CANDIDO, A. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. A personagem do teatro. In: _____. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 81-101

_____. *Estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas, 2004.

_____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004. p.169-191.

COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice Galéry. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

FERREIRA, A. S. *Roda de leitura e produção de aprendizagem inventiva: um estudo em escola municipal de Ribeirão Preto com alunos de 8ª série*. 2015. 321 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2011.

GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, [197-]. (Vega Universidade).

GINZBURG, J. O ensino de literatura como fantasmagoria. *Revista da ANPOLL*. Brasília, n.33, vol.1, 2012. p.209-222.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. *Indicador de alfabetismo funcional (Inaf)*. Indicador especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho. São Paulo, 2016. Disponível em <http://www.ipm.org.br/pt-br/programas/inaf/relatoriosinafbrasil/Paginas/Inaf-2015---Alfabetismo-no-Mundo-do-Trabalho.aspx>. 12/02/2017

LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: _____. *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 55-62.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2009.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MANGUEL, A. Como Pinóquio aprendeu a ler. In: _____. *À mesa com o Chapeleiro Maluco: ensaios sobre corvos e escrivainhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.38-50.

OECD. *Pisa 2015: assessment and analytical framework: Science, Reading, Mathematic and Financial Literacy*. Paris: OECD Publishing, 2016.

PERROTTI, E. *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus, 1990.

_____. Leitores, ledores e outros afins (apontamentos sobre a formação do leitor). In: PRADO, J.; CONDINI, P. (org.). *A formação do leitor: pontos de vistas*. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 31-40.

_____. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

PINHEIRO, H. *Poesia na sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2007.

PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO. *Manual 2008*. Disponível em: www.mec.gov.br/pnld. 12/02/2017

PROUST, M. *Sobre a leitura*. Trad. Carlos Vogt. Campinas: Pontes Editores, 2011.

Retratos da leitura no Brasil - 4ª edição. Zoara Failla (Org.). Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

ROSA, João Guimarães. Fita verde no cabelo. In:_____. *Ave palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 72-73.

ROJO, R.; BATISTA, A. A. G. (Orgs.). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

SABINO, Fernando. *A companheira de viagem*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965.

SANTIAGO, S. A moda como metáfora do contemporâneo. *Revista sociologia e antropologia*. Rio de Janeiro, v. 7, 2017. p. 105-124.

SÃO PAULO (Estado). *Sistema de avaliação de rendimento escolar do Estado de São Paulo (Saresp)*. São Paulo. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/consulta-saresp.html>>. Acesso em 30 mar. 2019.

SZONDI, P. *Teoria do drama moderno*. Trad. Raquel Imanishi Rodrigues. Apresentação de José Antônio Pasta Jr. São Paulo: Cosac & Naify, 2011

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

ANEXOS

Anexo A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1. Nome dos responsáveis, R.G. e CPF, seu filho, nome do filho, R.G e CPF. está sendo convidado a participar da pesquisa **O texto literário na sala de aula: estudo e prática de métodos de leitura do texto literário.**
2. O objetivo da pesquisa é realizar estudos teóricos e pesquisa de campo sobre o ensino do texto literário na sala de aula e as possibilidades de reflexão, crítica e discussão sobre o mesmo, visando à quebra do paradigma de que o texto é um instrumento para outros fins. É, portanto, objetivo desta pesquisa o estudo de como o texto pode ser trabalhado com um fim nele mesmo, e não como meio para outros estudos.
3. Seu filho foi selecionado, pois está cursando o 9º ano do Ensino Fundamental e sua participação não é obrigatória.
 - a. Os objetivos deste estudo são: Gerais - Fazer um estudo teórico sobre como o texto literário é visto e trabalhado atualmente na escola, especificamente, no 9º ano do Ensino Fundamental; sobre a formação do leitor literário; a importância do ato de ler; a relação entre os jovens e a leitura. Conhecer teorias e pesquisas sobre o texto literário em que o fim seja ele mesmo. Ampliar a perspectiva teórica e crítica dos atuais estudos sobre o texto literário. Específicos – Verificar como a turma em questão analisa, interpreta, reflete, critica o texto literário que será trabalhado.
 - b. A participação de seu filho consistirá na leitura do texto literário proposto e participação das discussões a respeito dele.
4. Esperamos com a pesquisa mostrar o poder formador do texto literário, poder este de desenvolver nos alunos a análise crítica, interpretativa, reflexiva etc.
 - a. Antes de a pesquisa iniciar, será realizada uma reunião com os responsáveis pelo aluno, com a direção da escola, pesquisadora e orientadora, a fim de esclarecer os procedimentos, metodologia e possíveis dúvidas que surjam. No decorrer da pesquisa, os pais poderão entrar em contato com a pesquisadora e orientadora a qualquer momento

para esclarecer qualquer dúvida que possa surgir. Se necessário, serão realizadas reuniões com os pais para serem apresentados os resultados da pesquisa, o que e como está sendo trabalhado o texto literário, os riscos e benefícios até o momento.

- b. Como explicado anteriormente, os riscos para o aluno são mínimos, mas este pode ocorrer. É considerado como risco nesta pesquisa, I - o aluno não aceitar participar da leitura ou análise do texto e se sentir excluído; II- o discente se ofender com o tema de algum texto; III- o discente se ofender com algum comentário feito pelo professor durante uma discussão; IV- ofender-se com a discussão no geral e, V - ofender-se com o comentário realizado por algum outro aluno durante a discussão. Para minimizar estes riscos, no caso do item I, se o aluno não quiser participar da pesquisa, para não sentir-se excluído, a pesquisa ao invés de ser realizada durante as aulas de redação, poderá ser realizada no período oposto ao das aulas, à tarde, assim, apenas os alunos que se sentirem à vontade participarão. Quanto ao item II, os temas dos textos serão escolhidos não somente pelo professor, mas pela classe, de modo geral. Sobre os itens III, IV e V, cada aula será pensada em sua singularidade, levando em consideração o tema do texto literário escolhido, pensando em um roteiro para cada texto e cada aula e, principalmente, pensando no aluno, em suas culturas, crenças e conhecimentos, para que ele possa participar de maneira efetiva, sempre com a mediação do professor, intercedendo nas discussões se necessário, para evitar e\ou reduzir possíveis problemas adversos.
5. Os responsáveis pelo aluno terão total assistência tanto da pesquisadora quanto da escola, podendo a qualquer momento da pesquisa questionar o que for pertinente ao projeto de pesquisa.
 6. A pesquisadora, orientadora e direção escolar acompanharão todas as aulas, o desenvolvimento do projeto e dos alunos. O acompanhamento dos discentes é fundamental para os dados e resultados da pesquisa, por isso, serão feitas análises sobre o desenvolvimento deles.
 7. O sujeito participante da pesquisa terá total liberdade em não aceitar participar desta ou se aceitar, e no decorrer do curso desistir, poderá fazê-lo, sem qualquer dano ou penalização.
 - a. A qualquer momento seu filho pode desistir de participar e retirar seu consentimento.

- b. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Como a pesquisa é realizada em uma aula de redação, todas as atividades realizadas neste período não valem notas. Então, se o aluno não quiser participar, não sofrerá nenhum dano.
8. As aulas destinadas a pesquisas serão gravadas, para análise posterior. Porém, haverá total sigilo quanto aos alunos, não sendo divulgado em hipótese nenhuma o nome dos alunos participantes e o da escola.
- a. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação e de seu filho.
 - b. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Os dados e resultados obtidos com a pesquisa divulgados no meio acadêmico, através de revistas, artigos etc, conterão apenas trechos das transcrições das aulas, sem nomeação de qualquer sujeito.
9. Não haverá qualquer despesa para o participante da pesquisa ou seus responsáveis. Qualquer despesa existente ficará sobre responsabilidade da pesquisadora e escola. Eventuais danos decorrentes da pesquisa, quando comprovados, serão indenizados pela pesquisadora.
10. Você receberá uma via deste termo onde consta o e-mail e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Ana Carolina Miguel Costa

Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Rod. Araraquara – Jaú, Km 1

14800-901 – Araraquara, SP – Brasil

Telefone: (16) 3301-6238

Fax: (16) 3301-6238

URL da Homepage: <http://www.fclar.unesp.br/>

E-mail do pesquisador: anacosta@fclar.unesp.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa e autorizo e concordo com a participação de meu (minha) filho (a). O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara- UNESP, localizada à Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara – SP – Fone: (16) 3334-6263 – endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br.

Local e data

Assinatura do sujeito da pesquisa

Anexo B**Roteiro de entrevista inicial com o participante**

1. Nome: _____
2. Idade: _____
3. Sexo: _____
4. Fale o que você pensa sobre a importância da leitura.
5. Você gosta de ler? Por quê?
6. Fale sobre o que você gosta de ler.
7. Fale sobre uma experiência de leitura que foi gratificante para você.

Anexo C

Roteiro de entrevista final com o participante

1. Idade: _____
2. Sexo: _____
3. Fale o que você pensa sobre a importância da leitura.
4. Você gosta de ler? Por quê?
5. O que você gosta de ler?
6. Comente sobre sua compreensão do que foi lido.
7. Fale sobre uma experiência de leitura que foi gratificante para você.

Anexo D

Questionário inicial

GABARITO			
Questão	Resposta	Questão	Resposta
1		6	
2		7	
3		8	
4		9	
5		10	

1-) (Habilidade: Localizar itens de informação explícita, relativos à descrição de características de determinado objeto, fenômeno, cenário, época ou pessoa.)

Leia o texto para responder à questão.

Mosquitos e suas doenças

Os mosquitos, dos quais existem centenas de espécies, são insetos pequenos e frágeis, com aquelas seis patas delicadas e as duas asinhas e uma sobrevida curta: duas a três semanas. Esta fragilidade não dá ideia do perigo que representam algumas espécies em termos de transmissão de doenças. A Organização Mundial de Saúde (OMS) lista, entre as doenças mais disseminadas, três que são transmitidas por mosquitos: malária, febre amarela e oncocercose.

(Moacyr Scliar. *Mosquitos e suas doenças*. In: *BarsaSaber*. Disponível em: <<http://brasil.planetasaber.com>>. Acesso em: 28 Abr. 2012. Adaptado)

No texto, os mosquitos são descritos como criaturas

- (A) frágeis e perigosas.
- (B) raras e resistentes.
- (C) ágeis e espertas.
- (D) fortes e assustadoras.

2-) (Habilidade: Identificar os possíveis elementos constitutivos da organização interna dos gêneros escritos (não literários).)

Leia o texto para responder à questão.

‘Folhinha’ entrevista presidente do ‘clube’ dos escritores imortais

Louise Soares

Era uma vez um grupo de escritores que decidiu criar um lugar para trocar ideias sobre suas obras, histórias e paixões. Assim nasceu a Academia Brasileira de Letras, há 115 anos. A presidente é Ana Maria Machado, 70, autora de clássicos infantis como “Bisa Bia, Bisa Bel” e “Uma História Meio ao Contrário”. Segunda mulher a presidir a Academia, já publicou mais de cem livros para adultos e crianças e recebeu o prêmio Hans Christian Andersen, o principal da literatura infanto-juvenil.

FOLHINHA - Qual é o espaço da literatura infanto-juvenil na Academia?

ANA MARIA MACHADO - Assim como eu, vários escreveram para esse público. É uma característica do Brasil que autores escrevam para adultos e crianças. Em outros países isso não é comum. Temos João Ubaldo Ribeiro, Nélida Piñon, Lêdo Ivo e outros.

FOLHINHA - Como se sente quando uma criança diz que aprendeu a gostar de ler com suas histórias?

ANA MARIA MACHADO - É muito emocionante. Dá um calorzinho por dentro saber que peguei pela mão alguém para trazer a essa experiência enriquecedora que é a leitura.

(L. Soares. *‘Folhinha’ entrevista presidente do ‘clube’ dos escritores imortais*. In: *Folha de S.Paulo, Folhinha*, 23 Abr. 2012. Adaptado)

O texto apresenta uma organização comum às entrevistas no geral, que é a distribuição da mensagem em

- (A) gráficos e tabelas.
- (B) artigos e parágrafos.
- (C) itens e diagramas.
- (D) perguntas e respostas.

3-) (Habilidade: Identificar o uso adequado da concordância nominal ou verbal, com base na correlação entre definição/exemplo.)

Leia o texto e responda à questão.

APRESENTAÇÃO

Gilberto Dimenstein

Por favor, leitor, imagine a figura de Tiradentes.

Conseguiu? Fácilimo, ele está em todos os livros escolares. Claro que veio à sua cabeça aquela figura magra, sem camisa, cabelos e barbas longas, olhos tristes e profundos. Lamento: você foi enganado. Tiradentes foi enforcado em 21 de abril de 1792 e esquartejado. Mas só duzentos anos depois, nas comemorações do bicentenário de sua morte, foi divulgada com mais clareza a informação de que aquele herói, parecido com Jesus Cristo, nunca existiu.

Documentos comprovam que na casa do nosso mártir foram encontradas duas navalhas e um espelho.

Além disso, sabemos que, naquela época, os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos. No mais, Tiradentes era soldado da Polícia Militar, que, em seu regimento, exigia cabelo curto e rosto escanhado.

(Gilberto Dimenstein. *Os bastidores do poder*. São Paulo: Folha de S.Paulo, 1990. p.13. Adaptado)

Se na primeira frase do texto, o autor se dirigisse ao público empregando o plural (“imaginem”), a forma verbal que inicia o segundo parágrafo, mantendo-se o mesmo tempo verbal, ficaria na seguinte forma:

- (A) conseguiu.
- (B) conseguimos.
- (C) conseguiram.
- (D) conseguiam.

4-) (Habilidade: Inferir a perspectiva do narrador em uma narrativa literária, justificando conceitualmente essa perspectiva.)

Leia o texto e responda à questão.

O homem cuja orelha cresceu

Estava escrevendo, sentiu a orelha pesada. Pensou que fosse cansaço, eram 11 da noite, estava fazendo hora-extra. Escriturário de uma firma de tecidos, solteiro, 35 anos, ganhava pouco, reforçava com extras. Mas o peso foi aumentando e ele percebeu que as orelhas cresciam. Se tivesse um amigo, ou namorada, iria mostrar o que estava acontecendo. Mas o escriturário não conhecia ninguém a não ser os colegas de escritório.

Colegas, não amigos.

Quando chegou na pensão, a orelha saía pela perna da calça. O escriturário tirou a roupa. Deitou-se, louco para dormir e esquecer. E se fosse ao médico? Um otorrinolaringologista. A esta hora da noite? Olhava o forro branco. Incapaz de pensar, dormiu de desespero.

Ao acordar, viu aos pés da cama o monte de uns trinta centímetros de altura. A orelha crescera e se enrolara como cobra. Tentou se levantar. Difícil. Precisava segurar as orelhas enroladas. Pesavam. Ficou na cama.

Dormiu. Acordou no meio da noite com o barulhinho da orelha crescendo. Dormiu de novo e quando acordou na manhã seguinte, o quarto se enchera com a orelha. Ela estava em cima do guarda-roupa, embaixo da cama, na pia. E forçava a porta.

(Ignácio Loyola Brandão. *Os melhores contos de Ignácio de Loyola Brandão*. São Paulo: Global, 1993. Adaptado)

A narrativa apresenta uma personagem cuja orelha cresce misteriosamente. A leitura atenta do texto nos leva a perceber um

- (A) narrador observador, pois ele não participa diretamente dos fatos que acontecem com a personagem central.
- (B) narrador personagem, pois quem narra é o homem cuja orelha cresceu.
- (C) narrador personagem, pois ele é um médico, e não tem fala na história.
- (D) narrador observador, pois quem narra é uma das personagens do texto, que observa o que está ocorrendo.

5-) (Habilidade: Estabelecer relações entre imagens (fotos, ilustrações), gráficos, tabelas, infográficos e o corpo do texto, comparando informações pressupostas ou subentendidas.)

Leia o texto a seguir e observe o quadro.

Hora trabalhada de mecânico já custa o dobro da de médico

A evolução da tecnologia nos carros está exigindo profissionais cada vez mais preparados para a manutenção.

De acordo com o Cesvi (centro de segurança viária), o número médio de componentes eletrônicos em um sedã médio passou de oito, em 2002, para 21, neste ano.

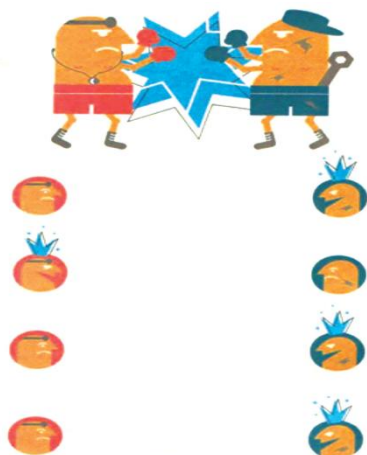
“A tecnologia proporciona conforto, segurança e economia de combustível, mas é preciso saber lidar com ela na hora do reparo”, diz Almir Fernandes da Costa, diretor de operações do Cesvi.

Segundo o Sindirepa-SP (sindicato da indústria de reparação de veículos) um mecânico recebe, em média, R\$ 88 por hora. O valor dobra quando o profissional é especialista em injeção eletrônica.

Em alguns casos, é mais do que recebe um médico, por exemplo. Segundo a pesquisa Bolsa de Salários, do Datafolha, um clínico geral ganha, em média, R\$ 45 por hora. “A remuneração dos médicos está defasada há anos e na rede pública o salário é ainda menor”, diz João Paulo Cechinel, diretor do Simesp (sindicato dos médicos).

A APM (Associação Paulista de Medicina) diz que planos de saúde pagam cerca de R\$ 35 por consulta médica. Para Gilberto Martinez de Oliveira, gerente de pós-venda da concessionária Sorana, o mecânico, hoje, não pode só mexer com graxa. “Precisa entender de mecatrônica e saber operar aparelhos de diagnóstico computadorizados.” Na equipe de Oliveira, além de profissionais com cursos técnicos tradicionais, há dois com curso superior – um deles foi promovido a consultor técnico depois de concluir a pós-graduação.

(Ribeiro, *Folha de S. Paulo* – Veículos, 1.º jul. 2012, pg. 8)



Segundo a notícia, a evolução da tecnologia tem aumentado os custos de manutenção dos carros. Essa informação é ratificada pelo quadro, que mostra que:

- (A) a hora de um mecânico custa o dobro de uma consulta médica.
- (B) o custo mensal com o carro é praticamente a metade do que se gasta em saúde.
- (C) a revisão de um carro tem um valor muito superior ao de uma consulta com um clínico geral.
- (D) os altos valores dos procedimentos mecânicos forçam o consumidor a apelar para modelos populares.

6-) (Habilidade: Distinguir um fato da opinião pressuposta ou subentendida em relação a esse mesmo fato, em segmentos descontínuos de um texto.)

Leia o texto e responda à questão.

CASA DOS QUADRINHOS

Ainda este ano deverá ser criado um museu sobre o tema em Belém

Os quadrinhos brasileiros estão prestes a realizar o sonho da casa própria. Ainda este ano deverá ser inaugurado o Museu dos Quadrinhos da Amazônia, em Belém, no Pará. O grupo de desenhistas Ponto de Fuga está coletando originais de todo o país para montar o acervo. A primeira leva de doações vai até 30 de abril e será exibida no evento

Amazônia Comicon, de 24 a 27 de maio, em Belém. A campanha continua até o fim do ano, quando será lançado um catálogo de artistas.

“Queremos reunir desenhos, revistas, jornais, roteiros originais e artigos sobre quadrinhos de diversas épocas e regiões. Isso vai ser bom para pesquisadores”, afirma Luiz Cláudio Negrão, membro do Ponto de

Fuga. Atualmente, acervos de HQs podem ser vistos em gibitecas e no Museu de Artes Gráficas de São

Paulo. Mas, segundo Waldomiro Vergueiro, professor da Escola de Comunicação e Artes da USP e organizador do livro *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula* (Contexto, 2004), ainda não há estrutura para preservação de originais.

A boa notícia é que os quadrinhos vêm ganhando importância. “A produção brasileira ganhou força nos anos 1970, principalmente por causa de Maurício de Sousa e os quadrinhos infantis. Na década de 1990 tivemos uma estagnação, mas nos últimos dez anos batemos recorde de lançamento de álbuns em *graphic novel*. Também surgiram eventos e conferências sobre o tema e várias pesquisas”, conta Vergueiro.

(Casa dos quadrinhos. *Revista História da Biblioteca Nacional*. Ano 7, n.o 79, abril 2012. p.13)

A frase do segundo parágrafo – “Isso vai ser bom para pesquisadores...” caracteriza-se como

- (A) um fato sobre os quadrinhos.
- (B) uma opinião de um entrevistado.
- (C) um fato sobre a Casa dos Quadrinhos.
- (D) uma opinião do autor da matéria.

7-) (Habilidade: Justificar o uso de recurso a formas de apropriação textual como paráfrases, citações, discurso direto, indireto ou indireto livre, em um texto.)

Leia o texto e responda à questão.

IRRESPIRÁVEL

23 de setembro de 2007

Se você andava achando impossível respirar depois de quase dois meses sem chuva em São Paulo, ou coisa semelhante em Ribeirão Preto, ou em Cuiabá, ou se não aguenta mais assistir a queimadas nos parques nacionais e na beira das rodovias, você ainda não viu nada. Experimente ler *A estrada*, de Cormac McCarthy, para saber o que é bom para tosse.

Prepare-se. É uma viagem ruim. “O homem” e “O menino”, seu filho, perambulam por um mundo pós-hecatombe, recolhendo migalhas de um tempo ido, sem volta, sem esperança, sem horizontes. Só cinzas, fumaça, névoa, fome e frio.

(Marcelo Leite. *Ciência: use com cuidado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. p.113. Adaptado)

Ao parafrasear o texto *A estrada*, de Cormac McCarthy, o autor estabelece uma relação entre:

- (A) as queimadas dos parques nacionais na realidade e na ficção.

- (B) a diferença de preservação do meio ambiente real e o ficcional.
- (C) as dificuldades de se viajar pelo Brasil e pelos Estados Unidos.
- (D) a atmosfera poluída e pesada do clima real e da obra ficcional.

8-) (Habilidade: Inferir o tema ou o assunto principal, com base na localização de informações explícitas no texto.)

Leia o texto e responda à questão.

FEIJÃO -CARIOQUINHA

2 xícaras (chá) de feijão-carioca

4 xícaras (chá) de água

2 colheres (sopa) de óleo

Sal e pimenta-do-reino a gosto

2 dentes de alho espremidos

1 pitada de cominho em pó

1 cebola pequena picada

1 folha de louro

Lavar bem o feijão e deixar de molho na água por no mínimo 6 horas. Trocar a água por uma nova e cozinhar na panela de pressão tampada por 30 minutos após o início do chiado. Esquentar o óleo em uma panela e fritar a cebola e o alho até dourar. Adicionar o feijão com o caldo do cozimento, a folha de louro, o cominho, o sal e a pimenta. Cozinhar por 20 minutos ou até o caldo engrossar. Colocar por mais 10 minutos e servir. Se desejar o caldo mais grosso, amassar uma quantidade maior de grãos. Se desejar congelar o feijão, deve fazê-lo antes de temperar. Depois, e só retirar o feijão já cozido do refrigerador, descongelar na geladeira de um dia para o outro e temperar na hora de servir.

(Disponível em: <http://www.livrodereceitas.com/arroz/arro1428.htm>. Acesso em 12.11.2009)

O assunto principal do texto é o modo de

- (A) lavar feijão-carioquinha.
- (B) utilizar uma panela de pressão.
- (C) fazer um refogado.
- (D) preparar o feijão-carioquinha.

9-) (Habilidade: Justificar, com base nas características dos gêneros, diferenças ou semelhanças no tratamento dado a uma mesma informação veiculada em textos diferentes.)

Leia o texto e responda à questão.

Texto 1

FONTES DE AROMAS

Os egípcios inventaram e o mundo aprovou. Os perfumes são objetos de desejo e recebem cada vez mais destaque na moda. Grandes marcas lançam os seus aromas e mudam os ares das passarelas. Quem não se lembra da lendária e sedutora resposta de Marilyn Monroe à pergunta de como ela gostava de dormir? “Apenas com três gotas do Chanel n.º 5”, disse a musa, que, com a declaração, conseguiu tornar o perfume o mais consumido do mundo. Os tempos se passaram e as fragrâncias se multiplicaram. Existem cheirinhos ideais para cada momento do dia. Cítricos, florais, secos, frutados e a até os inspirados em vinhos. Os alquimistas dos aromas conseguem criar deliciosas misturas especiais que, como em um passe de magia, levam, por exemplo, a harmonia dos campos floridos para uma cidade ou então a brisa marinha para uma casa na serra. Sem dúvida, os perfumes conseguem realizar uma viagem aromática das melhores.

(Constança Fontes. *Revista Zona Sul*, n.º 1736)

Texto 2

OS PERFUMES DA TERRA

Já falei do perfume do jasmim? Já falei do cheiro do mar. A terra é perfumada. E eu me perfumeo para intensificar o que eu sou. Por isso não posso usar perfumes que me contrariem. Perfumar-se é uma sabedoria instintiva.

E como toda arte, exige algum conhecimento de si própria. Uso perfume cujo nome não digo: é meu, sou eu. Duas amigas já me perguntaram o nome, eu disse, elas compraram. E deram-me de volta: simplesmente não eram elas. Não digo o nome também por segredo. É bom perfumar-se em segredo.

(Clarice Lispector. Os perfumes da terra. In: _____. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Rocco)

É correto afirmar que o os dois textos

- (A) abordam o perfume de modo distinto: o 1.º é mais informativo; o 2.º, subjetivo.
- (B) defendem a ideia de que há perfumes adequados para cada momento do dia.
- (C) ocupam-se da rejeição a perfumes que contrariam as pessoas que os usam.
- (D) tratam da importância e do crescimento da indústria cosmética nas últimas décadas.

10-) (Habilidade: Distinguir um fato da opinião pressuposta ou subentendida em relação a esse mesmo fato, em segmentos descontínuos de um texto.)

Leia o texto e responda à questão.

AUTOR DA “LEI SECA” DIZ QUE PROIBIR MOTORISTAS DE BEBER É MEDIDA “RAZOÁVEL”

Vinte e uma pessoas foram presas no último fim de semana, somente em São Paulo, por causa da chamada “lei seca”. A lei prevê multa de R\$ 955,00, apreensão de carteira por um ano e até prisão para o motorista que for flagrado dirigindo alcoolizado. E, na avaliação do autor da lei, deputado federal Hugo Leal (PSC-RJ), a medida é “razoável”.

“A lei é um aperfeiçoamento do que já existia, mas acontece que as pessoas sempre relaxavam na hora de dirigir”, disse o deputado. “O que mudou? Mudou o comportamento, e isso é o mais importante. As pessoas agora têm a noção exata do que representa dirigir um veículo”, afirmou.

Segundo ele, as críticas partem de quem defende a liberdade de dirigir e beber. “Faz sentido isso?”, questiona. “Eu estou defendendo uma coisa razoável. Por isso que a lei tem alta aprovação”, afirmou Leal. Pesquisa do Datafolha indica que 86% dos moradores das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro aprovam a lei.

Para o deputado, as pessoas que criticam a lei também querem sobrepor um direito individual a um direito coletivo. “A consciência coletiva tem que ser cada vez mais premiada dentro da sociedade. As pessoas estão mais participativas e isso é fundamental, assim os órgãos públicos também evoluem.”

(<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2008/07/08/ult5772u274.jhtm>. Acessado em 08.07.2008.

Adaptado)

Assinale a alternativa em que se evidencia uma opinião sobre algum aspecto relativo à lei seca.

- (A) Vinte e uma pessoas foram presas em São Paulo em razão da lei seca.

- (B) O direito coletivo é mais importante que o direito individual.
- (C) A multa para quem for flagrado alcoolizado ao volante é de R\$ 955,00.
- (D) O autor da “lei seca” é o deputado federal Hugo Leal.

Anexo E
Questionário final

GABARITO									
Questão	Resposta	Questão	Resposta	Questão	Resposta	Questão	Resposta	Questão	Resposta
1		2		3		4		5	
6		7		8		9		10	

1-) (Localizar e relacionar itens de informação explícita, distribuídos ao longo de um texto.)

A tecnologia brasileira está ajudando a população de Angola a identificar e desarmar milhares de minas terrestres ainda existentes por lá, consequência de uma guerra civil de três décadas. Uma empresa de São José dos Campos especializada em informações geográficas vem dando treinamento aos angolanos para a identificação de minas por meio de imagens de satélite. Atualmente, são registradas 400 vítimas das minas por ano em Angola.

(Revista Veja, 23 jul. 2008)

De acordo com esse texto, qual a finalidade da tecnologia brasileira em Angola?

- (A) Desarmar os angolanos.
- (B) Destruir imagens de satélite.
- (C) Fazer exportações de produtos.
- (D) Identificar minas terrestres.

2-) (Habilidade: Inferir a perspectiva do narrador em uma narrativa literária, justificando conceitualmente essa perspectiva.)

O galo que logrou a raposa

Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore. A raposa, desapontada, murmurou consigo: “Deixe estar, seu malandro, que já te curo!. .. E em voz alta:

– Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais. Lobo e cordeiro, gavião e pinto, onça e veado, raposa e galinhas, todos os bichos andam agora aos beijos, como namorados.

Desça desse poleiro e venha receber o meu abraço de paz e amor.

– Muito bem! – exclama o galo. Não imagina como tal notícia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldades e traições! Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas ... como lá vêm vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que também eles tomem parte na confraternização.

Ao ouvir falar em cachorro, Dona Raposa não quis saber de histórias, e tratou de pôr-se ao fresco, dizendo:

– Infelizmente, amigo Có-có-ri-có, tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. Fica para outra vez a festa, sim? Até logo.

E raspou-se.

Contra esperteza, esperteza e meia.

(Monteiro Lobato. Fábulas)

Esse texto é narrado

(A) pelo galo.

(B) pela raposa.

(C) pelo cachorro.

(D) pelo narrador observador.

3-) (Habilidade: Identificar a finalidade de um texto, seu gênero e assunto principal.)

Artigo 29

I) Todo homem tem deveres para com a comunidade, na qual o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade é possível.

II) No exercício de seus direitos e liberdades todo o homem estará sujeito apenas às limitações determinadas pela lei, exclusivamente com o fim de assegurar o devido reconhecimento e respeito dos direitos e liberdades de outrem e de satisfazer as justas exigências da moral, da ordem pública e do bem estar de uma sociedade democrática.

III) Esses direitos e liberdades não podem, em hipótese alguma, ser exercidos contrariamente aos objetivos e princípios das Nações Unidas.

(Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: www.dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/integra.htm.)

Esse texto tem por objetivo

- (A) apresentar uma opinião.
- (B) conscientizar os homens.
- (C) estabelecer comunicação.
- (D) indicar direitos e deveres.

4-) (Habilidade: Justificar o uso de recurso a formas de apropriação textual como paráfrases, citações, discurso direto, indireto ou indireto livre, em um texto.)

UM MUNDO DE COISAS PARA LER

Na próxima década, a massa de informação que circula no mundo dobrará de volume a cada oitenta dias. Pelo menos é o que dizem os especialistas. Reduzir o tempo gasto nessa leitura toda não é má ideia. Mas seria possível? “Não conheço estudos que indiquem isso”, afirma o neuroftalmologista Paulo Imamura da Universidade Federal de São Paulo. Jorge Roberto Pagura, neurocirurgião do hospital paulista Albert Einstein, discorda. “Atividades cerebrais podem ser adestradas”, afirma. O fato é que pouco se sabe sobre a fisiologia da leitura. Para a diretora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Marlene Carvalho, a técnica funciona para jornais, relatórios e processos. Mas não para textos literários. O cineasta americano Woody Allen pensa do mesmo modo. Criou até uma piada sobre o assunto: “Fiz um curso de leitura dinâmica e consegui ler o romance Guerra e Paz, de Leon Tolstoi em apenas 15 minutos! É sobre a Rússia.”

(UM MUNDO de coisas para ler. Revista Superinteressante, v.112, p.64, 1997. CD-ROM. Fragmento)

No artigo, o autor reproduz a fala dos especialistas consultados com a intenção de

- (A) elogiar os entrevistados.
- (B) evidenciar a polêmica referente ao tema tratado.
- (C) mostrar erudição.

(D) enfatizar a velocidade da leitura.

5-) (Habilidade: Organizar os episódios principais de uma narrativa literária em sequência lógica.)

Um mundo caótico

Na origem, nada tinha forma no universo. Tudo se confundia, e não era possível distinguir a terra do céu e do mar. Esse abismo nebuloso se chamava Caos. Quanto tempo durou? Até hoje não se sabe.

Uma força misteriosa, talvez um deus, resolveu pôr ordem nisso. Começou reunindo o material para moldar o disco terrestre, depois o pendurou no vazio. Em cima, cavou a abóbada celeste que encheu de ar e de luz. Planícies verdejantes se estenderam na superfície da terra, e montanhas rochosas se ergueram acima dos vales. A água dos mares veio rodear as terras. Obedecendo à ordem divina, as águas penetraram nas bacias, para formar lagos, torrentes desceram das encostas, e rios serpentearam entre os barrancos.

Assim foram criadas as partes essenciais de nosso mundo por essa força misteriosa. Elas só esperavam seus habitantes. Os astros e os deuses logo iriam ocupar o céu, depois, no fundo do mar, os peixes estabeleceriam seu domicílio, o ar seria reservado aos pássaros e a terra a todos os outros animais.

Era necessário um casal de divindades para que novos seres e deuses fossem gerados. Foram Urano, o Céu, e Gaia, a Terra, que puseram no mundo uma porção de seres estranhos. (Claude Pouzadoux, Contos e lendas da Mitologia Grega)

Assinale a alternativa em que os episódios da criação do mundo, segundo a Mitologia Grega, estão na mesma ordem apresentada no texto “Contos e lendas da Mitologia Grega”:

(A) Surge uma força misteriosa – o caos se instaura – Urano e Gaia são gerados para cuidar do mundo – Terra, céu, rios e mares são criados – Deuses, astros e animais habitam o mundo.

(B) Urano e Gaia são gerados para cuidar do mundo – Terra, céu, rios e mares são criados – Deuses, astros e animais habitam o mundo – surge uma força misteriosa – o caos se instaura.

(C) Existia apenas o caos – surge uma força misteriosa – Terra, céu, rios e mares são criados – Deuses, astros e animais habitam o mundo – Urano e Gaia são gerados para cuidar do mundo.

(D) Existia apenas o caos – Urano e Gaia são gerados para cuidar do mundo – Terra, céu, rios e mares são criados – Deuses, astros e animais habitam o mundo – surge uma força misteriosa.

6-) (Habilidade: Estabelecer relações entre segmentos de um texto, identificando o antecedente de um pronome relativo ou o referente comum de uma cadeia de substituições lexicais.)

Em – Os amazonenses fazem fé nessa versão que atesta o poder do guaraná e **o** consomem diariamente para manter a boa disposição – o pronome o, em destaque, substitui a palavra

(A) amazonenses.

(B) guaraná.

(C) versão.

(D) fé.

7-) (Habilidade: Justificar a presença, em um texto, de marcas de variação linguística, no que diz respeito aos fatores geográficos, históricos, sociológicos ou técnicos, do ponto de vista da fonética, do léxico, da morfologia ou da sintaxe.)

Leia trecho adaptado de um bate-papo pela internet, retirado de uma das salas do UOL.

Gata fala para **MOÇO**: NAO QUERO TC PQ VC PIZOU NA BOLA

André fala para **Todos**: Alguém q tc?

EU MESMO fala para **apaixonado**: QUEM E VC

Gata fala para **nóis**: ACHO QUE APARENCIA NAO EMPORTA

EU MESMO fala para **Gata**: eai gata ta afim de tc

Gata fala para **apaixonado**: OI QTOS ANOS

Com base no diálogo transcrito da sala de bate-papo, é correto afirmar que a linguagem utilizada

(A) incorre em erros relativos à escrita das palavras, mas mantém um nível de linguagem elevado, sem gírias.

(B) diverge em alguns aspectos das normas ortográficas, mas é eficiente para a comunicação dos participantes do bate-papo.

(C) recorre, com muita frequência, à utilização de siglas e abreviações, sem que haja violação das normas ortográficas.

(D) impossibilita que todas as pessoas consigam estabelecer uma comunicação eficiente e clara numa sala de bate-papo como essa.

8- (Habilidade: Distinguir um fato da opinião pressuposta ou subentendida em relação a esse mesmo fato, em segmentos descontínuos de um texto.)

CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

Uma das crises mais importantes para o destino da humanidade é a crise ecológica. Os cientistas afirmam que em 50 anos a temperatura média, no planeta Terra, subirá em seis graus centígrados. Isso vai significar a extinção de mais da metade das espécies hoje existentes. Autoridades ecológicas afirmam que, em alguns anos, o nível do mar subirá meio metro, inundando cidades e outras áreas.

Aqui no Ceará, vemos isso na cidade de Icarai, município de Caucaia, onde barracas de praia foram espremidas contra a barreira por causa do aumento do nível do mar. Então a crise econômica, que é muito importante, não se compara à crise ecológica que destrói por definitivo a vida na Terra.

Para cada ação há uma reação! A nossa reação diante da destruição do planeta deve ser de profunda mudança de estilo de vida. Em vez de uma vida exploratória e predatória, devemos viver uma vida simples, doadora e humana.

Fonte: LESSA, Paulo Roberto Girão. Consciência ecológica. Folha Online, São Paulo, 30 out. 2008.

Assinale a alternativa em que se reproduz uma opinião do enunciador do texto.

(A) “Nos últimos anos, várias espécies animais e vegetais foram extintas”.

(B) “No Ceará, houve aumento do nível do mar”.

(C) “Em Icarai, barracas de praia foram espremidas contra a barreira”.

(D) “É preciso viver uma vida simples”

9- (Habilidade: Diferenciar ideias centrais e secundárias ou tópicos e subtópicos de um texto.)

Leia o texto e responda à questão.

Livramento (morro do): Situado no bairro da Saúde, foi o local onde Machado nasceu, em 1839. Naquele ano, toda a área do morro era ocupada por uma imensa chácara, propriedade da família de Bento Barroso Pereira, homem de prestígio, brigadeiro e senador do Império, falecido em 1837. Desde então, sua esposa,

D. Maria José de Mendonça Barroso Pereira assumiu a administração da propriedade, formada por vários imóveis, o palacete da proprietária, a capela consagrada a Nossa Senhora do Livramento, casas destinadas a escravos e a agregados. Foi ali que Machado passou os primeiros anos de vida, que o iriam marcar para sempre. Lúcia Miguel Pereira acha que o escritor recriou o ambiente da chácara na novela “Casa Velha”, opinião aceita por outros biógrafos. Machado nasceu em casa não identificada, demolida no início do século XX.

Fonte: CUNHA, Celso. Gramática do português contemporâneo. Porto Alegre: L&PM Pocket; Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

Das informações contidas nesse verbete, a mais importante é que

- (A) a área do morro era ocupada por uma imensa chácara, propriedade da família de Bento Barroso Pereira.
- (B) D. Maria José assumiu a administração da propriedade depois da morte do marido.
- (C) o escritor Machado de Assis nasceu no morro do Livramento, no bairro da Saúde.
- (D) os proprietários da chácara onde nasceu Machado de Assis eram pessoas ilustres.

10-) (Habilidade: Localizar um argumento utilizado pelo autor para defender sua tese, em um texto argumentativo.)

PRECONCEITO E PRETENSÃO

A tese da internacionalização, ainda que circunstancialmente possa até ser mencionada por pessoas preocupadas com a região amazônica, longe está de ser solução para qualquer dos nossos problemas. Assim, escolher a Amazônia para demonstrar preocupação com o futuro da humanidade é louvável se assumido também, com todas as suas consequências, que o inaceitável processo de destruição das nossas florestas é o mesmo que produz e reproduz diariamente a pobreza e a desigualdade por todo o mundo.

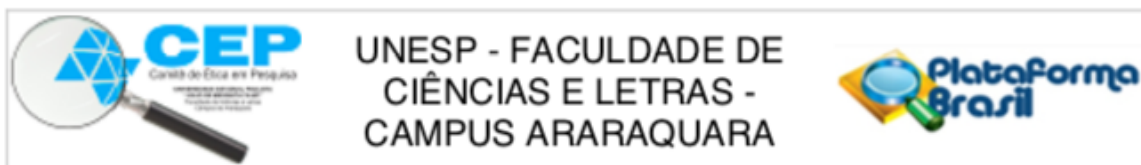
Se assim não for, e a prevalecer mera motivação “da propriedade”, então seria justificável também propor devaneios como a internacionalização do Museu do Louvre ou, quem sabe, dos poços de petróleo, ou ainda, e neste caso não totalmente desprovido de razão, do sistema financeiro mundial.

Fonte: JATENE, Simão. Preconceito e pretensão. In: JB ecológico. Ano 4, n.º 42, jul. 2005. pp. 46-47. Fragmento.

Para defender seu ponto de vista, o enunciador do texto utiliza como argumento

- (A) um dado estatístico referente à ampliação do sistema financeiro.
- (B) um exemplo referente à criação de novos poços de petróleo.
- (C) uma causa relativa à preservação do Museu do Louvre.
- (D) uma comparação relativa à produção e à reprodução da pobreza.

Anexo F
Parecer Consubstanciado do CEP



Continuação do Parecer: 2.750.625

Os benefícios são claros e evidentes. Os participantes do projeto ganham muito com seu desenvolvimento.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem elaborada e fundamentada e deve ser desenvolvida.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O termo está correto e atende às exigências previstas nas normativas éticas vigentes. No entanto, a última folha deve ser corrigida, fazendo constar:

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa e autorizo e concordo com a participação de meu(minha) filho (a).

Recomendações:

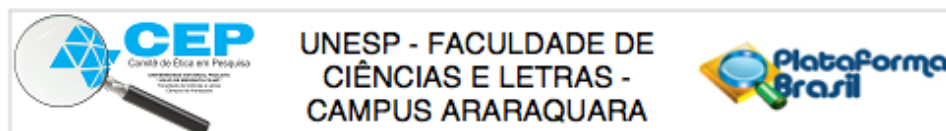
Sugiro que a pergunta 6ª do Roteiro de entrevista final seja melhor elaborada.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Alterar o TCLE, fazendo constar: "Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa e autorizo e concordo com a participação de meu(minha) filho (a)."

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da FCLAr/UNESP, reunido em 27/06/2018, considerou o projeto apresentado com pendências.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O texto literário na sala de aula: estudo e prática de métodos de leitura do texto literário

Pesquisador: ANA CAROLINA MIGUEL COSTA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 90830218.3.0000.5400

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus Araraquara

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.841.601

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa sobre "o texto literário na sala de aula: estudo e prática de métodos de leitura do texto literário" e visa obter resultados sobre como o texto na sala de aula pode ser trabalhado de forma independente de outros conteúdos que lhe tangenciam comumente no ensino de português e redação.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo da pesquisa consiste em "realizar estudos teóricos e pesquisa de campo sobre o ensino do texto literário na sala de aula e as possibilidades de reflexão, crítica e discussão sobre o mesmo, visando à quebra do paradigma de que o texto é um instrumento para outros fins. É, portanto, objetivo desta pesquisa o estudo de como o texto pode ser trabalhado com um fim nele mesmo, e não como meio para outros estudos."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora apresentou de forma bastante detalhadas os risco mínimos que envolvem a pesquisa e assegurou que serão tomadas medidas para evitar tais riscos.

Por outro lado, esclarece que a pesquisa visa importantes benefícios: "Desenvolver\aperfeiçoar as capacidades\habilidades de interpretação, reflexão, crítica, entre outras dos participantes."

Endereço: Rod. Araraquara- Jaú Km1
Bairro: CENTRO **CEP:** 14.800-901
UF: SP **Município:** ARARAQUARA
Telefone: (16)3334-6124 **E-mail:** comitedeetica@fclar.unesp.br

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1119584.pdf	27/05/2018 17:54:08		Aceito
Cronograma	cronograma2018.docx	27/05/2018 17:53:22	ANA CAROLINA MIGUEL COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Plano_de_Trabalho_de_Ana_Carolina.doc	15/05/2018 22:25:54	ANA CAROLINA MIGUEL COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_novo.docx	15/05/2018 22:24:55	ANA CAROLINA MIGUEL COSTA	Aceito
Outros	Modelo_Atividade_Avaliativa_SARESP.doc	15/05/2018 22:23:27	ANA CAROLINA MIGUEL COSTA	Aceito

Endereço: Rod. Araraquara- Jaú Km1

Bairro: CENTRO

CEP: 14.800-901

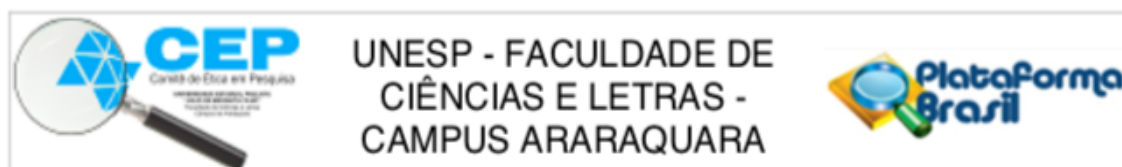
UF: SP

Município: ARARAQUARA

Telefone: (16)3334-6124

E-mail: comitedeetica@fclar.unesp.br

Página 02 de 03



Continuação do Parecer: 2.750.625

Folha de Rosto	Folha_de_Rosto2018.pdf	15/05/2018 22:22:46	ANA CAROLINA MIGUEL COSTA	Aceito
Parecer Anterior	Folhaderosto2016pdf.pdf	15/05/2018 22:09:42	ANA CAROLINA MIGUEL COSTA	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista_inicial_e_final_com_o_participante.docx	15/05/2018 22:07:21	ANA CAROLINA MIGUEL COSTA	Aceito
Outros	questionario.docx	15/05/2018 22:06:18	ANA CAROLINA MIGUEL COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARARAQUARA, 03 de Julho de 2018

Assinado por:
Sebastião de Souza Lemes
(Coordenador)

Anexo G

Transcrições

“Fita verde no cabelo (Nova velha estória)” – João Guimarães Rosa

Leitura do texto em voz alta pela professora.

1 Danilo: Que texto alegre hein professora! (ironia)

2 P.: Vocês acharam triste o texto?

3 Alguns alunos: Sim!

4 P.: Por quê?

(Todos os alunos falam bastante, todos querem responder. A professora chama atenção).

5 Otacílio: Porque a avó dela morre.

6 P.: Porque a avó dela morre. Que mais?

7 Leandro: É o contrário da Chapeuzinho Vermelho.

8 Marina: Ela perde a fitinha dela.

9 Danilo: Nossa, a vida dela está totalmente perdida.

Os alunos falam muito, todos ao mesmo tempo.

10 Caio: É triste, ninguém é feliz.

12 P.: Mas, como você chegou a essa conclusão?

13 Caio: Porque ela fala os velhos velhando, os adultos esperando e as crianças crescendo.

14 P.: Mas o que significa então... Vamos começar lá do começo. O que significa então esses velhos que velhavam?

15 Caio: Que os velhos não eram felizes, eles ficavam chatos.

(Leandro tenta falar algo, mas como a professora começa a fazer uma pergunta e ele para).

16 P.: Mas aqui está falando que eles são tristes?

17 Alguns alunos: Não.

18 Alguns alunos: Sim.

(Não dá para entender as respostas, todos falam ao mesmo tempo).

19 Otacílio: É triste quando a avó dela fala para ela que não vai poder abraçar ela.

20 José: Eu acho que tira o foco da história porque o lobo morreu.

21 P.: O lobo morreu. Mas por que será que o lobo morreu?

22 Caio: Porque os caçadores mataram. (Muitos alunos falam ao mesmo tempo).

23 P.: Voltem ao começo do texto e deem uma olhada.

24 Caio: Ele fala que todo mundo têm juízo, que ninguém faz nada de diferente, legal, divertido, diferente do que os outros.

(Um aluno, ao fundo, propõe para todos os colegas irem dormir).

25 P.: Mas ele fala que todo mundo não tinha juízo ou só a Chapeuzinho Vermelho não tinha juízo, antes e depois, como era?

26 Caio: Ela é a única que não tinha juízo.

27 P.: E aí vocês acham que é a mesma coisa no final?

28 Alguns alunos: Não.

29 Caio e José falam praticamente ao mesmo tempo: Não, porque ela amadureceu quando da morte da avó.

30 P.: Como você chegou a isso?

31 Caio: Porque ela fala que a avó fechou os olhos e aí ela gritou que tinha medo do lobo.

32 P.: Mas como você chegou a conclusão que ela amadureceu?

33 Leandro: Porque isso é uma coisa que os adultos vivenciam. **Caio:** pois são gentes mais maduras, coisas que passam no dia a dia delas.

(Cláudio interrompe a discussão para pedir para ir ao banheiro).

34 P.: Como a Chapeuzinho estava no começo da história?

35 Alguns alunos: Ela era diferente. Como se fosse uma criança.

36 Nicolau: Como se ela fosse uma criança e depois com atitude de adulta.

37 P.: O que tem no texto para mostrar que ela é uma criança ainda?

38 Alguns alunos: Sara: Que ela é uma menina. **Caio:** Meninazinha. Sem juízo.

39 P.: Como são as atitudes dela?

40 Alguns alunos: Henrique: Ela não era madura. Tinha a fita verde na cabeça. **Caio:** Chamava de vovozinha, disse que tinha medo do lobo.

41 P.: Isso, tinha medo do lobo, pois quem tem medo do lobo é mais criança.

42 Danilo: Mas o lobo morreu, porque tinha medo do lobo?

43 P.: Então, só que quem é esse lobo?

44 Caio: Será que nesse caso o lobo não é a morte, professora?

45 P.: No final ela fala assim: “Gritou: - Vovozinha, eu tenho medo do Lobo”. Só que se os lobos não existem mais, que lobo é esse?

46 Alguns alunos: A Morte.

47 P.: E por que ela tem medo da morte?

48 Caio, Leandro e Marina falam ao mesmo tempo: Por causa da avó dela. (Não dá para entender o restante).

49 Caio: Porque ela amava a avó e ela não queria perder ela.

50 Hércules: Ela não queria perder mais ninguém.

51 P.: Mas será que ela tinha perdido outras pessoas?

(Leandro tenta falar, mas é interrompido por outro colega).

52 Leandro: Acho que sim.

53 Leandro: Ela perdeu alguém que amava.

54 P.: Voltando para o texto, observando as palavras, o que é um velho que velha?

(Todos falando ao mesmo tempo)

55 Marina: Ele não se sente como velho, mas age como um velhinho.

56 Leandro: Ele é chato, amargurado, ranzinza.

57 P.: Mas será que o velho é só amargurado, chato, ele não é sinônimo de outras coisas?

58 Caio: As pessoas associam eles a estereótipos de que eles são chatos.

59 P.: Mas velho é só isso? Mais nada?

60 Caio: Não, ele pode ser legal, depende da pessoa.

61 P.: Se os velhos já viveram muito tempo, o que eles sabem?

62 Leandro: Tudo.

63 Caio: Eles sabem mais que todo mundo.

64 P.: Então os velhos que velhavam, o que será que eles estavam fazendo?

65 Caio: Eles estavam ensinando as pessoas, o que acontecia, o que aconteceu, para elas fazerem as coisas.

66 P.: Voltando ao texto, quando ele fala da aldeia para a gente: “Havia uma aldeia, em algum lugar, nem maior nem menor [...]”. O que isso significa?

67 Otacílio: Que não é um lugar bom nem um lugar ruim.

68 Nicolau: Que não seria muito grande nem muito pequeno.

69 P.: Mas que aldeia é essa? É uma aldeia específica?

70 Alguns alunos: Não.

71 Lara: É onde muitas pessoas moram.

72 P.: Então por que será que ele coloca isso? “[...] daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são”.

(Silêncio na sala por alguns segundos).

73 Leandro: Não vê o tempo passar ou as pessoas morrem e passa o tempo e crescem.

74 Marlon: Quando o tempo fica muito rápido e você não pode aproveitar com as pessoas.

75 P.: Quando a gente é criança, a gente vê o tempo passar?

76 Alguns alunos: Não.

77 Alguns alunos: Vê.

78 Gonçalo: Não, passa muito rápido.

79 Danilo: Ah, eu vejo.

80 Caio: Eu sei agora. É porque todos acham que são imortais, que nunca vão morrer e aqui ele está falando que eles acham que veem, mas eles não veem. Na verdade isso não acontece.

(Leandro chama a atenção da professora para conseguir falar).

81 Leandro: Eu entendi a questão do moinho, pois ele gira como o relógio.

82 P.: Mas esse girar como o relógio, ele diz que nós não vemos o tempo.

83 Leandro: É. Porque o tempo passa como o moinho.

84 P.: Será que por ela ser criança, ela está ali brincando e não está vendo o tempo passar?

85 Alguns alunos: É.

86 P.: E no começo ela fala que ela tem o que no cabelo?

87 Alguns alunos: A fita verde.

88 P.: E o que vai acontecendo com essa fita?

89 Caio: Vai se acabando.

90 Marina: Quando ela chega na casa da avó, a fita sai voando.

(Todos falam ao mesmo tempo).

91 Davi: As crianças usam a fita no cabelo e ela perdeu.

92 P.: Ele disse uma coisa interessante, as crianças usam fita no cabelo e ela perdeu.

93 Sara: Ela deixou de ser criança.

94 P.: E ela deixou de ser criança para ser o quê?

95 Caio: Ela perdeu a inocência.

(Todos estão falando ao mesmo tempo e não dá para entender o que querem dizer. A professora intervém e explica que tem que ser um de cada vez).

96 Cláudio: Ela virou uma pessoa responsável.

97 P.: Por que você acha isso?

98 Sara: Porque ela conseguiu sentir que ela cresceu.

99 Nicolau: Ela perdeu a infância com a morte da avó dela.

(Ao fundo Danilo sussurra que o texto é muito trágico).

100 P.: Ela presenciou a morte da avó, por isso ela cresceu?

101 Alguns alunos: Não.

102 Danilo: Não, porque ela perdeu a fita antes da avó morrer.

103 P.: Por que será que ela perdeu antes? Será que foi por que ela passou por uma transformação?

104 Sara: Ela amadureceu.

(A inspetora de alunos interrompe a discussão para perguntar se querem que ligue o ar-condicionado da sala. Leandro aproveita e pede para ir ao banheiro).

105 Otacílio: Professora, uma história poderia ter se misturado com a outra, pois poderia ter sido o lobo que assoprou a fita dela e voou.

106 Sara: Eu acho que quando ela perde a fita, ela já estava amadurecendo, ela já cresceu, ela se sente mais viva.

107 Caio: Então ela acha que esse caminho, esse que a mãe mandou, era um caminho que ela estava envelhecendo para chegar na maturidade.

108 P.: Mas uma criança envelhecendo?

(Os alunos falam bastante).

109 Marlon: É o tempo passando.

110 Hércules: A saudade.

111 P.: Você acha que ela estava com saudade por isso ela foi amadurecendo?

112 Leandro: Eu acho que ela amadureceu porque a avó dela morreu e não tinha mais ninguém do lado dela.

113 P.: Voltem para o texto e observem o que vocês acharam diferente, curioso, o que chamou a atenção de vocês.

(Os alunos falam bastante, não dá para entender. Ao fundo, alguns discutem umas palavras. A professora avisa que vai chamar um por vez para falar, assim todos se escutam).

114 Danilo: A repetição da palavra vovozinha.

115 P.: Por que será? Quem fica repetindo as palavras?

116 Caio: Como na vida, que muitas coisas se repetem no dia. (...) Porque várias vezes no nosso dia a dia acontecem, repetindo-se sempre, então, isso estava mostrando que aconteceu.

(A inspetora interrompe a discussão mais uma vez e pede para o aluno Cláudio arrumar suas coisas para ir embora).

117 P.: Mas quem na vida real, em nossa vida mesmo, fica repetindo palavras?

118 Gregório: Igual eu falo com a minha avó, eu falo avó e depois de algum tempo eu falo avó de novo.

119 P.: As crianças não fazem isso também de ficar repetindo?

120 Danilo: Meu irmão sempre repete isso.

121 Marlon: O que seria rebuçada? Está no começo do diálogo.

122 P.: O que vocês acham que seria rebuçada?

(Professora lê o trecho onde está a palavra rebuçada).

(Os alunos das falas 123, 124 e 125 falam ao mesmo tempo e não dá para saber quem falou o quê).

123 A.: Que estava morrendo.

124 A.: Triste.

125 A.: Muito fraca.

(Danilo fez o gesto para exemplificar: encolher os ombros e abaixar a cabeça).

126 P.: Como seria esse gesto que você fez?

127 Gonçalo: Cabisbaixa, encolhida.

(Todos falam ao mesmo tempo).

128 José: Professora, pelo jeito que a menina chegou, nem parecia que ela conhecia a avó dela.

129 P.: Você acha que ela nem conhecia?

130 José: Eu estava vendo uma parte (fica em silêncio olhando o texto)

131 Danilo: Mas no começo do texto fala: “Minha netinha”.

132 José: Por isso mesmo. Igual o lobo fez na Chapeuzinho Vermelho.

(Todos falam ao mesmo tempo).

133 Lara: Agagado.

134 Caio: Seria rouca.

(Todos falam juntos)

135 P.: Vocês me falaram uma coisa interessante, primeiro ele usa “vovozinha”, depois ele usa “meninazinha”. O que é isso?

136 Alguns alunos: Diminutivo.

137 P.: E por que será que ele usou esses diminutivos?

138 Marina: Para crianças.

139 Caio: Para explicar que ela era uma criança.

140 Marina: Para ser meninazinha tem que ser muito criança.

141 P.: Voltem para a parte do texto: “Divertia-se em ver as avelãs do chão não voarem, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeinhas flores, princesinhas e incomuns, quando a gente tanto por elas passa”. O que significa isso?

142 Caio: É que elas são normais, mas de uma forma diferente.

(Todos falam juntos)

143 P.: Mas o que significa plebeia ou plebeu?

(Leandro tenta responder, mas Caio toma a frente).

144 Caio: Eu sei. Significa uma classe pobre.

(Todos falam juntos).

145 Leandro: Que não é da nobreza.

(Todos falam juntos).

146 P.: Ela percebeu as flores ali?

147 Lara: Ela passou muito rápido e não viu.

148 José: Professora, pode ser aquele tipo de flor que nasce no quintal, sem sentimento, sem nada.

149 Otacílio: Ela fez o caminho mais longo, então pode ser que ela não passe muitas vezes por aquele caminho e nunca tenha reparado naquelas flores.

(Todos falam juntos)

150 P.: “[...] além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada”. O que significa isso? No começo ela fala que tem uma fita inventada no cabelo e depois que perdeu a fita que estava atada no cabelo. Como ela perdeu essa fita que estava amarrada no cabelo só que essa fita era imaginária?

151 Marlon: Ela cresceu, aí ela perde esse negócio de imaginária.

152 José: Ela perdeu a infância dela.

153 Leandro: A fita representa a inocência dela.

154 Caio: A infância para ela era imaginária, ela achava que nunca ia sair daquilo. Mas quando ela estava atada, ela sabia que ela ia sair, só que ela não esperava.

155 Karla: Essa fita imaginária era o juízo dela e ela perdeu para ganhar o juízo.

156 Bianca: Ela perdeu a inocência dela para ganhar o juízo.

157 Bianca: Quando ela era criança, ela imaginava coisas, quando ela cresceu, ela parou de imaginar.

158 José: Era bobagem a fita.

159 P.: Bobagem porque era como uma coisa que ela gostava antes e hoje não gosta mais?

(Todos falam juntos).

160 P.: E agora o narrador, o que vocês acham dele?

161 Leandro: Para mim é mais o lobo que conta a história.

162 Caio: Uma pessoa que viveu na aldeia.

163 Marlon: A mãe dela.

164 Marlon: Ela mesma.

165 Danilo: Mas ela não fala eu, quando eu estava...

166 Marlon: A morte.

167 P.: Então será que alguém ficou sabendo dessa história e contou?

168 Danilo: Não, eu acho que é um narrador qualquer.

169 Caio: Isso foi baseado numa experiência vivida por ela.

170 P.: Para terminar, tem uma parte que fala assim: “E Ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo”. Que caminho é esse?

171 Lara: Um caminho embaralhado.

172 Marlon: Um caminho de tristeza.

173 Leandro: Um caminho para perder a juventude.

174 P.: Pensem o que é um caminho louco.

175 Leandro: É a vida.

176 P.: A vida de todo mundo é louca?

177 Marlon: Professora, já sei. O caminho que ela escolheu é o caminho das lembranças. Ela foi lembrando da avó, essas coisas, e chegando lá a avó morreu.

(Todos falam juntos).

“O menino doente” – Manuel Bandeira

Leitura do texto em voz alta pela professora

1 Professora: Esse texto é do Manuel Bandeira.

2 Cláudio: Manuel?

3 P: Isso. Manuel Bandeira.

4 Cláudio: Banuel ou Manuel?

5 P: Manuel.

6 Cláudio: Ah bom, entendi Banuel.

7 P: Alguém gostaria de ler uma vez?

8 Danilo: Eu, eu.

9 Gonçalo: Eu.

10 Caio: Tá escrito no Rio de Janeiro professora?

11 P: Não, foi publicado no Rio de Janeiro esse livro.

12 P: Então irá ler o Danilo, Gonçalo, Marina e Marlon por enquanto.

13 P: Bem alto para todo mundo ouvir.

14 Marlon: Tá.

(Alunos fazem a leitura do texto.)

15 Leandro: Eu pensei professora como tipo, ela tá cuidando do filho dela, aí ela podia fazer a mesma coisa que a mãe dela fazia quando ela era criança. Por isso a Santa faz a mesma coisa.

16 P: Ela está repetindo o que a mãe fez? Mas não entendi a parte que você falou da santa.

17 Leandro: Tipo, a santa é como se fosse o espírito da mãe dela.

18 P: A santa é como se estivesse passando de geração para geração?

19 Caio: Eu acho que, a mãe está cantando para tentar fazer ele dormir porque ele não conseguia, estava com muita dor. Aí de tanto ela cantar ela começou, ela ficou com sono. Aí veio uma pessoa boa, uma pessoa boa não...veio um espírito, que era tipo o guarda dele, aquele que cuidava dele por toda a vida e ajudou ele.

20 Marina: Porque a mãe não conseguia ...

21 P: Ela não conseguia fazer o menino dormir e a santa ajudou?

22 Caio: É o protetor dele.

23 Danilo: Acho que ela não pensou sobre uma santa, só pensou essa santa na cabeça dele.

24 P: Ah, então essa santa não existia? Isso foi só na cabeça dele? Que a voz da mãe dele talvez lembrasse a da santa?

25 Danilo: É.

26 P: Que mais?

27 Otacílio: Professora, eu acho assim, o menino estava doente e mãe dele tentando fazer ele dormir, mas ela dormiu primeiro do que ele e ele não tinha ninguém e conseguiu dormir também.

28 P: Ele conseguiu dormir também?

29 Otacílio: É.

30 Caio: Ou foi, ou ele pode ter..

31 Caio: Pode ter sido só um sonho.

32 Caio: Ele pode ter imaginado tudo isso. Que ele estava doente, que a mãe dele fez tudo isso, que ela adormeceu, e que tinha uma santa lá.

33 Otacílio: Ele não conseguia dormir.

34 P: Ele não conseguia dormir?

35 Marina: É.

36 Leandro: Professora, eu penso que podia ser só a imaginação dele, a mãe dele dormiu e para ele não ficar com medo ele inventou uma figura santa, pra ele não ter medo.

37 Marina: Ele tem razão.

38 Danilo: Tipo um amigo imaginário.

39 P: Vamos ver se pelo texto se confirma isso que você está falando.

40 P: O que fala o texto? Quantas pessoas aparecem? Quem apareceu?

41 Alguns alunos: Três.

42 Alguns alunos: A mãe, o menino e a santa (todos respondem juntos).

43 Caio: Só que só dois cantam, falam, o outro é o narrador. Aí de personagem tem três.

44 Karla: A santa e a mãe falam e o narrador não termina?

45 P: Então nós temos um narrador, só que é um texto prosa?

46 Alguns alunos: Não! (Falam juntos).

47 P: Se esse não é um texto prosa, esse texto é qual?

48 Caio: É uma, uma...é um poema.

49 P: Isso. É um poema. E no poema como chama esse narrador? Alguém sabe?

50 Alguns alunos: Não.

51 P: Não? Chama eu lírico.

52 Eduardo: Eu?

53 Caio: Vai aprendendo.

54 Cláudio: Como?

55 P: Eu lírico.

56 P: É o narrador do poema. Então quem fala no poema?

57 Alguns alunos: Eu lírico.

58 Caio: Quem mais?

59 Caio: Eu lírico, a santa e a mãe.

60 P: A santa e a mãe.

61 P: Sobre esse vocabulário, ele é um vocabulário mais elaborado, um vocabulário mais simples?

62 Caio: Formal.

63 Danilo: Simples.

64 Caio: Eu acho que é elaborado.

65 Leandro: Elaborado e formal.

(Todos falam ao mesmo tempo).

66 P: Por que ele é elaborado e formal?

67 Caio: Porque ele fala tudo de uma linguagem mais, mais, assim, que você tem que ter uma certa interpretação para conseguir, para saber o que ele tá querendo falar.

68 P: Mas, para ter essa interpretação o texto tem que estar elaborado?

69 Cláudio e Leandro: Não.

70 P: Olha no texto, vê se as palavras que eles usam são elaboradas?

71 Caio: Sim, são.

72 Danilo: Sim.

73 Eduardo: São simples.

74 P: São simples. Quando eles falam dodói, dorme meu benzinho.

75 Caio: Morta de fadiga, ela adormeceu, amorzinho, vulto de santa, benzinho.

76 P: O vocabulário é simples.

77 Hércules: Eu achei que é interessante esse texto, porque ele fala dorme, dorme meu...está faltando um pedaço, dorme, dorme, meu...

78 Giovani: É porque ela dormiu.

79 P: Isso. Pode ser. Às vezes faltou esse pedaço porque ela dormiu.

(Todos falam ao mesmo tempo).

80 P: O que vocês estão falando?

81 Marina: Que esses três pontos no dorme, dorme, dorme...pode ser que ela estava com sono.

82 Caio: Dorme..ai dorme, ai ela dormiu.

83 Karla: Meu, meu.

84 Danilo: Ai ela cochilou.

85 Marina: Meu, meu.

86 P: Isso mostra nosso cotidiano.

87 Caio: Sim, geralmente a gente assiste televisão e acaba dormindo.

88 P: Fala.

89 Karla: Ela poderia ter pensado, sonhado na santa.

90 P: Ah, então pode ser que a mãe tenha sonhado e não o menino?

91 Marlon: Ou o menino poderia tipo, ter imaginado.

92 Karla: Porque que fala que ela adormeceu.

93 P: E ela adormeceu por que será?

94 Caio: Porque estava cansada.

95 Cláudio: Porque estava com sono.

96 Danilo: Cansada de tanto repetir, de cuidar do menino.

97 Caio: Ela estava com fadiga.

98 Gregório: Cansada de tanto fazer o filho dormir.

(Todos falam ao mesmo tempo)

99 P: E por que ela queria fazer...

100 Cláudio: Quê?

101 P: O filho dela dormir?

102 Caio: Porque ele estava doente.

103 Hércules: Ela queria parar de cuidar dele um pouco.

104 P: Ela queria parar de cuidar ou só cuidar?

105 Danilo: Não, ela queria só descansar.

106 P: Queria descansar um pouco.

107 Leandro: Ela queria que o filho se sentisse bem para ele não ficar tipo com falta de respirar e essas coisas.

108 Otacílio: Professora, eu acho que é assim, no final fala dorme meu amor, dorme, dorme meu benzinho. Eu acho que foi o menino que falou para a mãe, dorme meu amor, dorme meu benzinho. Depois ele dormiu.

109 José: Foi a mãe.

110 P: Foi o menino que falou isso?

111 José: Foi a mãe.

112 Hércules: Eu acho que foi a mãe.

113 P: E como é que a gente sabe como essa história está acontecendo?

114 Caio: Porque ela fala no texto.

(Fala incompreensível, todos falam ao mesmo tempo).

115 P: Quem fala no texto?

116 Caio: O narrador.

(Fala incompreensível, todos falam ao mesmo tempo).

117 Marina: A santa.

118 Eduardo: O vulto.

119 P: Esse dorme meu amor, dorme meu benzinho você acha que foi a santa?

(Todos falam ao mesmo tempo).

120 P: Oh gente, tem que ser um de cada vez.

(Todos falam ao mesmo tempo).

121 P: Um de cada vez.

122 Nicolau: Porque falou que ela adormeceu, então ela era o canto de uma mulher no local, mas quem falou isso foi a santa.

123 P: Ah, então ela adormeceu, a mulher no local que era a santa, e por isso ela que falou isso?

124 Nicolau: É.

(Todos falam ao mesmo tempo)

125 Caio: Ela dormiu, e na primeira parte e ela estava acordada, aí na segunda parte ela sonhou que veio um vulto que debruçou nela e cantou.

126 Gonçalo: Eu acho que depois que ela dormiu, como o menino ainda estava cansado e doente apareceu uma santa para fazer ele dormir depois.

127 Marina: Aqui fala que o vulto apareceu e falou na mesma voz da mãe e na mesma cantiga.

128 P: Pode ser.

129 Hércules: Eu acho que não era uma santa, era um anjo da guarda, só que pra ajudar. Ela dormiu e estava cansada, pode ser o anjo da guarda dela.

130 P: Por que será que a mãe dorme e vem uma santa no lugar? Por que não podia ser outra coisa? Como...

131 Danilo: Podia ser o pai.

132 Danilo: Podia ser o pai dele.

133 Caio: Porque a santa é pra representar a figura da mulher. Porque é uma mulher.

134 P: Pode ser.

135 Danilo: Pode ser o pai querendo ajudar e apareceu como santa.

136 P: O pai como uma santa?

137 Cláudio: Ou o irmão.

138 José: Como ele estava doente a mãe dele deve ter rezado e essa santa é pra quem rezou e curou o menino para ele dormi.

139 Leandro: Será?

140 Otacílio: Pode ser a avó do menino.

141 P: Mas aqui no texto ele fala para gente que vem uma santa. Por que que vem uma santa e não uma outra coisa?

(Todos falam ao mesmo tempo)

142 P: Calma! Um de cada vez.

143 Nicolau: Porque tem a ver com a mulher.

144 P: Com a mulher? O que mais?

145 Eduardo: Para santa curar ele, professora?

146 P: Para a santa curar ele?

(Fala incompreensível)

147 Caio: Professora, porque geralmente a figura considerada protetora é a mulher porque ela é mais calma, então por isso é uma santa e não um anjo.

148 P: Então vocês acham que é por que a santa representa uma pessoa ou o quê?

149 Caio: Porque ela representa a mulher que geralmente é mais calma e cuidada.

150 Sara: Talvez seja um espírito de que nasce.

151 P: Talvez seja um espírito que nasce? Pode ser.

152 P: Eu quero que vocês prestem atenção em outra coisa agora, pensar além do poema, que está escrito aqui. Quero que vocês pensem no papel da mãe, por que mesmo cansada, morta de cansaço, ela continuou lá com o filho em vez de ir dormir?

153 Leandro: Porque ela é a mãe.

(Todos falam ao mesmo tempo)

154 P: Calma, calma.

155 Gonçalo: Ela foi tentar ajudar o filho dela que não estava conseguindo dormir.

156 P: E por que será que ela não pediu para o pai ajudar o filho?

(Todos falam ao mesmo tempo)

157 Otacílio: Porque ela ama o filho dela.

158 Marina: Porque a maioria das mães amam seus filhos.

159 P: As mães amam seus filhos para ajudar eles?

160 Marina: Deveria.

161 Leandro: Porque mãe não desiste.

162 P: Mãe não desiste. O que mais?

163 Karla: Mãe é uma só.

164 Caio: Ou talvez porque...

(Todos falam ao mesmo tempo)

165 Leandro: Porque coração de mãe não é igual?

166 P: Por que coração de mãe não é igual.

167 Caio: Porque o filho também talvez não confiasse tanto no pai como confiava na mãe por ela ser a pessoa mais boazinha com ele e ajudar ele.

168 P: O que que a...

169 Eduardo: Professora, já vi mãe que não está nem aí para o filho.

170 P: Sim, mas essa mãe aqui como que ela é?

171 Marina: Legal.

172 P: Por que ela canta para o filho?

173 Leandro: Para ele se acalmar.

174 P: O que um canto faz com as pessoas?

175 Leandro: Acalma, dá sono, serenidade. (O restante da incompreensível).

(Todos falam ao mesmo tempo).

176 Lara: Porque quem canta, porque quando o filho dorme e depois que ele acordasse pode... (O restante da fala é incompreensível).

177 Leandro: Meio delirando.

178 Otacílio: Professora, eu acho assim que como a mãe dele ama muito ele, ela não quer deixar ele sozinho.

179 P: Ela gosta muito dele para deixar ele sozinho.

180 Leandro: Professora eu acho que a mãe pode estar se lembrando também que tem uma santa protegendo ele, ela. Ela e ele.

181 P: Então vocês acham que essa santa não foi lá de verdade? Mas ela estava no céu olhando por eles. É isso?

182 Danilo: É, aí ele pega e faz (fala incompreensível).

183 P: Aí ele pega e faz (fala incompreensível).

(Todos falam juntos).

184 P: Como se ela realmente tivesse vindo então?

185 Caio: É.

186 P: Mais alguma coisa que vocês gostariam de falar sobre esse texto?

187 Alguns alunos: Não.

188 P: Deem uma olhada nele, vê se tem alguma coisa que te chamou a atenção.

189 Alguns alunos : Não.

190 Gonçalo: Uma palavra.

191 P: Que palavra?

192 Gonçalo: Vulto.

193 Leandro: Espírito, tipo uma sombra.

(Todos falam ao mesmo tempo).

194 P: Agora para encerrar...

(Todos falam ao mesmo tempo).

(Fala incompreensível).

195 P: Quais eram os outros voluntários que gostariam de ler?

196 Leandro: Eu, eu.

197 Cláudio: Euuuu.

198 Eduardo: Não entendi.

199 P: Podem ler.

200 Leandro: Eu começo?

201 P: É.

202 Cláudio: Vai ler de novo professora?

203 P: O gente, silêncio senão não dá para escutar eles lendo.

204 Leandro: Começa de novo?

205 P: Por favor!

206 Cláudio: Quero ver as médias.

(Leandro faz a leitura do texto).

207 Leandro: Ô professora, percebi uma coisa agora que não tinha percebido.

208 P: Pode falar.

209 Leandro: Porque fala aqui: “Dorme, dorme”, aqui no começo, meu, aí tem meu benzinho, podia ser meu príncipe.

210 P: Pode ser.

211 Hércules: Ou pode ser...

- 212 Hércules:** Pode ser a mãe da mãe, a avó do menino.
- 213 Hércules:** É.
- 214 P:** A avó do menino que tá ali no lugar?
- 215 Otacílio:** Professora, o menino pode ter, ele estava muito doente, e o menino faleceu e veio uma santa e ...
- 216 Alguns alunos:** Aiiii (entonação de reprovação em relação ao que o Otacílio falou).
- 217 P:** Pode ser. Você pode achar que ele não dormiu que ele morreu?
- 218 Caio:** Posso!
- 219 Leandro:** Que lado triste!
(Todos falam ao mesmo tempo).
- 220 Caio:** Sou eu? Agora?
- 221 P:** É.
(O aluno faz a leitura do texto).
- 222 Marlon:** Ele podia ter dormido e imaginado uma santa.
- 223 P:** Também poderia.
- 224 P:** Alguém quer falar mais alguma coisa?
- 225 Hércules:** Professora se fosse uma continuação ele poderia (fala incompreensível).
- 226 P:** Pode ler.
(Aluna faz a leitura do texto).
- 227 P:** Quem mais gostaria de ler?
- 228 Marlon:** Eu.
(Aluno faz a leitura do texto)
- 229 P:** Quem era o próximo?
(Gonçalo faz a leitura do texto).
- 230 P:** Vocês gostaram desse poema?
- 231 Alguns alunos:** Sim! (todos falam juntos).
- 232 Hércules:** Professora, na mesma voz pode ser o pai ou outra pessoa, só que ele imagina que é a mesma voz.
- 233 Hércules:** Acha que a mãe está continuando.
- 234 P:** (fala incompreensível). Pela voz continua o mesmo tom?
- 235 Marina:** É, para não pensar que é uma estranha.
- 236 Karla:** Pode ser uma voz definida.
- 237 Karla:** Ele imagina que é da mãe dele.

238 Leandro: Professora, eu acho que pode, a santa faz a mesma voz da mãe para ele não achar que é um estranho e acordar.

239 P: Pode ser.

240 Otacílio: Professora, sabe o que eu tinha falado do menino que faleceu, eu acho aquilo e também a hora que a santa está levando o menino embora, sabe, porque a mãe dormiu e está levando o menino embora e pra não deixar, a mãe, ela fala “dorme meu amor, dorme meu benzinho”, pra mãe, para ela ficar em paz.

241 Caio: A santa leva ele enquanto ela tá dormindo para ela não chorar tanto, não ficar tão triste.

242 P: Pode ser.

(Todos falam ao mesmo tempo)

243 P: Faltou uma aluna para ler. Pode ir.

(Aluna faz a leitura do texto).

244 P: Muito obrigada. Mais alguém quer falar alguma coisa do texto?

245 Alguns alunos: Não! (Todos falam juntos).

246 Marina: Ela não conseguiu terminar porque ela dormiu aí a santa veio e terminou para ela.

247 P: Ela não conseguiu terminar porque ela dormiu e a santa veio e terminou por ele?

248 Marina: Ahan. Isso.

“Felicidade clandestina” – Clarice Lispector

Leitura do texto pela professora.

(Todos estão em silêncio escutando a professora).

1 Professora: E aí, o que vocês acharam?

2 Caio: A primeira observação é que o narrador é ela mesma, o narrador personagem. O principal, né?! Ela é na verdade a principal.

3 Caio: Um narrador protagonista.

4 José: Ela é a menina.

5 Professora: Então a narradora principal é quem?

6 Caio e Leandro (falam juntos): A que quer emprestado o livro.

7 P: A que está querendo emprestar o livro?

8 José: A gorda, baixa.

9 Marina: A de cabelo (os alunos falam juntos, não dá para entender).

10 P: Ata, a que quer emprestado o livro.

11 P: A que o quê?

12 Otacílio: A gorda.

13 Leandro: Não é.

14 Leandro: Ela ia falar que ela era (...)

15 Caio: A menina que ia todo dia na casa da amiga para pegar o livro.

16 Marina: É um narrador personagem.

17 P: Como eram as personagens? As personagens não, a personagem principal e a outra que ela fala?

18 Bianca: A que tinha o livro é bonita, (pausa) e já a outra que queria emprestar é feia, gorda.

19 Otacílio: Não.

20 Hércules: Na verdade é o contrário.

21 Caio: A menina ela, o pai dela tinha uma livraria, só que ela não (a inspetora interrompe a gravação). Aí ela sempre falava (pausa), ela falou para essa menina que gostava de ler que ela ia emprestar um livro, só que ela nunca emprestava, ela sempre tinha dado para alguém. Aí um dia a mãe dela chegou e perguntou e falou que esse livro ela nunca tinha lido, que mandou emprestar para a menina, que sempre estava lá.

22 José: A mãe foi a salvadora.

23 P: Por que a mãe foi a salvadora?

24 José: Porque ela obrigou a menina a devolver.

25 Leandro: Ela falava mentira.

26 José: É, porque aquele livro nunca saiu da casa dela.

27 P: E por que ela estava mentindo será?

28 Henrique: Porque ela não queria emprestar o livro.

29 Caio: Porque ela queria fazer a amiga sofrer porque sabia que ela cobiçava muito aquele livro.

30 P: Mas por que será que ela queria fazer a menina sofrer?

31 Caio e Marina (falam juntos): Porque ela era má.

32 José: Porque ela era bonita.

33 Hércules: Porque ela era invejosa.

34 Otacílio: Porque ela era bonita e não queria emprestar o livro para a outra.

35 P: Calma. Mas quem era bonita? A que queria emprestar ou a que tinha o livro?

36 Alguns alunos: (falam ao mesmo tempo) A do livro.

37 Alguns alunos: A que tinha o livro.

38 Alguns alunos: A que queria emprestar.

39 Leandro: Não é.

40 Otacílio: A que não tinha o livro.

41P: A que não tinha o livro, mas que queria o livro?

42 Alguns alunos: (falam ao mesmo tempo) É.

43 Marina: Ela era bonita, com os cabelos soltos e tal (...). E a outra era feia.

44 Leandro: Loiros, longos.

45 P: Só que aí eu quero uma coisa para vocês pensarem, por exemplo, se eu venho aqui e Cláudio me conta um segredo, aí eu vou contar esse segredo do Cláudio para o José, eu conto da mesma maneira?

46 Alguns alunos: Não pode!

47 Alguns alunos: (todos juntos) Não.

48 P: O que acontece?

49 Alguns alunos: (Todos falam juntos, não dá para entender tudo). Vai inventar, mudar algumas falas.

50 P: Você está falando que a gente pode acrescentar?

51 Leandro: Vai falhado.

52 P: Vai falhado?

53 Hércules: Aumentar.

54 P: Vai aumentar as palavras?

55 Alguns alunos: Vai.

56 Marina: Ou pode diminuir também.

57 José: Pode aumentar ou diminuir também.

58 Otacílio: Oh professora, você já falou isso aí.

59 José: Conta de um outro modo.

60 Marina: É verdade!

61 Otacílio: É porque você vai aumentar.

62 Otacílio: Ou diminuir.

63 P: Isso, só que vamos prestar atenção em uma coisa aqui no texto. Vocês falaram para mim que a personagem principal é a menina que não tinha o livro, que queria o livro.

64 Alguns alunos: (Falam juntos) É.

65 P: Se ela é narradora que conta a história, ela vai contar a história como realmente é ou a história como ela está vendo?

66 Alguns alunos: (Falam juntos) Como ela está vendo.

67 P: E quando a gente conta quando está vendo é tudo certinho? Ou será que ela colocou coisas a mais?

68 Alguns alunos: (Falam juntos): Colocou coisas a mais.

69 P: Que coisas a mais ela pode ter colocado?

70 Caio: A aparência da menina.

71 José: É, a aparência da menina.

72 Marina: Como ela vê a menina.

73 Marina: Como ela se sentia quando ela sabia que ia receber o livro.

74 Leandro: O tempo que ela ficava indo na casa da outra.

75 P: O tempo. Que tempo era esse?

76 Leandro: Diariamente. Podia ser uma vez por semana.

(A gravação é interrompida pela inspetora).

77 P: E agora, vocês sabendo que essa história foi contada não pela menina, foi contada pela menina que eles falavam que era bonita, que era, que queria o livro; vocês veem a história da mesma maneira?

78 Alguns alunos: (Muitos falam juntos) Não.

79 José: Sim.

80 Danilo: Não.

81 P: Por que sim?

82 José: Porque... Ah! Não sei explicar.

83 Leandro: Não.

(Alguns alunos falam juntos e não é possível compreender).

84 Caio: Não, porque sempre que a gente vai contar uma história, a gente sempre tenta melhorar (não dá para entender o restante da fala dele).

85 José: Verdade, (pausa) fomos na diretoria uma vez, a primeira vez, eu lembro até hoje. Estava eu, o Heitor, o Thiago que estudava aqui, e tinha um menino da minha sala. Ele foi e queria bater em mim, aí os dois que eram meus amigos foram lá e abaixaram a calça dele. Aí foi todo mundo para a diretoria.

86 P: Fala Leandro.

87 Leandro: É, eu acho que era assim, ela fala: - nós éramos altas e de cabelo soltos, eu acho que era um grupo de amigas, que aí elas rejeitam a menina que tinha o livro.

88 Caio: Eu também acho.

89 P: Elas rejeitavam a menina? E por que será que ela conta a história desse jeito?

90 José: Porque ela quer falar para gente que ela era certinha, que ela era a bonitinha de tudo, que a outra era má, sempre era a errada.

(Outros alunos tentam falar, mas José se sobressai).

91 P: E será que assim, por exemplo, será que a outra menina que era a gordinha, será que ela também não era malvada de não emprestar o livro? Ou não?

92 José: Sim.

93 José: Não, ela era malvada.

94 Marina: Ela se sentia humilhada e aí (não dá para compreender).

95 José: Eu que estou falando. A outra menina ela é egoísta, mas também tem que entender o lado dela.

96 Nicolau: Eles desprezam ela.

(Os alunos falam todos juntos).

97 Nicolau: É porque ela tem inveja da outra menina.

98 P: Mas ela tem inveja do quê?

99 Nicolau: De tudo que ela tem.

100 P: Aí você falou uma coisa interessante, o que é esse tudo que ela tem? Será que é só um livro?

101 Leandro: Não.

102 Leandro e Marina (falam juntos): Ela tem uma biblioteca.

103 P: Mas essa raiva, mostra que ela tem uma raiva grande? Será que é só um livro? Uma biblioteca? Ou será que são mais coisas?

104 Otacílio: Não, é mais coisas.

105 P: Que coisas?

106 Otacílio: O jeito da menina ser, que quer parece com a outra.

107 Caio: Eu acho que isso é uma forma de se proteger, talvez ela sofra bullying, (pausa) ela consegue ser melhor, dá um troco de certa forma. Já que a outra tem uma certa inveja, porque as meninas falam que eram mais bonitas, todo mundo gostava mais dela. É uma forma de se proteger dela, (pausa) manipulando a menina.

108 José: Nenhuma está certa.

109 P: Mas ela queria se proteger do quê?

110 P: Se ela já era a mais bonita da escola, a que os outros provavelmente desejavam e queriam, por que ela tinha que fazer isso com a outra? Por que ela tinha que querer o da outra?

11 Alguns alunos: (Todos falam juntos).

112 Otacílio: Porque ela era invejosa.

113 Marina: Porque ela achava que ela não tinha uma coisa que a outra tinha.

114 Hércules: Porque a outra era mais bonita e ela era feia e gorda.

115 Otacílio: Não.

116 Leandro: (Não dá para compreender o início) ela queria mais uma coisa, conhecimento.

117 Otacílio: Não.

118 P: Conhecimento? Como assim ela queria conhecimento?

119 Leandro: Tipo aprender mais coisas, ler bastante livro.

120 P: Então você está falando que provavelmente a outra menina que era caracterizada como gordinha, ela já tinha esse conhecimento? E como a outra só tinha beleza ela não tinha conhecimento?

121 Gonçalo: É.

122 José: Não, porque ela não lia todos os livros que ela tinha.

123 Leandro: Porque ela queria beleza.

124 Marlon: Porque a menina que queria o livro, ela queria ler, ela tinha o prazer de ler e não podia ler.

125 Bianca: Também por causa que, assim, aquela menina, ela nunca tinha lido um livro, e vai saber se não era aquele livro que ela queria.

126 José: Professora, eu tenho uma dúvida.

(Cláudio fala sussurrando ao fundo que gostaria de ir embora).

127 Leandro: Eu acho que (pausa) a outra já tinha beleza, um monte de coisa, aí ela não queria dar mais uma coisa para ela.

128 P: Então ela queria ter uma coisa para ela, para falar que ela tinha algo de maior que as outras?

129 Leandro: É.

130 Nicolau: O poder.

131 P: Só o poder? E o que seria esse poder? O que é esse poder que você está falando?

132 Nicolau: É o livro.

133 Caio: É uma coisa melhor do que as outras.

134 José: Professora, (todos falam juntos, não dá para entender) quando você tem muita coisa, você não dá valor, quando você não tem, você quer aquela coisa. Se você tem aquela coisa muito fácil, você não dá valor.

135 P: Ele falou uma coisa muito interessante. Quando nós não temos, nós damos valor, até nós conseguirmos. Depois, quando a gente consegue, a gente não dá mais valor. Presta atenção no final do conto. O que aconteceu quando ela pegou, quando ela conseguiu o livro?

136 Sara: Ela não quis ler, deixou ele.

137 P: Mas ela não quis ler por quê? Será que ela não queria mais?

138 Leandro: É porque ela perdeu a sua inocência.

139 Otacílio: É. É verdade.

140 P: Perdeu sua inocência de criança, como?

141 Leandro: Porque a outra ficou maltratando ela, falando que tinha emprestado o livro e ela ia diariamente e o tempo passou.

142 Danilo: Eu não concordo com isso.

143 José: Eu acho que é outra coisa. Acho que é por causa que ela, a menina, não deu porque ela queria, a mãe obrigou ela a dar, então..

144 Sara: Ela se sentiu mal e culpada por isso.

145 P: Você disse que não concordava com ele. O que você acha que pode ser?

146 Danilo: Sei lá, eu acho que não tem nada a ver isso aí que ele falou.

147 Caio: Professora, eu também acho.

(Falam ao mesmo tempo).

148 Caio: Eu acho que...

149 Caio: Mas acontece muito no dia, e aí ela tava crescendo, e na hora que ela conseguiu, ela não queria fazer coisas que atrapalhariam aquilo.

150 P: E vocês fazem esse tipo de coisa? Quando vocês conseguem algo que vocês tanto queriam, escondem para depois terem emoção de encontrarem de novo?

151 Leandro: Eu não, eu já saio brincando.

152 Caio: Algumas vezes professora

153 P: Algumas vezes, Caio? Por quê?

154 Danilo: Dependendo.

155 Caio: Quando eu quero muito mesmo, aí não, quando eu quero muito, mais ou menos, às vezes eu faço.

(Falam ao mesmo tempo).

156 P: Fala Nicolau.

157 Nicolau: O modo que foi colocado. Era uma mulher com seu amante.

158 P: Oh, você falou, chegou numa parte interessante. O que significa isso? Eles estão contanto a história de um livro, que ela adquiria esse livro, só que no final a última frase era: “Não era mais uma menina com um livro, era uma mulher com seu amante”.

159 Leandro: Porque ela adorava, ela queria muito aquele livro e gostou daquele livro. Ela deve ter lido.

160 Alguns alunos: Não!

(Falam ao mesmo tempo).

161 Eduardo: Ela cresceu.

162 Gonçalo: Uma parte do livro.

163 Danilo: Ela já não era mais criança e ...

164 Leandro: O tempo tinha passado

165 José: Ah, é verdade, porque ela falou : “ Fica (não dá para compreender)”.

(Falam ao mesmo tempo).

166 P: Será que isso não tinha relação com o que vocês tinham me falado anteriormente?

167 Marlon: Ela não era mais pequena, ela era maior já.

168 Sara: Ela fica pra sempre.

169 Eduardo: Não. Ela queria.

170 Caio: Ela queria respeito. Já que ela ia ser sempre grande e todo mundo teria que respeitá-la.

171 P: Porque oh, o que vocês falaram para mim, anteriormente? Que ela queria o que com esse livro?

172 Leandro: Ela queria mostrar que tinha tudo.

173 Otacílio: Não, ela queria mostrar que ela.

174 Caio: Na verdade a mulher.

(Falam ao mesmo tempo).

175 Marina: Ela queria ler o livro.

176 P: Pensem nessa relação. Primeiro, uma mulher com seu amante. O que é isso? O que é um amante?

177 José: É uma mulher com um.

178 Marina: É onde ambos os segundos.

179 Cláudio: Ela meio que casou com o livro.

180 P: Mas uma mulher casa com um amante?

181 Alguns alunos: Não!

182 Caio: Na verdade ela tem uma, ela é casada, ou tem alguma

183 Caio: É uma relação louca, uma diversão para ela. Ela tem outro homem

184 José: Ela tem o mesmo livro.

185 Otacílio: Todo dia você vai lá, ela tem dois livros e ela todo dia lê o mesmo livro.

186 P: É algo que não vai ser dela. É algo só para o momento. Que é para ela passar só o momento? Ela vai ler e depois deixar de lado? Quero que vocês me expliquem melhor essa relação.

187 Caio: Acho que é passageira, já que um amante a mulher esconde do marido ai uma hora ele acaba descobrindo e tudo acaba.

188 Leandro: Nada a ver. Não é mesmo?

189 P: Mas qual a relação desse amante com o livro? Porque o livro é um amante?

190 Caio: Seria momentâneo. Não conseguiria ficar para sempre, sempre com ele.

191 Caio: Ela teria alguma hora que devolver para a menina.

192 Marina: E uma hora ela teria terminado de ler o livro.

193 P: E quando ela terminou de ler o livro, o que ia acontecer?

194 Otacílio: Ela vai devolver.

195 Marina: Ela vai encontrar outro livro.

196 P: E qual a relação disso com o amante?

197 Karla: Que ela vai deixar de ler um livro para ler outro.

198 Bianca: Professora, eu acho assim...

199 Karla: Que uma hora ela é deixada.

200 Bianca: Que ela gosta de ler.

201 Caio: Não é permanente com o amante.

202 José: O tempo que ela quiser ficar com o livro, ela vai ficar. Então, se ela quiser ficar a vida inteira com o livro ela vai ficar...e todo dia ler esse livro.

203 P: Como se ela fizesse um jogo com esse livro? Como uma mulher faz como um amante? Ou um amante faz com uma mulher?

204 Leandro: Acho que ela tinha mais de um livro, ela tinha muitos livros e ela ia trocando um dia.

205 P: Trocando?

206 Marina: Eu acho assim, professora, que ela tinha um hobby, e esse era um segundo hobby. Era um amante.

207 P: E aí eu quero que vocês pensem mais uma coisa, já que vocês falaram tudo isso e para mim está de acordo. Esse título, que fala no meio do texto também e no final do texto, Felicidade Clandestina. Primeira coisa, o que é isso?

208 José: Felicidade que você compra.

209 P: Que compra? O que é clandestino?

210 Caio: Clandestino é de fora. Que vem de outro lugar. Proibido.

211 P: Que é proibido? Que não é legal?

212 Caio: Que não é legal.

213 P: Algo que tem que ficar escondido? Que não pode ser mostrado?

214 Danilo: Que é segredo.

215 P: Que é segredo?

216 Danilo: Isso. É.

127 P: Que relação tem essa felicidade clandestina com o que vocês me falaram?
(Falam ao mesmo tempo).

218 José: Porque ela não pode mostrar o livro.

(Falam ao mesmo tempo).

219 Bianca: Porque ela ia na casa da menina e a menina não falava para ninguém, era mentira dela. Ninguém sabia.

220 P: O que mais?

221 Leandro: Porque ela tinha que esconder o livro porque senão o que iam falar dela, porque ela ficou muito tempo com o livro.

222 Otacílio: Porque ela tinha que esconder o livro porque ela não tinha terminado de ler. Iam falar que ela tinha roubado.

223 Otacílio: Ela tinha que esconder o livro do marido dela.

224 P: Do marido dela? Mas ela não tinha marido, ela era uma criança.

225 Otacílio: Criança professora? Mas então porque ela escondeu o livro? (A entonação é de surpresa).

226 Caio: Talvez seja algum livro que emprestou da biblioteca. Ou de outra pessoa

226 P: O que mais da felicidade clandestina? Pense nisso, felicidade clandestina. O que é uma felicidade clandestina?

227 Danilo: Uma coisa que você não pode contar para ninguém, que é proibida.

228 Lara: Uma felicidade em segredo.

229 Caio: Uma felicidade que se você contar para alguém ela vai deixar de ser segredo, vai ser normal, e você não vai mais ser feliz com aquilo lá.

230 Leandro: Porque quando é proibido você tem mais vontade de fazer, é muito da hora. Zoeira never end.

(Falam ao mesmo tempo).

231 Bianca: Tipo assim, só que ela quis esconder o livro.

232 P: Por que ela quis esconder o livro?

233 Danilo: Porque os outros vão querer.

234 P: Para essa felicidade nunca acabar?

235 Hércules: É. Porque os outros vão querer usar e ela não vai deixar.

236 Eduardo: Para essa felicidade nunca acabar.

237 P: Por que será que ela não vai deixar?

238 José: Ela queria porque ela gostou desse livro. Ela ia todo dia na casa da menina. E ela não queria deixar ninguém relar.

239 Leandro: Porque ela tinha que, porque ela se tornou praticamente a outra menina, ela não queria emprestar o livro.

240 P: Você está falando que no final ela se torna a outra menina? Aquela que ela fala mal? Os papéis ficaram invertidos?

241 Otacílio: É isso aí, ela queria ficar no lugar da menina.

242 P: Tem mais alguma coisa que vocês gostariam de falar? E a menina, ela é a mesma do começo do conto e vai até o final igualzinha?

243 Alguns alunos: Não! (Juntos).

244 Marina: Não, ela muda.

245 José: Ela muda de personalidade.

246 Marina: Ela sai feliz, alegre, mas o dia que ela recebe ela anda meio deprimida.

247 P: Vocês falaram uma coisa interessante, no começo ela ia para a escola como? Não era pulando? Só que no último dia ela não vai pulando.

248 José: Se a amiga emprestasse....

(Todos falam juntos).

249 Marina: Ela deve ter se sentindo mal por ela ter feito isso, por causa dela a mãe ser obrigada a dar o livro para ela.

250 P: Para ficar mais tempo com o livro? Saciar o livro? Estar junto com ele sempre que possível? Esse livro não parece o quê? Até uma pessoa?

251 Caio: Ou alguma coisa, até um sentimento.

252 Caio: Uma sensação que você consegue de alguma forma, como por exemplo: quando você quer alguma coisa e na hora que você consegue, fica extasiado de como conseguiu, que foi muito difícil.

253 P: Então vocês estão querendo dizer que o livro pode ser uma metáfora para outras coisas?

254 Alguns alunos: Sim. (Juntos).

255 P: Não só um livro, mas para muitas outras coisas?

256 Caio: Para respeito.

257 Hércules: Professora, eu acho que ela muda de personalidade porque ela queria muito o livro e quando ela ganhou ela queria o livro só para ela.

258 Otacílio: Ela não queria mais saber do livro

(Todos falam juntos).

259 P: Não estou conseguindo escutar.

260 Gonçalo: Ela queria que a menina desse o livro e não a mãe.

261 P: Ah! Ela queria então que a menina desse o livro para ela e não a mãe? O que isso significaria?

262 Leandro: É como se ela estivesse comandando.

263 P: Que ela estivesse comandando, como se fosse a dona?

265 Alguns alunos: É (juntos).

266 Nicolau: Ela quis provar que não estava sendo torturada.

267 P: Ela quis prova que não estava sendo torturada?

268 Caio: Eu acho que...

269 P: Ou ela queria ser torturada?

270 Nicolau: Eu acho que não. Ela queria provar que o livro pode ajudar ela.

271 Otacílio: Que a menina desse o livro para ela, para a menina não ser ruim para a vida inteira.

272 Marlon: Para ela ser uma pessoa boa.

273 P: Vocês falaram uma coisa para pensar. Se alguém quer muito uma coisa, e vai atrás todo dia e não consegue, ele vai continuar sempre sempre sempre atrás disso? Não vai chegar uma hora que ele vai desistir?

274 Alguns alunos: Não.

275 Alguns alunos: Depende. Sim.

276 Marina: Às vezes chega uma hora em que vai cansar.

277 P: E por que será que ela não desistiu do livro?

278 Nicolau: Porque ela amava.

279 Bianca: Porque ela queria muito.

280 Danilo: Porque ela gostava do livro.

281 Gonçalo: Porque ia mudar a vida dela.

282 P: Mas ela não falava que sofria toda vez que ia pegar esse livro? Então por que ela ia ficar sofrendo e sofrendo?

283 Caio: Porque ela precisava.

284 P: Ela precisava sofrer então?

(Falam todos juntos).

285 João: Ela queria muito o livro. Precisava batalhar por ele.

286 P: A primeira vez que nós lemos o texto, vocês conseguiram perceber tudo isso?

287 Alguns alunos: Não (juntos).

288 P: Não? Só depois dessa outra leitura?

289 Alguns alunos: É (juntos).

290 P: Vocês acham que se tentarem fazer sozinhos, lerem o texto, vocês acham que vão começar a olhar para ele para verem se encontram tudo isso?

291 Alguns alunos: Não (juntos).

292 P: Não? Por quê?

293 José: Porque você é entendida, entende melhor.

294 Cláudio: Por preguiça.

295 P: Mas vocês perceberam que eu não vou falando para vocês a resposta. Que vocês conseguem chegar nas respostas sozinhos?!

296 Nicolau: Eu também vou ver melhor.

297 Caio: Eu também vou.

“Um Apólogo” – Machado de Assis

Leitura do texto pela professora.

1 Professora: O que se passou na história?

2 Leandro: A briga entre as duas.

3 P: A briga entre as duas? Entre quem?

4 Leandro e Marina: (Falam juntos) A linha e a agulha.

5 P: A linha e a agulha?

6 Leandro: É.

7 P: Por que elas estavam brigando?

8 Otacílio: Porque uma queria ser melhor que a outra. Para ver quem era melhor.

9 Caio: Uma queria ser melhor que a outra.

10 P: Uma queria ser melhor que a outra?

11 Caio: Elas estavam discutindo para ver que quem era a melhor. Quem era mais importante.

12 P: Mas, ela era melhor no quê?

13 Leandro: Para saber quem coser.

14 Leandro: Coser no pano.

15 Leandro: No coser.

16 P: Mas o que é coser?

17 Alguns alunos: Costurar. (Falam juntos).

18 P: E por que uma queria mostrar que era melhor que a outra?

19 José: Porque uma queria ser mais importante que a outra.

20 Leandro: Queria mostrar quem tinha mais importância.

21 P: Oi?

22 Leandro: Mas as duas são importantes.

23 P: Mas por que as duas são importantes?

24 Hércules: Porque as duas costuram.

25 P: Só que aí...

26 Caio: Todos querem ser importantes, talvez uma das duas não tinham importância nenhuma. Elas achavam que eram importantes.

27 P: Elas achavam que eram importantes? Ou que não eram importantes?

28 Marina: Que eram.

29 Caio: Elas falavam que eram importantes.

- 30 Danilo:** Na verdade elas falam o contrário do que elas achavam.
- 31 P:** Elas falavam o contrário do que elas achavam?
- 32 P:** O que vocês tinham falado antes?
- 33 Cláudio:** Que a linha é mais importante que a agulha.
- 34 P:** Por que a linha é mais importante?
- 35 Cláudio:** Porque, tipo ela fica lá, já a agulha ela fica na caixinha.
- 36 Leandro:** Mais ela é mais útil, a linha você usou só uma vez.
- 37 Cláudio:** Não, não.
- 38 Danilo:** Não.
- 39 Leandro:** Claro que sim.
- 40 Leandro:** As duas são importantes.
- 41 P:** Aqui na história quem se mostrou mais importante?
- 42 Alguns alunos:** A linha (falam juntos).
- 43 P:** Por que foi a linha?
- 44 Leandro:** Porque ela fez o vestido, e ela vai no baile famoso.
- 45 Karla:** Porque ela vai no baile.
- 46 P:** Por que ela foi para o baile então?
- 47 Hércules:** Sim.
- 48 Hércules:** O baile chique.
- 49 P:** O alfinete foi para o baile também?
- 50 Alguns alunos:** Não (falam juntos).
- 51 Karla:** Ele ficou acompanhado de uma caixinha.
- 52 P:** E a agulha, ela foi para o baile?
- 53 Alguns alunos:** Não (falam juntos).
- 54 P:** E o que a agulha fez?
- 55 Caio:** Ficou lá na caixinha.
- 56 P:** Mas antes dela ir para a caixinha, o que aconteceu com ela?
- 57 Caio:** O alfinete também, ele apareceu na mesma. Eles ficaram também desprotegido. Porque o alfinete disse que não abria lugar.
- 58 P:** O alfinete disse que não abria caminho para ninguém? Por que o alfinete disse isso?
- 59 Caio:** Porque ele fica parado.
- 60 Danilo:** Ele só sustenta lá.
- 61 Caio:** Ele só fica dentro.

62 P: Mas por que será que ele disse isso? Lembra que os personagens, eles são seres inanimados, mas eles estão ali como seres humanos. Se o alfinete disse que não abria caminho para ninguém, ele está querendo dizer que só fica parado?

63 Leandro: Não.

64 P: O que significa isso, não abrir caminho para ninguém?

65 José: Ele não deixa ninguém passar.

66 Danilo: Ele não tem espaço.

67 Leandro: Tipo, se você prender um alfinete no pano não vai dar para passar com a agulha.

68 P: Se você não abrir com o alfinete, com a agulha não vai ter como a linha passar depois? É isso? Então a agulha ela é importante?

69 Alguns alunos: Sim (falam juntos).

70 P: Se a agulha não existisse a linha não passaria?

71 Alguns alunos: Não.

72 Leandro: Sei lá.

73 Danilo: Se você pegasse um palitinho e amarrasse a linha nele... (risos)

74 P: Mas pensando só entre os dois, a agulha e a linha, entre o trabalho das duas..

75 Nicolau: Uma complementa a outra.

76 Marina: Na verdade, se não tivesse a agulha a linha não estaria no baile.

77 P: E aí, se a gente pensar também, pensando na mesma proporção da agulha e da linha, a história, quem costurou tudo isso?

78 Alguns alunos: A linha.

79 Alguns alunos: A agulha.

80 Alguns alunos: A costureira.

81 P: Isso, a costureira. E a costureira costurou para quem?

82 Marina: Para a mulher, a baronesa.

83 P: Aí, quem fez o trabalho?

84 Alguns alunos: A linha, a agulha, a costureira.

85 P: A costureira. E quem foi ao baile?

86 Alguns alunos: A linha.

87 Leandro: A baronesa.

88 P: A baronesa também. Então quem seria cada personagem para as pessoas compararem?

89 Nicolau: Então quem seria melhor seria a costureira, porque ela que fez o trabalho todo.

90 P: Então seria a costureira como a agulha!

91 Marina: É. E a baronesa como a linha.

92 P: E a baronesa como a linha?

93 Alguns alunos: É.

94 P: E o que será que isso significaria, se a gente fosse pensar nisso?

95 Caio: Que uma é mais importante, uma é considerada mais importante que a outra, só que ela não faz o trabalho.

96 Nicolau: Mas vocês perceberam que ela pegou a linha e a linha foi para o baile, que a baronesa foi.

97 P: E o que aconteceu com as outras?

98 Alguns alunos: Ficaram.

99 P: Então o trabalho delas está sendo reconhecido?

100 Alguns alunos: Não!

101 P: Ou será que esta sendo, que o que elas querem mesmo é ir ao baile e mostrar o que elas fizeram?

102 P: Ou não, que elas querem também ir ao baile?

103 Leandro: O professora, eu acho que tipo, a linha representa outra classe social que não se importa muito com as pessoas mais carentes.

104 Caio: Que filósofo.

105 P: Eu gostei muito dessa parte, que você falou da classe social. Quero que vocês falem mais sobre isso. Que comparação pode fazer nessa parte da linha, da agulha, a costureira e a baronesa e as classes sociais?

106 Caio: A agulha é daquela parte trabalhadora que faz todos os trabalhos, a linha é daquela parte que só compra que não faz nada e se acham a dona da terra.

107 José: A linha precisa da ajuda da agulha para fazer todo o trabalho.

108 Karla: Porque a agulha que liga a linha em torno dos pontos da costura.

109 Marina: A agulha é trabalhadora e a linha é aproveitadora.

110 P: Ela que aproveita depois o trabalho? Isso acontece no nosso dia a dia?

111 Alguns alunos: Sim (falam juntos).

112 Alguns alunos: Muitas vezes.

113 P: Como?

(Todos falam ao mesmo tempo).

114 Marina: Uma patroa e uma empregada.

115 P: Entre o patrão e o empregado.

116 Nicolau: Uma pessoa rica e que zomba da que não é.

117 Marina: Fica esnobando.

118 P: Então o rico fica zombando do que seria mais pobre?

119 Leandro: Aqui na nossa cidade é diferente.

(Todos falam ao mesmo tempo).

120 P: Quem faz o trabalho?

121 Leandro: A agulha.

122 Danilo: A linha.

123 Caio: A costureira.

124 P: Quem faz todo o trabalho recebe toda a glória?

125 Alguns alunos: Não (falam juntos).

126 Leandro: A classe média.

127 P: Por exemplo, a costureira fez o vestido, mas ela que vai receber os elogios?

128 Alguns alunos: Não (falam juntos).

129 Marina: A baronesa recebe os elogios.

130 Hércules: A baronesa.

131 P: A baronesa?

132 Nicolau: Por causa que ela que vai estar usando o vestido.

133 Henrique: Ninguém pensa que foi a costureira que fez o vestido.

134 P: Eles não vão lembrar que foi a costureira que fez o vestido? Sempre a baronesa porque ela está usando?

135 Alguns alunos: É (falam juntos).

136 P: Tem uma hora que ele fala no texto dos batedores que vão diante do Imperador. Quem são esses batedores que vão à frente do Imperador?

137 Leandro: São os soldados.

138 P: São aqueles soldados que vão abrindo. Pra quem?

139 Leandro: São os soldadinhos de chumbo.

(Risos)

140 Marina: Para o Imperador passar.

141 P: E por que eles vão um monte de batedores e um Imperador atrás?

142 Leandro: Porque precisa de mais para dar recado.

143 P: Será que é só por isso?

144 Caio: E também para proteger o Imperador.

145 Caio: Porque ele é mais importante.

146 Marlon: Para manter o respeito.

147 P: Uma forma de respeito também?

148 Alguns alunos: É (falam juntos).

149 P: Será que é uma forma de estar apresentando o Imperador.

150 Alguns alunos: Sim.

151 Leandro: Você vê de longe aquele monte de soldados e vai saber que é o Imperador.

152 P: E, isso... pode ser. E tem mais uma coisa, por que será que tem um monte de batedor e o Imperador atrás? Por que não é o oposto, o Imperador na frente e os batedores atrás?
(Todos falam ao mesmo tempo).

153 Nicolau: Porque é uma apresentação, eles batem e depois ele vem.

154 P: Ah, então eles batem para apresentar o Imperador?

155 Caio: É, porque também se vir gente pra frente na dá para ver o Imperador.

156 P: E como a gente pode comparar de novo os batedores e o Imperador com a parte da agulha, da linha e da baronesa?

157 Nicolau: Porque numa parte a linha falou que a agulha furava e ia à frente, então a linha seria o Imperador que estava atrás.

158 Leandro: Porque também o batedor faz todo o trabalho e o Imperador não faz nada.

159 P: O Imperador só aparece?

160 Alguns alunos: É (falam juntos).

161 P: Agora eu vou falar uma coisa, vamos ver se vocês perceberam uma diferença. Aqui no texto ele falou só sobre a agulha, a linha, a baronesa, a costureira. O que tem isso?

162 José: Ele falou da máquina também.

163 José: Tem a máquina também.

164 P: O que tem isso?

165 Leandro: A máquina não...

166 P: Mas ele colocou essas quatro pessoas assim, três trabalhando e uma aparecendo. O que tem isso?

167 Hércules: Quem?

168 P: A linha, a costureira, a baronesa e a agulha. O que tem isso?

169 Otacílio: Que a agulha, a linha e a costureira estavam trabalhando e a baronesa não, só aproveitando.

170 P: Sim, sim, mas o que tem isso? Tem uma diferença.

171 Nicolau: Que a agulha, a linha...

172 P: Tem uma coisa aí, uma coisa que está implícita.

173 José: Que ninguém..

174 P: A linha, a agulha, a costureira e a baronesa.

175 José: Ao mesmo tempo?

176 Hércules: O vestido.

177 Otacílio: É alguma coisa específica.

178 P: Específica como?

(Todos falam ao mesmo tempo)

179 Sara: Não é uma qualquer.

180 Nicolau: Não está representando a linha como baronesa, a costureira como a agulha.

181 P: Vamos tentar, vou ser um pouco mais clara.

182 P: Ele está falando de algum homem?

183 Alguns alunos: Não (falam juntos).

184 P: Quem está trabalhando?

185 Alguns alunos: A costureira (falam juntos).

186 P: Por que será que ele está mostrando que quem está trabalhando é a mulher?

187 José: Porque a mulher tem mais delicadeza para trabalhar.

188 P: Mas será que ele está colocando só isso?

(Todos falam ao mesmo tempo).

189 Caio: O alfinete são os homens, o alfinete não fazia nada. Os outros faziam tudo.

190 P: Então, o alfinete não fazia nada e as mulheres que trabalhavam? Antigamente, bem antigamente, acontecia esse tipo de coisa também?

191 Alguns alunos: Sim (falam juntos).

192 P: Claro que o homem também trabalhava, mas o que acontecia com as mulheres?

193 Danilo: Trabalhavam mais.

194 P: Elas eram quase como escravas?

195 Marina: É.

196 P: Por quê?

197 José: Porque elas trabalhavam mais.

198 Nicolau: Sabiam mais do que hoje.

199 Cláudio: Trabalhavam fora.

200 P: Além de elas trabalharem fora, tinham que trabalhar em casa?

201 Alguns alunos: Sim.

202 Nicolau: Tinha que fazer comida, lavar roupa.

203 P: Ganhavam menos? Eram reconhecidas?

204 Alguns alunos: Não.

205 P: Lá no final do texto, aparece assim: “Contei essa história para o professor de melancolia”, que professor seria esse?

206 Marlon: Professor de literatura.

207 P: Pensem pelo contexto. O que é melancólico? O que é ter melancolia?

208 Caio: Uma coisa triste.

209 P: Então o que seria um professor de melancolia?

210 Caio: Um professor triste.

211 Caio: Um professor de drama, dramático.

212 P: Depois por último ele fala assim para gente: “Também tenho servido de agulha a muita linha ordinária.” Isso poderia ser uma moral talvez?

213 Alguns alunos: Sim.

214 Cláudio: O que é ordinária?

215 Karla: É tipo uma agulha com a pessoa que é menos importante, e a linha é aquela pessoa importante.

216 José: Ordinária é uma pessoa....

217 Caio: A agulha seria no caso trabalhadora, e a linha são aquelas pessoas chatas que só querem mandar, não querem fazer nada.

218 P: Então o que seria essa moral que vocês estão me falando? Expliquem melhor.

219 Leandro: Tipo, os políticos, tem um monte de pessoas honestas que votam nele, aí eles só pegam o dinheiro.

220 Caio: É quando tem pessoas boas que ajudam os outros, mas os outros são ordinários, pessoas ruins que não ajudam quando pedem, eles só mandam, não pedem por favor, não são educados.

(Bastante barulho ao fundo).

221 Cláudio: Que calor nessa classe.

222 P: Então seria pessoas que querem trabalhar, mas tem outras que vem e querem só subir em cima delas? Se aproveitar do trabalho?

223 Alguns alunos: Sim...é.

224 Cláudio: Aproveitar do trabalho.

225 P: Aproveitar do trabalho?

226 Cláudio: É.

227 Leandro: Professora o que significa a palavra galdos?

228 P: Ah, galgos? Está escrito aqui embaixo. Pode ler, por favor?

229 Cláudio: Onde?

230 Nicolau: Galgos, cão de porte elevado, pernas longas e musculosas, abdômen estreito e focinho afinado e que se caracteriza pela agilidade e rapidez.

231 P: Quando ele usa esse galdos de Diana ele está querendo dizer assim: “Os dedos da costureira, ágeis como os de Diana”. Pelo o que o amigo leu, o que seria então? Do que ele está falando?

232 Caio: Rapidamente.

233 Hércules: Rápido.

234 P: Isso, os dedos da costureira são rápidos. Costuram com agilidade então.

235 P: Sem ser essa moral, que outra moral vocês pensariam em dar para essa obra?

236 Leandro: Pra que trabalhar se (pausa) você não vai ganhar?

237 P: Como?

238 Alguns alunos: OOOOOH! (todos falam juntos).

239 P: Pode ser. Gente, é o que cada um está pensando.

240 P: Podem dizer.

241 Nicolau: A agulha e a costureira é uma classe social baixa e a baronesa alta. Eu acho que teria igualdade social.

242 P: Uma parte de igualdade social, que não deve ter essas distinções de classe?

243 Nicolau: Eu acho que a baronesa deveria ter representado, deveria ter elogiado o vestido.

244 Cláudio: Corre, corre, corre..

245 P: Que mais? Que mais vocês poderiam pensar de moral?

246 Cláudio: Nossa!

247 P: E sobre a linha e a agulha? Quem quer ir ao baile?

248 Marina: A linha.

249 P: E a agulha ela quer fazer o quê?

250 Leandro: Oh professora, ela não vai também.

251 P: Só que, como que começa a história? Começa as duas com conflito, as duas querendo apostar quem é melhor que a outra?

252 Alguns alunos: Sim.

253 P: Vocês acham que a linha fez isso de propósito só para a agulha trabalhar e ela poder ir ao baile ou não? Ela brigou realmente porque achava que era mais importante, que uma era mais importante que a outra?

254 Otacílio: Oh professora, eu acho que ela fez só para a agulha ir lá trabalhar e ela ir ao baile.

255 Otacílio: Para ela ir ao baile só.

256 P: Então você acha que a agulha foi manipulada pela linha?

257 Alguns alunos: Sim.

258 Nicolau: Na verdade eu acho que quem foi a malvada nessa história foi a agulha, porque ela que começou com o conflito.

259 P: Ela começou com o conflito?

260 Alguns alunos: É.

261 Leandro: Professora, eu acho que a agulha teria seu papel, a linha é tipo, a baronesa vai usar o vestido, depois aí sai de moda e ela usa outro.

262 P: Ela usa outro. E aí o que vai acontecer quando sair de moda?

263 Leandro: A Agulha vai para o lixo.

264 Caio: Não, a linha vai para o lixo.

265 P: Ah, então quer dizer que depois que ela recebeu a glória ela vai para o lixo?

266 Caio: Ahan.

267 Marina: Ou vai para o guarda roupa pelo menos.

268 P: Ou vai para o guarda roupa. Ou vai ficar esquecida.

269 Alguns alunos: É.

270 Danilo: Ou vai ser doada para alguém que não tem dinheiro.

271 P: Vocês falaram uma coisa interessante disso.

272 Otacílio: A agulha vai ficar sempre com a dona dela.

273 P: A agulha sempre vai estar trabalhando?

274 Caio: E ajudando.

275 P: Então seria que...

276 José: Se a agulha não desaparecer.

277 P: Aqueles que se vangloriarem demais depois não vai ter o trabalho?

278 Alguns alunos: É.

279 P: E o que vocês acham do final da agulha? Dela ter ficado trancada na gavetinha? Enquanto a linha ia para a festa?

280 José: Eu acho é pouco para ela.

281 P: Por que você acha pouco?

282 José: Porque ela fez e estava brigando com a agulha, acho é pouco, acho que ela devia ir para lá mesmo.

(Todos falam ao mesmo tempo).

283 P: Você acha que é justo que a linha foi e ela ficou presa?

(Todos falam ao mesmo tempo).

284 P: Então, por que a agulha começou a briga?

285 Nicolau: Porque ela tinha inveja.

286 P: Ela tinha inveja ou ela queria mostrar importância do trabalho dela?

287 Otacílio: Inveja da linha.

288 Alguns alunos: Mostrar importância.

289 P: Mostrar importância?

290 Algum alunos: É (falam juntos).

291 Leandro: Porque ninguém reconhecia isso.

292 P: Por que ninguém reconhecia o trabalho dela?

293 Alguns alunos: Sim, isso.

294 Hércules: Porque sem a agulha não tinha...

295 Leandro: O cara da entrega fica, trinta, dez horas da noite ai já é de manhã e ainda está lá.

296 José: Nada a ver.

297 Leandro: Continuando...aí o cara para pra dormir e quem recebe o crédito é o CF.

298 P: Então por que será que as duas ficavam brigando? Elas queriam mostrar o que com isso?

299 Karla: Porque a agulha queria mostrar sua importância já que ela não ia ao baile. E queria mostrar que era importante.

300 P: Então a agulha sabia que como ela não ia ao baile todo mundo considerava ela como não importante? Então ela queria mostrar que ela era.

301 Alguns alunos: É.

302 Caio: Às vezes, as pessoas vendo a linha bordada, falam que linha bonita, ninguém fala do trabalho da agulha. Do trabalho muito bem feito da agulha. Todo mundo fala da linha.

303 P: Mas as duas brigavam por que as duas queriam algo. Por que as duas queriam mostrar que queriam algo?

304 José: Porque...

305 P: Elas queriam ser o quê?

306 Marina: Elas queriam ir ao baile.

307 José: Queriam ser importantes.

308 P: Elas queriam ser importantes para quem então? Para a sociedade?

309 Alguns alunos: Sim (falam juntos).

310 P: Para mostrar que elas tinham valor? As duas?

311 Alguns alunos: Sim (falam juntos).

312 Leandro: Nenhuma tinha importância, quem tinha importância era a costureira.

313 Otacílio: Ih, isso aí é complicado.

(Todos falam ao mesmo tempo).

314 Hércules: Sem a linha não vai costurar, mas sem a agulha também não vai.

315 P: Então as duas são importantes?

316 Hércules: Sim.

317 P: Sobre aquela parte que tínhamos falado sobre a classe operária, alguém quer falar mais algum comentário sobre isso?

318 Alguns alunos: Não (falam juntos).

319 P: Sobre essa parte de classes?

320 Alguns alunos: Não (falam juntos).

321 P: Isso fica bem evidente no texto?

322 Alguns alunos: Sim (falam juntos).

323 P: Ou mais ou menos?

324 Alguns alunos: Sim (falam juntos).

325 P: E agora voltando para aquela parte que a gente tinha comentado sobre o título “Um Apólogo”, o que significa um apólogo?

326 Leandro: Coisas inanimadas que criam vida.

327 P: Que criam vida?

328 Otacílio: É uma fábula.

(Todos falam ao mesmo tempo).

329 Caio: É quando um objeto inanimado cria vida e representa uma situação do dia na literatura.

330 P: E qual a diferença entre isso para a fábula? Por que isso não é uma fábula?

331 Nicolau: Porque uma fábula os animais que falam.

332 Marlon: Na fábula tem animais.

333 Gregório: Porque eles são..,

334 P: E por que será que ele deu o título desse conto de “Um Apólogo”?

335 Otacílio: Porque a agulha é um objeto e ela se transforma...

(Todos falam ao mesmo tempo).

336 Danilo: Cada um é um apólogo.

337 Sara: Porque a agulha e a linha elas são mulheres e elas falam no texto.

338 Marina: Porque é um conto com seres humanos.

339 P: E desde o começo do texto a gente já sabe as características que tem a linha e a agulha.

340 Alguns alunos: Sim (falam juntos).

341 P: Como? O que está falando no texto sobre elas?

342 Caio: Que elas estão começando a discutir, a linha é toda cheia de si, toda enrolada.

343 P: E voltando aquela parte que a gente tinha falado também da parte do sexo feminino contra, contra não, mas ali a posição entre os dois. Como eles falam do alfinete aqui no texto? (Alguns alunos conversam ao fundo).

344 Caio: Que não faz nada, só fica parado.

345 P: Mas tem mais uma coisa que eles falam.

346 Nicolau: Sim, ele não deixa ninguém passar por ele.

347 P: O alfinete tem uma coisa que a agulha e a linha não têm. Que coisa é essa?

348 Otacílio: Cabeça.

349 P: Por que será então que ele coloca o alfinete como tendo cabeça. O que seria esse ter cabeça?

350 José: Porque ele tem uma bolinha em cima dele.

351 P: Mas então o que seria ter essa cabeça?

352 Nicolau: Que ele é inteligente.

353 P: Que ele é inteligente?

(Todos falam ao mesmo tempo).

354 Nicolau: Porque exploram a mulher.

355 P: Ah, então é uma parte de exploração que está dizendo? Ele por ser o homem só precisava pensar?

356 Alguns alunos: É

357 José: É o chefe.

358 P: E as duas não tinham cabeça, elas ficavam como?

359 Caio: Trabalhando.

360 P: As duas só trabalhavam, mas não pensavam então?

361 Alguns alunos: É (falam juntos).

362 Caio: Elas não tinham direito.

363 P: Elas não tinham direito de opinar?

364 Caio: Eram como escravas, não falavam nada.

365 Caio: Não podiam falar.

(Todos falam ao mesmo tempo).

366 P: Alguém tem mais alguma coisa a acrescentar sobre o texto?

367 Alguns alunos: Não (falam juntos).

368 P: Dar mais alguma opinião?

369 Alguns alunos: Não (falam juntos).

370 P: Não? Podemos parar por aqui então? Vocês gostaram do texto?

371 Alguns alunos: Sim (falam juntos).

“Saudação ao Juazeiro do Norte” – Patativa do Assaré

Leitura do texto pela professora

1 Cláudio: Acabou?

2 Professora: Acabou.

3 P: O que vocês acharam do texto?

4 Caio: Que parece uma música. E ele vai falando (lê um trecho, mas não dá para identificar qual é).

5 Leandro: Parece uma música, mas é um poema.

6 Alguns alunos: (Falam juntos) Um poema.

7 P: Parece um poema e não uma música?

8 Caio: Ele está falando, tem sempre, ele sempre fica com um tom (tararara.. – imita um som).

9 Marina: Rimas.

10 P: Tom aonde?

11 Leandro: Não é rimas.

12 Caio: Ele tem uma, tipo uma música que vai cantando assim, um tom mais alto e depois mais baixo.

13 Danilo: Só que a música repete.

14 José: Uma rima, uma rima.

15 P: Uma rima. O que você falou?

16 Danilo: Mas a música repete isso, a parte.

17 P: A música repete partes, e essa daqui não repetiu?!

18 Giovani: Mentira.

19 P: Então essa daqui não repetiu, ela não é uma música?

20 Leandro: Não.

21 Caio: Não tem refrão.

(Falam juntos, não dá para entender).

22 Caio: Não é uma música. Tem um sentido, porque tem um ritmo, um ritmo marcado ele tem.

23 Otacílio: É um ritmo.

24 Otacílio: É um texto que tem um ritmo musical, mas não é uma música.

25 P: E se não é uma música ou um poema, o que poderia ser esse texto?

26 Leandro: Um pró-texto?

27 Henrique : Uma legenda?

28 Caio: Não.

29 Caio: Uma crônica?

30 P: Esse tipo de texto vocês não aprenderam. A gente vai aprender só no 9º ano. Mas vocês já escutaram falar naqueles, principalmente no Nordeste..

31 Caio: Cordel (fala antes da professora terminar a sua fala).

32 P: Isso.

33 Caio: A gente aprendeu.

34 P: Vocês já aprenderam então?

35 Leandro: Aham.

36 Hércules: Eu não lembro.

37 P: Esse texto então é uma literatura de cordel.

38 Otacílio: Eu não tenho nem ideia do que que é isso.

39 P: Vocês lembram daqueles nordestinos que fazem aqueles repentes? Que que é um repente?

40 Caio: Eles faziam livros e coisas que penduravam para todo mundo ver e as pessoas compravam o que queriam.

41 Otacílio: É tipo o Cláudio que fala que ia enfiar a peixeira (não dá para entender o restante), como tá no texto de Português? É isso?

42 P: Isso. Vocês já viram um texto então parecido com esse?

43 Caio: É a gente viu o do Sul.

44 P: É, então agora vamos voltar para o texto, agora que vocês sabem que texto que é. Sobre o que é o texto?

45 Caio: É sobre uma cidade.

46 P: O colega perguntou pra gente o que é Juazeiro?

47 Caio: É uma cidade.

48 Leandro: É.

49 P: É uma cidade aonde?

50 Caio: No Nordeste.

51 Danilo: Eu pensei que era uma árvore.

(Todos falam juntos, não dá para entender).

52 Otacílio: Por que ele fala Juazeiro da Bahia?

53 P: Por que Juazeiro da Bahia? Onde fica Juazeiro?

54 Alguns alunos: Na Bahia.

55 Marina: Na Bahia.

56 Caio: Eu achava que era na Paraíba.

57 P: Voltem na primeira estrofe, deem uma olhadinha para ver o que vocês acham.

58 P: Sobre o que está falando, sobre o que vai falar essa estrofe?

59 Caio: Tá falando pra alguém que não teve estudo.

60 Nicolau: É.

61 Nicolau: E que não tem dinheiro.

62 Marina: Mas é uma cidade de grande sorte.

63 P: Então de alguém que não tem dinheiro..

64 Leandro: Alguém tipo, os nordestinos, vai laça boi, por aí.

65 Nicolau: Está admirando a cidade de Juazeiro.

66 P: Ah, está admirando a cidade de Juazeiro. Então, a primeira coisa, é um eu lírico que se identifica como uma pessoa simples. É isso que vocês falaram? Que não teve estudo, que não tem dinheiro e que está fazendo homenagem..

67 Nicolau: É, fazendo uma admiração.

68 P: Uma admiração a Juazeiro.

69 Caio: Ou ele fez alguma coisa.

70 Otacílio: Pode ser a cidade dele.

71 P: Pode ser a cidade dele então..

72 Otacílio: E ele quer fazer uma homenagem a ela.

73 P: Ou aconteceu alguma coisa na cidade para fazer a homenagem?

74 Caio: Pode estar contando a história de alguém que viveu naquela cidade.

75 Leandro: O padre.

76 P: Que padre?

77 Alguns alunos: O Cícero Romão (falam juntos).

78 P: Alguém conhece esse padre?

79 Alguns alunos: Não.

80 Caio: Eu já ouvi falar.

81 Danilo: Eu já ouvi falar nele, professora.

82 Caio: Outro dia eu fui para a Paraíba e lá tem um lugar que tem várias coisas sobre essa, várias coisas turísticas, que aconteceram no Nordeste.

83 Cláudio: Professora, Juazeiro pode ser um nome?

84 P: Um nome de uma cidade?

- 85 Cláudio:** De uma pessoa. Pode ser?
- 86 P:** Depende se a família vai querer dar esse nome.
- 87 Giovani:** Professora, eu pensei que Juazeiro era uma árvore.
- 88 Hércules:** Eu também.
- 89 Danilo:** Eu pensei que Juazeiro era uma árvore.
- 90 P:** Uma cidade.
- 91 Danilo:** Mas parece uma árvore.
- 92 Karla:** Professora, o que significa virtude regrada?
- 93 P:** Aqui traz para vocês, aqui embaixo, eu coloquei umas palavrinhas mais difíceis que tem no texto. Algumas outras vamos entender pelo contexto.
- 94 P:** Continuando olhando no texto, vamos ver, na próxima estrofe se vocês conseguem identificar mais alguma coisa.
- 95 Caio:** O padre, ham...
- 96 P:** Ele faz o quê? Que está falando na segunda.
- 97 Caio:** Ele trabalhou para melhorar o Nordeste.
- 98 Nicolau:** Com muito amor.
- 99 P:** Vocês estão falando que o padre fez feitos pelo Nordeste?
- 100 Giovani:** É, devotado pela cidade.
- 101 P:** E aí ele fala que esse padre é parecido com o quê?
- 102 Leandro:** Um apóstolo.
- 103 Danilo:** Um apóstolo
- 104 Danilo:** Um apóstolo do Norte.
- 105 Karla:** Uma sementeira da fé.
- 106 P:** Isso, um apóstolo do Norte. Quem eram os apóstolos?
- 107 Caio:** Aqueles que seguiam Jesus.
- 108 P:** E porque ele faz uma comparação do padre com os apóstolos?
- 109 Caio:** Porque ele era muito bom, ajudava todo mundo e seguia Jesus como um apóstolo.
- 110 P:** Pode ser. Pode falar o que você ia falar.
- 111 Karla:** Porque ele falava a palavra de Deus.
- 112 P:** Pode ser. Já que era um padre, né?!
- 113 P:** Esse padre Cícero Romão, ele é uma figura desconhecida ou mais conhecida?
- 114 Alguns alunos:** Conhecida (falam juntos).
- 115 Otacílio:** Eu acho que ele é conhecido porque ele ajudou a cidade e ajudou o Nordeste.
- 116 P:** Ele ajudou a cidade, ajudou o Nordeste.

117 Caio: Eu sei que ele é conhecido, pois falam que tem uma festa pra ele.

118 Leandro: Porque ele é o padroeiro da cidade.

119 P: Padroeiro da cidade. Então, nessa parte, nessa estrofe fica mais claro que está fazendo uma homenagem para ele?

120 Caio: Sim.

121 P: Vamos ver nos outros, deem mais uma olhada aqui, vamos ver o que vocês encontram, se vocês acham mais alguma coisa.

(Silêncio por alguns segundos).

122 Caio: Ah, também fala que nunca mais coisas sobre, de religiões de outros lugares vai deixar isso apagado, vai sempre ser, as pessoas vão sempre lembrar dele.

123 P: De quem?

124 Leandro: Do padre.

125 Otacílio: O professora, aqui fala, “Juazeiro, Juazeiro\tua vida e tua história\para o teu povo romeiro\merece um padrão de glória”. Aí esse romeiro é quem professora?

126 P: O romeiro, que que é romaria. Vocês lembram o que é romaria? Quem faz romaria? Deixa eu ver se eu coloquei essa palavra.

127 Caio: Não colocou.

128 P: Vocês não lembram que são os romeiros?

129 Caio: São aqueles que seguem Deus?

130 P: São os que vão fazendo oração, são aqueles que vão fazendo aquelas procissões. Pode falar.

131 Hércules: É que aqui “Tu, Juazeiro, és o abrigo\da devoção e da piedade”. É, será que ele é por causa do padre?

132 P: Pode ser.

133 Caio: E também ele fala que era doutor dos camponeses. Então, os camponeses eram curados pela fé.

134 P: Ah, uma boa ideia. Se o padre era tão conhecido, é pelo que que era conhecido será?

135 Caio: Porque faz milagres.

136 Otacílio: Porque ele pode ter a fé deles, ele pode fazer, transformar as pessoas, umas pessoas que tá doente, ele pode transformar e tira a doença daquela pessoa. A professora acredita?

137 Otacílio: Sei lá.

138 P: Você acredita que na fé ele vai ajudar?

139 Leandro: É, podia ter fé (não dá para entender o final da fala).

(Silêncio por alguns segundos).

140 P: Olhando mais para baixo, vocês encontram mais alguma coisa de interessante?

141 Caio: Que ele tem, que várias pessoas vão para a festa dele no dia 02 de novembro.

142 P: Olhem a quarta estrofe.

143 Caio: Que ele morreu só que ninguém esqueceu ele.

144 P: Quando uma pessoa morre, ela é sempre lembrada?

145 Caio: Muitas vezes não.

146 Alguns alunos: Depende (falam juntos).

147 Karla: Depende da importância.

148 Otacílio: Depende de quem ela foi, se foi uma pessoa boa.

149 Cláudio: O Dr. Samuel, ele morreu, ele é lembrado.

150 Hércules: Mas tem gente que não é lembrado.

151 P: E por que será que ele foi lembrado?

152 Caio: Porque ele foi uma pessoa boa, que ajudou.

153 Marina: É.

154 Otacílio: Porque ele ajudou as pessoas.

155 Caio: Geralmente quem fez mal também é lembrado.

156 P: Então se a pessoa que faz muito bem é lembrada e a se pessoa que faz muito mal é lembrado, por que elas são lembradas? Elas fizeram o quê?

157 Caio: Porque elas fizeram alguma coisa que vai ficar lembrado para sempre.

158 P: Pode falar.

159 Bianca: Eles deixam algo marcante.

160 P: Ah, então eles deixam uma coisa marcante, por isso eles são lembrados?

161 Otacílio: É.

162 Otacílio: Porque ele fez bem.

163 Caio: Porque assim, muitas coisas podiam não acontecer e ser de outra forma.

164 P: E aí acontece porque eles fizeram esses feitos?

165 Leandro: Muitas pessoas podiam morrer... porque falaram que ele curava doenças.

166 Caio: Como por exemplo...(não dá para entender o estante).

167 P: Vamos continuar no texto então agora. Vamos dar uma olhadinha... Dão uma olhadinha no 6º parágrafo. Ele faz uma comparação de novo, eu acho. Vamos ver se vocês encontram alguma coisa e concordam comigo.

168 Caio: Que Juazeiro deveria ser uma, um...

169 Leandro: Jerusalém do Nordeste.

170 P: Por que será uma Jerusalém do Nordeste? O que será que significa isso?

171 Caio: Por causa do padre que era muito santo, era santo ajudava todo mundo como Jesus.

172 P: O que acontece em Jerusalém?

173 Caio: Tem muitos devotos.

174 Otacílio: Não sei.

175 P: Por que muitos devotos?

176 Caio: Porque eles acreditam que Jesus foi enterrado lá.

177 Caio: Acredita.

178 P: Então, muitas pessoas vão pra lá?

179 Caio: Vão, vão.

180 P: Então porque ele compara Jerusalém com o Nordeste?

181 Hércules: Porque é um lugar religioso.

182 P: Por que a cidade do Nordeste é uma cidade religiosa?

183 Hércules: E também, o padre que viveu lá (todos falam juntos, não dá para entender), igual Jesus, e muitas pessoas vão a Jerusalém e vai lá por causa do padre.

184 P: Então o padre seria uma pessoa boa como Jesus foi?

185 Danilo: Sim.

186 Caio: Ele também, ele fala que devia ser como um padrão, que as outras igrejas, comunidades, deviam se espelhar nele, porque foi uma coisa muito boa, ele fez uma coisa muito boa.

187 P: Você quer falar alguma coisa?

188 Otacílio: Não.

189 P: No próximo, vamos ver se vocês encontram alguma coisa nesse 7.

190 P: Parece com uma coisa que vocês já falaram.

191 Otacílio: Do dia 2 de novembro que é a morte dele?

192 Caio: Não, que é o dia da sua.

193 Marina: Eles lembram dele.

194 P: Se eles lembram, se eles lembram dele, o que acontece?

195 Caio: Fazem uma festa e muita gente vai, de todos os estados, do estado do Nordeste.

196 P: Isso, onde, tem alguma parte dessa estrofe que deixa bem claro como essa gente vai?

197 Hércules: Sim. Que os carros são superlotados.

198 Caio: “vem de muitos Estados \ os carros superlotados \ conduzindo os passageiros”. E também ele diz que já, que nunca ninguém vai se feliz alguém que contradiz essas pessoas.

199 P: Isso. E os dois últimos? Vê se vocês encontram mais alguma coisa para poder falar.

200 Marlon: Professora, o que é malva-branca?

201 P: Malva-branca é uma plantinha.

202 Leandro: Professora, tem aqui.

203 P: É uma planta para uso medicinal, para uso medicinal.

204 P: Fala, Leandro.

205 Leandro: Fala que ele morreu, mas está vivo dentro de cada um de nós.

206 P: Ah, ele morreu, mas mesmo assim está dentro de cada um de nós. O que significa isso que você me disse?

207 Leandro: Porque todo mundo lembra dele como alguém do bem.

208 Giovani: Todo mundo tem fé nele.

209 P: Todo mundo tem fé nele. O que é isso, ele morar dentro de nós?

210 Caio: A gente lembra dele porque ele vai junto, conduzindo a gente para as coisas boas. (Outros alunos tentaram responder, mas Caio falou mais alto para ser o que seria escutado).

211 Giovani: Ter confiança nele.

212 P: As pessoas acreditam nele por isso colocam ele como uma pessoa pertencente (não dá para entender o restante).

213 Giovani: Dono da casa.

214 Cláudio: Professora, o que é fervoroso?

215 P: Animação, não no sentido de animação, é mais que isso.

216 Hércules: Professora, e lá, em Juazeiro, a cidade é muito piedosa.

217 P: Muito piedosa?

218 Hércules: É.

219 P: Por quê?

220 Hércules: Porque o santo reverendo se encontra entre, vivendo no peito de cada um.

221 P: Ah, então você acha que é muita piedade porque acreditam nele e ele fez várias coisas boas, é isso?

222 Hércules: É.

(Silêncio por alguns segundos).

223 Karla: Assim, ele tem muito amor pelas pessoas.

224 Caio: Ele também fala que, do Nordeste, da do sertão, o José era preferido do alto.

225 P: Você falou uma coisa legal para mim, sobre o sertão, quem que então, quem seriam essas pessoas que vocês tinham falado antes, mais simples?

226 Caio: Que não tem muito coisa pra dar, então elas elas acharam Deus e elas..

227 P: Então, mas quem seriam essas pessoas?

228 Leandro: Quem, os Nordestinos clássicos.

229 Caio: Os Nordestinos.

230 P: É, são eles, mas tem outro nome. Lembra quando a gente falou deles naquela matéria sobre os causos.

231 Caio: O conto popular?

232 P: Também acontece..Isso, os contos populares.

233 Nicolau: O caboclo.

234 P: Quem que lembra? O caboclo, quem mais?

235 Caio: O padre.

236 Otacílio: Hum, aquele cara que, aquele cara que fazia o... , o Pedro Malazartes.

237 P: E o Pedro Malazartes era quem?

238 Otacílio: O caboclo. Não?

239 P: Além do caboclo.

240 Caio: Ele era meio, era esperto, ele não era uma pessoa rica.

241 P: Podia ser a figura de um sertanejo?

242 Caio: Sim.

243 P: Mora no sertão?

244 Hércules: Sim.

245 Giovani: Caipira.

246 P: Um caipira.

247 Leandro: Sou caipira...

248 Hércules: Que até o texto fala sobre o sertanejo.

249 P: E mais uma coisa que eu pergunto para vocês. Na hora que ele coloca, que faz relação entre o padre Cícero e coloca que ele é comparado com um apóstolo do Nordeste, por que será que o nosso autor, ele compara o padre com o apóstolo e não compara ele com alguma outra coisa? Por que comparar com o apóstolo?

250 Otacílio: Ele pode ser, ele pode ser, o Padre Cícero Romão pode ser um santo.

251 P: Como? Fala de novo.

252 Otacílio: O Padre Cícero Romão pode ser um santo para os nordestinos?

253 P: Ele pode ser um santo para os nordestinos. Que mais?

254 Caio: Eu acho que ele seguia Jesus com muita intensidade. Muita fé.

255 Cláudio: Muita fé.

256 P: Muita fé? Fala.

257 Leandro: Como os apóstolos defendiam Jesus, ele defendia o Nordeste.

258 P: Ah, boa colocação.

259 P: Vamos voltar naquela parte lá no começo para ver se a gente consegue mais alguma coisa. Aquela parte que você falaram para mim da musicalidade.

260 P: Aonde vocês notam essa música no texto?

261 Leandro: Nas rimas.

262 Caio: Em todas as rimas.

263 Alguns alunos: Todos os versos.

264 Danilo: Todas as estrofes.

265 P: E onde aparecem essas rimas? O que seria isso?

(Silêncio por alguns segundos).

266 Danilo: É para falar uma rima?

(Não dá para entender o que é falado)

267 P: Mas é só no final, tem no meio?

268 Caio: Não.

269 Karla: É no meio e no fim. É uma, aí duas.

270 Caio: Ele tem um ritmo, ele fala mais alto, depois mais baixo, mais alto.

271 P: Ah, gostei disso, fala..

272 Caio: Tem tons mais altos, e depois fica mais baixo e mais altos.

273 P: Esse mais baixo poderia ser o que então?

274 Caio: Uma coisa menos importante, uma coisa que tem tanta importância..

275 Leandro: O mais importante.

276 P: Será que não tem importância?

277 Leandro: Acho que tem mais importância.

278 Caio: Não que ela, que quer destacar algumas partes, que tem que prestar mais atenção.

279 P: Porque tá falando de entonação, não é? Então tem, talvez tenha esse grau de importância.

280 Caio: Talvez seja para você prestar, prestar mais atenção numa coisa que não está explícito no texto, mas é importante saber?

281 P: Então ele coloca através da entonação, ele faz isso?

282 Leandro: Sim.

283 Hércules: Professora, o tom mais baixo é quando ele está terminando a rima, porque na hora que começa, o tom é mais alto.

(Todos falam ao mesmo tempo, não dá para entender).

284 P: Vocês querem falar mais alguma coisa sobre isso, sobre essa parte?

285 Alguns alunos: Não.

Para encerrar, a professora pergunta se algum aluno gostaria de ler o texto novamente. Como aparecem vários voluntários, ela pede para cada um ler uma estrofe.

Leitura do texto pelos alunos.

“A última crônica” – Fernando Sabino

Leitura do texto pela professora

1 P: Gostaram do texto?

2 Nicolau: Sim!

3 P: Entenderam?

4 Nicolau: Sim.

5 P: Sim? Antes de começarmos a conversar sobre o texto, eu gostaria que vocês... Alguém tem dicionário aqui?

6 Caio: Eu!

7 P: Só para deixar em cima da mesa. Se tiver alguma palavra no texto que vocês não saibam, eu não vou querer que vocês me perguntem. Eu quero que..., é só vocês levantarem discretamente, sem barulho, virem até a mesa de quem tem um dicionário, pegue e procura a palavra. Ok? Alguma dúvida? Se não tiver no dicionário, aí a gente pode conversar sobre ela. O que vocês acharam do texto? De modo geral, depois a gente vai por partes.

8 Leandro: É bonito!

9 P: Por que é bonito, Leandro?

10 Leandro: Porque nosso cotidiano é em uma família comum, simples e humilde.

11 P: Mas que cotidiano? O que eles estão fazendo?

12 Leandro: Comemorando o aniversário da filha.

13 P: Isso! Pode ser, comemorando o aniversário da filha. Lembra de falar bem alto. O que mais?

14 Leandro: O autor do texto, poderia ser o que aconteceu de verdade. Porque ele poderia estar sem ideias e ficou observando. Aí, contou uma história que ele estava presente.

15 P: O autor do texto, Leandro?

16 Leandro: Sim.

17 P: Certeza?

18 Leandro: Porque ele estava presente, olhando.

19 P: Mas, lembra assim: qual a diferença de autor e narrador? Autor é quem?

20 José: Autor é quem escreve.

21 P: Autor é quem escreve o texto. E o narrador?

22 Leandro: Quem narra o texto.

23 P: É o personagem na história que vai contar? É isso?

24 Alguns alunos: Não.

25 P: Não?

26 Caio: É quem fala da história, quem conta a história para a pessoa.

27 P: Então, quem está nesse lugar?

28 Leandro: O narrador.

29 P: E no começo do texto, o que ele está falando?

30 Leandro: Falando que ele estava sem ideia para escrever. Aí, ele foi no boteco tomar café com o Bocão. Aí, ele abaixou a cabeça porque não tinha ideia e ele estava pensando no que ele ia escrever. Sua última crônica.

31 P: E o que era uma crônica, mesmo?

32 José: Uma crônica é uma história que fala sobre o dia a dia.

33 P: Sobre o cotidiano?

34 José: É.

35 P: Aí, vocês me falaram que ele queria escrever o quê?

36 José: Uma crônica.

37 P: Uma crônica. Então, o que ele estava procurando ali, naquela mesa?

38 Caio: O cotidiano de cada família, de uma pessoa.

39 P: Mas, no começo, ele fala já que é de uma família?

40 Caio: Não, ele fala que queria só uma história.

41 Caio: Só uma ideia.

42 P: Só uma ideia. E aí, o que mais que vai acontecendo depois?

43 José: Aí, ele percebe a família lá no fundo. Aí, ele vai prestando atenção no que vai acontecendo. Aí, acontece de eles pedirem um pedaço de bolo, colocarem as velas, a coca-cola, acenderem a vela do parabéns, meio que discreto e arruma a fita. Aí, eu não lembro.

44 Leandro: A mãe...

45 P: No cabelo?

46 Leandro: É.

47 P: Olha no texto José.

48 José: Calma.

49 P: Então, no começo vocês falaram que ele estava lá nesse lugar, nesse botequim e ele queria uma inspiração. Queria uma ideia. Aí ele tinha as ideias?

50 Leandro: Não.

51 P: Aí, o que ele fez? Quando a gente não tem ideia, fica fazendo o quê?

52 Leandro: Pensando.

53 Caio: Nada!

54 P: Sentado, pensando, só?

55 José: É.

56 José: Você pensa no que se...

57 Caio: Ou você observa, dependendo do que você precisa.

58 P: E aí vocês me falaram que ele viu então aquela família.

59 Alguns alunos: Sim.

60 P: Quando ele vê aquela família, ele já pensa em escrever ou ele só fica pensando?

61 José : Só.

62 Otacílio e José (um completa o outro): Não, só fica observando mesmo. Observando para depois escrever.

63 P: O José e o Otacílio disseram que eles ficam observando a família. E depois?

64 Leandro: Depois ele começa a olhar mais detalhadamente. Aí, ele percebe que poderia ser uma crônica, o que estava acontecendo ali.

65 P: Isso! Mas ele vai perceber isso aqui, já nesse texto ou ele vai perceber isso depois? Sei lá, quando ele chega em casa, depois...

66 Alguns alunos: Depois.

67 Sara: Sei lá...

68 Leandro: Depois que ele chegar em casa.

69 P: Aí, nessa primeira parte ele tem uma frase que ele fala como ele gostaria que fosse essa, o texto dele. Como que é? Bem no começo...

70 Leandro: No começo?

71 P: Lá no primeiro parágrafo.

72 José: Nossa.

73 Leandro: Ah, “Fruto da convivência que ele”...

74 Otacílio: Não...

75 Danilo: Não?

76 Caio: “Não pretendia”... Não, não é esse!

77 P: Pode continuar!

78 Caio: “Eu pretendia recolher da vida diária, de seu disperso conteúdo. Mas, o fruto da convivência que a faz digna de ser vivida.”

79 P: Isso! Na verdade, o que ele queria... Mas o que ele queria encontrar para poder falar na crônica dele?

80 Otacílio: Espera aí!

81 Caio: É... “Gostaria de estar inspirado...”.

82 P: Dá uma olhada antes de me falar...

83 José: É o que ele queria para escrever?

84 Marina: “Na perspectiva...”

85 Leandro: Ele queria uma coisa diferente.

86 P: Isso Leandro, mas o que ele vai falar para mostrar isso? Que ele quer uma coisa diferente.

87 Caio: “Na perspectiva do acidental...”.

88 P: É uma coisa mais simples. Eu quero isso, isso e isso. Então, isso eu quero que seja o quê? Quer conversar sobre a outra parte do texto e depois a gente volta nisso? Para ver se vocês percebem depois.

89 Alguns alunos: Sim...

90 P: Depois a gente volta para essa parte, vamos para o restante. Quem sabe depois vocês percebem com o restante... Na segunda parte, o que ele começa falando?

91 Marlon: Ele observa a família.

92 P: Isso, ele observa a família.

93 José: Ele observa uma família que está no fundo.

94 P: Uma família no fundo do botequim. Você falou uma coisa interessante, José! Como é essa família? Quem é essa família?

95 José: É uma família de negros.

96 P: Uma família de negros.

97 Otacílio: Com três pessoas.

98 P: Com três pessoas...

99 Caio: Que é meio pobre...

100 P: Pode ser pobre... Pelo o que está escrito aqui, pode ser que eles são pobres ou ricos?

101 Alguns alunos: Sim.

102 P: Pobres, muito pobres, só pobres...?

103 Caio: Pobres!

104 P: O José tinha falado uma coisa interessante. Onde eles sentam?

105 José: No fundo.

106 Alguns alunos: No fundo.

107 P: No fundo. Por que eles não sentam na frente?

(Os alunos falam todos juntos).

108 P: O Gonçalo falou que é por causa da filha. Porque é um lugar reservado...

- 109 Caio:** Ou talvez porque eles tenham medo de sofrer preconceito.
- 110 P:** Eles podem ter medo de sofrer preconceito, então eles sentam no fundo.
- 111 José:** Eu acho que eles sentam lá também para serem um pouco mais discretos. Já que eles não gostam de aparecer...
- 112 P:** Eles não gostam de aparecer, por quê?
- 113 José:** É aquilo que eles falaram, por causa do medo de sofrer preconceito.
- 114 P:** Ah tá, José, então eles têm medo de sofrer preconceito, como o Caio falou?
- 115 José:** É!
- 116 P:** E o que mais tem essa família? Vocês falaram que eles estão sentados no fundo...
- 117 Caio:** A menina está com um vestido, um lacinho na cabeça...
- 118 Hércules:** Uma fita.
- 119 P:** Uma fita no cabelo. Olhem palavras no texto que falem sobre essa família. Como eles eram? Nessa segunda parte só. Não precisa ler tudo.
- 120 Otacílio:** Ela fica olhando para o móvel, a mãe.
- 121 P:** A mãe ficava olhando o móvel, por quê?
- 122 Caio:** Olhando para os lados...
- 123 P:** O que mais? Por que será que ela ficava olhando para os lados, então?
- 124 Leandro:** Porque ela queria ver se não tinha ninguém olhando...
- 125 P:** Para ver se não tinha ninguém olhando para eles?
- 126 Caio:** Para procurar o garçom.
- 127 P:** Também, para procurar o garçom... O que mais?
- 128 Leandro:** Para ver se não tem alguém olhando, pensando no que eles estão fazendo, se não estão fazendo alguma coisa errada...
- 129 P:** Ah tá, então você falou que ela está olhando para ver se as pessoas estão olhando para ela, para eles?
- 130 Leandro:** É, tipo pensando coisa ruim deles.
- 131 P:** Pensando coisas ruins deles?
- 132 José:** Não parece que eles estavam olhando com medo?
- 133 P:** Olhando com medo?
- 134 José:** É, estar em um lugar sozinhos, que você fica olhando, assim para o lado.
- 135 P:** E João, por que você acha que eles tinham medo? Medo por que?
- 136 Caio:** Do preconceito.
- 137 Otacílio:** Porque eles podiam ter sofrido preconceito.

138 P: Porque eles podiam ter sofrido preconceito antes? Em qualquer lugar, não só no botequim?

139 Otacílio: É!

140 Caio: Ou porque talvez tinha uma pessoa que eles não gostassem ou que eles, sei lá, não gostam e aí foram lá para o fundo e ficaram olhando para os lados para ver se essa pessoa não estava vindo.

141 P: Continuando nesse mesmo parágrafo, olhem as palavras... Vê o que fala das famílias sobre ele, que palavras descrevem essa família? Como ela é?

142 Leandro: Calma e silenciosa.

143 P: Calma e silenciosa! Por que será que eles eram silenciosos?

144 Leandro: Porque não queriam chamar muita atenção.

145 P: Não queriam chamar a atenção... Como eles estavam sentados? Como era a postura deles?

146 Nicolau: Onde é para ver isso?

147 P: Na segunda parte. Começa lá “O fundo do botequim...”

148 Caio: Até?

149 P: Até “Matar a fome”.

150 José: Ah tá!

151 Giovani: Eles estavam sentados em uma mesa de mármore...

152 Giovani: Curiosos...

153 Caio: O casal estava de preto.

154 P: O casal estava de preto? Lê de novo Caio!

155 Caio: Não, é de pretos...

156 P: De pretos. Fala José...

157 José: Eles estavam sentados em uma mesa de mármore ao longo da parede.

158 P: Então eles estavam sentados nessa mesa que era lá no final, né?

159 Caio: Eles pareciam humildes....

160 P: Humildes! Quer dizer o quê?

161 Caio: Simples!

162 P: São pessoas simples.

163 Leandro: Não se mostram.

164 P: Não se mostram! O que mais?

165 Caio: Eles não fazem muitos gestos e nem falavam muito...

166 P: Por que será que eles ficavam tão quietos no canto deles?

167 Marlon: Para não chamar atenção.

168 Sara: Por vergonha...

169 P: Por vergonha! Mas vergonha do quê?

170 Caio: Por ficarem olhando...

171 Gonçalo: Por serem negros...

172 P: Vergonha por serem negros? E por que eles tinham que ter vergonha?

173 Caio: Porque muita gente tem preconceito.

174 Hércules: Muita gente não aceita eles.

175 P: Muitas pessoas não aceitam eles? Fala Nicolau!

176 Nicolau: Mesma coisa.

177 P: Esse texto, vocês acham que ele foi escrito agora ou bem mais antigamente?

178 Marina: Mais antigamente!

179 P: Antigamente...

180 Leandro: Tinha bem mais preconceito!

181 P: Tinha bem mais preconceito. Então será que era por isso que eles tinham esse medo?

182 Alguns alunos: Sim.

183 P: Continuando, tem mais alguma coisa aqui?

184 Caio: A menina, ela não se mexia, ela não balançava nem a perna.

185 Leandro: Ela fica sentada, quieta!

186 Otacílio: Quieta.

(Os alunos falam todos juntos).

187 P: Como Hércules?

188 Hércules: Ela abaixou a cabeça na mesa para soprar as velas.

189 P: Ah, ela abaixou a cabeça na mesa para soprar as velas? Por que será que ela ficou nesse gesto super encolhida?

190 José: Para... (não dá para entender).

(Os alunos falam juntos).

191 P: Esse ritual aqui que ele fala, não é bem um ritual, assim de religião, é um ritual de aniversário, de aniversário. A gente não faz esse ritual?

192 Alguns alunos: Fazemos!

193 P: Tem o bolo, coloca as velas, canta o parabéns...

194 José: Faz um pedido.

195 P: Faz um pedido! No final, a gente pode voltar nesse assunto do pedido. Mas no final a gente volta. Me lembrem. Como que era a fome deles? Como eles estavam ali? Não como era a fome, como eles iam comer?

196 Caio: Eles não estavam com fome. Parecia que eles iam...

197 Leandro: Foram só para comemorar o aniversário da menina.

198 Caio: Eles se preparavam para algo mais do que comer, não só comer.

199 Otacílio: Queriam mais do que matar a fome.

200 P: Eles queriam mais do que matar a fome? O que é matar a fome?

201 Caio: Quando está com fome, comer alguma coisa...

202 Leandro: Comer... (não dá para entender).

(Os alunos respondem todos juntos).

203 P: Então, quando você está com muita fome, você come para passar essa fome?

204 Alguns alunos: É!

205 P: Aí, eles falam assim “que se prepararam para algo maior, mais que matar a fome”. O que isso significa, então? Como é o dia a dia deles, então?

206 Marlon: Eles comiam normalmente, só para não ficar com fome.

207 P: Eles comiam, então, para matar a fome?

208 Caio: Sem cerimônias. Sem fazer algo.

209 P: Sem cerimônias!

210 Caio: Sem objetivo final. Sem ser uma coisa especial.

211 P: Ah, entendi! Sem ser algo assim, luxurioso, demais...

212 Caio: Algo que acontece todo dia...

213 P: Algo que acontece todo dia, normal... E aí, agora, então, eles estavam ali não para matar a fome...

214 Hércules: Para uma coisa diferente

215 Caio: Uma coisa especial.

216 P: Depois, na próxima parte... O que ele vai falar para a gente?

217 Caio: Que ele começou a observar...

218 P: Quem está observando?

219 Alguns alunos: O narrador!

220 P: E ele está observando o quê? O que vai acontecer ali?

221 Leandro: O pai tira o dinheiro do bolso, discretamente contando...

222 P: Se ele está contando o dinheiro como você falou, Leandro, o que é isso? “Contar o dinheiro”.

- 223 José:** Ele tem o dinheiro certo para comprar o bolo...
- 224 Gonçalo:** Para ver o que ele pode comprar...
- 225 P:** Para ver se ele tem o dinheiro certo, suficiente. Para ver o que ele pode comprar... três pedaços?
- 226 Alguns alunos:** Não!
- 227 Hércules:** Tinha três velinhas...
- 228 P:** Tinha três velinhas. E quantos pedaços de bolo?
- 229 Alguns alunos:** Um!
- 230 P:** E em quantas pessoas eles eram?
- 231 Alguns alunos:** Três!
- 232 P:** E por que será que eles compraram só um pedaço?
- 233 Alguns alunos:** Porque eles não tinham dinheiro suficiente.
- 234 P:** Não tinham dinheiro suficiente?
- 235 Alguns alunos:** É!
- 236 José:** Era um bolo simples.
- 237 P:** Um bolo simples...
- 238 Leandro:** Amarelo.
- 239 P:** Amarelo... E como esse garçom colocou esse bolo?
- 240 Leandro:** Pegou com a mão e colocou em um pratinho.
- 241 P:** Com a mão? Mas ele colocou? Olha como está escrito!
- 242 Caio:** Ele larga no pratinho.
- 243 P:** Ele larga no pratinho! O que é isso, “largar no pratinho”?
- 244 Hércules:** Ele deixa.
- 245 Otacílio:** Ele joga.
- 246 P:** Parece que ele joga assim. É como se fosse um carinho?
- 247 Alguns alunos:** Não!
- 248 P:** Por que ele faz isso com eles?
- 249 Danilo:** Porque ele tem preconceito.
- 250 Hércules:** Por que eles são negros.
- 251 P:** Pode ser, porque eles são negros... Por causa do preconceito... O que mais? Mostra assim, que ele tem muito respeito por essa família?
- 252 Alguns alunos:** Não!
- 253 Gonçalo:** Mostra que ele é racista.
- 254 P:** Ele pode ser racista?

255 Caio: Ou talvez, é porque ele é chato.

256 P: O que mais acontece aí?

(Silêncio por alguns segundos).

257 Caio: Ele aponta um pedaço de bolo no balcão. Pega a garrafa de coca...

258 P: Então quando ele contou o dinheiro ele aponta o pedaço que ele acha que vai dar para comprar.

259 Alguns alunos: É!

260 P: Vocês falaram para mim que o bolo era que cor?

261 Alguns alunos: Amarelo!

262 Gonçalo: Amarelo escuro!

263 P: Amarelo escuro. Quando a gente vê um bolo amarelo escuro...

264 Leandro: Ovo.

265 P: Lembra ovo podre?

266 Danilo: Não, sei lá. Um bolo bem simples.

267 P: Bem simples.!

268 Alguns alunos: Isso.

(Os alunos falam todos juntos).

269 P: Lembra assim, um bolo bem gostoso, um bolo assim bem..

270 Gonçalo: Simples.

271 Otacílio: Normal.

272 P: Bem simples, bem normal. Então, com o tanto de moedas que ele tinha... Então, o dinheiro que ele tinha era o que ia dar para comprar. Por que será que vocês falaram para mim que ele contou essas moedas então para comprar o bolo, será que ele tinha mais dinheiro?

273 Alguns alunos: Não!

274 P: Então por que será que ele gastou todo o dinheiro que ele tinha ali naquele bolo.

275 Danilo: É porque... (não dá para endentar).

(Os alunos respondem todos juntos).

276 P: Por causa da filha dele... O que mais?

277 Caio: Para comemorar.

278 P: Porque era aniversário da filha...

279 Leandro: Para comemorar.

280 P: Para comemorar!

281 Hércules: Para fazer ela feliz.

282 P: Para fazer ela feliz! Então, como era um dia especial para a filha deles, se eles comemorassem seria um dia especial para todos eles?

283 Alguns alunos: É!

284 Caio: Deixaria mais alegre.

285 José: Não!

286 P: Não, José?

287 José: Não sei.

288 P: Você não sabe? Você acha que não é por causa daquele ambiente?

289 José: Não, não sei.

290 P: Na outra parte, o que ele fala? Tem aquela parte que vocês já falaram, que ele vai largar o bolo no pratinho. Como que essa mãe, de onde ela tira essas velinhas?

291 Leandro: Da bolsa.

292 P: Como que é essa bolsa?

293 Leandro e Otacílio: Preta e brilhante.

294 P: O que isso mostra?

295 Caio: Que não é uma bolsa muito...

296 P: Olha, Nicolau falou uma coisa muito interessante, eu achei...

297 Nicolau: Essa bolsa é preta, como se fosse a cor dela.

298 P: Como se fosse a cor deles representasse eles e brilhante como se fosse a humildade deles?

299 Nicolau: É!

300 P: A pureza também? Por que a pureza?

301 Caio: Ou a simplicidade.

302 P: A simplicidade também.

303 Marina: A pureza por que ele é um trabalhador e as vezes ganha pouco...

304 Hércules: É honesto.

305 P: Ah, então ele é honesto... é um trabalhador, e o que ele ganha dividiu com a família?

306 Alguns alunos: Sim!

307 P: E como eles falam dessa menina?

308 Caio: Que ela fica na expectativa olhando na garrafinha de coca e no pratinho.

309 P: Mas aí, isso Giovani, o que você falou?

310 Giovani: Como um animalzinho.

311 P: Como é um animal?

312 Danilo: Fica olhando o que você está comendo, querendo uma parte.

313 P: Por exemplo, um cachorrinho fica fazendo isso, né? Querendo com aquele olhinho...

314 Alguns alunos: Isso.

(Todos os alunos respondem juntos).

315 P: Só que Caio, você falou sobre o animal, isso tem o sentido positivo ou negativo?

316 Alguns alunos: Negativo!

317 P: Aqui, nesse texto, quando ele fala que a menina é como um animalzinho...

318 Caio: Não.

319 Leandro: Porque ela fica observando.

320 José: É positivo!

321 Caio: Ela ficou observando a comida, como se ela não pudesse pegar.

322 P: Não é animalzinho, por quê? Por causa do motivo?

323 Alguns alunos: Não.

324 Caio: Não do animal.

325 Leandro: De irracional.

326 Caio: Como quem fica atento, olhando para aquilo.

327 Caio: Tipo, esperando o momento.

328 Gonçalo: Mas não como um xingamento.

329 P: Não como um xingamento?

330 Alguns alunos: É!

331 P: Só falando que ela parecia, mas no sentido qual?

332 Caio: É, no sentido de ficar observando a comida.

333 Nicolau: Ela fica olhando para a comida porque, as vezes, ela não podia pegar aquilo.

(Ouve-se um alunos bocejando ao fundo).

334 P: E agora no final? A última parte. O que vai acontecer?

335 Danilo: Ela tira as velinhas brancas.

336 P: Ó, uma coisa interessante... são velinhas brancas. Por que velinhas brancas?

337 Leandro: Para representar a paz.

338 P: Para representar a paz. O que mais?

339 Hércules: Pequenas.

340 Marina: Baratas.

341 P: Pequenas, baratas. Ah, então a velinha branca significa mais barata?

342 Alguns alunos: É!

343 P: Quando a gente vai comprar branca é mais barata?

344 Alguns alunos: É!

345 Leandro: Acho que deve ser...

346 P: Pequenas...

347 José: Pode ser...

348 P: Por que pequenas?

349 José: Porque são mais baratas.

350 P: Mais barato...

351 Caio: Ou, simplesmente, porque ela usa todo ano aquelas velas.

352 Caio: Porque, no final, ela diz que guarda na bolsa as velas.

353 P: Ah, então a mãe guarda na bolsa as velas ?

354 Nicolau: Aham. De novo...

355 P: Para poder usar no próximo ano?

356 Alguns alunos: Sim!

357 P: E Isso mostra o quê?

358 Nicolau: Ou por causa do bolo ser pequeno.

359 P: Porque o bolo é pequeno também...

360 José: A pobreza.

361 P: Por causa da pobreza? Como que a menina pega esse bolo?

362 Leandro: Apanha com as duas mãos e vai comendo.

363 P: E esse “apanha”? O que significa isso?

364 Alguns alunos: Pegar!

365 José: Pega com as duas mãos.

366 P: Pega com as duas mãos. Mas quando ela está com essa voracidade, é por que ela sempre come bolo ou...?

367 Alguns alunos: Não.

368 Leandro: Ela nunca come bolo.

369 José: Ela tem vontade de comer aquilo.

370 P: Então, vocês falaram que ela nunca come bolo, que ela tem vontade, mas ela não pode.

371 Alguns alunos: É.

372 P: Por isso, talvez, esse momento tão especial?

373 Alguns alunos: É!

374 P: E os pais, eles comem bolo?

375 Alguns alunos: Não!

376 P: Por que não?

377 José: Eu acho que (não dá para entender o restante).

(Os alunos respondem todos juntos).

378 P: Fala, Bianca.

379 Bianca: É mais fácil ver a filha feliz que eles...

380 P: Então, é mais fácil ver a filha feliz que eles? Se a filha estiver feliz, eles vão estar felizes?

381 Alguns alunos: É.

382 P: Mais alguma coisa? E depois, o que vai acontecer?

383 Caio: O pai acende a vela, ela coloca o queixo na vela e assopra.

384 P: Aí, depois, vai mostrar o narrador de novo. O que vai acontecer?

385 Caio: O pai vê ele observando.

386 Leandro: O pai da família olha e vê que o narrador está observando ele.

387 P: E o pai fica como?

388 Leandro: O pai dá um sorriso.

389 P: Olha antes do sorriso. Aconteceu uma coisa antes.

390 José: Ele fica um pouco apreensivo antes de sorrir.

391 P: Por que ele fica apreensivo?

392 Leandro: Porque tem alguém observando.

393 P: Porque tem alguém observando ele. O pai queria que tivesse alguém lá observando ele?

394 Alguns alunos: Não!

395 P: Aí, então, ele pega o narrador observando e fica como?

396 Caio: Meio apreensivo, com medo.

397 P: Ele continua apreensivo depois?

398 Alguns alunos: Não!

399 P: O que ele faz?

400 Leandro: Ele sorri.

401 P: Por que será que ele sorri?

402 Leandro: Porque ele está feliz.

403 Nicolau: Porque ele é um homem bom.

404 P: Ele é um homem bom, a filha está feliz. Ele tem motivo para ficar triste?

405 Alguns alunos: Não.

406 P: E faz uma comparação para mim... entre o narrador e esse pai. O narrador, como ele estava?

407 Leandro: Estava triste, porque ele não tinha o que escrever.

408 P: E o pai?

409 Leandro: O pai estava meio abatido, mas ele fica feliz no final, porque a filha está feliz.

410 Danilo: Ele vê que tem alguém olhando, mas não com um olhar de preconceito, e sim com alguém que se importa.

411 Karla: Que não tem preconceitos.

412 P: Uma pessoa que se importa... Que não tem preconceitos. Então...

413 Gonçalo: O garçom desprezou ele.

414 P: O garçom desprezou ele, mas aquela pessoa não. Ele estava ali olhando aquele gesto da família, observando e aí o pai não se sentiu reprimido por causa disso?

415 José: No começo sim...

416 P: No começo sim. Depois, no final, não... Como ele termina esse texto? Falando o quê?

417 Leandro: O narrador queria uma vida tão pura como o sorriso do pai.

418 P: Por que ele fala isso?

419 José: Por causa do sorriso da família.

420 Leandro: Ele percebe que é um sorriso real, não aquele sorriso falso.

421 José: É um sorriso de humildade, de conquistar.

422 P: Vocês tinham falado para mim, o que era a crônica mesmo?

423 Otacílio: História do cotidiano.

424 Caio: Contar uma história do cotidiano.

425 P: E esse narrador conseguiu isso?

426 Alguns alunos: Sim. (Respondem todos juntos.)

427 P: Vocês acham que o narrador ficou feliz com essa história que ele observou?

428 Alguns alunos: Sim. (Respondem todos juntos)

429 P: Olha, presta atenção nessa frase que ele falou: “Assim eu queria a minha última crônica, que fosse pura como esse sorriso.” Lá no primeiro parágrafo do texto, lembra que eu falei para vocês, ele fala alguma coisa parecida com isso. O que ele fala?
(Silêncio por alguns segundos).

430 Marlon: “Eu pretendia apenas recorrer...”

431 Caio: “Gostaria de estar inspirado...”

432 P: Não, você já tinha me falado isso. Presta atenção na última frase. “Assim eu queria a minha última crônica que fosse pura como esse sorriso.”

433 Nicolau: “Não sou poeta...”

434 P: Isso! “Assim eu queria meu último poema...”

435 Caio: Onde?

436 P: Está lá no começo.

437 José: Está entre aspas.

438 P: Isso, se está entre aspas, o que significa?

439 José: Que foi retirado de um texto.

440 José: Foi uma inter...

441 P: Intertextualidade?

442 Caio: Porque ele colocou no final.

443 Leandro: Não.

444 P: Está certo o que vocês falaram. Se está entre aspas foi tirado de alguém. De quem será que foi tirado esse texto?

445 José: De outro.

446 P: De outro texto. É de um poema do Manuel Bandeira. Eu vou entregar esse poema para vocês rapidinho, porque... eu acho que nem vai dar tempo.

Professora entrega e faz a leitura do poema. (O último poema- Manuel Bandeira)

447 P: O que ele fala nesse poema de forma geral? Ele queria o quê? Essas coisas...

448 Leandro: Uma coisa pura.

449 Hércules: Uma vida honesta.

450 Caio: Beleza das flores.

451 P: Ele queria uma beleza no poema?

452 José: É, uma coisa límpida.

453 P: Uma coisa límpida. Limpa...

454 Caio: Uma coisa que não tem nada de errado.

455 Caio: Uma coisa boa.

456 P: A gente não vai precisar analisar esse poema. Só para finalizar... Por que ele compara esse poema com a crônica dele?

457 José: Ele compara... (não dá para entender).

(Os alunos respondem todos juntos).

458 P: Ele queria nesse poema sua própria crônica?

459 Caio: É.

460 Leandro: Porque pode ser praticamente a mesma coisa.

461 Leandro: Porque ele interpretou uma crônica, no caso, o cotidiano.

462 P: Então, ele tirou o tema do poema e colocou a crônica?

463 Alguns alunos: É.

464 José: Eu acho que ele queria fazer um poema tipo crônica.

465 José: Uma coisa mais simples.

467 Caio: Ele queria uma história pura, normal, que você vê sempre no dia a dia, só que ninguém nunca percebe como ela pode ser bonita.

468 P: Tem mais alguma coisa que vocês queiram falar sobre esse texto?

469 Alguns alunos: Não.

470 P: Então, chamou a atenção?

471 Nicolau: Do pedido.

472 P: O que vocês acham que a menina poderia ter pedido?

473 Bianca: Podia ter pedido menos preconceito.

474 Leandro: Que a cidade seja justa.

475 P: Por que será que ela faz esses pedidos que vocês estão me falando?

476 Caio: Porque ela pode sofrendo aquilo que ela está pedindo.

477 Lara: Porque ela pode ter necessidades.

478 P: Por que ela faz um pedido para a família e não para ela?

479 Nicolau: Porque a família é em primeiro lugar.

480 Lara: Porque os pais tiram deles para dar para ela.

481 Gonçalo: Porque a família deu o bolo para ela e não comeu nenhum pedaço.

482 P: E isso foram o quê?

483 Marina: Tiraram deles e deram para ela.

484 P: Isso.

485 Hércules: Que eles tivessem mais condição também.

486 P: Que eles tivessem mais condições.

487 Caio: Que ano que vem, ela tivesse também um pedaço de bolo para ela comer.

488 P: Mais alguma coisa?

489 Alguns alunos: Não.

490 P: Só uma coisa que eu lembrei, mas é só para... Vocês já falaram, na verdade. No começo vocês falaram que o narrador estava o quê? Com uma crise...?

491 Caio: De ideia.

492 Caio: De imaginação.

493 Caio: De criatividade.

494 P: E a família, ela tem o quê? Uma crise...?

495 Leandro: Financeira.

496 P: Só que no final, quem prevalece? É a crise financeira, ou essa crise criativa?

497 Caio: Nenhuma.

498 P: Por quê?

499 Caio: Porque ele é uma forma de colocar pureza dentro do texto e a família fica feliz.

500 P: Com o que aconteceu?

501 Caio: Com o que aconteceu.

502 P: Então está bom. Muito obrigada, gente. Gostei muito! São para vocês os textos.

“A valsa” – Casimiro de Abreu

Leitura do texto pela professora.

1 P: Gostaram do texto?

2 Alguns alunos: Sim.

3 Danilo: É estranho.

4 P: É estranho? Por quê? Como?

5 Otacílio: Parece uma moça de igreja falando.

6 P: Moça de igreja?

7 Otacílio: É.

8 Caio: Eu não gostei não.

9 Leandro: Eu também não.

(Os alunos falam todos juntos).

10 P: Façam assim, eu vou dar uns dois minutinhos para vocês darem uma olhada e ver se vocês conseguem perceber o que significa, o que ele está querendo falar nesse texto.

(Os alunos falam juntos).

11 Caio: Parece que ele estava observando uma moça dançar e ele achou ela muito bonita e gostava dela. Só que ela não prestava nem atenção nele.

12 P: Deem uma olhadinha para ver se vocês conseguem entender melhor.

13 Hércules: Onde começa?

14 P: Começa assim. Deixa eu pegar a sua folha para mostrar. Na hora que termina aqui “quem dera...”. Prestem atenção ao título, ao que está acontecendo, o que eles estão fazendo.

15 Karla: Eles estão dançando.

16 Caio: Eles estão dançando valsa e tanto é que a mulher fala que está...

17 Caio: Ele queria falar com ela, mas não conseguia falar.

18 P: Ele queria falar com ela, mas não conseguia?

19 Caio: Ele estava mudo.

20 P: Deem mais uma olhada aí.

21P: Fala, Leandro.

22 Leandro: Ela nem deu bola para ele.

23 Leandro: Estava em uma festa, assim, aí um monte de gente estava observando ela, mas ele estava com medo de chegar e falar com ela.

24 P: Ele estava com medo de falar com ela?

(Os alunos permanecem alguns segundos em silêncio).

25 P: Querem fazer assim, a gente volta na primeira parte e vocês falam para mim o que vocês acham que é?

26 Alguns alunos: Tá.

27 José: Eu não gostei.

28 P: Por que você não gostou, José?

29 José: Sei lá, é estranho.

30 P: Você achou estranho?

(Os alunos falam todos juntos).

31 P: Será que não é estranho por que vocês não entenderam direito?

32 Hércules: Não, eu acho que esse texto não é legal, mesmo.

33 P: Vamos ver...

Professora faz a leitura da primeira estrofe.

34 Gonçalo: Ela não está dançando com ele.

35 P: Você acha que ela não está dançando com ele?

(Os alunos falam todos juntos).

36 P: Um de cada vez, senão, não dá para entender.

37 José: Ela estava lá, sozinha, com medo de falar com a pessoa que ela gosta.

38 Gonçalo: O modo que ele falou, parece que ele não está dançando com ela.

39 P: O modo que ele falou fez parecer que ele não está dançando juntos?

40 Gonçalo: É.

41 Lara: Ele está olhando ela com outra pessoa.

42 P: Ah, então ele está com ciúmes olhando ela com essa outra pessoa.

43 Caio: Professora, ele está contando para ela o que aconteceu ontem, “tu ontem”.

44 P: Presta atenção, o Caio falou uma coisa interessante, “Tu ontem”. O que significa quando ele fala “Tu ontem”?

45 Caio: Está falando com a moça sobre o que aconteceu ontem, “Tu ontem”.

46 P: Fala, Leandro.

47 Leandro: No dia da festa, ele podia não ter coragem, mas no outro dia ele teria coragem de falar com ela.

48 P: Ah, então é como se fosse em um outro dia.

49 Bianca: Foi no dia da festa.

(Falam juntos, não dá para compreender).

50 P: Fala, Bianca.

51 Bianca: Quando estava conversando com ele...

52 P: Presta atenção nessa parte que ele fala assim: “Na valsa, / Tão falsa, / Corrias, / Fugias, / Ardente, Contente [...]”.

53 Lara: Que ela queria ficar com ele.

(Os alunos falam todos juntos).

54 P: Vamos ver a segunda parte, o que aconteceu.

55 Hércules: Ela estava conversando com outro.

56 P: Ela estava conversando com outro e ele estava olhando?

57 Hércules: É!

(Os alunos falam todos juntos).

58 P: Falou assim depois: “Quem dera / que sintas / as dores / de amores / que louco / senti!. Quem dera / Que sintas / - Não negues / Não mintas / - Eu vi.”

59 Bianca: Que ele viu ela com outro.

(Os alunos discutem sobre isso, mas não dá para entender).

60 Otacílio: Ela podia ser namorada dele, só que ele viu ela com outro.

61 Caio: Ele estava se penalizando porque ele achava que era louco, ele sentir o amor por ela.

62 P: Vocês acham que ele é louco por sentir um amor por ela?

63 Caio: Ele achava isso. Ela também, parece que ele sentiu.

64 Marina: Ele era apaixonado por ela.

65 P: Ele gostava dela, mas ela sentia mesma coisa por ele?

66 Alguns alunos: Não.

67 Caio: Sentia assim, uma paixão que não...

68 Caio: Ele viu que ela gostava dele, mas ela não...

69 Lara: Ele viu ela dançando com outro e ficou bravo.

70 P: Ah, então você acha que ele viu ela dançando com outro e ficou bravo com isso.

71 Alguns alunos: É.

72 Nicolau: E ela estava sorrindo.

73 P: Ah, então ela estava sorrindo, Nicolau, e achava que era para ele, mas não era para ele?

74 Eduardo: Ele ficou com ciúmes.

75 P: Ah, então ele pode achar que ela estava com outro cara?

76 Alguns alunos: É.

(Falam juntos, não dá para compreender).

77 P: Vamos ver, então, a terceira parte para ver se vocês escolhem. “Valsavas: / - teus belos / cabelos, / já soltos, / revoltos, / saltavam, / voavam, / brincavam / no colo / que é meu; / E os olhos / escuros / tão puros, / os olhos perjuros...”.

78 José: Ele estava falando que o colo dela era dele.

79 José: Que pertencia a ele.

80 P: Quando a gente percebe, ele fala que o movimento de cabelo, o que seria isso, esse movimento de cabelo?

81 Gonçalo: Ela dançando.

82 P: Ah, como ela está dançando, o cabelo dela está...

83 Hércules: Aí, ele ficou impressionado.

84 P: Mas aí, ele fala assim: “E esses cabelos brincavam no colo que é meu”. Então, o que estava acontecendo ali?

85 Leandro: Ela estava dançando com ele.

86 P: Ela estava dançando junto?

87 Alguns alunos: É.

88 José: Tinha uma pessoa que ele gostava que estava com uma outra que ele nem conhecia.

89 P: Presta atenção no que está escrito. Ele falou assim: “Valsavas: / - Teus belos / Cabelos / Já soltos, / revoltos [...]”. Onde ela estava?

90 Otacílio: No colo dele.

(Os alunos falam todos juntos).

91 Caio: Ela estava no colo de outro cara e ele falava que ela tinha que estar no dele.

(Os alunos falam ao mesmo tempo).

92 P: Vocês têm que entender o que está no texto. O que está falando no texto?

93 Otacílio: Que ela está no colo de outro.

94 P: No colo de outro?

95 Otacílio: É.

96 Caio: No colo, que é dele.

97 P: Se o colo é dele, o colo é de outro?

98 Otacílio: No colo da mãe dele, então.

99 Caio: Não.

(Os alunos falam todos juntos).

100 P: Continuando. O colo que ele fala aqui, não é colo de sentar no colo, é colo como se fosse de estar...

101 Sara: Abraçado.

102 P: Sim. Esse tipo de colo.

103 Caio: Isso que eu ia falar...

104 Nicolau: Ela estava dançando com outro e ele achava que era ele que estava ali.

105 P: Vocês tem que falar o que está no texto. Como está lá no texto? “Voavam, / brincavam / No colo / Que é meu.”

106 Caio: Ele falava que o colo que era dela era dele.

(As crianças falam todas juntas).

107 P: Se eles estavam achando que eles estavam ali, eles estavam ali mesmo dançando? E depois fala assim: “E os olhos, / Escuros / Tão puros [...]”.

108 Eduardo: Ela estava dançando com ele olhando para outro.

109 P: Ah, ela estava dançando com ele então, mas olhando para outro?

110 Alguns alunos: É.

111 Alguns alunos: Não.

112 P: Não sei ué, vocês estão falando igual lá no texto? E como será que ele estava se sentindo com ela dançando com ele, mas olhando para outro?

113 José: Isolado.

114 José: Usado.

115 Leandro: Traído.

116 P: Depois vai repetir de novo...

117 Marlon: Professora?

118 P: Oi.

119 Marlon: Eu acho que ela estava traindo ele.

120 P: Ah, você acha que ela estava traindo ele?

121 Marlon: É!

122 Nicolau: Ela quis usar para fazer ciúmes.

123 Caio: Eu acho que ela estava traindo ele pelo olhar.

124 Bianca: Ele terminou com ela, e aí ela olha para outro para fazer ciúmes nele.

125 P: Vamos para a outra parte. Fala assim: “Meu Deus! / Eras bela [...]”.

126 Lara: Ela estava com ele e sorrindo para outro.

127 P: Então, ela estava com ele e ao mesmo tempo, sorrindo para outra pessoa?

128 Alguns alunos: É.

129 Caio: Ele queria saber o pra quê.

130 P: Por que não era para ele.

131 Caio: É.

132 P: Depois, ele repete mais uma vez a mesma parte. E depois fala assim: “Calado, / Sozinho [...]”.

133 Leandro: Professora, eu acho que ela estava com ele, mas olhando outro, para mostrar que não era só ele que cobiçava ela.

134 P: Não era só ele que cobiçava ela, mas os outros também? Isso?

135 Leandro: Sim.

136 Lara: Ela estava com ele, mas não era de ninguém.

137 P: Ela estava com ele, mas na verdade não era de ninguém?

138 Lara: Isso.

(Os alunos falam todos juntos).

139 P: Como aparece nesse trecho, como ele se sentia?

140 Otacílio: Triste.

141 Nicolau: Usado.

142 Caio: Com ciúmes.

143 Nicolau: Como se ela não ligasse para ele.

144 P: E ele ali, naquele instante, ele não via, ele só sentia?

145 Caio: Ele via tudo.

146 Otacílio: Ele via, mas ele tinha vergonha de contar para ela.

147 P: Ele via, mas tinha vergonha?

148 Hércules: É, ele não tinha coragem.

149 P: Ele fala assim: “Mas mudo / não tive [...]”.

150 Karla: Ele ficou mudo e não sabia o que fazer.

151 P: Não sabia o que fazer? Ficou mudo?

152 Caio: Eu acho que eles poderiam ser amigos, e essa moça, ela tinha um namorado que gostava dela, e eles estavam dançando e esse namorado chegava.

153 P: Vamos para a outra parte... “Na valsa [...]”.

154 Danilo: Ela sabia que ele olhava.

155 Otacílio: Ela descobriu que ele estava percebendo.

156 P: Que ela estava olhando para outro...

157 Otacílio: É.

158 P: Ela não sabia o que fazer?

159 Caio: Ela não sabia de quem ela gostava.

160 P: De quem gostava?

161 Caio: É.

(Os alunos falam ao mesmo tempo).

162 P: O que é ficar pálida?

163 Caio: Ficar branca.

164 Gonçalo: Passar mal.

165 P: Nesse contexto, por que será que aconteceu isso com ela? Por que ela estava prostrada?

166 Nicolau: Por que o homem ia querer ficar com outra mulher.

167 P: Fala, Leandro.

168 Leandro: Ele podia querer humilhar ela, pois ela estava traindo ele.

169 Caio: Ou talvez ela ficou triste, porque ela percebeu que gostava do outro e não daquele que ela estava abraçando.

170 P: Pode ser. E no fim ele fala assim: Batida caída [...]”. O que significa isso?

171 Lara: Que ela está morta.

172 P: Morta? Por quê?

173 Danilo: Porque ele matou ela.

174 Otacílio: Ela ficou muito triste.

175 Lara: Ele terminou com ela.

176 Otacílio: Talvez ela tenha desmaiado por ficar nervosa.

177 Otacílio: Porque ela estava traindo ele.

178 Otacílio: Ou ela bebeu e ...

179 P: Fala, Leandro.

180 Leandro: Ele pode ter humilhado ela na frente de todo mudo. Aí, ela ficou com medo, com vergonha e passou mal.

181 P: Fala, Caio.

182 Caio: Ela ficou muito triste, porque aquele que ela realmente gostava foi embora, porque ele gostava dela e não queria ficar vendo aquela cena. Aí, ela ficou triste querendo ele de volta.

183 P: Queria ele de volta.

184 Lara: Porque ele estava olhando para outra mulher.

185 José: Eu acho que ela morreu, ou desmaiou.

186 P: Por que você acha que ela morreu?

187 José: Ah, não sei. Porque ela estava com muita pressão. Ela estava olhando para o cara que ela estava gostando de verdade, e o cara que ela gostava estava olhando para outra pessoa. Aí ela morreu.

188 P: No começo, vocês me falaram o seguinte, que ele estava falando para um tu, ele estava falando o quê?

189 Karla: Lembrando.

190 P: Se recordando, só que tem uma hora que ele fala assim: “Valsavas: / - Teus belos / Cabelos [...]”. Parece que ele está ali olhando tudo aquilo?

191 Caio: Sim. Ele dá muita referência.

192 Leandro: Ele podia estar fantasiando.

193 P: Fantasiando?

194 Leandro: Sim, ele foi na festa e pensou em uma moça que não existiu.

195 Lara: Ou ele viu e falou.

196 Caio: Ou ele ficou vendo e prestando atenção nos movimentos.

197 P: Vocês perceberam alguma parte da sonoridade do ritmo?

198 Caio: Sim.

199 P: O quê?

200 José: Você lê muito rápido.

201 P: Mas o que é esse ler rápido?

202 Leandro: É uma música.

203 Gonçalo: É o ritmo do texto.

204 José: É um poema.

205 Gonçalo: Ele fala rápido.

206 Caio: Ele vai rimando.

207 Bianca: É o ritmo da valsa.

208 P: A leitura é o ritmo da valsa?

209 Gonçalo: Não é, não.

210 P: Como é a valsa?

(Alguns alunos tentam cantarolar a valsa).

211 José: É rápido.

212 P: Eu vou ler rapidamente de novo, vê se parece com o ritmo da valsa.

(A professora faz a leitura).

213 P: Parece que é uma valsa?

214 Otacílio: Sim.

215 Eduardo: Não, pois está lento.

(Os alunos falam todos juntos).

216 Gonçalo: Ela estava valsando.

217 P: Além do ritmo, ela estava dançando?

218 Alguns alunos: Valsando.

219 Otacílio: Ele podia ter feito esse texto, por causa que foi na valsa que aconteceu isso e ele escreveu isso no dia depois.

220 P: Você quer dizer assim, que eles dançaram a valsa, e por terem dançado, ele escreveu no outro dia o texto como se fosse uma valsa o texto?

221 Sara: Pode ser um sonho.

222 P: Ele pode sonhar e isso daqui pode não ser uma realidade.

223 Leandro: Eu acho que ela estava calma para que ninguém desconfiasse.

224 P: Ah, no começo ela estava calma e depois, o que aconteceu?

225 Danilo: Acelerou.

226 P: Acelerou e aconteceu o quê?

227 Danilo: Ela ficou nervosa no final.

228 P: Ficou nervosa no final?

229 Alguns alunos: É.

230 Caio: Ou, eles eram amigos desde infância e aí ele está contando em forma de valsa a amizade deles.

231 P: Parece que ela teve uma mudança? Estava de um jeito no começo e de outro no final?

232 Alguns alunos: Sim.

(Bate o sinal para os alunos irem embora. O final da discussão é interrompido).

“Morte do leiteiro” - Carlos Drummond de Andrade

1 P: Esse então é o poema “Morte do leiteiro”, ele foi escrito pelo Carlos Drummond de Andrade. Vocês entenderam ou querem que leia mais uma vez?

2 Leandro: Não.

3 P: Todo mundo entendeu o que acontece no poema? E sobre o que vocês querem falar sobre ele? O que vocês entenderam?

4 Otacílio: Ele morreu.

5 Caio: Uma crítica social.

6 P: Ele morreu. Mas por que ele morreu? O que será que aconteceu?

7 Leandro: É.

8 Leandro: Ele foi confundido com o ladrão, tomou vários tiros no peito (faz o barulho de um tiro).

9 Nicolau: Ele era leiteiro, foi entregar o leite e morreu.

10 Caio: Uma crítica social.

11 P: Pera, calma aí, o que você falou, Nicolau?

12 Nicolau: (Não dá para entender o início da resposta) Ele era leiteiro, foi fazer seu trabalho, porém foi confundido com o ladrão e mataram ele. Só que ele era inocente.

13 P: O que você falou, Caio?

14 Caio: É uma crítica social.

15 P: Por quê?

16 Leandro: Porque a mesma arma que serve para matar bandido pode matar qualquer um.

17 Caio: É do mesmo jeito que inocentes são mortos por nada, pelo simples fato de estarem fazendo o que deviam fazer.

18 P: Pode ser. É uma leitura possível. Vocês sabem que o poema, ele não tem apenas uma leitura, ele pode ter várias. Então, cada um de vocês pode ter uma interpretação diferente. Vamos lá na primeira estrofe. Tem alguma coisa que chamou a atenção de vocês?

19 Nicolau: A fome no país.

20 P: O que isso significa, Nicolau? Que ele chamou sua atenção.

21 Leandro: Falando da fome.

22 P: Da fome?

23 Leandro: Sim.

24 Nicolau: Que estamos passando por uma crise.

25 P: Ele está falando que o país está passando uma crise? Então o que ele está dizendo?

26 A: Que nem todo mundo tem dinheiro para comprar leite.

27 P: Que nem todo mundo tem dinheiro para comprar leite? E nesse poema, quem compra leite? É qualquer pessoa, é quem?

28 Alguns alunos: Os ricos.

29 P: Quem? Os ricos?

30 José: Não, qualquer pessoa.

31 P: Não sei, vocês têm que olhar no poema. O que está escrito?

32 Leandro: As pessoas ruins.

33 P: “As pessoas ruins”. Quem seriam essas pessoas ruins?

34 Leandro: Bandidos.

35 P: Mas será que os bandidos estão comprando leite?

36 Giovana: Não.

37 Leandro: Ah, depende.

38 Marlon: Os favelados.

39 José: Políticos.

40 Marlon: Presos.

41 P: Vamos dar mais uma olhada no texto, depois vocês decidem o que acham sobre isso. Depois, na primeira estrofe, tem mais alguma coisa que chamou a atenção de vocês?

42 Caio: Muita sede no país.

43 P: O que é muita sede no país?

44 Caio: Seria fome.

45 P: Fome.

46 Nicolau: Eu achei que é fome.

47 P: As pessoas não têm (não termina a frase).

48 A: O pouco leite no país seria uma questão da desigualdade que existe entre as pessoas. O pouco que tem são só para as pessoas ricas.

49 Giovanna: Eu achei que é a sede.

50 P: A sede mostra a desigualdade?

51 Leandro: Eu achei outra coisa.

52 P: O que você entendeu como sede, Leandro?

53 Leandro: Que o país tem sede de sangue.

54 P: Sede de sangue?

55 Leandro: Que sempre procura alguém para culpar por alguma coisa. Quer crucificar a pessoa.

56 Caio: Acho que talvez essa pouca quantidade de leite que geraria a grande desigualdade.

57 Leandro: Sei lá, é o que eu acho, mano. As brigas.

58 P: Vocês foram por duas leituras, um acha que é pela desigualdade e o outro acha que vai estar mais ligado a criminalidade. É isso?

59 Hércules: Eu acho que é mais desigualdade.

60 P: Lembrem do que eu falei, um poema não tem só uma leitura, ele pode ter várias interpretações. Por isso, vocês estão livres para falar.

61 Caio: Sede pelos ladrões talvez, pela vontade de acabar com a violência, num país com a legenda de que ladrão se mata com tiro.

62 P: O que significa isso? Há no país uma legenda que ladrão se mata com tiro?

63 Caio: Que a única forma de você acabar com um ladrão é você dando um tiro nele.

64 Hércules: Muitas pessoas acham que se ele for preso, quando ele sair, ele pode voltar e vai matar. E se matar, ele não volta mais para fazer isso.

65 P: Pode ser.

66 P: E na segunda estrofe, vocês notaram alguma coisa? Querem falar alguma coisa desse trecho?

67 Nicolau: Que o distribuidor de leite bom, para gente ruim.

68 P: E o que isso significa? Vocês já falaram mais ou menos, mas o que vocês acham que está acontecendo?

69 Giovanna: Que ele acordou cedo para entregar o leite para as pessoas e ainda não morreu.

70 P: Como?

71 Giovanna: Ele vai fazer o seu serviço, entregar o leite para as pessoas.

72 Leandro: Que nem todo mundo tem o que merece.

73 Marlon: Isso é verdade.

74 Giovanna: E no serviço dele, ele é morto, sem ter feito nada.

75 P: Então ele saiu para trabalhar honestamente e acabou sendo morto sem motivo.

76 Leandro: Nem todo mundo tem o que merece, pessoas ruins não vão pagar pelo o que elas fizeram.

77 P: Ah, então, provavelmente, essa pessoa que ele ia entregar o leite era uma pessoa ruim...

78 Leandro: Sim, é isso que ele fala.

79 P: O que mais nessa estrofe? Vocês viram mais alguma coisa que chamou a atenção?

80 Caio: Ah, o leite bom para gente ruim.

81 Leandro: Então, isso que eu disse.

82 P: O que significa isso? Leite bom para pessoas ruins.

83 Leandro: É uma crítica social, falando que tem, a maioria das pessoas é ruim. É isso que eu pensei. Cresceu na vida usando os outros de escada.

84 P: E por que ele coloca “leite bom”?

85 Leandro: Por que ele está falando que o produto dele é bom. Fazendo propaganda.

86 Alguns alunos: Não.

(Os alunos falam todos juntos).

87 P: Pensem no leite. O que é o “leite”?

88 Danilo: Líquido branco.

89 Leandro: A forma de trabalho.

90 P: O que mais?

91 Caio: Que serve de alimento para as crianças.

92 Leandro: Não, não só para as crianças.

93 P: Por quê? Não só para as crianças, mas por que para as crianças, primeiro?

(Os alunos falam todos ao mesmo tempo, não dá para entender).

94 Giovanna: Por que elas nascem e o primeiro alimento que recebem o leite da mãe.

95 P: E se elas não receberem o leite?

96 Danilo: Elas morrem.

97 Alguns alunos: Elas morrem.

98 Giovanna: A vida é o leite.

99 P: Leite é vida, Gi?

100 Alguns alunos: Ohhh!

101 P: Prestem atenção nas coisas que vocês estão falando, para vocês darem uma olhadinha depois nas outras estrofes, para ver se está dando sentido, ou outras coisas que podem ligar. Está legal o que vocês estão falando.

102 Nicolau: As crianças estão morrendo.

103 P: As crianças estão morrendo?

104 Nicolau: É, a escola pública nesse país (não dá para entender o restante).

(Os alunos falam juntos, não dá para entender).

105 A: (Não dá para entender o início). A morte é por causa do leite, não é todo mundo que compra. Então acaba morrendo com a falta de alimentos.

106 P: Então quem não tem acesso ao leite, você falou que é a vida, vai morrendo? Geralmente está passando necessidade?

107 Alguns alunos: É.

108 P: E tem mais alguma coisa nessa estrofe?

109 Leandro: Deixa eu ver.

110 Hércules: É a segunda, né, professora?

111 P: Isso.

112 Nicolau: “[...] para todos criarem força na luta brava da cidade”.

113 P: O que é isso?

114 Leandro: Falando que a vida na cidade não é fácil e, tipo, que eles precisam de uma motivação.

115 P: Então esse leite é como se fosse um combustível?

116 Alguns alunos: É.

117 Algum aluno que não dá para identificar: Misericórdia!

118 P: Para eles poderem fazer o quê?

119 Leandro: Trabalhar, viver...

120 Nicolau: Como se fosse um combustível para as pessoas.

121 P: E quem não tem o leite? Vai ter o combustível como?

122 Leandro: Não vai ter.

123 Giovanna: Vai passar fome.

124 P: E aí vai fazer o quê?

125 Giovanna: Até mesmo morrer.

126 P: Mais alguma coisa nessa? E na terceira estrofe? Acho que vou ter que mandar aquela fileira inteira para fora.

127 P: Alguma coisa chamou atenção de vocês? O que ele fala nessa terceira estrofe?
(Alguns segundos de silêncio).

128 Caio: Como o leiteiro entrega.

129 P: De como o leiteiro entrega. O que mais?

130 P: Quem é esse leiteiro?

131 José: Um jovem.

132 Danilo: Um moço leiteiro honesto.

133 P: Não vou falar para vocês o significado. Vejam pelo contexto o que vocês acham que é.
Não posso dar respostas.

134 Leandro: Eu acho que é tão jovem, buscando seu futuro.

135 P: Tão jovem, buscando seu futuro.

136 P: Essa idade de 21 anos, vocês acham que é pouca idade, bastante idade?

137 Leandro: Pouco.

138 Giovanna: Pouca.

139 Danilo: Novo.

140 Otacílio: (Não dá para entender o começo). Ele tem que trabalhar para poder crescer.

141 P: O que mais? Mais alguns coisa nessa estrofe? A terceira estrofe vem até aqui, no finalzinho, na próxima página, na outra coluna.

142 Caio: As palavras que ele usa para descrever esse leiteiro.

143 Leandro: Ah, já sei, já sei. Não importa o lugar, ele vai entregar o leite. Tipo, mesmo que seja numa vizinhança ruim, rua cheia de bandidos.

144 P: Independente do lugar, ele vai fazer o trabalho dele.

145 Nicolau: E ele sempre fica feliz.

146 P: Que mais Nicolau? Vocês não viram mais nada?

147 Caio: Ele trabalha de forma inocente e faz o trabalho dos outros.

148 P: E como que ele entrega esse leite?

149 Caio: De forma silenciosa.

150 Giovana: Sem fazer barulho para não acordar as outras pessoas.

151 P: E por que será que ele não quer acordar ninguém?

152 Leandro: Para não arrumar confusão.

153 P: Para não arrumar confusão.

154 Danilo: Porque ele pode ser confundido com bandido.

155 Leandro: É.

156 Giovanna: Porque ainda é muito cedo.

157 Hércules: Depende do lugar de trabalho.

158 Leandro: Porque ele sabe que não é fácil trabalhar e que a pessoa tem que descansar.

159 P: Ah, então todo mundo é trabalhador e se ele acordar...

160 Leandro: Não.

161 Giovanna: Nem todo mundo é trabalhador.

162 Leandro: É. Mas ele pensa assim.

163 Caio: Porque não vale a pena.

164 P: Então, como as pessoas trabalham, ele vai cedinho e não pode acordar os outros, porque demoram para acordar, para trabalhar.

165 Caio: Isso vai irritar as outras pessoas.

166 Leandro: Ele sabe como é ruim acordar cedo.

167 P: Depois, na quarta estrofe. Alguma coisa?

168 Leandro: Sim.

169 P: Prestem atenção às palavras.

170 Nicolau: (Não dá para entender o que ele lê).

171 P: Como, Nicolau?

172 Nicolau: “[...] passo errado, / vaso de flor no caminho / cão latindo por princípio / ou um gato quizilento [...]”. Então ele fez barulho, acordou.

173 Caio: Ele fala de andar rastejando.

174 Danilo: Ele sempre faz alguma coisa. Pisa errado, faz barulho de alguma forma.

175 Caio: Ele desliza, ele diz.

176 P: E esse fazer errado é algo bom?

177 Leandro: Não.

178 P: O que a sociedade cobra da gente?

179 Leandro: A perfeição.

180 P: A perfeição. E aqui ele foi perfeito?

181 Alguns alunos: Não.

182 P: Mas será que esse não perfeito é algo ruim?

183 Alguns alunos: Não.

184 Giovanna: Porque ele não quis.

185 Leandro: Não, porque ninguém é perfeito.

186 P: Ninguém é perfeito.

187 Gonçalo: Todo mundo erra.

188 Hércules: Errar é humano.

189 P: Errar é humano. O que mais?

190 Leandro: Eu penso assim, cada um é perfeito do seu jeito. Uau!

191 Nicolau: “[...] E há sempre um senhor que / acorda, / resmunga e torna a dormir”.

192 Caio: Isso pode ser uma alusão a todos que sabem que a desigualdade anda a solta e vê, mas depois esquece tudo isso que está vendo.

193 P: Ah, pode ser, Caio. Então você acha que esse trechinho é uma alusão a que as pessoas enxergam na rua, enxergam a desigualdade, elas veem, mas fingem que não estão vendo.

194 Caio: Esses passos errados que ele fala, desses esbarros, seriam as partes que elas se mostram. Talvez fariam as pessoas acordarem para elas e eles dormirem novamente e esquecerem.

195 P: Pode ser. Mais alguma coisa aqui? E depois no próximo.

196 Caio: Um senhor, alguém pega uma arma.

197 P: No próximo?

198 Alguns alunos: Sim.

- 199 Nicolau:** Não, não falou que matou. Falou que pegou uma arma.
- 200 Danilo:** Ele fez barulho, o dono da casa achou que era um ladrão e pegou uma arma.
- 201 P:** E todo mundo pode ter arma?
- 202 Alguns alunos:** Não.
- 203 P:** Por quê?
- 204 Leandro:** Porque tem gente que não tem psicológico e tem gente que (não termina a frase).
- 205 Eduardo:** Tem o psicológico vazio.
- 206 Nicolau:** Tem até a lei que não pode.
- 207 P:** E depois? Que mais no próximo?
(Alguns segundos de silêncio).
- 208 Danilo:** Ele morre.
- 209 Nicolau:** Ele é confundido com um ladrão.
- 210 Caio:** Aqui fala como as pessoas dormem para a desigualdade e depois acordam. Ou talvez essa pessoa aqui não queria mais ver essa desigualdade, ver isso. Ela queria esconder isso.
- 211 P:** Qual pessoa?
- 212 P:** Ah, o que matou?
- 213 Caio:** Essa pessoa que matou, a que pegou a arma. Ele vê que essa pessoa está mostrando a desigualdade e talvez ele queria acabar, esconder que existe lado ruim.
- 214 P:** E quando ele fala assim: “Ladrão? se pega com tiro. / os tiros na madrugada / liquidaram meu leiteiro [...]”. O que ele quer falar com isso?
- 215 Leandro:** Porque ele é confundido com o ladrão. É tipo o dono da casa falando: - Ladrão?
- 216 Nicolau:** Se pega com tiro.
- 217 Leandro:** É.
(Falam juntos, não dá para entender).
- 218 Caio:** É a legenda do país, ladrão se mata com tiro.
- 219 P:** E essa legenda deu certo?
- 220 Alguns alunos:** Não.
- 221 P:** Sim ou não?
- 222 Nicolau:** Mataram um inocente.
- 223 P:** Não porque ele matou um inocente. Sim por quê, Caio?

224 Caio: Sim, porque ele fez o que falava a lenda, ele achava que era ladrão e matou com um tiro.

225 P: Mas ele era ladrão?

226 Alguns alunos: Não.

227 Caio: Mas ele foi precipitado.

228 Hércules: Professora.

229 P: Fala, Hércules.

230 Hércules: Depende também o lugar que ele mora, pode ser uma rotina ter ladrão, por isso ele teve essa atitude.

231 P: Ah, onde ele mora pode ser rotina ter ladrão?

232 Hércules: Acho que sim.

233 P: E ele coloca assim: “meu leiteiro”. Por quê?

234 Leandro: Porque ele entregava leite para ele.

235 P: Porque ele entregava leite para ele. Era alguém conhecido?

236 Danilo: Se fosse alguém conhecido, ele não teria confundido com o ladrão. Se ele soubesse que todo dia ele ia lá.

237 Caio: Mas pode ser o próprio poeta falando do leiteiro, não necessariamente outra pessoa.

238 P: Mas por que você acha que o poeta está falando do leiteiro?

239 Caio: Porque era uma pessoa importante para ele. Alguém que ele achava que estava fazendo algo bom.

240 Danilo: Ele era um vizinho, estava observando.

241 Leandro: Parece aqueles fofoqueiros. Tipo, às seis horas da manhã já está lá.

242 P: Vamos continuar. E no próximo? O que mais?

(Silêncio por alguns segundos).

243 Nicolau: Ele fala que ele perdeu o sono.

244 Danilo: Que matou um inocente.

245 Caio: Ele viu que matou um inocente e ele muda a própria lenda que existe, que mata ladrão e também mata pessoas inocentes.

246 P: Isso, que mata inocente. Mas continuem lendo a estrofe. O que mais que ele fala? Vamos ver se vocês percebem alguma coisa aí.

(Silêncio por alguns segundos).

247 Nicolau: “[...] Bala que mata gatuno / também serve para furtar / a vida de nosso irmão”.

248 Caio: Acho que tem a ver com a polícia e sobre a eficácia dos serviços.

249 Danilo: “Polícia não bota a mão”.

250 P: Por que polícia não bota a mão? Ele fala assim: “Quem quiser que chame médico / polícia não bota a mão”.

251 Caio: Porque ela pode ser culpada depois por isso.

252 P: A polícia vai ser culpada?

253 Caio: Pode ser culpada.

254 P: O que você acha, Gi?

255 Giovanna: Eu acho que não. O médico pode tentar salvar ele, fazer ele reviver, mas a polícia não.

256 P: E quem vai ser preso?

257 Giovanna: Quem matou, deu o tiro.

258 Leandro: Ou não.

259 Danilo: É muito comum ouvir que a polícia só mata bandido, que dá tiro errado.

260 P: Mas se ele atirou, ele está certo ou errado?

261 Alguns alunos: Errado.

262 P: Por que não pode chamar a polícia?

262 Giovanna: Porque ele passa a ser culpado.

264 Caio: Ele era uma pessoa importante para a sociedade e não aconteceria nada.

265 Danilo: Ou ele era policial.

266 Caio: Ele era uma pessoa importante, um político, uma pessoa influente da sociedade.

267 Otacílio: O prefeito.

268 Caio: E, por isso, se chamasse a polícia só ia ajudar a acobertar mais ainda o crime.

269 P: O que mais? Presta atenção ao finalzinho dessa estrofe. “Está salva a propriedade”. O que isso significa?

270 Caio: Que ele vai ser salvo.

271 P: O que é salvar a propriedade? O que importa?

272 Leandro: Eu pensei assim. Se chamar a polícia, a polícia vai investigar, ver se era perigoso ou não. Mas se chamar o médico, porque ele falou que a propriedade está salva de um ladrão, no caso. Tipo, foi um ladrão, mas se chamasse a polícia, ela ia ver que não era. Que era só um leiteiro.

273 P: Que era só um leiteiro então.

274 Leandro: Aí ele ia ser culpado, no caso.

275 P: Ele matou o leiteiro por quê?

276 Caio: “Filho de meu pai” pode ser uma referência a Deus.

277 Leandro: É.

278 P: Então todos nós somos filhos de um Deus?

279 Danilo: Às vezes é por isso que está salva a propriedade. Por ele ser inocente e ter sido morto, às vezes ele está salvo em um mundo superior.

280 P: Mas ele não deveria estar salvo aqui?

281 Alguns alunos: Não.

282 P: Por que ele foi morto?

283 Nicolau: Porque ele foi confundido com um ladrão.

284 P: E por que ele foi confundido com um ladrão?

285 Giovanna: Porque estava cedo.

286 P: O que o cara achou que ele fosse fazer?

287 Alguns alunos: Roubar.

288 P: E quando ele acha que vai roubar a casa, por que ele fala: “está salva a propriedade”?

289 Nicolau: Ahhhh. É a casa dele.

290 Caio: Se fosse um ladrão, e ele tivesse matado, não ia roubar a casa dele, a propriedade estaria a salvo.

291 Cláudio: Vai que ele imaginou que ele estava se fantasiando de leiteiro para roubar.

292 Nicolau: Nossa!

293 P: O que vale mais, então?

294 Giovanna: A casa dele do que a pessoa.

295 Danilo: A casa do que a vida.

296 P: Então vale mais a casa, a propriedade do que a vida do leiteiro?

297 Alguns alunos: Sim.

298 Leandro: É o que ele pensa.

299 Giovanna: Exato.

300 P: E na sociedade é assim também?

301 Alguns alunos: Sim.

302 P: Por quê?

303 Danilo: Porque ele é invejoso.

304 Giovanna: Só pensa em bens materiais.

305 Marlon: Se importa mais com objetos do que com a própria pessoa.

306 P: Depois ele fala assim: “A noite geral prossegue / a manhã custa a chegar, / mas o leiteiro / estatelado, ao relento, / perdeu a pressa que tinha”.

307 Leandro: Porque ele fazia um trabalho rápido e silencioso, mas agora não tem mais como, ele morreu.

308 P: Ele morreu. E os outros?

309 Alguns alunos: Ficaram na mão.

310 P: Ficaram na mão. E o que mais?

311 Danilo: Vão ficar sem leite.

312 Leandro: É.

313 P: Vão ficar sem leite. Depois, na última estrofe, vocês repararam em alguma coisa?

314 Nicolau: “Da garrafa estilhaçada / no ladrilho já sereno / escorre uma coisa espessa / que é leite, sangue... não sei”.

315 Danilo: É que o leite misturou com o sangue.

316 P: O leite se misturou com sangue?

317 Danilo: Isso.

318 Caio: Como na aurora se misturam as cores.

319 P: Ah! Então... (não termina a frase).

320 Leandro: O vermelho dá um destaque no branco.

321 P: O leite dá um destaque no branco. Mas o que você falou, Caio?

322 Caio: Assim como a aurora as cores se misturam no nascer do dia.

323 P: O que é a aurora?

324 Caio: Nascer, amanhecer do sol.

325 P: Então significa quê? Se ele fala que forma um terceiro tom, chamado de aurora. Quando vem a aurora, o que significa que vocês falaram?

326 Danilo: Que amanheceu.

327 P: É que o dia continuou?

328 Leandro: Já sei. Na mistura do sangue com o leite, formou uma cor de quando está amanhecendo, um tom mais avermelhado.

329 P: Então na mistura desse branco do leite e do vermelho do sangue, formou um amanhecer?

330 P: E olha aqui, vamos ver se vocês vão perceber. É, nessa aurora, vocês falaram que amanheceu o dia, não tem algo contrastante aí? Algo diferente?

331 Leandro: Que estava amanhecendo.

332 Danilo: Claro e escuro.

333 P: O que significa o amanhecer do dia?

334 Danilo: A luz.

335 P: A luz, o recomeço.

336 Leandro: Mas foi o fim.

337 P: Foi o fim para um?

338 Giovanna: E recomeço para outro.

339 Danilo: Só que sem o leite.

340 P: Sem o leite. Se a situação já era ruim, acabou ficando pior.

341 P: O que mais?

342 Caio: Ah, ela queria esclarecer tudo.

343 P: Quem?

345 Caio: O sol, o nascer, a luz, porque “[...] entre objetos confusos, / mal redimidos da noite, / duas cores procuram, chamamos aurora”. Essa aurora viria para deixar tudo claro.

346 P: Pode ser. O que mais? Agora de forma geral, sobre o que falou esse poema? Quais foram os temas?

347 Hércules: Crítica social.

348 P: Crítica social. O que mais?

349 Leandro: Que a sociedade pensa muito em dinheiro e (o colega o interrompe e termina a frase).

350 Marlon: E não se importa com as pessoas.

351 P: Se importam mais com os bens materiais, Marlon, do que com as pessoas?

352 Caio: E a desigualdade. Coisas boas para as pessoas que não são muito boas.

353 Caio: E uns têm e outros não.

354 P: E sobre o leiteiro. Algum leiteiro já entregou na casa de vocês?

355 Alguns alunos: Não.

356 Dennis: Já. Quando era pequeno.

357 P: Quando era pequeno, Dennis, tinha leiteiro?

(Falam juntos, não dá para entender).

358 Hércules: Meu tio e meu primo eram leiteiros.

359 P: Hoje em dia, como é esse profissão leiteiro? O que é isso?

360 Danilo: Pegar o leite e entregar.

361 Dennis: Minha avó pedia e deixava lá em cima do murinho.

362 P: Deixava em cima do murinho, Dennis?

363 P: E hoje como funciona?

364 Giovanna: Vai lá no mercado e compra a caixinha.

365 P: Ah, vem tudo pronto, não tem mais aquela pessoa que vai lá tirar o leitinho da vaca e entrega pra gente?

366 Giovanna: É.

367 Nicolau: Tem, claro que tem.

368 Giovanna: Mas são poucos. As máquinas fazem.

369 P: As máquinas fazem isso. Mas existem poucas pessoas?

370 Hércules: Professora, na minha família tem dois.

371 P: Tem dois que fazem isso, Hércules? E vocês acham que nós temos aqui porque é uma cidade pequena? Ou se for, sei lá, uma metrópole como São Paulo, acontece isso?

372 Leandro: Não.

373 P: Não. Muito pouco?

374 Hércules: Pode até ter, mas é difícil.

375 Giovanna: Eu não gosto.

376 P: Agora, eu quero que vocês pensem um pouquinho sobre a parte da entonação, do ritmo que tem esse poema. O que vocês acham? O que vocês notaram? Esse texto é um poema?

377 Leandro: Sim.

378 P: Por quê?

379 Nicolau: Tem estrofes.

380 P: O que mais?

381 Caio: Versos.

382 Danilo: Rimas.

383 P: Rima? Não sei.

384 Dennis: Rimas têm pouco.

385 Nicolau: Ele tenta deixar um ritmo.

386 Caio: Não deixa explícito.

387 P: Não deixa explícito? Como?

388 Caio: Quando ele fala sobre a lenda do país, fazendo uma crítica social.

389 P: O que mais?

390 Caio: As várias críticas.

391 Nicolau: Que está salva a propriedade. Que “bala que mata gatuno também serve pra furtar”.

392 P: O que isso significa?

393 Nicolau: Que a arma também pode matar um inocente.

394 P: Mas ele fala explicitamente, por exemplo, que o leiteiro morreu?

395 Alguns alunos: Não.

396 P: Que ele foi morto? Não sei, olhem. Ele fala ou não fala?

397 Caio: Ele, ele fala. Explicitamente que o leiteiro morreu, ele não fala.

398 Nicolau: Ele fala que é tarde para saber.

399 Danilo: Ele fala que matou um inocente.

400 Caio: “Mas o leiteiro / estatelado, ao relento / perdeu a pressa que tinha”.

401 P: E vocês entenderam bem esse poema?

402 Alguns alunos: Sim.

403 P: Por quê?

404 Leandro: Não é complicado.

405 P: Por que não é complicado? O que ele faz para deixar mais fácil, para deixar essa leitura fácil? Fácil não, mas que vocês conseguiram entender.

406 Leandro: Tem que ter uma em umas partes, mas no geral é fácil de ser entendido.

407 P: Por quê, Leandro?

408 Leandro: Porque ele deixa bem claro as coisas.

409 P: Como é essa clareza que ele vai deixando?

410 Nicolau: A aurora para esclarecer tudo.

411 P: Ele deixa a aurora para esclarecer tudo? Muito poético. Só isso, mais nada? E quem é esse... como chama quem está contando para a gente o poema?

412 Gonçalo: Carlos Drummond de Andrade.

413 Nicolau: Quem é Cyro Novaes?

414 P: Foi dedicado a essa pessoa. O Drummond escreveu para essa pessoa.

415 P: Quem conta esse poema pra gente?

416 Hércules: O Carlos.

417 P: O Carlos Drummond?

418 Alguns alunos: Não.

419 P: O Drummond, ele fez o quê?

420 Alguns alunos: Escreveu.

421 P: Escreveu. Mas então quem conta esse poema pra gente?

422 Nicolau: O cara que recebia leite do leiteiro.

423 Caio: Narrador.

424 P: É um narrador?

425 Leandro: A família do leiteiro.

426 Danilo: O filho do leiteiro.

427 Danilo: O narrador.

428 P: O narrador do poema? No poema nós temos um narrador?

429 Caio: O eu lírico.

430 P: O eu lírico? E quem é esse eu lírico, narrador que vocês estão falando?

431 Caio: Uma pessoa de fora.

432 Danilo: Um narrador observador. Fica no céu, observando tudo.

433 Alguns alunos: Nossa!

434 Caio: Aí é onisciente.

435 P: Vocês têm que olhar. Prestem atenção no texto. Quem está contando? É alguém que está olhando essa história?

436 Leandro: Alguém que fazia parte da vida do leiteiro.

437 Danilo: Alguém que olha a história.

438 Caio: Não.

439 Leandro: É, porque fala “meu leiteiro”.

440 P: Deem só mais uma última olhada para ver se querem falar mais alguma coisa se não já vamos terminar.

(Silêncio).

441 P: Alguém quer fazer mais algum pronunciamento?

(Alguns alunos falam ao fundo).

442 P: Alguém gostaria de ler o poema?

443 P: Mais nada? Agradeço muito a participação de todos.

“Contemporâneos (Mallarmé)”, “Mercado” - Augusto de Campos e “A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá” - Manoel de Barros

O poema foi projetado no data show para os alunos conseguirem ler e visualizá-lo melhor. Antes da leitura, alguns participantes já começaram a tecer algumas suposições, falando, por exemplo, que o texto parecia um exame de vista.

A professora não faz a leitura do texto, pede para um discente fazer.

1 P: Olha, vocês conseguiram ler de primeira.

2 P: Alguém leu alguma coisa diferente?

3 Alguns alunos: Não.

4 Leandro: Parece exame para testar a vista.

5 P: O que significa esse poema?

6 Leandro: Que as pessoas, tipo, leem tudo errado?

7 Caio: Que atualmente as pessoas estão um pouco pior, pois não estão lendo livros, não estão treinando (não dá para entender o restante).

8 P: O que está falando o poema? O que são “contemporâneos”?

9 Alguns alunos: Pessoas atuais.

10 P: E o que mais?

11 José: Eles não sabem ler.

12 P: Por quê?

13 Otacílio: Porque a educação da escola caiu.

14 P: A educação da escola caiu. Por que Otacílio a educação da escola caiu?

15 Leandro: Porque tem muito vagabundo.

16 Otacílio: Muitos não querem nada com nada, não estão nem aí para nada.

17 Caio: Brincam.

18 Leandro: Vagabundos mesmo, professora.

19 Caio: Principalmente a cultura entre os alunos, os próprios alunos, o desinteresse e também a falta de investimento do governo.

20 Leandro: A falta de incentivo do governo.

21 Leandro: Vagabundo o governo.

22 P: Então a culpa não é só de uma pessoa?

23 Alguns alunos: Não.

24 Otacílio: É de várias pessoas.

25 Hércules: É de todo mundo.

26 P: Quem mais vocês falaram que tem culpa? A cultura, o governo, os professores também tem culpa?

27 Leandro: Ah, depende do professor.

28 Caio: Tem uns professores que não sabem lecionar.

29 Leandro: Tem uns professores que chegam lá, senta, encosta na carteira e fica.

30 Hércules: Tem professor que sim e tem professor que não.

31 P: É, eu vou mostrar o próximo poema e depois eu vou voltar para nós analisarmos a forma que ele está, pois o Leandro havia falado algo interessante e eu gostaria que vocês vissem outras coisas.

32 P: É a Marina que vai ler? Tentem.

33 Leandro: Ah! Eu já descobri.

34 P: Calma aí, vamos ver.

35 Marlon: Calma, Leandro.

36 Marlon: Calma!

Após a leitura do poema.

37 Marina: Ai, não entendi nada!

38 P: Querem que eu leia?

39 Alguns alunos: Sim.

A professora faz a leitura.

40 José: Mas isso aí é um poema, professora?

41 Caio: Agora sim.

42 P: E o que você acha, José? Isso é um poema?

43 Nicolau: Ah, agora entendi. Porque ele não está vendo nenhum livro ali. Ou não? Não, não é isso não.

44 P: Não sei, Nicolau. Pode pensar.

45 Caio: É como se fosse o resultado da Terra.

46 Leandro: É tudo o que tem de ruim.

47 José: Oh, professora, dá uma agonia ver isso, professora.

48 P: Por quê, José?

49 P: Não tem uma vírgula, não um nada.

50 Marina: É verdade, professora.

(Ele relê algumas partes).

(Os alunos discutem todos juntos sobre a pergunta).

51 P: Mas para ser poema, para ser poesia, tem que ter vírgula?

52 Alguns alunos: Não.

(Os alunos falam todos juntos, não dá para entender).

53 Dennis: Para impressionar para todo mundo?

54 P: Pode ser.

55 P: O que mais? O que vocês entenderam desse poema?

56 José: Que tudo está a venda (lê uns trechos).

57 Leandro: A injustiça do ser humano.

58 José: A comunicação.

59 Caio: Parece que os que estão mais para cima são um pouco melhores, e os que estão para baixo, ao sul, seriam ruins, negativas.

60 Caio: Tendo em vista a terra, seria como se a parte melhor fosse no norte e a pior no sul.

61 P: Tem também a mortalidade infantil.

62 Leandro: Tem também a comunicação de massas.

63 P: E o que seriam essas coisas que estão a venda? Por que estão vendendo isso? Essa venda significa o quê?

64 Leandro: Para dar embora.

65 Leandro: Porque ele não quer mais.

66 P: Porque ele não quer mais. O que mais?

67 Caio: Porque são coisas que as pessoas vendem, que causam tudo isso, mas nenhum poema é vendido.

68 P: Por que o poema é vendido?

(Leandro e José conversam ao fundo).

69 Caio: Eles criticam as coisa, ajudam as pessoas a entender melhor o mundo.

70 P: O que vocês acham? Por que nenhum poema é vendido?

(Silêncio, nenhum aluno responde).

71 P: Vocês comprariam o poema?

72 Alguns alunos: Sim.

73 José: Não.

74 Leandro: Depende.

(Os alunos falam ao mesmo tempo).

75 Nicolau: É só ler na internet.

76 Eduardo: Eu também acho, é só olhar na internet.

77 Danilo: Depende o preço.

78 Leandro: É verdade, depende o preço.

79 P: E o que seriam essas coisas que estão sendo vendidas? É realmente no sentido literal da palavra?

80 Alguns alunos: Não.

81 P: O que vocês acham? Pensem.

82 Caio: Você tem que entender o sentido. Não comprar no sentido literal, e sim entender o que ele quer dizer no poema.

83 P: O que é um CD, TV, cinema que eles estão falando que está à venda?

84 Gonçalo: Porque as pessoas compram.

85 Leandro: Consumismo.

86 Eduardo: Verdade.

87 P: Vocês estão falando em relação ao bem material, mas e no resto? Vocês não assistem à TV?

88 Alguns alunos: Sim.

89 Alguns alunos: Não.

90 José: Nem tem mais CD, professora.

91 Leandro: Verdade, é tudo pen drive hoje em dia.

92 Sara: Tem o cinema.

93 Leandro: Na TV só passa desgraça.

94 Caio: Nesses meios de comunicação também mostram tudo isso.

95 Hércules: Professora, você vai ver tv e ou está passando de política ou de alguém que morreu.

96 Danilo: Copa do Mundo.

97 Leandro: Mas sempre foi assim, velho.

(Os alunos discutem sobre as notícias da televisão, não dá para entender).

98 P: Vou colocar o próximo poema e depois vocês me falam de modo geral.

99 P: Agora era o José que queria ler.

Leitura do texto pelo aluno.

100 P: E esse poema, fala sobre o quê?

101 Dennis: Sabiá.

102 Leandro: A ciência pode explicar tudo sobre a natureza, mas não o encanto que ela causa nos outros.

(Alguns alunos batem palmas para o colega).

103 P: E qual a relação desse poema com os outros que eu trouxe? Ou não tem relação nenhuma?

104 Hércules: Não entendi nenhum. Em relação a esse.

105 P: Mas nós estávamos falando até agora, Hércules. Alguma coisa você entendeu.

106 Marlon: Refere ao tema.

107 Hércules: Que todos não fazem sentido.

108 P: Nada, nenhuma relação? Pensem.

109 Dennis: Rimam.

110 P: Rimam?

(Alguns alunos dão risada).

111 P: Pensem.

(Os alunos falam juntos, não dá para entender).

112 Marlon: Tudo faz referência a alguma coisa, sabe?

113 Caio: A forma como isso altera o mundo.

(Os alunos falam juntos, não dá para entender).

114 P: O que mais?

115 Marlon: Acho que tudo se refere a uma coisa só, eles se interligam.

116 P: E que coisa é essa, Marlon, que estão se interligando? Eles estão falando sobre o quê?

(Silêncio por alguns segundos).

117 P: Leandro, os três estão falando sobre o quê? Você que falou, interpretou esse poema.

118 Leandro: Falou, obrigado!

119 Marlon: Sobre as dificuldades.

120 Caio: O primeiro falam que algumas pessoas não sabem ler, o segundo fala que ninguém consegue às vezes entender ou se importa com o poema. O terceiro fala sobre a ciência que também seria uma forma de leitura, você pode ler um artigo científico e trazer conhecimento e por isso, às vezes, ele fala do lado ruim, das pessoas lerem demais, saberem demais e não poderem ver o encanto.

121 Leandro: Deixa o Caio com a parte teórica que eu fico com a parte (ele não termina de falar).

122 P: Mas você conseguiu uma parte subjetiva, Leandro.

123 P: Vou fazer umas perguntas para ver se ajuda vocês. Primeira coisa, o que é poesia?

124 Hércules: Um texto.

125 Sara: Um gênero.

(Silêncio).

126 P: Não estou falando sobre certo e errado, estou pedindo para vocês refletirem. O que vocês acham que é poesia? O que vocês sentem que é poesia?

127 Caio: Uma forma de se expressar?

128 Marlon: Uma forma de dedução.

129 Caio: Uma forma de se expressar, talvez de uma forma subjetiva.

130 Leandro: Mostrar o que você está sentindo.

131 Marlon: Expressar.

132 P: E qual é a importância da poesia para a gente?

133 Caio: Entender melhor o mundo, questionar as coisas que acontecem.

134 José: Aprender de uma forma mais simples.

135 P: Pode falar, José.

136 José: Uma forma mais simples de entender o mundo.

137 P: Uma forma mais simples de entender o mundo?

138 Alguns alunos: É.

(Os alunos falam juntos, não dá para entender).

139 P: Então, por que será que as pessoas não gostam então de ler poesia?

140 Leandro: Porque mostra a verdade.

141 Danilo: Ou porque muitas vezes elas são subjetivas, tem que ter uma interpretação maior por parte do leitor.

142 P: Aí a próxima pergunta relacionada a isso. Por que ler?

143 Danilo: Para entender.

144 Marlon: Para o aprendizado.

145 Leandro: Para adquirir conhecimento e não ser um leigo idiota.

146 Marlon: Nossa senhora!

147 P: E todo mundo sabe ler?

148 Alguns alunos: Não.

149 Cláudio: Eu mesmo não.

150 Eduardo: Ele lê tudo errado.

151 Caio: Às vezes a falta de interesse das pessoas.

152 P: E tem diferença entre ler e compreender as coisas?

153 Alguns alunos: Sim.

154 Leandro: Você escutar uma música e entender uma música é diferente.

155 Caio: Porque ler uma coisa, você só vai estar lendo as palavras, compreender aquilo, é você entender o que a pessoa que escreveu que imaginou aquilo que está querendo dizer.

156 P: Leandro, e o que você falou da música também serve para o poema?

157 Leandro: Sim.

158 Nicolau: Sim.

159 P: E qual é a importância da leitura para a gente?

160 Marlon: Toda.

161 Leandro: Saber sobre o mundo.

162 Leandro: Saber sobre as pessoas.

163 Marlon: Aprendizagem.

164 Caio: Aprender a cultura.

165 Caio: Duvidar das coisas.

(Os alunos falam ao mesmo tempo, não dá para entender).

166 P: E por que então, qual a relação na verdade dos três textos, considerando tudo o que vocês falaram?

167 Marlon: Tem leituras...

168 Nicolau: Tem poema, poesia

169 Caio: Eles falam cada um fala um lado da leitura. Falam como está a leitura no mundo atual.

170 Marlon: Diferentes fatos.

171 Caio: No primeiro fala que as pessoas não estão lendo. No segundo fala que elas não querem entender as coisas, pois (não dá para entender o restante, os alunos falam ao fundo). Saber também que tem os encantos do mundo, não precisa só ler, tem que aproveitar o mundo, na forma duvidosa dele.

172 P: Vamos voltar ao primeiro poema, como eu falei para vocês para darmos uma olhada na forma.

173 P: O Leandro havia falado que esse poema lembra aquele (os alunos completam a fala).

174 Alguns alunos: Exame de vista.

175 P: Isso, aquele exame de vista, que tem que ler as letrinhas.

176 Marlon: Parece que é um exame de ótica.

177 Leandro: É como se a pessoa não tivesse enxergando. Como eu vou explicar, não estivesse enxergando o contexto, sobre o que está falando, para ela entender.

178 P: E qual é a forma, estrutura? Deem uma olhada nisso.

179 Caio: Ele vai diminuindo.

180 P: Ele vai diminuindo, Caio. E qual a menor parte?

181 Alguns alunos: O ler.

182 Sara: Ler.

183 P: E por quê?

184 Caio: Porque poucas pessoas o fazem.

185 Danilo: Porque poucas pessoas conseguem enxergar de fato.

186 P: E por que ele fala que são os contemporâneos que não sabem ler? Por que não fala do passado, por exemplo?

187 Caio: Porque geralmente as pessoas tem a possibilidade de ter livros e coisas para elas aprenderem, mas elas acabam não utilizando.

188 P: E essa fala do Caio lembra mais alguma coisa, ou não?

(Os alunos discutem baixinho sobre isso).

189 Caio: Ele sempre coloca três letras em cada.

190 P: O que será que significa essas três letras?

191 Nicolau: Porque para mim parece que dá certinho.

192 Caio: Passado, presente e futuro.

(Os alunos falam bastante, não dá para entender).

193 Caio: Ou também uma pirâmide invertida.

194 P: Uma pirâmide invertida?

195 Marlon: Aham.

196 P: E por que uma pirâmide invertida?

(Os alunos falam todos juntos, não dá para entender).

197 P: Alguém quer falar mais alguma coisa sobre os três? Alguma consideração final sobre o que entendeu.

198 Leandro: Não, já falaram tudo.

199 P: Pode fazer suas considerações, Leandro.

200 Leandro: Eu não quero mais não.

201 Hércules: Na verdade o do leiteiro era mais fácil.

202 P: O do leiteiro era mais fácil?

203 Nicolau: Era.

204 P: Por que Hércules?

205 Leandro: Na redação eu fiz referência a ele.

206 Hércules: Eu achei mais fácil de entender.

207 Caio: Eu não achei esse daí difícil, ele não é tão.

208 P: O Hércules, por que você achou esse difícil? Por causa da estrutura, por causa da forma? Por quê?

209 Hércules: Também.

210 Nicolau: Por causa da subjetividade.

211 Sara: Esse foi o mais fácil.

212 P: Esse o mais fácil?

213 Leandro: Não, acho o último mais fácil.

214 Marina: Achei esse mais fácil.

215 P: Esse?

216 Marlon: Era mais político.

217 P: Vocês querem fazer mais alguns consideração sobre ele?

218 Marlon: Não.

219 Marina: Não.

220 P: Não? Certeza?

221 José: Muito ruim de ler.

222 P: Por que, José, é muito ruim de ler?

223 José: Porque a imagem está ruim.

224 P: A imagem está ruim?

225 P: É, está tudo (não completa a frase).

226 P: Mas por que será que ele fez isso?

227 Leandro: Para mostrar que é o mundo.

228 Danilo: O mundo não é perfeito.

229 Caio: As pessoas, elas estão pondo tudo à venda (não dá para entender), as pessoas querem vender tudo que tem no mundo, só para ganhar dinheiro. Não só o cd, tv, cinema.
(Os alunos falam juntos).

230 P: E qual é a relação de tudo isso com a poesia, com o poema?

231 Caio: Que eles não querem vender o poema e isso faria entender como as pessoas estão caminhando.

232 Leandro: (Falando ao fundo) O meu irmão é o mais pão duro.

(Os alunos falam todos juntos).

233 P: E em relação a cor?

234 Leandro: É marrom.

235 Marina: Preto e branco.

(Os alunos discutem sobre a cor).

236 P: Por que será que ele colocou essa cor?

(Os alunos falam ao mesmo tempo, não dá para entender).

237 Marlon: É uma cor fria.

238 Giovana: Contra o racismo.

239 Marlon: É uma cor de luto, fria.

240 P: Luto? Por que uma cor de luto, Marlon?

241 Marlon: Ah, sei lá.

242 Leandro: Cara, contra o racismo.

243 Caio: Uma cor de luto (não dá para entender) poesia.

244 Leandro: Ela não existe.

245 Marina: É uma forma padrão.

246 Leandro: Preto não existe, é negro.

247 P: Ele não poderia colocar aqui tudo colorido?

248 Marlon: Acho que não.

(Os alunos falam todos juntos).

249 Caio: Mostrar distinção entre as pessoas.

250 P: O sentido seria o mesmo se ele colocasse colorido?

251 Alguns alunos: Não.

252 P: Por quê?

253 Marlon: Não teria o mesmo sentido.

254 Danilo: Nossa, não muda nada para mim.

(Os alunos falam juntos).

255 P: O gente!

256 Nicolau: Por que preto e branco representa tristeza? E o colorido a felicidade?

257 Hércules: Racista.

258 Nicolau: Tudo a ver. O arco-íris é o quê? Triste?

(Os alunos falam juntos).

259 P: Sobre o último poema, mais alguma consideração que vocês queiram fazer?

260 Nicolau: Também não.

261 Gonçalo: Ele é complexo.

262 P: Oi? É complexo esse último poema?

263 Sara: É. Ele é o mais difícil.

264 P: Vocês tem que parar e refletir bastante para entender o que ele está querendo expressar?

265 Sara: É.

266 Caio: Não, acho que não.

267 P: O poema de maneira geral, pra gente ler, aí a gente só lê assim de supetão, ou não, tem que parar, refletir, deixar ele entrar na gente pra entendermos. Ou não?

268 Gonçalo: A segunda opção.

269 Marina: Depende.

270 P: Depende do poema?

271 P: É, última vez. Vocês conseguem estabelecer uma relação entre os três, ou não? Vocês acham que cada um fala uma coisa separada? Ou eles têm um elo de ligação?

272 Leandro: Tem um elo.

273 Marlon: A mesma coisa.

274 P: A mesma coisa, Marlon.

275 P: E eles têm rimas, o que vocês acham?

276 Sara: Não tem rima não.

277 P: Não sei, não. Deem uma olhada.

278 Nicolau: Também acho que não.

279 Caio: Rimas não, tem uma relação.

280 Marlon: Acho que eles têm relação (não dá para entender).

281 P: Os três criticam o quê, Marina?

282 Marina: Não sei.

283 Marlon: As injustiças.

284 Caio: Todos têm uma crítica relacionado, que você pode achar com a leitura.

285 Marlon: As dificuldades.

286 Caio: Críticas de pessoas que às vezes não aprendem nada e querem tudo uma coisa certa.

287 Nicolau: Falta de imaginação.

288 Caio: Só imaginam, mas precisam da leitura (não dá para entender o restante).

289 Giovani: Fala sobre a falta de alguma coisa.

290 P: Oi, Giovani. Falam sobre a falta de alguma coisa?

291 Gonçalo: Todos são preto e branco.

292 P: Então, qual é a relação dessas coisas que estão falando?

293 Marlon: Falta de tinta.

(Os alunos dão risada).

294 P: Mais nada?

295 Marlon: Ah, eu acho que é isso.

296 Marlon: As dificuldades, injustiças de todo país.

(Os alunos falam todos juntos, não dá para entender).

Anexo H

Textos literários

“Fita verde no cabelo (nova velha estória)” - João Guimarães Rosa

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior, nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam. Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo.

Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia. Fita Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cesto estava vazio, que para buscar framboesas.

Daí, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo. Então, ela, mesma, era quem se dizia: - “Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou”. A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são.

E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vindo-lhe correndo, em pós. Divertia-se com ver as avelãs do chão não voarem, com inalcançar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeinhas flores, princesinhas e incomuns, quando a gente tanto por elas passa. Vinha sobejadamente.

Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:

– “Quem é?”

– “Sou eu...” – e Fita-Verde descansou a voz. – “Sou sua linda netinha, com cesto e pote, com a fita verde no cabelo, que a mamãe me mandou”.

Vai, a avó, difícil, disse: – “Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençoe”.

Fita-Verde assim fez, e entrou e olhou.

A avó estava na cama, rebuçada e só. Devia, para falar aggado e fraco e rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo. Dizendo: – “Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo”.

Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço.

Ela perguntou:

- “Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!”
- “É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta...” – a avó murmurou.
- “Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados!”
- “É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta...” – a avó suspirou.
- “Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?”
- “É porque já não estou te vendo, nunca mais, minha netinha...” – a avó ainda

gemeu.

Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez.

Gritou: – “Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!...”

Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.

“O menino doente” - Manuel Bandeira

O menino dorme.

Para que o menino

Durma sossegado,

Sentada ao seu lado

A mãezinha canta:

— “Dodói, vai-te embora!

“Deixa o meu filhinho,

“Dorme . . . dorme . . . meu . . .”

Morta de fadiga,

Ela adormeceu.

Então, no ombro dela,

Um vulto de santa,

Na mesma cantiga,

Na mesma voz dela,

Se debruça e canta:

— “Dorme, meu amor.

“Dorme, meu benzinho . . .”

E o menino dorme.

“Felicidade clandestina” - Clarice Lispector

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranqüilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu

voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: pelo tempo que eu quisesse ” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina

para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

“Um apólogo” – Machado de Assis

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

- Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

- Deixe-me, senhora.

- Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

- Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

- Mas você é orgulhosa.

- Decerto que sou.

- Mas por quê?

- É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

- Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

- Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

- Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

- Também os batedores vão adiante do imperador.

- Você é imperador?

- Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana - para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

- Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

- Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

- Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: - Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

“Saudação ao Juazeiro do Norte” – Patativa do Assaré

Mesmo sem eu ter estudo
sem ter do colégio o bafejo,
Juazeiro, eu te saúdo
com o meu verso sertanejo
Cidade de grande sorte,
de Juazeiro do Norte
tens a denominação,
mas teu nome verdadeiro
será sempre Juazeiro
do Padre Cícero Romão.

O Padre Cícero Romão
que, vocação celeste
foi, com direito e razão
o Apóstolo do Nordeste.
Foi ele o teu protetor
trabalhou com grande amor,
lutando sempre de pé
quando vigário daqui,
ele semeou em ti
a sementeira da fé.

E com milagre estupendo
a sementeira nasceu,
foi crescendo, foi crescendo
Muito ao longe se estendeu
com a virtude regada
foi mais tarde transformada
em árvore frondosa e rica.
E com luz medianeira
inda hoje a sementeira
cresce, flora e frutifica.

Juazeiro, Juazeiro
jamais a adversidade
extinguirá o luzeiro
da tua comunidade.
morreu o teu protetor,
porém a crença e o amor
vive em cada coração
e é com razão que me expresso
tu deves o teu progresso
ao Padre Cícero Romão

Aquele ministro amado
que tanto favor nos fez,
conselheiro consagrado
e o doutor do camponês.
contradizer não podemos
E jamais descobriremos
O prodígio que ele tinha:
Segundo a popular crença,
curava qualquer doença,
com malva branca e jarrinha.

Juazeiro, Juazeiro
tua vida e tua história
para o teu povo romeiro
merece um padrão de glória.
De alegria tu palpitas,
ao receber as visitas
de longe, de muito além,
Grande glória tu viveste!
Do nosso caro Nordeste

tu és a Jerusalém.

Sempre me lembro e relembro,

não hei de me deslembrar:

O dia 2 de Novembro,

tua festa espetacular

pois vem de muitos Estados

os carros superlotados

conduzindo os passageiros

e jamais será feliz

aquele que contradiz

a devoção dos romeiros.

No lugar onde se achar

um fervoroso romeiro,

ai daquele que falar,

contra ou mal, do Juazeiro.

Pois entre os devotos crentes,

velhos, moços e inocentes,

a piedade é comum,

porque o santo reverendo

se encontra ainda vivendo

no peito de cada um.

Tu, Juazeiro, és o abrigo

da devoção e da piedade.

Eu te louvo e te bendigo

por tua felicidade,

me sinto bem, quando vejo

que tu és do sertanejo

a cidade predileta.

Por tudo quanto tu tens

recebe estes parabéns

do coração de um poeta.

“A última crônica” – Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu queria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho – um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. Enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: “Parabéns pra você, parabéns pra você...” Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

“O último poema” - Manuel Bandeira

Assim eu queria o meu último poema.

Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais

Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas

Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume

A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos

A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

“A valsa” – Casimiro de Abreu

Tu, ontem,		— Eu vi!...
Na dança	Valsavas:	
Que cansa,	— Teus belos	Meu Deus!
Voavas	Cabelos,	Eras bela
Co'as faces	Já soltos,	Donzela,
Em rosas	Revoltos,	Valsando,
Formosas	Saltavam,	Sorrindo,
De vivo,	Voavam,	Fugindo,
Lascivo	Brincavam	Qual silfo
Carmim;	No colo	Risonho
Na valsa	Que é meu;	Que em sonho
Tão falsa,	E os olhos	Nos vem!
Corrias,	Escuros	Mas esse
Fugas,	Tão puros,	Sorriso
Ardente,	Os olhos	Tão liso
Contente,	Perjuros	Que tinhas
Tranquila,	Volvias,	Nos lábios
Serena,	Tremias,	De rosa,
Sem pena	Sorrias,	Formosa,
De mim!	P'ra outro	Tu davas,
	Não eu!	Mandavas
Quem dera		A quem ?!
Que sintas	Quem dera	
As dores	Que sintas	Quem dera
De amores	As dores	Que sintas
Que louco	De amores	As dores
Senti!	Que louco	De amores
Quem dera	Senti!	Que louco
Que sintas!...	Quem dera	Senti!
— Não negues,	Que sintas!...	Quem dera
Não mintas...	— Não negues,	Que sintas!...
— Eu vi!...	Não mintas...	— Não negues,

Não mintas,..		Qual pálida	
— Eu vi!...	Quem dera	Rosa	
	Que sintas	Mimosa	
Calado,	As dores	No vale	
Sozinho,	De amores	Do vento	
Mesquinho,	Que louco	Cruento	
Em zelos	Senti!	Batida,	
Ardendo,		Caída	
Eu vi-te	Quem dera	Sem vida.	
Correndo	Que sintas!...	No chão!	
Tão falsa	— Não negues		
Na valsa	Não mintas...	Quem dera	
Veloz!	— Eu vi!	Que sintas	
Eu triste		As dores	
Vi tudo!	Na valsa	De amores	
	Cansaste;	Que louco	
Mas mudo	Ficaste	Senti!	
Não tive	Prostrada,	Quem dera	
Nas galas	Turbada!	Que sintas!...	
Das salas,	Pensavas,	— Não negues,	
Nem falas,	Cismavas,	Não mintas...	
Nem cantos,	E estavas	Eu	vi!
Nem prantos,	Tão pálida		
Nem voz!	Então;		

“Morte do leiteiro” - Carlos Drummond de Andrade

A Cyro Novaes

Há pouco leite no país,
 é preciso entregá-lo cedo.
 Há muita sede no país,
 é preciso entregá-lo cedo.
 Há no país uma legenda,
 que ladrão se mata com tiro.
 Então o moço que é leiteiro
 de madrugada com sua lata
 sai correndo e distribuindo
 leite bom para gente ruim.
 Sua lata, suas garrafas
 e seus sapatos de borracha
 vão dizendo aos homens no sono
 que alguém acordou cedinho
 e veio do último subúrbio
 trazer o leite mais frio
 e mais alvo da melhor vaca
 para todos criarem força
 na luta brava da cidade.

Na mão a garrafa branca
 não tem tempo de dizer
 as coisas que lhe atribuo
 nem o moço leiteiro ignaro,
 morados na Rua Namur,
 empregado no entreposto,
 com 21 anos de idade,
 sabe lá o que seja impulso
 de humana compreensão.
 E já que tem pressa, o corpo

vai deixando à beira das casas
 uma apenas mercadoria.

E como a porta dos fundos
 também escondesse gente
 que aspira ao pouco de leite
 disponível em nosso tempo,
 avancemos por esse beco,
 peguemos o corredor,
 depositemos o litro...
 Sem fazer barulho, é claro,
 que barulho nada resolve.

Meu leiteiro tão sutil
 de passo maneiro e leve,
 antes desliza que marcha.
 É certo que algum rumor
 sempre se faz: passo errado,
 vaso de flor no caminho,
 cão latindo por princípio,
 ou um gato quizilento.
 E há sempre um senhor que acorda,
 resmunga e torna a dormir.

Mas este acordou em pânico
 (ladrões infestam o bairro),
 não quis saber de mais nada.
 O revólver da gaveta
 saltou para sua mão.
 Ladrão? se pega com tiro.
 Os tiros na madrugada
 liquidaram meu leiteiro.

Se era noivo, se era virgem,
se era alegre, se era bom,
não sei,
é tarde para saber.

Mas o homem perdeu o sono
de todo, e foge pra rua.
Meu Deus, matei um inocente.
Bala que mata gatuno
também serve pra furtar
a vida de nosso irmão.
Quem quiser que chame médico,
polícia não bota a mão
neste filho de meu pai.
Está salva a propriedade.
A noite geral prossegue,

a manhã custa a chegar,
mas o leiteiro
estatelado, ao relento,
perdeu a pressa que tinha.

Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora.

“A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá” - Manoel de Barros

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um
sabiá

mas não pode medir seus encantos.

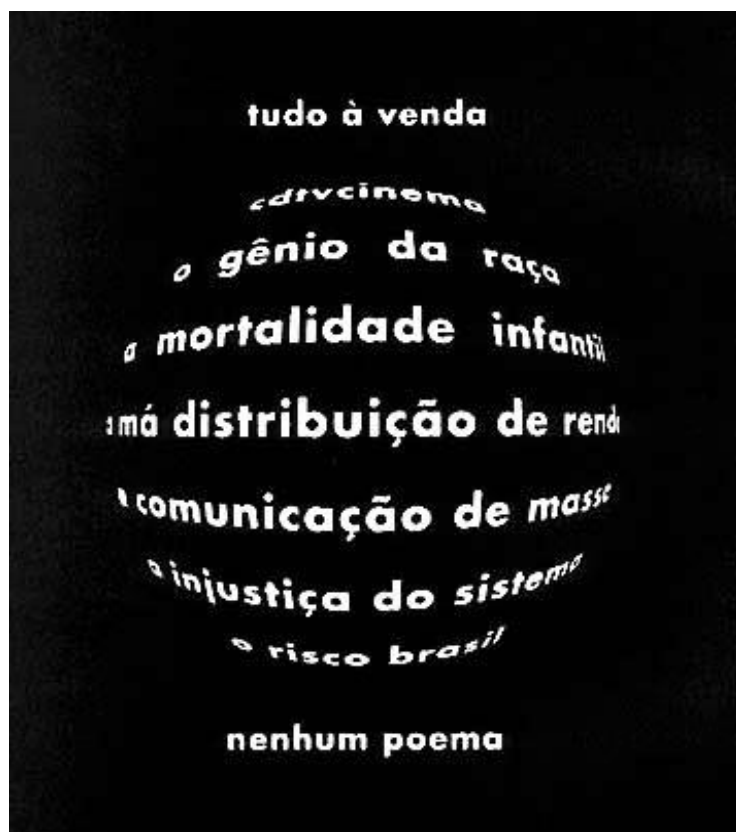
A ciência não pode calcular quantos cavalos de força
existem

nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam.

“Mercado” - Augusto de Campos



“Contemporâneos (Mallarmé)” - Augusto de Campos

OSC
ONT
EMP
ORÂ
NEO
SNÃ
OSA
BEM
LER